



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CFCH – CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
IP - INSTITUTO DE PSICOLOGIA
EICOS - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL**

KATIA MARIA CABRAL MEDEIROS

**JUVENTUDE E RELIGIÃO: SIGNIFICADO DA ADESÃO E VIVÊNCIA
RELIGIOSA NA COMUNIDADE CATÓLICA TOCA DE ASSIS NO RIO
DE JANEIRO**

**RIO DE JANEIRO
2012**

KATIA MARIA CABRAL MEDEIROS

**JUVENTUDE E RELIGIÃO: SIGNIFICADO DA ADESÃO E VIVÊNCIA
RELIGIOSA NA COMUNIDADE CATÓLICA TOCA DE ASSIS NO RIO
DE JANEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Programa EICOS), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de doutora.

Prof^a. Dra. SIMONE GOMES OUVINHA PERES
Orientadora

Prof^a. Dra. CECÍLIA LORETO MARIZ
Coorientadora

Rio de Janeiro

2012

M488 Medeiros, Katia Maria Cabral.

Juventude e religião: significado da adesão e vivência religiosa na Comunidade católica Toca de Assis no Rio de Janeiro/ Kátia Maria Cabral Medeiros. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.
216f.

Orientadora: Simone Gomes Ouvinha Peres.
Coorientadora: Cecília Loreto Mariz.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - EICOS, 2012.

1. Juventude. 2. Religião. 3. Catolicismo. 4. Comunidade Católica Toca de Assis. I. Peres, Simone Gomes Ouvinha. II. Mariz, Cecília Loreto. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 306.6

KATIA MARIA CABRAL MEDEIROS

**JUVENTUDE E RELIGIÃO: SIGNIFICADO DA ADESÃO E VIVÊNCIA
RELIGIOSA NA COMUNIDADE CATÓLICA TOCA DE ASSIS NO RIO
DE JANEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Programa EICOS), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de doutora.

Aprovada em 27 de junho de 2012

Prof^a. Dr. Simone Gomes Ouvinha Peres
Orientadora, Doutora, UFRJ

Prof^a. Dr^a. Cecília Loreto Mariz
Coorientadora, Doutora, UERJ

Prof^a. Dr^a. Maria Cecília de Mello e Souza
Doutora, UFRJ

Prof^a. Dr^a. Elaine Reis Brandão
Doutora, UFRJ

Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça
Doutor, UFJF

**Rio de Janeiro
2012**

*Dedico este trabalho, em especial,
a minha mãe, in memoriam,
por essa conquista,
e a minha avó, in memoriam
pelos bons desejos sempre.*

*Ao meu pai,
pelo carinho e entusiasmo.*

*A Clara, João Pedro e Alexandre, pela presença,
dedicação, carinho e paciência.*

*E ainda, a Gilberto Velho e Antônio Flávio Pierucci, in memoriam, por
abrir caminhos de compreensão da sociedade e do fenômeno religioso.*

Agradecimentos

Em todo trabalho vivemos momentos de alegria e prazer, dificuldades e desânimos; a produção deste não foi diferente. Por isso, nesse processo a presença de amigos e familiares foi fundamental, presença que se traduziu em amizade, incentivo e apoios em distintos momentos desse percurso, a todos meus sinceros agradecimentos. Especialmente não posso deixar de agradecer:

À Prof^a. Simone Ouvinha Peres, que acolheu o novo projeto de pesquisa já na metade do curso, pelas importantes críticas e correções feitas durante a orientação de forma competente e dedicada e ainda, pela compreensão nos momentos existencialmente difíceis.

À Prof^a. Cecília Mariz, pela competente coorientação durante todo o processo de elaboração da tese, pelas suas sugestões, indicações bibliográficas e criterioso acompanhamento. Intelectual de mais extrema generosidade, capaz de aliar grande capacidade acadêmica com singular simplicidade.

À prof^a. Maria Cecília de Mello e Souza, pelas suas contribuições metodológicas no Exame de Qualificação e pela disponibilidade em participar da banca examinadora.

Ao prof. Marcelo Camurça, pela sua competência, rigor técnico, grande capacidade de valorização do trabalho alheio, pelas importantes contribuições no Exame de Qualificação e ainda sua disponibilidade em participar da banca examinadora.

À prof.^a Elaine Reis Brandão, pela sua pronta disponibilidade em fazer parte da banca examinadora e gentileza.

Aos professores do Programa EICOS, em especial, às professoras Ruth, pela sua sabedoria e garra, à Rosa Pedro, pela sua sagacidade e capacidade de tornar o “difícil” em “experiências”, à Ana Szapiro, por tudo que aprendi.

Ao Ricardo Fernandes e Carmem Martins, da secretaria do EICOS, meus agradecimentos pela atenção cuidadosa, pelo carinho e pronta ajuda sempre que necessária.

À Diva Conde, amiga de turma, por nos encontrarmos no exercício do Magistério, no compromisso com a formação de docentes.

Aos meus pais, Maria Helena, *in memoriam*, e Italo, pelo incentivo, valorização e alegria de ver a filha ser ‘doutora’, meu grato amor.

Aos meu queridos, Clara, João Pedro e Alexandre que durante todo esse tempo de estudo tiveram que abrir mão da presença da mãe e da esposa, para que eu pudesse “produzir” e concluir essa etapa de vida. Vocês são os que fazem a vida ter mais sentido.

Aos queridos familiares, irmãos, cunhados e, muito carinhosamente, à minha sogra, D. Leci, que, na ausência de minha mãe, tem sido a presença de cuidado e afeto.

À minha irmã Ana Paula, pelo importante e generoso trabalho de transcrição de parte das entrevistas, pela presença e ajuda sempre que necessárias e ao Sistello, pelo apoio logístico e disponibilidade.

À Elenita, pela presença na nossa vida familiar, que possibilitou, em alguns momentos, o afastamento necessário para o desenvolvimento do estudo, obrigada pela torcida.

Aos amigos da Instituição Teresiana pela presença afetuosa e efetiva em todos os momentos; não posso deixar de citar Maria Rosa, pelo acompanhamento atento e cuidadoso; Glória, irmã de todas as horas; Brenda e Andréa, por compartilharem o desafio da pesquisa; Marimar, pela solidariedade silenciosa; e ainda, aos amigos Zilda, Villela e Hedy, pela presença constante, principalmente nos dias mais difíceis desse tempo.

Aos amigos-irmãos de caminhada Ronaldo e Penha, Kátia e Paulo, Marli e Alex, Marisa e Joaquim que tornam a vida mais leve e alegre.

À Hilda, amiga-irmã presente e disponível, à Cida, pelo zelo, afeição e boas risadas e a Shirley, pelas partilhas de vida e espaço profissional.

À Vera Gonçalves, ao Manoel Torres Filho, à Célia Resende e à Elizabeth Cataldi, profissionais competentes, generosos e sensíveis, com quem pude contar em distintos e exigentes momentos.

Às minhas 'eternas alunas' Karol e Camile, hoje amigas, que acompanharam de perto este trabalho e se fizeram presente com palavras, presença e orações, que bom tê-las!

Ao amigo Pe. Gustavo Auler, pela amizade, confiança e credibilidade dada ao trabalho junto ao grupo pesquisado.

À Toca de Assis, por acolher e possibilitar a pesquisa, e ao toqueiros, que me acolheram gentilmente na dinâmica da casa e cederam tempo e espaços para diálogos e entrevistas, sem os quais não seria possível este trabalho.

Agradeço à Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, que possibilitou através da concessão de licença para estudo, que eu me dedicasse na etapa final do trabalho, numa clara atitude de incentivo à formação do seu quadro permanente. E ainda à Direção do EE Heitor Lira e aos colegas de sonhos e desafios, em especial, à Andréa, Rose, Eliana, Maria Teresa, Lílían e Roberto.

São muitos os que torceram, acompanharam e colaboram para que esse trabalho fosse realizado, a todos meu muito obrigada.

*Pois aqui está a minha vida.
Pronta para ser usada.
Vida que não se guarda
Nem se esquiva, assustada.
Vida sempre a serviço
Da vida.
Para servir ao que vale
A pena e o preço do amor.*

Thiago de Mello

*Das coisas boas e belas que acabaram
Nos vem sempre uma luz
E uma capacidade de ver
O mais banal
Com algum encantamento.
Essa é a secreta mirada
Que todo mundo pode ter,
Mas que o acúmulo de compromissos,
O excesso de deveres,
A exigência de sermos
Cada vez mais competentes e eficazes,
Talvez nos roube um pouco.*

Lya Luft

RESUMO

MEDEIROS, Katia Maria Cabral. **JUVENTUDE E RELIGIÃO: SIGNIFICADO DA ADESÃO E VIVÊNCIA RELIGIOSA NA COMUNIDADE CATÓLICA TOCA DE ASSIS NO RIO DE JANEIRO**. Rio de Janeiro, 2012. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Programa EICOS, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

A presente tese se insere no campo dos estudos sociais que tratam da temática juventude e religião na medida em que busca evidenciar os significados atribuídos por jovens para a entrada e permanência numa comunidade religiosa católica de contorno renunciante e performática, a Toca de Assis. Foi realizada observação participante e entrevistas com jovens de uma casa dessa comunidade no Rio de Janeiro. Os jovens da Toca de Assis se vestem como São Francisco (usam túnica rústica e cabelo cortado em formato de tonsura), fazem os votos de pobreza, obediência e castidade e cuidam da população de rua em suas casas de acolhida e/ou nos espaços públicos. A adesão de jovens à Toca de Assis sobressai na sociedade em razão da menor proporção de jovens aderindo às religiões tradicionais; da importância dos jovens na criação, manutenção e crescimento das comunidades e pela radicalidade da vivência religiosa. Presume-se que as comunidades além de possuírem função de ordenamento da vida e esteio para a existência, favorecem experiências radicais (MARIZ, 2005) e a contestação do *status quo* (PORTELLA, 2009). Considera-se que a adesão dos jovens à Comunidade Toca de Assis pode ser uma etapa ou uma dimensão da experimentação juvenil que envolve o aprendizado da religiosidade, que por sua vez está submetida a expectativas sociais e familiares e possui estreita relação com estratégias de transição para vida adulta (PAIS, 1993). Os resultados apontam que elementos presentes no cenário contemporâneo são assimilados a partir de uma significação religiosa própria, enquanto que o cotidiano da vivência religiosa marcada pelo sofrimento e doenças, traduz-se numa superação dos desafios e limites, como vivência de um risco, um meio de atestar “capacidade” e conferir “reconhecimento”, elementos que aproximam os jovens desse estudo dos jovens contemporâneos.

Palavras chave: juventude, religião, catolicismo, adesão religiosa, comunidade, Toca de Assis

ABSTRACT

MEDEIROS, Katia Maria Cabral. **JUVENTUDE E RELIGIÃO: SIGNIFICADO DA ADESÃO E VIVÊNCIA RELIGIOSA NA COMUNIDADE CATÓLICA TOCA DE ASSIS NO RIO DE JANEIRO**. Rio de Janeiro, 2012. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Programa EICOS, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

This thesis belongs to the youth and religion social studies field, because it aims to identify and understand the meanings that young people have given to their entrance and long standing affiliation to “Toca de Assis” a resigning and performative Catholic religious community. Participant observation and interviews were conducted in one of this community household in Rio de Janeiro. The Toca de Assis members dress like Saint Frances did (using rough tunic and tonsure shape haircut), make vows of poverty, chastity and obedience and take care of homeless people, at public spaces (streets) or/and at some of their houses called “casas de acolhida”. Why this group of young people affiliate to a radical religious demanding community, such as Toca de Assis, in a society where the proportion of the youth belonging to traditional religions are increasingly lower is a question that needs to be answered. This thesis assumes that besides holding an ordering and bearing life functions, these communities foster radical life style (MARIZ,2005) challenging the *status quo* (PORTELLA, 2009). The affiliation to the Toca de Assis community could be interpreted as a step, or a dimension, of youth experimentation that involves the learning of religiosity, subjected to social and family expectations, and has close relation to transition strategies for adult life (PAIS, 1993). The results indicate that Toca de Assis members assimilate contemporary society elements, but give their own religious meanings to them. Also, they translate their everyday religious life, marked by suffering and illness, into experiences of overcoming challenges and limitations. The results also suggest that they interpret their risk experiences as a “capacity” certificate and means of "recognition". These elements reveal that Toca de Assis young people are closer to their young contemporaries than they may look.

Key-words: youth, religion, catholicism, religious affiliation, community, Toca de Assis

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Perfil sociocultural e familiar dos jovens toqueiros entrevistados da Fraternidade Toca de Assis relacionado à trajetória religiosa _____ p. 107

SIGLAS UTILIZADAS

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CE - Ceará

CEB's - Comunidades Eclesiais de Base

CEP - Cadastro de Endereçamento Postal

CERIS - Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPF - Cadastro de Pessoa Física

ECC - Encontro de Casais com Cristo

EICOS - Estudos Interdisciplinares de Comunidade e Ecologia Social

EM – Ensino Médio

FGV - Fundação Getúlio Vargas

FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos

FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

FRATER - Fraternidade das Novas Comunidades do Brasil

FUNTEC - Fundo de Desenvolvimento Técnico-Científico

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IP - Instituto de Psicologia

ISER - Instituto de Estudos da Religião

LOAS - Lei Orgânica de Assistência Social

LOC - Liga Operária Católica

ONG's - Organizações Não-Governamentais

MCT - Ministério da Ciência e Tecnologia

MG - Minas Gerais

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra

NER - Núcleo de Estudos da Religião

PEA - População Economicamente Ativa

PR - Paraná

PT - Partido dos Trabalhadores

PUC Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RJ - Rio de Janeiro

RCC - Renovação Carismática Católica

SS - Santíssimo Sacramento

SP - São Paulo

SVE - Seminários de Vida no Espírito

SIMAVE - Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública

TLC - Movimento Treinamento de Liderança Cristã

UFCE - Universidade Federal do Ceará

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Sumário

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1.....
CENÁRIO RELIGIOSO CONTEMPORÂNEO, O REAVIVAMENTO CATÓLICO E AS NOVAS COMUNIDADES.....	28
1.1. MODERNIDADE: CRISE DE RECONHECIMENTO, PERDA DE SENTIDO DA CRENÇA OU “VIRTUOSOS DO PLURALISMO”	33
1.2. PLURALISMO RELIGIOSO NO CONTEXTO BRASILEIRO	35
1.3. DOCTRINAS, PRODUÇÃO DE SENTIDO E PRÁTICAS CULTURAIS NO CENÁRIO RELIGIOSO... ..	37
1.4. VIVÊNCIAS DO CATOLICISMO NO BRASIL	38
1.5. RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA E O REAVIVAMENTO CATÓLICO.....	41
1.6. AS NOVAS COMUNIDADES CATÓLICAS.....	44
CAPÍTULO 2.....
JUVENTUDE, RELIGIÃO E CATOLICISMO	51
2.1. JUVENTUDE E RELIGIÃO: CENÁRIO INTERNACIONAL	55
2.2. JUVENTUDE E RELIGIÃO: CENÁRIO NACIONAL	57
2.3. CRENÇAS, PERTENÇAS E PRÁTICAS RELIGIOSAS JUVENIS: REINVENÇÕES NO CENÁRIO NACIONAL.....	61
2.4. FRATERNIDADE TOCA DE ASSIS: UMA VIVÊNCIA DE RECOMPOSIÇÃO RELIGIOSA CATÓLICA	69
2.4.1. São Francisco, para além dos muros da Igreja Católica	70
2.4.2. São Francisco: modelo de virtuosismo evangélico.....	72
2.4.3. A Fraternidade Toca de Assis: surgimento e configuração.....	73
Fundamentos do carisma	74
A estrutura organizacional da Toca.....	78
Vivência da Providência Divina	78
A importância do líder fundador	79
Estratégias de adesão e processo de entrada	80
A formação dos toqueiros	82
As casas da Toca de Assis	82
CAPÍTULO 3.....
ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	83
3.1. NOTAS SOBRE O TRABALHO DE CAMPO	88
3.1.1. A construção de uma estratégia para as visitas	88
3.1.2. A primeira visita à casa da Fraternidade Toca de Assis	93
3.1.3. A constituição da comunidade Fraternidade Toca de Assis: toqueiros, guardião, funcionários e assistidos.....	96

3.1.4. O cotidiano na comunidade Fraternidade Toca de Assis.....	97
3.1.5. O trabalho de assistência na Fraternidade Toca de Assis: acolhimento e cuidados prestados aos moradores de rua	98
3.1.6. A profissionalização da assistência e voluntários da Toca de Assis.....	100
3.1.7. Consideração sobre a relação da pesquisadora com os toqueiros	101
3.1.8. Sobre entrevistas e entrevistados: alguns condicionantes	103
3.1.9. Reconstruindo o campo	106
3.1.10. Os jovens toqueiros entrevistados: caracterização	108

CAPÍTULO 4.....

ADESÃO E PERMANÊNCIA DE JOVENS À FRATERNIDADE TOCA DE ASSIS110

4. 1. A BUSCA POR UM CAMINHO RELIGIOSO: A TOCA DE ASSIS	110
4.1.1 Trajetória religiosa dos jovens toqueiros	110
4.1.2. Conhecimento e aproximação dos jovens com Toca	116
4.1.3. A entrada na Toca: hesitação e risco	118
4.1.4. Pôr-se à prova: o impacto das primeiras vivências.....	121
4.1.5. Reação das famílias à iniciativa dos filhos de adesão à Toca.....	123
4.1.6. O religioso que dá sentido: motivos de adesão	126
4.2. NO CAMINHO DA TOCA: A ENTRADA DO JOVEM NA COMUNIDADE RELIGIOSA – SENTIDOS QUE SE CRUZAM.....	130
4.2.1. Vivência do cotidiano da Toca: entre responsabilidades e desafios	130
4.2.2. Relação com o sagrado	132
4.2.3. A relação entre os toqueiros: a experiência religiosa em comunidade	135
4.2.4. Uma experiência de cuidado: a relação dos toqueiros com os assistidos.....	138
4.2.5. Visão dos pobres e da pobreza na Toca de Assis	141
4.2.6. Ser religioso e ser cidadão do mundo: a experiência de estar na rua.....	143
4.2.7. São Francisco de Assis: “desde sempre” uma relação já estabelecida	148
4.3. MUDANÇAS NO CAMINHO DA TOCA: RESIGNIFICAÇÃO DOS SENTIDOS E DAS PRÁTICAS	150
4.3.1. Crise, imperativo de mudanças: sentidos atribuídos à experiência de saída do líder.....	152
4.3.2. “Uma” visão sobre a saída do líder carismático	155
4.3.3. Motivos de permanência dos jovens na Toca de Assis	157
4.3.4. O futuro da Toca: o desafio da continuidade.....	158
4.3.5. Mudanças no processo de entrada na Toca de Assis.....	162
4.3.6. Propostas para a formação de toqueiros	163
4.3.7. Mudanças na dinâmica interna da Toca de Assis	166
4.3.8. Da vivência religiosa a um olhar institucional: visão sobre a Igreja	167
4.3.9. A visão da Toca sobre a Juventude: desafios do processo de construção de uma identidade	170
4.4. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO ESTUDO	173

CAPÍTULO 5	
CONCLUSÃO: OS JOVENS TOQUEIROS E A TOCA - ENTRE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS	182
REFERÊNCIAS	190
SITES ACESSADOS	208
GLOSSÁRIO	209
ANEXOS	213
ANEXO 1 - TRAJETÓRIAS SÓCIO-RELIGIOSA DOS JOVENS TOQUEIROS ENTREVISTADOS	213
ANEXO 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	215
ANEXO 3 – PESQUISA DA FIPE.....	216
ANEXO 4 – COMUNICADO DO ARCEBISPO DE CAMPINAS SOBRE A FRATERNIDADE TOCA DE ASSIS E SEU FUNDADOR.....	217

INTRODUÇÃO

O foco do nosso estudo se incide na compreensão dos motivos de adesão de jovens em uma comunidade católica, de contorno renunciante, a Fraternidade Toca de Assis, surgida no cenário católico em 1994, com forte atração entre os jovens. Nosso trabalho considera a multiplicidade de vivências, de formas de sociabilidade na vida cotidiana dos jovens e a religião como campo de significação cultural importante na construção de sentidos e práticas (BERGER, 1985; WEBER, 2010).

A reflexão que propomos, em relação à juventude e religião, possui estreita ligação com o cenário mais amplo das transformações do campo religioso e com os problemas específicos e dificuldades que vivem os jovens brasileiros de hoje. Procuraremos responder quais as razões que levam um segmento de jovens a fazer a opção religiosa por uma comunidade católica que vive a partir do ideário franciscano. Ideário esse de compromisso com os pobres em situação de rua, de vivência da pobreza, da castidade e da obediência frente a um panorama moderno cujos valores estão baseados no individualismo (DUMONT, 1985), na autonomia, no consumo, no prazer e na competitividade (LIPOVESTISK, 2007).

Nesse sentido, este trabalho de pesquisa se dá em continuidade aos questionamentos sobre as formas como a juventude vem se relacionando com a religião, o que implica em compreender até que ponto, os jovens estariam ou não afastados da religião; que processos conduzem à adesão ou desfiliação religiosa dos jovens e também que estratégias as instituições religiosas acionam para congregar os jovens, bem como quais as crenças e práticas religiosas da juventude contemporânea (RODRIGUES, 2007) e quais as conseqüências e desdobramentos sociais da adesão dos jovens às novas comunidades.

É importante sublinhar no cenário mais amplo os achados que evidenciam a adesão mais fluida dos jovens à religião, bem como vínculos mais tênues de uma parcela da juventude com as instituições. Os jovens, deste início do século (RODRIGUES, 2007), estariam assumindo e reelaborando significados, rituais e princípios religiosos correspondentes a três princípios básicos: busca, fé e questionamento. Os jovens “buscadores do sagrado” seriam os principais representantes das diferentes maneiras de se relacionar com a religião e a religiosidade, àqueles que revelam as “modernas formas de crer” (ORO, 1997) e também, muitas vezes, revelam as principais tendências presentes nos movimentos de renovação postos em marcha pelas religiões históricas (HERVIEU-LÉGER, 2008).

Ressaltamos que a temática da juventude e religião tem suscitado crescente interesse de pesquisadores do campo das ciências sociais e humanas na medida em que a atenção sobre a religião e a sua interpenetração no âmbito público e privado continua relevante pela importância assumida na cultura contemporânea frente à relevância do seu papel na sociedade merecendo inevitáveis questionamentos. Neste cenário, chama a atenção o aumento das religiões de matriz oriental e das espiritualidades exóticas e esotéricas associadas à busca por autoconhecimento ou ajuda terapêutica. E, ao mesmo tempo, também tem sido observada a adesão de jovens a sistemas e movimentos sociais que exigem rígida execução e intensa fidelidade a práticas e regras comportamentais que giram em torno de um tipo de identidade religiosa particular como nas comunidades do Santo Daime, do *Hare Krishna* e mais recentemente na Toca de Assis. Nessas comunidades, é exigido o cumprimento rigoroso da disciplina (práticas e devoções religiosas).

A adesão de jovens à Toca de Assis sobressai particularmente no contexto de desinstitucionalização e juvenilização da sociedade em razão da menor proporção de jovens aderindo às religiões tradicionais e ganha visibilidade pela radicalidade da vivência no sentido de ser uma experiência que engloba toda a sua vida, a partir de um compromisso de vivência comunitária referenciada no franciscanismo primitivo que configura a identidade, a estética e o projeto de vida.

A Fraternidade Toca de Assis foi fundada pelo padre Roberto Letierri, em 1994, então seminarista, a partir de um grupo de jovens que aderem sua proposta de cuidar dos pobres em situação de rua. Em dois anos, desde a formação do primeiro núcleo, Pe. Roberto contava com um grupo de oitenta jovens (MARIZ, 2005). Os membros da Toca de Assis¹ moram em comunidades distribuídas segundo o gênero, casas femininas e masculinas e fazem os votos de pobreza, obediência, castidade. O modelo de referência e de configuração da sua fisionomia, carisma e missão é São Francisco de Assis. Por esse motivo, os jovens se vestem como Francisco (túnica marrom de tecido rústico, cabelo cortado em tonsura e andam de descalços ou de chinelos) e atuam junto à população de rua, através da assistência direta na rua e/ou acolhendo, então, os “sofredores de rua”² em suas casas.

A adesão de jovens a Toca de Assis suscita estranhamento quando um grupo de jovens adere a uma proposta de vida que os afastam dos estudos, de uma carreira profissional, da família, dos amigos para viver em uma comunidade na qual abrem mão de sua liberdade, ao fazerem votos de obediência; dos seus pertences e conforto pessoal, ao fazerem os votos de

¹ Estaremos nos referindo a Fraternidade Toca de Assis, por vezes, Toca de Assis ou, simplesmente, Toca.

² Nomenclatura utilizada pela pastoral católica à população de rua.

pobreza e da vivência da sexualidade, quando fazem votos de castidade, a fim de assumir uma vida pobre entre os pobres.

Um estranhamento da vivência da Toca também atingiu alguns setores da Igreja Católica, inclusive setores da hierarquia, que expressaram perplexidade quanto à experiência, conforme os relatos informais que coletamos.

Alguns estudos mencionaram que, por vezes, essa opção é considerada como uma “loucura”, um *non sense*, pelo rompimento produzido por essa opção com os valores mais amplos da sociedade, no qual os jovens enfrentariam uma reação de choque e oposição familiar quanto à sua entrada na comunidade (MARIZ, 2005).

Em 2005, conversamos informalmente com um jovem (22 anos), membro da Toca, que contou-nos que antes de sua entrada na comunidade, distribuiu seus objetos pessoais (aparelho de som, cds, roupas etc.) muito motivado pelas imagens vistas em um filme de São Francisco, quando esse distribuiu sua riqueza. Tal atitude fez com que sua família considerasse que ele “estava enlouquecendo”, o que para ele era uma atitude de afirmação/irreverência, atitude que expressava que não precisava de ‘objetos’ para ser feliz³.

Birman (2000) analisou, na França, o discurso de um movimento antiseitas, que consideram que os grupos religiosos e/ou seitas, aproveitam da “generosidade” e “ingenuidade” juvenil e roubam-lhe sua capacidade crítica. Birman (2000) explicitou que este movimento compara as seitas às drogas, que tornam os jovens dependentes, roubando-lhes da convivência familiar e da sociedade em geral, o que seria “uma patologia social mais profunda”.

Desde uma perspectiva freudiana, a opção pela entrada em uma comunidade religiosa de contorno renunciante, logo pareceria um estado patológico, uma dificuldade de assumir sua vida como na atitude infantil, transferindo para a religião o seu amparo, como na função paterna. Tal como analisado por Birman (2000) no discurso do movimento antissemita francês, do ponto de vista marxista, a escolha por essa vivência religiosa seria a busca por um ópio (religião), uma droga, tal como alucinógenos, a religião produziria no indivíduo estados alterados de consciência. E sendo a juventude, um momento em que o indivíduo vive em situação de “liminaridade”, seriam experiências oportunistas.

Devemos alertar ao leitor, que estamos considerando a religião como uma construção histórica milenar, um fenômeno sócio cultural, que produz sentidos e práticas a fim de tornar o mundo “humanamente significativo”, a partir da perspectiva do sagrado, fornecendo-lhe plausibilidade (BERGER, 1985). Ressaltamos que a religião, como afirma Csordas (2009,

³ Entrevista mencionada em Medeiros (2006).

p.259) é “um componente cultural de qualquer sistema social, seria um erro não reconhecer que o desenvolvimento da religião acompanha o desenvolvimento do sistema social planetarizado [...]” (tradução nossa). A religião será perspectivada então, como um sistema de crenças, valores e práticas que confere sentidos para a existência dos indivíduos, oferecendo-lhes salvação (ORO, 1997).

Recentemente pesquisas no campo da saúde tem se voltado para a eficácia das crenças e da religião no enfrentamento de doenças, nas quais a atitude de fé assumiria uma função terapêutica (PAIVA, 2007). Não temos o propósito de investigar em que momento e/ou se há um momento em que a prática religiosa se torna patológica. Isso nos remeteria a uma discussão entre “normal e patológico”, as funções da vivencia religiosa e sua consequência psicossocial.

Estaremos abordando a religião a partir de uma perspectiva weberiana, de sua metodologia compreensiva, na qual as ações dos indivíduos são orientadas por motivações, ou seja, estaremos investigando os motivos da ação dos sujeitos que optam pela experiência religiosa, os sentidos que lhes são atribuídos, para torná-las segundo Weber (2010), inteligíveis, a fim de que possamos então, fazer uma compreensão por interpretação (HERVIEU-LÉGER, 2009). Consideramos advertidamente, que toda interpretação é uma possibilidade de olhar o objeto estudado, sendo então, um mesmo objeto passível de várias possibilidades interpretativas. Nossas bases interpretativas recairão nas possibilitadas pela Sociologia e Antropologia da Religião.

Dentre tantas experiências religiosas, escolhemos investigar a comunidade religiosa Fraternidade Toca de Assis porque, na dinâmica do Catolicismo, se expressa como novidade, pois ainda que se auto identifique como uma nova ordem religiosa, suas características apontam para uma configuração semelhante às das Novas Comunidades Católicas⁴, uma novidade no cenário religioso católico (MARIZ, 2005). As Novas Comunidades Católicas surgem da iniciativa de leigos católicos (que não são ordenados e não participam da hierarquia) que, em sua maioria, participaram das experiências promovidas pela Renovação Carismática Católica, nos anos de 1970 e 1980. As Novas Comunidades⁵ estão espalhadas em todo Brasil, algumas com maior número de membros e visibilidade como a Comunidade Canção Nova.

⁴ Estaremos nos referindo como são tratadas na literatura especializada como Novas Comunidades Católicas, Comunidades no Espírito Santo ou, em alguns momentos como Novas Comunidades.

⁵ Algumas pesquisas tem sido realizadas nos últimos anos no Brasil, porém o primeiro livro acadêmico dedicado ao tema foi publicado em 2009, numa abordagem da sociologia da religião: “Novas Comunidades Católicas: em busca de um espaço moderno” organizado pelos especialistas da religião, Brenda Carranza, Cecília Mariz e Marcelo Camurça.

A Toca adquire um aspecto de novidade no cenário religioso católico, pois apresenta uma perspectiva de vivência comunitária religiosa que conjuga elementos religiosos tradicionais e modernos do Catolicismo, com a assistência social e resgate de práticas religiosas (adoração ao Santíssimo Sacramento e resgate de santos) como utilização das novas tecnologias sociais para divulgação e promoção de sua ação (MARIZ, 2005, 2006; MARIZ e LOPES, 2009; MARIZ e CARRANZA, 2009; PORTELLA, 2009). Novidade porque traz à cena pública, jovens vestidos como São Francisco, quando o Vaticano II⁶ (VALENTINI, 2011) aboliu o uso obrigatório do uso de hábitos para os religiosos/as, secularizando a presença dos ‘agentes do sagrado’ no mundo. Novidade porque esses jovens vão ao encontro daqueles que são a ponta da exclusão da sociedade – a população de rua, fazendo desse grupo sua ação primeira. Convém lembrar, contudo que não é uma novidade o cuidado e atenção à população de rua, tanto em ação caritativa das religiões, como nas ações tradicionalmente conhecidas da Igreja católica e da religião espírita (como as entregas de “quentinha e sopões”), como a ação social dos órgãos públicos (muitas vezes, pela remoção da população de rua para um abrigo), a novidade está na forma como lidam com a população de rua, como o abordam, limpando-os no próprio espaço público e muitas vezes, vivenciando a situação de rua, ao dormir e ficar por alguns dias nas ruas das cidades e praticando a mendicância (segundo o relato dos próprios membros).

Consideramos que a juventude é um período de vida no qual os pares passam a ganhar mais importância, bem como demais agentes socializadores e que isso faz parte do processo de constituição da autonomização dos jovens. Os jovens irão se afastar mais das famílias em busca de suas singularidades, sem que isso implique em homogeneização das experiências juvenis (PAIS, 1993).

Como premissa do quadro analítico deste estudo considera-se que a transição durante a juventude se dá através de um processo de experimentação pessoal, subjetivo e logicamente relacionado à cultura. A transição se relaciona com o aprendizado de valores, papéis, rituais de interação e de práticas presentes nas diversas dimensões da experimentação juvenil. A religião ou o aprendizado da religiosidade constitui-se numa importante dimensão desse aprendizado que ocorre frequentemente na juventude e que por sua vez possui estrita relação com os processos de transição para a vida adulta. Pode-se assim considerar que a adesão dos jovens à Comunidade Toca de Assis pode ser uma etapa ou uma dimensão da experimentação juvenil, que por sua vez está submetida a expectativas sociais e familiares.

⁶ Todos os termos católicos utilizados no trabalho (nomes, documentos, santos, concílios, objetos etc.) constam no glossário que se encontra no fim da tese a fim de facilitar a leitura e compreensão.

A juventude vista como uma etapa de transição não abriga a idéia de predefinição, mas, ao contrário, a idéia de características e atitudes transitórias, peculiares à juventude. Resta-nos analisar então a importância e o peso da religião como mais ou menos uma dimensão vivenciada de forma peculiar à juventude contemporânea, assinalando a importância do espaço social (BOURDIEU, 1983), da família e do grupo de pares para a constituição da decisão dos jovens por determinadas escolhas religiosas, buscando propósitos, sentidos e significados numa perspectiva biográfica e de trajetórias biográficas (BOURDIEU, 1983) na estreita interação com eventos referidos às condições de vida dos jovens como a escolarização, a vida profissional e familiar.

Entendemos para efeito da presente pesquisa que a juventude surge como uma etapa de escolhas, momento em que se aprende a tomar as primeiras decisões e arquitetar projeto de trajeto (PAIS, 1993). Considera-se relevante que a preocupação com os jovens incida sobre o período de transição para a vida adulta e os desdobramentos da formação e preparo dos jovens para a inserção no mercado de trabalho, na medida em que as dificuldades de qualificação acadêmica e profissional são inúmeras e complexas. Com isso queremos dizer que durante a juventude as escolhas se ligam normalmente a determinadas estratégias associadas a projetos de futuro, mas também a passados ou realidades distintas. Quando questionados sobre o futuro, os jovens se manifestam de modo diversificado (PAIS, 1993,1997). Apesar de terem a experiência de problemas muitos semelhantes na transição para a vida adulta, eles a vivenciam de modo muito distinto. Pais (1993) mostra, a partir da observação empírica de diferenças entre trajetórias, que os percursos podem se opor da seguinte forma: de um lado situam-se os jovens com trajetórias pautadas por estratégias de mobilidade social (do ponto de vista familiar e profissional); de outro, observou uma aspiração de um futuro mais instantâneo, que se volta para o usufruto do aqui e agora (do presente).

Considera-se que a juventude é uma situação de vida que se transforma muito rapidamente e um período de importantes aquisições. Por se caracterizar como uma passagem de vida, cuja duração é variável, a juventude é compreendida por alterações rápidas nos campos social e individual. Os jovens ainda não se encontram numa situação estabilizada e por isso observa-se importante tensão contida na noção de escolha e de projeto na juventude (GALLAND, 1997). Esta tese é constituída exatamente a partir da questão de se saber em que medida os jovens, ao refletirem sobre o futuro, conseguem, ou não, imaginar um projeto de futuro e qual o papel dos condicionantes do espaço social e da família na construção de projetos de futuro, na vivência das escolhas religiosas. Nesse sentido, é importante compreender o contexto de socialização mais geral que contribui para as escolhas.

Portanto, a Toca se reveste para a nossa pesquisa como “bom para pensar” os sentidos e significados pela busca e escolha religiosa entre os jovens, logo, possibilita a compreensão de algumas dinâmicas vivenciadas por segmentos de jovens brasileiros. Possibilita conhecer um aspecto da ‘cultura jovem’. Permite pensar o que a religião oferece aos jovens, qual/quais o/os significado/os dessa vivência religiosa para os jovens contemporâneos, que sentidos produzem, que práticas promovem, como significam a sua própria vida e escolha.

Além dos objetivos destacados este estudo tem como propósito compreender os motivos de adesão de um segmento de jovens em uma comunidade católica, a Fraternidade Toca de Assis, e sua permanência apesar da saída do líder fundador e da crise gerada com esse evento. Afirmamos que nossa pesquisa se insere no campo de estudos de juventude e religião, juventude tratada teoricamente a partir da perspectiva de “culturas juvenis” (PAIS, 1993, 2006) e a religião como campo culturalmente significativo, por promover práticas e sentidos (GEERTZ, 1989, 1999; BOURDIEU, 1992; BERGER, 1985). Nesse sentido, buscamos responder, ao longo do estudo, por que alguns jovens, de várias cidades brasileiras, escolhem viver, sob o regime do Catolicismo, um estilo de vida renunciante.

Se os trabalhos sobre juventude consumo e caminham na direção da compreensão de ser o consumo um elemento diferenciador e ao mesmo tempo agregador de diferenças (NUNES, 2007; PAIS, 2006; LIPOVESTSKY, 2007; FREIRE, 2004), a entrada numa comunidade religiosa de configuração performática – que se apropria do uso do hábito e da tonsura de moldes franciscanos como elementos de identidade, tornando o jovem da Toca visível na sociedade e na religião, se traduz como uma dimensão diferenciadora, numa relação dinâmica de busca de uma identidade pessoal e coletiva visível e pública. (GEERTZ, 2001).

Algumas pesquisas recentemente realizadas (MARIZ, 2005; 2006; MARIZ E LOPES, 2009; PORTELLA, 2007; 2009) construíram alguns sentidos oferecidos pela Toca à juventude desde uma perspectiva sociológica, assim como explicitaram através de descrição da Comunidade, sua vivência, carisma e missão.

Segundo Mariz (2005), uma das pioneiras a estudar o grupo em questão, a razão que sustentaria a escolha dos jovens pela Toca de Assis seria uma característica própria da juventude contemporânea, que se “atrela certa subjetividade mínima que se caracterizaria por uma afinidade eletiva com os extremos ou ‘experiências radicais’” (MARIZ, 2005, p. 258). Ou seja, mesmo considerando as situações de classe, gênero e etnia, de acordo com a autora, seria possível falar de uma característica específica da juventude em geral – o gosto por estilos e vivências radicais que inclinariam alguns jovens a fazer a opção por esportes radicais, por viver situações de risco (nisso incluí as drogas), por “muita religião” ou por

nenhuma, e nesse sentido, podem optar por experiências religiosas que, aos olhos dos contemporâneos desse tempo, são consideradas anacrônicas e radicais, como a vivência religiosa na Toca de Assis, nos *Hare Krisna*, no Santo Daime e em outra.

Para Portella (2007, 2009) os motivos centrais de adesão a Toca de Assis passariam por uma atitude de contestação: a possibilidade dos jovens de fazerem uma ruptura com uma sociedade e/ou igreja instaladas, “numa busca de restauração, através do antigo e do novo, de uma ordem de vida que se quer ideal e contrastiva” (PORTELLA, 2007, p.182). Nesse sentido, Portella (2007, 2009) indica que a razão se sustenta por uma característica, muito sublinhada nos jovens nos anos de 1960, de ser própria da juventude a contestação, e de ter por consequência, uma capacidade de reflexão crítica em relação à sociedade. Portella (2007, 2009) considera os jovens da Toca os mais reflexivos de sua geração, pois fazem a opção por outro estilo de vida, que não o da sociedade em geral, o de consumo. Mais uma vez, outra característica muito destacada nos anos de 1960/1970 de que teria a juventude um indignação/capacidade crítica/coragem capaz de romper com o *‘status quo’*.

Dessa forma, podemos afirmar que ambos os autores baseiam suas análises numa perspectiva teórica da juventude como portadora de características próprias que a diferencia das demais fases da vida. No entanto, são distintas as abordagens do conceito de juventude: desde as que naturalizam como uma etapa de desenvolvimento com características próprias, como as que sugerem que há algo específico em cada geração – a geracional; além da classista que diferencia cada segmento a partir da condição de classe econômica e a que considera as diferentes vivências culturalmente situadas dos jovens – o conceito de “culturas jovens”.

Nosso propósito com esse estudo é dar continuidade às pesquisas, a fim de aprofundar a busca pela compreensão dos motivos que levam jovens a fazer a opção por uma proposta de vivência religiosa radical, resgatando uma figura da Idade Média – Francisco de Assis, como modelo de identidade (também performática) e de ação, num quadro maior de resgate e presença de elementos da devoção tradicional do Catolicismo (adoração ao Santíssimo Sacramento, resgate de figuras de santos e de Maria) num contexto cultural de desvalorização religiosa, de ampliação das opções individuais e de valorização do sentido subjetivo frente à experiência religiosa (TEIXEIRA, 2000; PIERUCCI, 2004).

Queremos nesse trabalho apresentar um estudo de caso a partir da vivência dos jovens da Toca de Assis, numa comunidade localizada na cidade do Rio de Janeiro, a fim de compreender as razões de adesão e sentidos oferecidos por essa opção religiosa e verificar a

pertinência das análises de Mariz (2005) e Portella (2007, 2009) e, apresentar outros elementos de análise e compreensão.

Nossa inserção no campo (2010, 2011) trouxe um aspecto de grande importância: a crise que passa a Toca, narrada pelos próprios membros. Crise que se expressou a partir da saída do fundador, Pe. Roberto Lettieri (2009) e, como consequência, a saída significativa de muitos membros (em torno de 50%). De um movimento que estava se expandindo, pouco burocrático, vivenciando a “liberdade de um novo carisma na Igreja”, não sem tensões com a hierarquia, como ilustra a teoria de Lindholm (1993) que afirma que “qualquer inspiração carismática dentro de tal estrutura ameaça seriamente o comodismo precário da igreja matriz, uma vez que estas experiências se apresentam como um caminho alternativo e mais imediato para a transcendência” (LINDHOLM, 1993, p. 210), ao desafio de se reconfigurar. Com que bases carismáticas irá se apoiar? Como os jovens estão vivenciando a crise? Que sentidos lhes atribuem? Por que permanecem na instituição?

As pesquisas realizadas até aqui, responderam ao primeiro momento da Toca – momento de muita efervescência, queremos ainda, com nossa pesquisa, compreender como estão vivenciando este momento e se organizando no presente e para o futuro, parafraseando Carranza (2000), indicar quais as ‘*origens, mudanças e tendências*’ da Toca de Assis.

Nossa pesquisa, portanto, se insere no campo dos estudos que tratam da temática da juventude com a perspectiva da existência de ‘culturas juvenis’ (PAIS, 1993), por considerar a multiplicidade de vivências dos jovens brasileiros. Nosso objeto de estudo incide no campo da religião, ou seja, os jovens membros da Fraternidade Toca de Assis, uma comunidade religiosa católica. Nossa proposta, ao ouvir suas trajetórias pessoais/religiosas e ver suas práticas, compreender as razões que levam aos jovens a aderir a Toca de Assis, que, até aqui, as análises indicaram por ser um “atributo próprio” da “juventude” realizar esse tipo de opção. Queremos contribuir na compreensão do contexto atual da Toca e, especificamente responder por que razões diante da perda do líder, os jovens permanecem na comunidade religiosa, em que sustentam sua opção por continuar como religiosos franciscanos, ‘filhos da pobreza’⁷; e ainda evidenciar o que a Toca ainda oferece aos jovens que os mantêm vinculados.

Nosso trabalho se estrutura em cinco capítulos: o primeiro e o segundo de caráter teórico buscam trazer um panorama das relações entre juventude, religião e catolicismo. Para entendermos uma determinada escolha, seja ela religiosa ou não, consideramos importante contextualizá-la em seu cenário sociocultural. As relações estabelecidas entre juventude e o

⁷ “Filhos e Filhas da pobreza”, são assim que os membros da Toca de Assis se autodefinem, conferir site oficial www.tocadeassis.org.br

campo religioso, não está descontextualizada do cenário cultural religioso mais amplo, portanto, no capítulo 1, faremos um breve apontamento do cenário religioso contemporâneo e alguns conceitos que se aplicam ao contexto religioso brasileiro, uma análise do Catolicismo e suas dinâmicas atuais, focando nas Novas Comunidades Católicas, cuja inspiração redundou na Toca de Assis.

No capítulo 2, para entender as relações entre os jovens e o campo religioso, estaremos analisando produção recente nas temáticas relacionadas à juventude e religião, além fornecer e analisar dados de pesquisas recentes sobre as opiniões e dos jovens a cerca da religião e temas correlatos, em seguida, faremos a descrição da Toca de Assis, sua fundação, carisma e missão.

No capítulo 3, apresentaremos nossa opção metodológica que se insere no âmbito das pesquisas qualitativas. Optamos, por essa razão, realizar um estudo de caso, que consideramos mais adequado para o objetivo do nosso estudo. Estaremos então, apresentando a fundamentação teórica na qual se baseou nossa investigação e a descrição de nossa inserção no campo e a configuração de nosso objeto de estudo: a constituição da comunidade religiosa, a caracterização dos sujeitos da pesquisa e da casa pesquisada, assim como sua dinâmica.

No capítulo 4, será apresentada a análise do trabalho de campo – as observações participantes e as entrevistas realizadas, assim como as conversas informais, como acesso aos sentidos e práticas do grupo estudado, cotejando com a produção teórica recente. Estaremos utilizando a expressão “caminho” para identificar as categorias de análises, seguindo a sugestão de Hervieu-Léger (2008, p.10) que infere que a “dinâmica do movimento marca a nova paisagem religiosa”. As análises centraram-se em três categorias: “A busca por um caminho”; “No caminho da Toca” e “Mudanças no caminho”.

Na primeira categoria – “A busca por um caminho”, serão analisadas as trajetórias dos sujeitos pesquisados desde sua experiência anterior à entrada na Toca – “vida pré-Toca”, os motivos que definiram essa opção, os motivos que levaram ao ingresso, a reação familiar, as primeiras vivências.

Na categoria – “No caminho da Toca”, elucidaremos os sentidos que a Toca oferece ao jovem como experiência religiosa católica vivida em comunidade. Nosso recorte será a vivência religiosa na Toca, os sentidos produzidos e as práticas do carisma e da missão. Analisaremos o processo de entrada (as primeiras vivências) e o cotidiano na Toca (a experiência em comunidade, os desafios dessa vivência, a relação com os assistidos), a visão da pobreza e dos pobres e a relação estabelecida com a figura de São Francisco, patrono da Toca.

Na categoria – “Mudanças no caminho”, analisaremos as mudanças advindas da recente saída do líder fundador, a interpretação da crise pelos jovens religiosos e a visão que possuem para a saída do fundador, para as mudanças propostas, para a Igreja Católica e juventude.

E, por fim, no capítulo 5, apresentaremos alguns “achados” e conclusões que chegamos a partir do estudo realizado.

Nosso propósito com esse trabalho é contribuir modestamente para a compreensão das complexas relações entre a juventude e religião, os sentidos e as práticas que se constituem e são constituídas dialeticamente, num contexto cultural mais amplo.

Capítulo 1

Cenário religioso contemporâneo, o reavivamento católico e as Novas Comunidades

Esse primeiro capítulo visa apresentar uma breve caracterização do cenário religioso contemporâneo que possa introduzir a temática da religiosidade e das transformações no campo religioso com o objetivo de mostrar o que norteia essas mudanças e, na sequência, se dedicar ao estudo do movimento da Renovação Carismática Católica (RCC) para depois buscar a compreensão sobre o pertencimento de jovens a esse movimento com especial foco sobre a comunidade Toca de Assis.

Este estudo é dedicado à compreensão do que ocorre com os jovens que se vinculam à comunidade Toca de Assis, fruto do resultado de produtiva articulação entre os estudos sobre religião e juventude, buscando um conjunto de explicações em que se organiza sob os dois ângulos de análise da questão a saber: o do sentido da adesão de jovens à Toca de Assis no âmbito da religião e dos estudos sobre juventude e cultura contemporânea, colocando em pauta o desafio de se compreender a razão da radicalização do voto de pobreza e da vivência permeada por sofrimento (cuidado com uma população de rua com diversos tipos de doenças e feridas) de jovens muito jovens que se vinculem à Toca de Assis onde se observa a impregnação de um contexto mais geral e diversificado que diz respeito ao campo religioso e, de outro, ao contexto cultural impregnado pelo consumo *hightech*, o apelo afetivo erótico, à formação para o mercado de trabalho.

A importância da análise que esta tese apresenta sobre as razões e sentidos do ingresso e permanência dos jovens à Toca de Assis não deixa de lado o contexto mais geral que marca os processos e dinâmicas do universo católico brasileiro, caracterizado por um catolicismo plural e, ao mesmo tempo, busca entender num nível mais micro as expressões que surgem a partir da experiência de jovens da Toca de Assis.

O entendimento sobre o cenário religioso contemporâneo a ser apresentado nesse capítulo, cuja configuração inclui expressões tais como o pluralismo religioso, a desfiliação religiosa, a diversidade de crenças entre outros aspectos, refere-se à compreensão das mudanças efetuadas nas últimas décadas e suas implicações tanto nas religiões históricas como no surgimento de novos movimentos religiosos. Ou seja, compreender as mudanças no

cenário religioso implica relacioná-lo às transformações produzidas pela modernidade, que modificaram o papel da religião e o lugar das crenças na sociedade.

Por sua vez, o catolicismo também reflete algumas das expressões e tendências desse cenário. O estudo das novas dinâmicas atuais do Catolicismo, como a queda nominal de católicos nas últimas décadas (Censo IBGE) assim, como o fenômeno do reavivamento da fé católica, cuja expressão é o Movimento de Renovação Carismática Católica, contribuem para a compreensão do surgimento das Novas Comunidades Católicas (MARIZ, 2005) e, no seu bojo, a Toca de Assis, com uma prática religiosa que evidencia elementos da tradição religiosa católica associada à assistência social direta.

Nosso estudo, portanto, busca analisar o vínculo entre modernidade, cenário religioso, catolicismo e juventude. Sabe-se que na modernidade ninguém mais pauta a vida exclusivamente pela religião mas, ao mesmo tempo, o sentido do sagrado, da experiência religiosa permanece colocado como uma importante opção diante da diversidade de ofertas e da crise do sentido da vida (OLIVEIRA e TRASFERETTI, 2007; BERGER, 1985). Busca-se compreender como o cenário religioso está, ou não, intimamente ligado às transformações no cenário das transformações ligadas à juventude.

O estudo das transformações no campo da religião remete-nos, fundamentalmente, ao panorama da secularização como um fenômeno que significa a perda por parte das instituições religiosas de algumas prerrogativas e importância que passaram à competência de algumas autoridades laicas. Com a secularização, a religião perdeu, em grande medida, seu papel elucidativo e capacidade de determinação dos sentidos dos fatos sociais (LIMA e TRASFERETTI, 2007; BERGER, 1985; HERVIEU-LÉGER, 2008). Por outro lado, vários estudos têm apontado o esgotamento do projeto da modernidade na sua oferta de felicidade aos indivíduos, num processo identificado como “crise da modernidade”, crise que se explicita nas dimensões individuais e sociais (GIDDENS, 1991; BERMAN, 1990; IANNI, 1992; LASCH, 1983). Assinala Maffesoli (2005, p. 12) que o “individualismo parece extenuado e o social se mostra bastante cansado”. Em sua opinião estamos assistindo à “substituição de um social racionalizado por uma sociabilidade com dominante empática” (MAFFESOLI, 2010, p.39) onde o sentimento aparece como importante critério de mediação das trocas sociais. A busca de sentidos que possa dar sustentação à existência é um movimento importante que pode ser observado através de duas tendências: a primeira através da busca pelas distintas formas de religiosidade, a busca de práticas orientais, nas palavras de Campbell (1987), representada pela crescente “orientalização do ocidente” ou “orientalização

da existência” em Maffesoli (2010) e, a segunda, através do apelo e busca pelo chamado, movimento ecológico.

No âmbito da religião, presenciamos no cenário atual, a expressão de uma presença visível do religioso seja através das diversas igrejas institucionalizadas, algumas com visibilidade nos meios de comunicação social através de uma significativa oferta de objetos religiosos de diferentes tradições (revistas, adornos etc.). E, ao mesmo tempo, o abandono por parte dos sujeitos das religiões institucionalizadas. O crescimento da mobilidade religiosa e a afirmação dos “sem religião” são explicados, por alguns autores, como fruto de um processo de secularização advindo da modernidade⁸, fundamentado também na crescente valorização do individualismo que estaria produzindo uma importante transformação no sentido atribuído ao papel das instituições religiosas e na composição de crenças nos sujeitos.

Hervieu-Léger (2008) nomeia este momento de “modernidade religiosa”, caracterizada pela absorção do individualismo moderno no religioso. A autora explica que há uma valorização da autonomia do sujeito crente que faz com que as grandes instituições religiosas percam a força como reguladoras da vida dos fiéis. Nesse sentido, as instituições religiosas históricas, que antes conferiam aos fiéis certezas e códigos religiosos de conduta, estão com dificuldades em criar uma narrativa que, com legitimidade, forneça códigos unificados. Os fiéis seguem cada vez menos as prescrições doutrinárias e morais das instituições religiosas; a participação e a adesão às crenças passam por escolhas pessoais, num processo de composição própria contornada pela consciência, pela opção individual e pelas experiências de sentido. Hervieu-Léger (2008) sublinha que “não é a indiferença, mas o controle das crenças que escapam ao controle das grandes igrejas e instituições religiosas” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 41), ao que nomeia de “destraditionalização religiosa”. Cada vez mais a religião torna-se um aspecto da vida privada, as adesões normativas são da ordem da escolha individual, como também observa Benedetti (1998):

[...] Um pontilhismo religioso agrava a crise das Igrejas, pois atinge seu próprio interior. Adere-se a pontos da doutrina e da moral. (...) O sistema regulador central não é mais posto em causa. Aceita-se a autoridade para legitimar reivindicações, não para proferir verdades morais ou dogmas. A autoridade conta pouco. (BENEDETTI, 1998, p. 31)

Com esse processo de destraditionalização das instituições religiosas e a valorização do primado dado à experiência pessoal (fruto do individualismo moderno), assiste-se

⁸ Mariz (2004) esclarece que o termo secularização surgiu no contexto das guerras religiosas na Europa, quando protestantes confrontavam católicos e ocorria a tomada de terras da Igreja Católica. Secularização então, representa a passagem de determinada propriedade para as mãos de leigos, ou seja, a saída da jurisdição do religioso para o domínio laico, também chamado de “século.” Ver ainda MARIZ, 2001; Berger, 1985, 2001; Hervieu-Léger, 2008.

contemporaneamente, ao processo de “desfiliação religiosa” consequência para alguns de uma “crise da autoridade” (ARENDDT, 2005) levando à dificuldade em garantir a transmissão de doutrinas e crenças para as gerações futuras como herança familiar. Nesse sentido, a religião passa a ser uma escolha individual que pode acontecer ou não. Pierucci (2004) aponta nesta direção:

Nas sociedades pós-tradicionais, *‘et pour case’*, decaem as filiações religiosas tradicionais. Nelas os indivíduos tendem a se desencajar de seus antigos laços, por mais confortáveis que antes pudessem parecer. Desencadeia-se nelas um processo de desfiliação em que as pertencas sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais e, mais que isso, revisáveis, e os vínculos, quase só experimentais, de baixa consistência. Sofrem fatalmente com isso, claro, as religiões tradicionais. (PIERUCCI, 2004, p. 19)

Ainda que as pesquisas apontem para a grande influência familiar na escolha religiosa, a possibilidade de escolher e mudar de religião, tem sido uma expressão da vivência moderna: a religião deixa de ser uma “herança familiar” para ser um objeto de escolha pessoal, fato que não “implica em uma ruptura social, cultural e mesmo biográfica”, como assinalou Prandi (1999).

Nesse processo à figura do tradicional religioso “praticante” cede lugar à figura do peregrino segundo Hervieu-Léger (2008). Isto porque uma das suas características da figura do sujeito religioso moderno é o movimento, o que intitula, o “religioso em movimento”. Este “religioso em movimento” se manifesta tanto no que diz respeito a sua própria religião vista como escolha pessoal, como nas mobilidades religiosas, sejam elas, por mudança de religião (ALMEIDA e MONTERO, 2001), seja pelas peregrinações marcadas, segundo Amaral (2000) por uma exigência interior.

Alguns autores (HERVIEU-LÈGER, 1994, 2008; TEIXEIRA, 2000; ORO, 1997) entendem que estamos vivenciando um processo de reconfiguração do religioso e de recomposição das crenças na modernidade. Oro (1997) aponta três dimensões (de forma ideal típica), a esse processo que nomeia de “modernas formas de crer”: a primeira, em concordância com o que assinalou Hervieu-Léger (1994, 2008) sobre a presença da centralidade da emoção na composição dos novos movimentos religiosos, se refere à dimensão emocional, ou seja, a experiência religiosa tem acento na importância da autenticidade afetiva e envolve todo o corpo e os sentidos. Nessa dimensão, a ênfase recai na busca de experiências de significação:

[...] Não se pode ver uma oposição, ou conflito, entre razão e emoção. Instaura-se, antes, uma nova relação entre o emocional e o racional e nisto reside um aspecto fundamental da moderna forma de crer. O crer e sentir (experimentar), a razão e o coração, andam juntos, respondendo, dessa forma, à demanda moderna de sentido para a vida. (ORO, 1997, p. 48s)

A segunda dimensão da experiência religiosa para Oro (1997) é a globalizante. “as pessoas buscam mais espiritualidade e menos religião institucionalizada” (ORO, 1997, p. 49). A procura se dirige para uma concepção religiosa da integração entre o sujeito, a natureza e o sagrado numa perspectiva holística. Neste caso os vínculos institucionais são frágeis, marcados pela transitoriedade, facilitando o movimento de buscas pelo ‘bem estar e por sentido’. Essa dimensão é explicitada, a exemplo, no Movimento de Nova Era (AMARAL, 2000).

A terceira dimensão da experiência religiosa caracteriza-se pela busca espiritual articulada com “a saúde, o equilíbrio psíquico e o bem estar em geral”, numa compreensão de que a relação com o religioso/sagrado se reveste no sentido de cura. Essa 3ª dimensão é observada através da busca pelas instituições religiosas que em seu discurso estão oferecendo conversão e cura (carismática católica, pentecostais, as de tradição oriental como, por exemplos, *Seicho-no-iê*, Messiânica) (MEDEIROS, 2000, 2006). E também através da profusão da literatura de autoajuda e na participação dos sujeitos em grupos místicos, holísticos etc. Convém observar que as três dimensões explicitadas de forma ideal típica, muitas vezes, se articulam e se compõem como a busca pessoal do sujeito moderno pelo religioso, segundo Oro (1997).

Bauman (1998) noutro sentido analisa a religião na pós-modernidade afirmando que há um enfraquecimento na busca pela religião, mesmo que, em sua opinião, o sujeito pós-moderno viva sob a condição da incerteza, pois a busca não se incide mais sobre o acolhimento e aconselhamento religioso como antes, - mas sim sobre os “especialistas da identidade”.

Este fato produz o que Bauman (1998) vai chamar de “surto de aconselhamento”. Isto significa que os sujeitos não param de buscar “no outro” um sentido transcendente, mas muda a forma de buscar e amplia-se o leque de possibilidades – a opção individual passa por várias possibilidades – ampliando-se o cardápio de ofertas. Bauman (1998) indica ainda que esse processo vem se dando por conta das estratégias utilizadas na modernidade para “dar fim” à significação religiosa da morte. A morte passou a ser uma “preocupação especializada” colocada nas mãos dos especialistas e retirada da vida diária. O entendimento do sentido da morte torna-se a partir da modernidade “fatiada e fragmentada” se apresentando a partir de diferentes saberes. Bauman (1998) afirma então, que “há um enfraquecimento das concepções da vida e da “vida após a morte” que produz no sujeito uma incerteza, mas que a busca da certeza se encontraria no próprio sujeito” (BAUMAN, 1998, p. 220). O autor esclarece que:

[...] São as incertezas concentradas na identidade individual, em sua construção nunca completa e em seu sempre estado de desmantelamento com o fim de

reconstruir-se, que assombram os homens e as mulheres modernas. (BAUMAN, 1998, p. 221)

Os autores supracitados entendem que estaria havendo por um lado, um enfraquecimento da instituição religiosa como ordenadora da vida cotidiana (HERVIEU-LÉGER, 1994, 2008), e por outro, outra tendência que leva em consideração o declínio da religião estaria se dando em razão da especialização crescente diante da morte.

1.1. Modernidade: crise de reconhecimento, perda de sentido da crença ou “virtuosos do pluralismo”

Berger e Luckmann (2004) criticam o modo de pensar que se tornou comum o da “desorientação do indivíduo e do grupo” em relação às incertezas e crises produzidas pela modernidade e a capacidade de lidar com elas. Os autores consideram essa análise como uma “cegueira quanto à capacidade que têm os indivíduos e as diferentes sociedades de vida e de sentido de preservar seus próprios valores e interpretações” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 50). Os autores explicam que é próprio da modernidade o pluralismo e quanto mais desenvolvida a modernidade, mais desenvolvido está o pluralismo. Este gera um processo no qual as “ordens de valores e as reservas de sentidos não são mais propriedade comum de todos os membros da sociedade” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 39). A saber, perde-se uma ordem supraordenada de sentido para todos os sujeitos contemporâneos: não há valores, forma de agir e uma realidade única comum para todos, levando a um relativismo dos sistemas de valores e de interpretações. Essa perda de autoevidência é, segundo os autores, uma das razões básicas da difusão de crises subjetivas e intersubjetivas. No entanto, observam Berger e Luckmann (2005) que a problematização de alguns conceitos tais como ‘mundo’, ‘sociedade’, ‘vida’ e ‘identidade’, realizada pelo pluralismo, é vivida por alguns sujeitos como um sentido de liberdade, ou seja, de estar livre “da estreiteza da existência antiga e inquestionada”, o que chamam de “virtuosos do pluralismo”.

A sociedade moderna, para Berger e Luckmann (2004), cria estratégias para lidar com a “crise” que chama “crise de sentido”. Ou seja, não há sociedade que possa viver sem sentidos que possam ser comunicados e compartilhados, que “obrigue a todos”. Esclarece os autores que o “sentido” é uma forma complexa de consciência, é a consciência que existe uma relação entre as experiências. Explicam que o agir social tem uma estrutura de sentido que é prospectiva e ao mesmo tempo, retrospectivamente significativa. Berger e Lukmann (2004)

esclarecem que a constituição de estratos superiores de sentido na consciência do indivíduo se dá no agir social:

A vida cotidiana está repleta de múltiplas sucessões de agir social, e é somente neste agir que se forma a identidade pessoal do indivíduo. Vivências puramente subjetivas são o fundamento da constituição de sentido: estratos mais simples de sentido podem surgir na experiência subjetiva de uma pessoa. Mas estratos superiores de sentido e uma estrutura mais complexa de sentido pressupõem uma objetivação do sentido subjetivo no agir social. (BERGER e LUKMANN, 2004, p. 17)

Berger e Lukmann (2004) vão postular que o sentido de uma experiência ou ação surge no trato com a solução de problemas, que por sua vez, surgiu no agir social interativo. Como resultado, as ações se transformam em instituições sociais. De acordo com os autores consideram as mais importantes das instituições sociais, as que são responsáveis, além da tarefa de reprocessamento do sentido (família, escola e igreja), a realização do controle da produção e transmissão de sentido. A transmissão de sentido é realizada através da educação e da doutrinação orientada, cujo objetivo é a de que o “indivíduo só pense e faça o que corresponde às normas da sociedade”, ou seja, “o sentido do agir e da vida é imposto como regra óbvia de conduta de vida, que a todos obriga” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 23). Como garantia da obediência das regras, se exerce sobre os indivíduos (singular ou coletivo), o controle e a censura, para que não haja “desvios da norma”. Desse modo se formam os que os autores nomeiam, “reservatórios históricos de sentido e de instituições” que tem por finalidade “aliviar o indivíduo de ter de solucionar sempre de novo problemas e experiências e ação que surgem em situações determinadas” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 19). O processo de socialização, portanto ocorre quando as instituições transmitem e comunicam os sentidos presentes nos reservatórios históricos, sejam em sociedades pré-modernas ou modernas (por especialistas) e realizam o seu controle e transmissão.

Por isso, Berger e Luckmann (2005, p. 54) afirmam que “as instituições foram criadas para aliviar o indivíduo da necessidade de reinventar o mundo a cada dia e ter de se orientar dentro dele”. Dessa forma, as instituições intermediárias, como a Igreja, atuam como produtoras de sentido na conduta de vida dos indivíduos e na coesão das comunidades de vida, além de atuarem como instância reguladora dos diferentes sistemas de valores e significados presentes na sociedade que já não possui uma ordem supraordenada dos mesmos. Berger e Luckmann (2005, p. 82) utilizam-se da metáfora do “fogo brando” para essa atitude institucional: indicam que as instituições intermediárias conservam as “crises de sentido em fogo brando e não deixam que se transformem em chamas vivas”, pois sabem que não podem eliminar as causas, mas podem abrandar as manifestações da crise e fortalecer a resistência contra elas.

1.2. Pluralismo religioso no contexto brasileiro

O Brasil, para muitos analistas da religião, sempre foi considerado religioso por “natureza” pela presença dos diversos elementos religiosos e por seu sincretismo (SANCHIS, 2001; CUNHA, 2007; ROLIM, 1985). Durante séculos fomos identificados como um país de maioria católica, o que levou a equação: ser brasileiro era igual a ser católico. Entretanto, o contexto religioso brasileiro sempre foi marcado, desde a colonização do Brasil por Portugal (século XVI), pela presença de elementos religiosos de várias matrizes socioculturais (indígena, africana, portuguesa-católica e protestantes), o que levou Rolim (1985) a afirmar que a pluralidade sempre foi um aspecto presente no cenário religioso brasileiro ainda que, nas últimas décadas, a diversidade esteja mais em evidência. As análises recentes apontam para uma maior complexidade como expressão da religiosidade dos brasileiros.

Nosso objetivo nessa parte do trabalho é mostrar um mapa do cenário religioso brasileiro e as dinâmicas nele produzidas a fim de compreender a relevância da Toca de Assis, como uma comunidade de recomposição católica formada por jovens e apresentar elementos desse cenário em sua dinâmica.

De acordo com os estudos do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas/FGV a partir dos micros dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares/2009, realizada pelo IBGE sobre religião no Brasil, verifica-se que as mudanças na composição religiosa brasileira continuam em curso. Os índices daqueles que se declaram católicos continuam a diminuir, passando para 68,9% do total da população brasileira (no Censo de 1991, era de 83,8% da população; em 2000, passou para 73,8%, a média nacional), os evangélicos continuam crescendo e chegam a 20,2% (de 9% da população em 1991, passou a 14,4% em 2000) e a média nacional dos sem religião também sobe para 6,7% (de 4,8% em 1991, passou a 7,4% em 2000, 5,1% em 2003). O interessante nesse estudo é a indicação que as religiões alternativas sobem de 2,3% (Censo IBGE/2000) para 4,6%.

Os dados apontam: a pluralização, explicitada pela perda da hegemonia católica⁹; o aumento da diversidade religiosa, onde crescem sobre tudo as denominações evangélicas; fato que, para alguns, expressa que o pluralismo característico da modernidade atinge o campo religioso (CAMURÇA, 2006). Alguns autores coincidem na compreensão de que a queda do número de fiéis das igrejas tradicionais (tanto a católica como as evangélicas históricas – Luterana, Metodista, Presbiteriana, por exemplos) indica o processo de “destradicionalização”

⁹ Na década de 60, a população que se declarava católica era de 93%, dados do IBGE.

religiosa¹⁰ em curso (HERVIEU-LÉGER, 2008; CAMURÇA, 2006; PIERUCCI, 2004; TEIXEIRA, 2000), consequência do que Hervieu-Léger (2008) indica como “crise de transmissão das instituições tradicionais”. Por fim, o movimento da desfiliação religiosa, com o aumento dos sem-religião, como expressão do processo de secularização da sociedade.

Pierucci (2004), ao analisar os dados do Censo/2000, observa que a religião católica “continua amplamente” majoritária, com um contingente em números absolutos de 124.976.912 (IBGE/2000). No entanto, ressalta o autor que ao observarmos a “curva” do decréscimo do número de católicos, a cada censo, as mudanças em curso estão, em termos de filiação religiosa, ocorrendo de maneira gradual. No entanto, Pierucci (2004) acredita que a “destraditionalização religiosa”, bastante expressiva em países, como por exemplo, os da Europa, é um processo inevitável, fruto da secularização moderna.

A diminuição do número de fiéis católicos é um fenômeno esperado, em virtude do decréscimo percentual que vem se apresentando nos últimos Censos. A reação católica diante da “perda dos fiéis” (ORO, 1996; ANTONIAZZI, 1994; CORTEN, 1994) já vem sendo observada mesmo antes da divulgação do Censo/2000. Tal reação pode ser identificada através de uma maior presença da mídia católica na última década (estações de rádio e canais de TV, como, por exemplo, a Rede Vida e Canção Nova). O crescimento dos grupos da Renovação Carismática Católica, com o apoio da hierarquia católica (CARRANZA, 2000, 2011) também é um fato observado. O fenômeno de venda de CD e a presença nos mais variados programas de entretenimento televisivo, por exemplos, do “padre cantor” Marcelo Rossi e mais recentemente, o Pe. Fábio de Melo e os shows ao ‘ar livre’ para juventude como “Deus é 10” são vistos como estratégias da Igreja Católica de retomar seu “rebanho perdido” para outras denominações religiosas (CARRANZA, 2006).

O desempenho dos dados de filiação religiosa nas cinco regiões e estados brasileiros apontam para uma importante diversidade interna¹¹. Tal fato produz, conseqüentemente, interpretações distintas: nos estados, a diferença entre o número dos que declaram católicos é significativa. O nordeste é a região com maior número de declaração de católicos, porém o comportamento nos estados é diferenciado: no Piauí, 91,3%; no Ceará, 84,9%; na Paraíba, 94,2%; no Maranhão, 83%. Na região sudeste, o estado de Minas Gerais é o que apresenta o

¹⁰ Os dados do Censo IBGE/2000 indicam que as denominações evangélicas que crescem não são as das Igrejas consideradas históricas (Metodistas, Luteranas etc.), mas as pentecostais e as neo-pentecostais.

¹¹ Indicamos o interessante estudo realizado pela PUC-Rio sob o título “Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Social no Brasil” (PUC/2003), a partir da cartografia do IBGE e dos dados do Censo/2000 sobre religião, população e variáveis socioeconômicas. Realizou-se um georeferenciamento desses dados (localização nos mapas), além de uma comparação entre o desempenho da filiação nas regiões e nos estados brasileiros, a partir dos grupos religiosos.

maior índice, 78,8% de católicos. Em termos de Brasil, os estados que apresentam menores índices de católicos são: o estado do Rio de Janeiro, com 57,2%, o de Rondônia, com 57,5% e do Espírito Santo, com 60,9%.

Entre os que se declaram evangélicos temos nos estados brasileiros, porcentagens mais altas em Rondônia (27,7%), Espírito Santo (27,5%), Roraima (23,6%), Rio de Janeiro (21%), Goiás (20,8%) e Acre (20,4%). A porcentagem dos que se declaram “sem religião” é maior nos estados do Rio de Janeiro (15,5%), de Pernambuco (10,9%), da Bahia (10,2%), do Espírito Santo (9,7%), do Mato Grosso do Sul (8,5%) e de Goiás (7,9%).

1.3. Doutrinas, produção de sentido e práticas culturais no cenário religioso

Algumas pesquisas quantitativas foram realizadas para uma investigação mais aprofundada do que significa ter ou não uma religião e/ou qual o perfil dos católicos, dos evangélicos e de outras religiões, ou seja, quais as suas crenças, práticas, valores, participação social e religiosa, opiniões entre outras variáveis, em âmbitos locais e nacionais, para além de sua declaração nominal. Entre elas, podemos citar a pesquisa denominada o “Novo Nascimento – os evangélicos em casa, na igreja e na política” (ISER/1998), que realizou um *survey* na área do “Grande Rio” a fim de analisar o comportamento dos evangélicos no âmbito da família, da comunidade e da política, propondo uma classificação das denominações no campo evangélico. A pesquisa mostrou que no âmbito da família há uma normatização, por parte das igrejas evangélicas que acabam por promover mudanças nas relações de gênero e na dinâmica familiar, como por exemplo, em relação à taxa de fecundidade: a dos evangélicos se assemelha as taxas nacionais apresentadas pelo Censo do IBGE, assim como, verifica-se uma melhora significativa na economia doméstica, que se dá, sobretudo, pelo abandono dos vícios e gastos com práticas consideradas profanas (FERNANDES et al, 1998).

Já a pesquisa “Desafios do Catolicismo na Cidade – pesquisa feita em seis regiões metropolitanas brasileiras” (CERIS/2002): Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, em 1999, analisou o comportamento dos católicos no âmbito das crenças, das motivações e das práticas religiosas, da participação religiosa, política e social, assim como a opinião dos entrevistados acerca das instituições (credibilidade), da mídia e de aspectos ligados à ética, a sexualidade e a bioética. Trata-se de um *survey* em 5.218 pessoas, classificando-as a partir dos critérios: católico ou de outra religião. O resultado indicou que há uma diversidade de “modos de ser católico”, visualizado pelas práticas, crenças e opiniões dos entrevistados que muitas vezes não estão prescritos na doutrina e nas normatizações oficiais.

Verifica-se entre os católicos, posições e práticas conflitantes nas questões referentes à moral social e sexual veiculada à doutrina oficial da Igreja Católica (MEDEIROS, 2002). Os resultados das pesquisas apontam ainda para complexas relações entre filiação ou não filiação religiosa, estas combinadas com crenças, condutas, participação social, valores. Pode-se observar, mais uma vez, que o campo religioso é um campo com muitas possibilidades para a compreensão do fenômeno religioso como parte de composição cultural, da produção de sentidos e práticas dos sujeitos de acordo com sua filiação religiosa ou não.

1.4. Vivências do catolicismo no Brasil

Dados de pesquisas recentes sobre o Catolicismo (CERIS, 2002) indicam que há diversas compreensões e modos de viver o Catolicismo e, sabe-se, que esse fato, não é recente e também não é um fenômeno restrito ao catolicismo. No Brasil, o campo religioso nunca foi composto por fronteiras rígidas e o catolicismo dos novos tempos é marcado por importantes flexibilizações (CUNHA, 2007).

Há alguns anos pesquisadores vêm investigando o perfil religioso dos católicos e algumas tentativas de classificação foram feitas, como por exemplo, a de classificar católicos nominais e praticantes, ou seja, àqueles que culturalmente foram batizados e àqueles que participam de alguma atividade religiosa católica. Além da diversidade intraeclesial católica, os modos como os católicos vivenciam sua religião também é diverso.

A diversidade católica se expressa tanto na sua dinâmica interna, ou seja, na multiplicidade de movimentos existentes no seu interior, como na compreensão sobre a sociedade e modo de atuar como igreja no espaço pastoral e público. É exemplar a distinção clássica feita entre as Comunidades Eclesiais de Base/CEB's e a Renovação Carismática Católica/RCC¹² (BOFF, 2000; MEDEIROS e DAMACENA 2001; MEDEIROS, 1997). A mesma diversidade é encontrada entre os que se declaram católicos e integram, no rol de suas práticas, crenças, valores e elementos religiosos de outras tradições religiosas (STEIL, 2004; FERNANDES e SOUZA, 2002; MEDEIROS, 2002). Mariz (2000, 2006) afirma que as

¹² DAMACENA (2009) pesquisou práticas, valores e comportamentos de membros dos grupos ligados à RCC (de camadas popular e média), de CEB's e dos grupos ligados ao Frei Betto; evidenciou, em seu estudo, que tanto a espiritualidade carismática quanto ao que chama dos "catolicismo da libertação" estão centradas nos aspectos místicos, subjetivos e emocionais e embora tenham práticas religiosas e compreensões distintas se encontram no "exercício da autonomia religiosa".

históricas combinações realizadas pelos fiéis indicam que eles não percebem qualquer incongruência na frequência e participação em distintas denominações:

A aceitação de novos elementos religiosos não implica rejeição de precedentes. As diversas pesquisas, tais como o censo ou outras, que oferecem ao entrevistado uma única opção de identidade religiosa, são etnocêntricas na medida em que assumem que essa tem que ser exclusiva. A exclusividade religiosa parece ser uma peculiaridade da tradição judaico-cristã – ou de um tipo de religião mais monoteísta, intelectualizada, historicizada, etnicizada, em suma, como diria Weber. (MARIZ, 2000, p.37)

Em acordo com Mariz (2000, 2006), Teixeira (2009) afirma que o Catolicismo no Brasil tem como característica grande diversidade, o pluralismo é um traço constitutivo desde o início de sua configuração. As formas de viver o Catolicismo também se revelam diversas da seguinte maneira: “(...) a plasticidade dos modos de ser católico no Brasil é expressão de uma genuinidade brasileira caracterizada pela grande ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado ou com o ‘outro mundo’ (TEIXEIRA, 2009, p. 19)”. Mariz (2006, p. 57) sublinha na mesma direção que “a Igreja Católica não é e nunca foi monolítica e, recentemente, essa diversidade interna parece se intensificar” e acrescenta que “o que chama atenção no catolicismo é o grau de diversidade dentro de uma única igreja sob uma única liderança”.

Teixeira (2009) observa que há muitos “catolicismos”, muitos estilos culturais de ‘ser católico’ e propõe uma interessante tipologia do Catolicismo, a partir da vivência do fiel e das suas dinâmicas organizacionais. A primeira denomina de “catolicismo santorial”, ligado ao culto aos santos, às devoções populares, às romarias, com caráter predominantemente leigo e que possui uma relativa autonomia em relação ao ‘catolicismo institucional’. Sublinha que esse tipo de catolicismo passou por um “processo de romanização” (início do séc. XX), ou seja, por “um processo de adequação do catolicismo brasileiro às diretrizes centralizadoras de Roma” (TEIXEIRA, 2009, p. 21), mas, mesmo assim, possui um caráter dinâmico e criativo vindo do catolicismo popular que se refaz continuamente. De acordo igualmente com Augras (2005), que fez um estudo sobre as devoções aos santos nas Igrejas Católicas do centro da cidade do Rio de Janeiro, na cultura brasileira católica “todos os santos são bem vindos”.

A segunda denominação definida por Teixeira (2009, p. 22) é a do “catolicismo oficial”, que, em sua opinião, estaria em “crise e declínio”, como fruto do declínio pós-moderno das instituições tradicionais, e da conseqüente dificuldade de “transmissão regular dos valores religiosos”. Tal “crise” teria como conseqüência o enfraquecimento da figura do fiel praticante que cede lugar a figura do ‘peregrino’ como postulou Hervieu-Léger (2008). Segundo Teixeira (2009) a Igreja institucional tem procurado reagir a essa “crise” de perda de

fiéis a cada década com ações voltadas para a “reinstucionalização ou recatolização”, através da promoção de “campanhas bem precisas na linha de uma melhor internalização dos valores religiosos instituídos” (TEIXEIRA, 2009, p. 23). Um dos exemplos é o projeto nacional promovido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/CNBB, “Queremos ver Jesus”, e as ações promovidas por segmentos que querem uma maior presença pública nas questões sociais, como as Campanhas da Fraternidade, o Mutirão Nacional contra a Fome e a Exclusão, ações ligadas às Pastorais Sociais.

Segundo Teixeira (2009) o terceiro tipo de catolicismo seria o dos “refiliados”. Embasado nas contribuições de Hervieu-Léger (2008) sobre a emergência da figura do convertido, que surge a partir das experiências religiosas modernas sustentadas na experiência subjetiva em que a emotividade as configura, Teixeira (2009) vai postular que esta idéia do convertido se encaixa nas afirmações identitárias de algumas experiências do catolicismo, tais como a da Renovação Carismática Católica/RCC e das Comunidades Eclesiais de Base/CEBs, muitas vezes, analisadas como diametralmente opostas. Teixeira (2009) explica que a conversão, nesses casos, não significa mudança de religião, trata-se de uma “refiliação religiosa”, isto é:

[...] Pessoas que descobrem ou redescobrem uma identidade religiosa até então vivenciada superficialmente e que traduz a entrada num “regime forte de intensidade religiosa”. Na nova experiência comunitária podem reorganizar sua vida e encontrar o necessário apoio emocional. (TEIXEIRA, 2009, p. 24).

Outro fenômeno no campo católico que Teixeira (2009) aponta é o que Carranza (2005, 2011) nomeou de “catolicismo midiático”: a procura da visibilidade institucional através dos meios de comunicação social. Sublinha que esse fenômeno está relacionado com a diversidade de experiências promovidas ou surgidas a partir da RCC, que “marca uma nova presença pública na sociedade brasileira” (TEIXEIRA, 2009, p. 27). Teixeira (2009) conclui sua análise indicando que há no catolicismo brasileiro uma “presença de uma identidade plástica, permeável ao influxo de outras tradições e sistemas religiosos, ou, pelo menos, de seus fragmentos” (TEIXEIRA, 2009, p.29).

Já Mariz (2006)¹³, ao analisar as dinâmicas do Catolicismo no Brasil, afirma que a queda percentual do número de católicos, pelos dados do Censo/IBGE/2000, está sendo acompanhado por um importante reavivamento religioso. Este reavivamento, na sua

¹³ A autora analisa as recentes pesquisas sobre o catolicismo contemporâneo, entre elas, as realizadas por Fernandes (2005), pelo CERIS (2002) e por Almeida e Montero (2001) no que diz respeito à participação dos católicos nas atividades religiosas e encontra uma participação na ordem de 17% (dados da PNAD/1988/IBGE), 30% (1999) e 46,1% respectivamente. Dados que revelam uma crescente participação ativa dos católicos nas atividades promovidas pela sua religião.

avaliação, está se dando por uma intensificação da diversidade na experiência de ser católico (MARIZ, 2006).

Uma das explicações dadas para o reavivamento indicada por Mariz (2009), refere-se a uma maior participação, atestada por algumas pesquisas, dos fiéis, sobretudo aos ligados ao Movimento de Renovação Carismática Católica, que adotam uma prática de “regime de intensidade religiosa” através da participação nas missas, nos grupos de oração e nas organizações das comunidades de vida e aliança.

1.5. Renovação Carismática Católica e o reavivamento católico

No contexto do catolicismo no Brasil, a Renovação Carismática (RCC) é um movimento que traz elementos que produzem práticas que modificam a relação entre os fiéis e a instituição (Igreja Católica), entre os fiéis e as práticas religiosas (CARRANZA, 2000), além de promover movimentos e associações que surgem das experiências de católicos “renovados”. O fundador da Toca participou da RCC, assim como muitos de seus membros como veremos mais adiante, por isso, compreender a RCC nos auxilia na compreensão de práticas e discursos dos jovens que aderem a Toca.

A Renovação Carismática Católica/RCC chega ao Brasil através do padre jesuíta Haroldo Rahm em 1968. Padre Rahm, nascido nos Estados Unidos, chegou ao Brasil em 1964, e funda o movimento de Treinamento das Lideranças Cristãs/TLC, que segundo Carranza (2000) é o embrião da RCC. O TLC tinha por objetivo suscitar uma experiência forte de iniciação cristã, através de encontros de fim de semana para jovens e adultos. Ainda hoje o TLC mantém os encontros de fim de semana, como espaço de chegada e retorno de católicos à Igreja.

A RCC surge de um retiro espiritual realizado em uma universidade americana, de Duquesne, Pittsburgh, em fevereiro de 1967, que reuniu jovens universitários e teve um caráter ecumênico. Nesse evento, foi realizada uma experiência religiosa marcada pelo “Batismo no Espírito”, ou seja, por uma espiritualidade Pentecostal (a partir do relato bíblico, Dia do Pentecostes), baseada nos dons do Espírito Santo¹⁴. Chegando ao Brasil, primeiramente foi identificada como um movimento de Pentecostalização Católica, mas logo, foi se diferenciando do movimento evangélico pentecostal, através de elementos identitários do Catolicismo: centralidade da eucaristia e culto a Maria.

¹⁴ Para um estudo sobre o Pentecostalismo ver Rolim (1985, 1988); Mariano (1999); Medeiros (2000).

Ao Pe. Haroldo Rahm juntou outro padre jesuíta americano, o Pe. Eduardo Dougherty que segundo Carranza (2000), além de ser considerado também um dos fundadores da RCC é um dos responsáveis pela sua expansão no Brasil por seu espírito empreendedor. De acordo com Carranza (2000) a publicação do livro “Sereis Batizados no Espírito” do Pe. Haroldo com prefácio do bispo, na época, de Campinas, D. Antonio Maria A. Siqueira, foi decisivo para a aceitação da RCC pela Igreja Católica no Brasil junto com a aprovação pontifícia realizada em 1973, em discurso proferido pelo Papa Paulo VI e com a ratificação de João Paulo II, em 1979.

Segundo Carranza (2009) as expressões religiosas dos carismáticos são:

A emotividade, a afetividade, a espontaneidade atuando como meios de comunicação com Deus, a referência constante de sensações como indicativas de experiências místicas e a certeza da presença de Deus; a necessidade de milagres, como prova de existência divina e, finalmente, o batismo no Espírito Santo, manifestação pentecostal que confere especificidade ao Movimento dentro da Igreja Católica. (CARRANZA, 2000, p. 24)

A RCC esteve presente, no seu início, nas camadas médias católicas, mas logo chegou às camadas populares, principalmente pela capilaridade dos seus grupos de orações que, de acordo com Carranza (2000), é a base social do Movimento e se expandiram pelas paróquias e comunidades da Igreja Católica no Brasil. Além dos grupos de oração, a RCC se organiza através dos Seminários de Vida no Espírito (SVE) que são destinados aos que já possuem a experiência de participação naqueles e tem como um dos propósitos de formar lideranças (CARRANZA, 2000).

Se por um lado, a Igreja Católica percebeu a potencialidade da RCC como meio de atrair os fiéis, por outro lado, muitos setores do clero e da hierarquia a rejeitaram e a olharam com suspeita e desconfiança (CARRANZA, 2000; ORO, 1996; CORTEN, 1994). Em 1994, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/CNBB publicou um documento intitulado “Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica”, que, ao mesmo tempo, legitimava as novas expressões surgidas no cenário da Igreja Católica e buscava orientar os bispos e os fiéis a fim de evitar os chamados “excessos” surgidos de sua fundação (falar em línguas – glossolalia; as profecias, o exorcismo etc.), práticas identificadas do mundo protestante pentecostal.

Ainda, de acordo com Mariz (2009), a RCC ao promover a autonomia do leigo em relação ao sagrado, promove da mesma forma, sua autonomia em relação à própria instituição, o que por essa razão, acaba exercendo, segundo a expressão de Teixeira (2009) “um papel ambivalente” no interior da Igreja Católica, pois se por um lado:

Inserir-se numa estratégia de clara afirmação identitária e de zelo pela doutrina católica tradicional; de outro, favorece uma dinâmica espiritual que acaba incidindo numa perspectiva de autonomização e transversalidade com respeito ao catolicismo oficial. (TEIXEIRA, 2009, p. 24)

Outra crítica sofrida pela RCC é quanto sua espiritualidade no interior da Igreja Católica, vista como uma relação espiritual intimista, ou seja, que produz uma relação vertical entre Deus e o sujeito, o que não incorporaria a dimensão sócio-política (CARRANZA, 2000), além das expressões de “falar em línguas” (glossolalia), expressões corporais e profetismo.

Carranza (2000b) indica que a RCC vive uma tensão entre a sua “potencialidade carismática” e a “institucionalização do carisma” e acabou por se configurar em uma estrutura burocrática grandiosa, que segundo a autora “gira nas mais variadas formas de organização”, são elas:

Comunidades de Vida e Aliança, associações, grupos de oração, escritório nacional e regionais, secretarias (que promovem: contato com os sacerdotes, formação de seminaristas, de pregadores oficiais e membros da RCC, o jornal nacional, eventos musicais, articulação política), além de inúmeros projetos sócio caritativos. (CARRANZA, 2000b, s/p)

Segundo Carranza (2009, p. 35) a RCC “está presente em 258 países e afirma ter estabelecido contato com 100 milhões de fiéis católicos; organiza-se em milhares grupos de oração”. A autora afirma que nos anos 90, depois de duas décadas de sua origem, a RCC :

Marcará sua posição como um divisor de águas, colocando o catolicismo na esteira da concorrência religiosa. Ultrapassando as fronteiras eclesiais, a RCC dará o avanço qualitativo de inserção na esfera pública, privilegiando a mídia como seu principal alvo. (CARRANZA, 2009, p. 38)

Do crescimento e fortalecimento de alguns grupos de oração, surgiram as Comunidades de Vida e Aliança, para Carranza (2000) essas comunidades são as responsáveis pela “consolidação e enraizamento da RCC no solo brasileiro”. A autora nos informa que em 2000, eram registradas 151 comunidades oficiais, dentre elas se destacavam quatro: a primeira, a Comunidade de Vida e Aliança Emanuel, no Rio de Janeiro; a Shalom, em Fortaleza/CE; a Canção Nova, em Cachoeira Paulista/SP e a Jesus te Ama, em Campinas/SP, que é “reconhecida (pela RCC) como modelo de organização e referência histórica” (CARRANZA, 2000, p. 64).

Algumas Comunidades foram criadas no fim da década de 70, como por exemplo, a citada Canção Nova¹⁵, que possui diversas casas em todo país, além de ser proprietária de

¹⁵ A Comunidade Canção Nova foi fundada pelo padre Jonas Abib, em Lorena, São Paulo; possui mais de 100 casas de formação no Brasil e no exterior.

rádio e canal de televisão, outras são menores, com menos de 10 anos de existência. As Novas Comunidades¹⁶, assim autodenominadas, estão espalhadas por todo o Brasil.

1.6. As Novas Comunidades Católicas

As Novas Comunidades Católicas surgiram a partir das experiências vividas pelos membros dos grupos de oração da Renovação Carismática Católica, nos anos de 1970 e 1980 no Brasil, com um ideário de vida comunitária cristã, a partir de lideranças leigas. Possuem uma organização autônoma, com estruturas próprias, ou seja, possuem casas (muitas no Brasil e no exterior), estatutos, regras, registro civil, recursos próprios, necessitando da aprovação do bispo para o seu funcionamento e relação orgânica com a diocese onde se estabelece. No Brasil, já se conta inúmeras delas, que crescem numa dinâmica leiga e independente.

A formação de Novas Comunidades Católicas em outros países, como nos Estados Unidos da América e na França, foi anterior a do Brasil. Segundo os estudos de Csordas (2007), nos Estados Unidos, e de Cohen (1997), na França¹⁷, as Comunidades Católicas possuem mais de 40 anos e, em cada um desses contextos, encontramos características similares com as brasileiras, mas as relações que com elas são estabelecidas são muito distintas, como por exemplo, segmentos da sociedade francesa as olham com suspeita e ameaça como foi apontado em estudo realizado por Birman (2000).

Tanto no Brasil como no exterior as Novas Comunidades Católicas possuem um órgão de articulação. No Brasil, possuem uma rede de encontro e comunicação, a Fraternidade das Novas Comunidades do Brasil - FRATER¹⁸, atualmente composta por 24 Comunidades dentre as quais 08 compõem a Diretoria. A Fraternidade das Novas Comunidades do Brasil/FRATER atualmente é presidida por André Luis Botelho de Andrade, fundador da Comunidade Católica Pantokrator, de Campinas/SP, substituindo Monsenhor Jonas Abib, fundador da Comunidade Canção Nova. A FRATER promove um Congresso Nacional que reúne as Comunidades; em 2009 realizou seu VIII Congresso.

Expansão das Comunidades de Vida no Espírito

¹⁶ Estaremos nos referindo as Novas Comunidades Católicas, ora como Comunidades de Vida no Espírito ou simplesmente Novas Comunidades.

¹⁷ As Comunidades Católicas e novas seitas na França foram temas de estudo desenvolvidos por Birman (2000).

¹⁸ Possuem um site próprio: www.comunidadesnovas.com. Disponível em: www.gentedefe.com, acesso em 18 outubro 2009.

Pesquisas recentes tem se voltado para compreensão das razões do crescimento dessas Novas Comunidades Católicas (CAMURÇA, CARRANZA E MARIZ, 2009; PORTELA, 2007, 2009). Mariz e Carranza (2009) apontam quatro principais razões para esse crescimento: diversidades de compromissos religiosos; função de ordenamento e refúgio; liderança próxima e heróica; e a radicalidade da vivência da opção religiosa.

Diversidade de compromissos religiosos e consagração

A primeira razão para o crescimento das Novas Comunidades, de acordo com Mariz e Carranza (2009), seria a “diversidade de compromissos religiosos”, o que se refere às diversas possibilidades de adesão que as Novas Comunidades oferecem ao fiel. Ou seja, há várias maneiras de se associar, dependendo da disponibilidade do fiel, que pode ser membro de uma Comunidade de Vida ou de uma Comunidade de Aliança (ser amigo, voluntário, doador), nas palavras das autoras, a “capacidade interna de incorporar novos adeptos, oferecendo opções de consagração” (CARRANZA E MARIZ, 2009, p. 145s). Ressaltam que a “consagração” é a essência da incorporação dos fiéis à comunidade, constituindo-se no vínculo identitário que os soldam ao grupo. Como explicitam Mariz e Lopes (2008) sobre as duas Comunidades de Vida e Aliança:

Em sua maioria, essas comunidades oferecem duas formas de participação: a “comunidade de vida” e a “comunidade de aliança”. Enquanto na primeira a residência, cotidiano e os recursos materiais para a sobrevivência são compartilhados, na segunda o membro goza de autonomia material e doméstica. No entanto, em ambas, há consagração, regras e votos. Em grande parte das comunidades, os que participam da vida não exercem trabalho remunerado, sendo a sua sobrevivência garantida, entre outras coisas, por doações realizadas pelos membros “de aliança”. No discurso oficial das comunidades, ser vida e aliança não implica um valor espiritual superior, são apenas chamados distintos. Contudo, sente-se entre os entrevistados que o chamado para a “comunidade de vida” tende a ser interpretado enquanto entrega total ao carisma, portanto, um passo mais decisivo em busca da santificação. (MARIZ e LOPES, 2009, p. 146)

Ordenação e esteio existencial

Outra razão apontada pelas autoras se refere à função de ordenadora e esteio existencial que as Novas Comunidades possibilitam aos fiéis, disponibilizando lhes “elementos para reconstrução de uma identidade pessoal” (CARRANZA e MARIZ, 2009, p. 147). Esta função responderia ao momento contemporâneo marcado por mais diversas crises nas quais as comunidades intermediárias – Família, Escola, Igreja e Estado perderam sua capacidade de orientar as aspirações profundas dos filhos, alunos, fiéis e cidadãos. Para as autoras “as pequenas comunidades” seriam baseadas no que Berger e Luckmann (2005)

afirmam, “o refúgio que alivia no indivíduo a necessidade de reinventar o mundo a todo o momento” (CARRRANZA e MARIZ, 2009, p. 146).

Proximidade da liderança carismática

Uma terceira razão se refere à proximidade dos fiéis com os líderes, fundadores das comunidades. A criação das novas comunidades, a maioria delas geradas numa dinâmica carismática pentecostal e autônoma, promovem o surgimento de lideranças carismáticas localizadas e próximas, o que cria um sentimento que Carranza e Mariz (2009, p. 151) identificam como “sermos os escolhidos, sermos a Igreja”, acrescentam ainda que “essa vivência gera na comunidade um sentimento missionário, o imperativo de levar a fé para outros lugares”. Como dissemos anteriormente, a dinâmica pentecostal no Catolicismo penetra através do Movimento de Renovação Carismática Católica, que tem como acento o acesso direto ao sagrado através dos dons do Espírito Santo. Utilizando os conceitos de profeta de Max Weber, elucidam que a relação dos membros com os fundadores se reveste de profunda admiração e veneração:

Os fundadores das novas comunidades, a maioria ainda vivos, suscitam veneração e seguimento, despertam as forças individuais de autorealização, dinamizam um companheirismo radical, cimentado no amor mútuo, dão o devido apreço ao ideal de pobreza, como princípio de recusa do mundo estabelecido, da ordem vigente. Como nos profetas, o carisma, ainda em fase de estruturação, está vivo em toda sua potência, não foi rotinizado e pode ser renovado diante de novas revelações e milagres. (CARRANZA E MARIZ, 2009, p. 153)

Segundo Lindholm (1993), uma referência nos estudos sobre carisma e líderes carismáticos, nas relações carismáticas há uma relação mediada pela emoção, por uma afetividade, que se distingue de uma relação de dominação unilateral e que age sem o consentimento dos liderados por manipulação de idéias e sentimentos. Como nos indica o autor:

[...] Há no homem um profundo desejo para escapar aos limites do eu; um desejo que assume aspectos variados de acordo com as circunstâncias sociais. [...] uma das maneiras pela quais os indivíduos podem atingir este extraordinário estado de desprendimento é através de um grupo unido pela força inspiradora de um líder carismático volátil. [...] Nos sistemas sociais complexos, onde as pessoas são tiranizadas e oprimidas por um sistema que considera ilegítimo, ou enfraquecidas por uma sociedade que parece não ter sentido, elas podem procurar um salvador carismático que não ofereça apenas a participação numa comunhão extática, mas que também prometa liderar uma cruzada transformadora contra o mundo corrompido. (LINDHOLM, 1993, p. 203)

Em comentário sobre o trabalho de Lindholm (1993), Novaes (2000, s/p) sublinha a relevância da emoção presente nas relações carismáticas e a reciprocidade entre o líder

carismático e seus liderados, o que, em sua opinião, rompe com a visão das ciências humanas da concepção do carisma:

[...] Do ser excepcional, da manipulação e de uma população que na verdade é manipulada, por não ter informação. A informação não evitaria a relação carismática, porque há o desejo do ser humano de perder a identidade no outro nos vários tipos de encontro e, por outro lado, com todo o avanço da ciência, da tecnologia, não se resolveu esta questão (dos momentos de crise) e cria-se outras maneiras de obtenção do êxtase. Não se resolveu esta questão pelo lado da razão; a emoção seria um elemento fundamental com o qual o ser humano [...] vai ter que lidar para sempre. (NOVAES, 2000, s/p)

Observa Lindholm (1993) que, ainda que consentida, há uma “experiência da perda do eu” no líder carismático, o que em sua opinião, tem mais probabilidade de acontecer no “Terceiro Mundo” pois, para ele, a maior parte das pessoas da “sociedade moderna” não se sente oprimidas e nem tiranizadas. Por outro lado, afirma o autor que algumas características dessa mesma sociedade, tais como o isolamento pessoal e a mobilidade rápida, a competitividade e a ausência de valores e o emotividade levariam a “algum tipo de revelação carismática compensatória nos pontos frágeis da estrutura social” (LINDHOLM, 1993, p. 203). Lindholm (1993) indica que os movimentos carismáticos não são tão comuns e nem capazes de subverterem a ordem social. Porém, demonstra que a sociedade moderna oferece “experiências de perda do eu” que são análogas às dos movimentos carismáticos, que, contudo, não ameaçam o *status quo*, ao que nomeia como “alternativas públicas seculares para o carisma”, quais sejam: o consumo, que produz uma função de comunhão, participação e poder; o conceito de nação, que cumpre a função compensatória à desintegração da família e dos laços de vizinhança, oferecendo sentido de participação comunitária; e, por fim, a idolatria aos heróis do esporte e de figuras ligadas ao mundo artístico, que possibilitam uma experiência de reunião de massas e uma unidade carismática entre os fãs.

Lima (2000) afirma, também sustentado nos estudo de Lindholm (1993), que:

Os movimentos carismáticos surgem quando as pessoas se encontram afastadas de suas raízes e abandonadas à própria sorte em meio às condições adversas e sem sentido; em sociedades que sofrem mudanças rápidas e desordenadas; quando antigos valores (que são as bases do ego) foram destruídos; quando os costumes não mais se sustentam; nas situações de ansiedade gerada pela competição e luta por status, na falta de limites estáveis. (LIMA, 2000, s/p.)

De acordo com Mariz e Aguilar (2009) há uma grande similaridade na trajetória dos fundadores das novas comunidades. Comparando o percurso do fundador da Comunidade Shalom, Moysés, com o da Toca, Pe. Roberto, as autoras afirmam que a biografia de cada um com a trajetória da comunidade que fundam se misturam:

[...] Os dois, um no Ceará (Moysés) e outro em São Paulo (Roberto) participam do Movimento Encontro de Jovens e se sentem transformados em sua fé católica.

Posteriormente, conhecem a Renovação Carismática e são mobilizados por sua espiritualidade, bem como a espiritualidade franciscana. (MARIZ E AGUILAR, 2009, p. 251)

A proximidade e acessibilidade do fundador modela a forma de vivência dos membros e fortalece o vínculo de pertença. As autoras constataam que essa é uma das razões que tornam “atraentes as novas comunidades, agregando em torno de si muitos jovens ansiosos por seguir mestres efervescentes em tempos heróicos” (CARRANZA e MARIZ, 2009, p. 155).

Radicalidade da vivência

Por fim, Carranza e Mariz (2009) apontam o “ímã da radicalidade”, o que motivaria seria a “santificação”. Ou seja, a vivência religiosa das Novas Comunidades se aproxima, segundo as autoras, baseando suas interpretações em Ernest Troeltsch (1987), das seitas pela sua configuração de pequenas comunidades, liderança próxima e carismática, com uma “visão mais reduzida da complexidade do mundo” (CARRANZA e MARIZ, 2009, p. 156). Caminhando na direção oposta aos valores modernos, esses pequenos grupos “apostam em estilos radicais de vida”. Em suas palavras:

[...] As novas comunidades se aproximam das seitas quer por serem motivadas pelo ardor fervescente dos seus líderes, ao incentivar uma vida regrada comunitariamente, que por compartilharem uma proposta religiosa revelada na radicalidade multifacetada que abrange a vida sexual (celibato-castidade), a autonomia pessoal (liberdade-obediência) e a subsistência (pobreza-renúncia). E acrescentam que (...) obedecer às regras divinas é a consequência de uma libertação e condição para desencadear mecanismos de proteção contra um “mundo” que “ameaça” a todo o momento os valores religiosos que se almeja alcançar. (CARRANZA e MARIZ, 2009, p. 156s)

Além das quatro razões explicitadas por Mariz e Carranza (2009), as autoras mencionam a oferta de uma experiência religiosa baseada na emoção e na presença de elementos da devoção tradicional no Catolicismo:

De reconhecida matriz espiritual carismática as novas comunidades também denominadas de Comunidades de Vida e Aliança, estimulam seus membros, por meios emocionais, a experiência pessoal com Deus, motivam à transformação pessoal através da oração, encorajam o dom das línguas, a cura e a libertação, retomam a centralidade de Nossa Senhora, de alguns santos e o uso da Bíblia. (MARIZ E CARRANZA, 2009, p. 144)

Comunidades de Vida: sentido e papel de família

Mariz e Mello (2007) pesquisaram oito comunidades católicas localizadas no estado do Rio de Janeiro: “Eis o Cordeiro de Deus”, “Pão da Vida”, “Novo Maná”, “Bom Pastor”,

“Toca de Assis”, “Canção Nova” e “Shalon” com o objetivo de verificar se a formação de comunidades poderia ser uma das respostas de alguns grupos religiosos para as mudanças objetivas na estrutura da família, da mesma forma que poderia ser uma resposta aos problemas ontológicos e emocionais decorrentes das transformações nela ocorridas. As mudanças são, segundo as autoras, em referência aos dados do Censo do IBGE/2000: a redução do número de pessoas na família (“processo de nuclearização”); o aumento das famílias monoparentais e da chefia feminina. Tendo em vista esses dados, Mariz e Mello (2007) realizaram uma pesquisa na qual compararam as vivências dos participantes das comunidades católicas e de comunidades que classificaram com as do movimento *new age* (*Hare Krishna*, Santo Daime e *Osho Namastê-Rio*) a fim de encontrar semelhanças e diferenças nessas vivências.

As autoras encontraram um rol de semelhanças entre as comunidades católicas e às consideradas como de *new age*. São elas: a comunidade se apresenta como um projeto alternativo, expressando uma crítica à sociedade moderna secular; a motivação para a adesão como resposta às necessidades espirituais individuais; diferentes níveis de inserção e comprometimento de seus membros; rituais relacionados à cura física e/ou espiritual, como expressão da busca de saúde e bem-estar¹⁹; a importância da música e da expressão corporal nos rituais; partilha e cooperação para o bem estar coletivo; “trânsito” (mobilidade) dos membros pelas casas da comunidade; a distância em relação à família de origem é positivada; submissão às rotinas cotidianas e por fim, a ascese.

Como um dos resultados desse estudo, Mariz e Mello (2007, p. 69) afirmaram que as comunidades “tem desempenhado para seus membros o papel da família ampliada”, pois diversas experiências vividas nas comunidades se assemelham às vivências de âmbito familiar, como a experiência de sentir-se seguro, de possuir novas regras, novas responsabilidades, limites da liberdade e também encontraram pontos de tensão com a família de origem (suspeita, distanciamento entre outros). Mariz e Mello (2007, p. 69) concluem que “a comunidade estaria oferecendo a segurança material e afetiva que as famílias tradicionalmente forneciam”. A segurança comunitária aparece como alternativa à ‘sociedade de risco’.

Em relação às reações familiares e de amigos quanto à participação de parentes e amigos nas comunidades religiosas temos, no Brasil, poucos estudos. Este fato pode ser explicado, em parte, pela afirmação de alguns autores quanto à presença de uma religiosidade

¹⁹ Neste aspecto, Medeiros (2000) apontou as semelhanças existentes nas lógicas do discurso pentecostal evangélico e nas orientações das “medicinas alternativas de saúde” (expressões ligadas ao movimento *new age*) quanto à oferta de cura e bem-estar.

plural desde o início da formação da sociedade brasileira, na qual o sincretismo seria sua marca (SANCHIS, 2001; ROLIM, 1985). É interessante, contudo, mencionarmos os estudos de Birman (2000) a respeito das reações da sociedade francesa ao que consideram seitas (conceito amplo que engloba grupos religiosos e terapêuticos alternativos). Birman (2000) baseou seu estudo nas correspondências recebidas por uma associação francesa – CCMM, entre 1983 a 1997, que tem sua ação antiseitas e se propõe a ajudar os familiares nos conflitos, nas dúvidas e incertezas quanto à entrada de um familiar próximo à seita. Birman (2000) encontrou uma reação negativa à entrada das pessoas às seitas, vistas como manipuladoras e seus membros como vítimas, por ter sido seduzidos e perdido “sua palavra que foi programada”, assim também a família é vista como vítima pois, “perdeu um parente próximo”. Segundo a autora as seitas são vistas pela sociedade francesa como ameaçadoras, pois toma posse de algo caro a esta sociedade: “a posse da razão”. A autora explica que:

[...] Na opinião corrente, as seitas espoliam as pessoas de suas ancoragens identitárias pelo esvaziamento dos valores que lhes dão consistência social e simbólica. E este processo é, pois, iniciado no interior das famílias”. (BIRMAN, 2000, p. 108)

Em relação ao Brasil, Birman (2000, p. 106) observa que não há parentesco entre o peso social e simbólico da entrada numa seita na França e em nosso país, mesmo entre grupos “claramente estigmatizado por setores influentes”, como o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. No entanto, a autora afirma que a religião incide sobre a sociedade e sobre a família, explicitando conflitos e dificuldades de comunicação mesmo numa sociedade que considera a religião ausente como a francesa.

Capítulo 2

Juventude, Religião e Catolicismo

O estudo da participação de jovens em movimentos sociais, comunidades, grupos, seitas, rituais e demais práticas religiosas é recorrentes tanto na literatura sobre juventude quanto na de religião. Tanto o catolicismo quanto outras religiões, contam em seu núcleo com a participação de jovens e, por isso, o diálogo entre o campo da religião com o dos estudos sobre juventude é sempre enriquecedor para ambas as partes, sobretudo porque esse diálogo é tanto imprescindível como desvelador de significados para pensar sobre as permanências e mudanças na relação dos jovens com a religião e com o catolicismo, principalmente nas sociedades individualizadas contemporâneas ou em trânsito diante das incertezas provocadas pela multiplicação de referenciais e novas expectativas de segurança.

Estudos recentes sobre juventude e filiação religiosa apontam que, apesar do catolicismo ainda ser a maior religião do país, pois 73% dos jovens brasileiros se declaram católicos (CENSO 2000/IBGE) tem sido observada a perda da influência da instituição católica na organização social e política do Brasil, como também a queda na agregação de fiéis em torno da fé católica, desde os anos 50. Nesse processo, observa-se a nítida desfiliação religiosa entre jovens, bem como o predomínio da não-filiação, pelo aumento dos que se declaram sem religião. Diante desse quadro de mudanças no cenário religioso afirma-se que entre os jovens as escolhas seguem duas orientações: de um lado, observa-se uma crescente ruptura com qualquer religião e, principalmente o catolicismo e, de outro, uma maior participação nas igrejas pentecostais, no kardecismo (NOVAES, 2005), por exemplos e, do lado católico, através da Renovação Carismática, que vem merecendo atenção pelo fato de ser um dos mais significativos movimento de readesão e filiação de fiéis católicos. Entre os filiados católicos é identificado vários “modos” de ser católico como observou Teixeira (2009), essa diversidade ainda se acentua com a espiritualidade e práticas religiosas da RCC.

À parte dessa análise sobre os jovens que diz respeito ao cenário religioso do país como um todo, pode-se afirmar outra preocupação com os jovens diante das transformações ocorridas nas últimas décadas se deve, como analisou alguns autores (POCHAMN, 2004; ABRAMO e BRANCO, 2005; SPOSITO e CARRANO, 2003), a uma vulnerabilidade social verificada por alguns indicadores como escolarização, renda familiar, ocupação, além de serem expostos às situações de violência urbana.

Há ainda que se considerar que a juventude tem sido tradicionalmente considerada como uma fase de exploração/experimentação, descoberta onde a experiência do risco e da radicalidade é tomada como inerente a muitos dos estilos e experimentações juvenis (FERREIRA, 2003), designadamente nos casos da exposição/experimentação às experiências religiosas consideradas radicais.

No mundo contemporâneo, o conceito de risco assume um lugar central para os jovens. Em termos coletivos, o risco expressa as ameaças em consequência da ação da tecnologia e da ciência e, em termos individuais, o risco se relaciona com a insegurança crescente que as pessoas experimentam diante de um mundo menos previsível e um futuro que se mostra como um espaço de contingências e incertezas. Nesse sentido, as transições juvenis da família, escola e trabalho para o mundo adulto envolvem novos riscos e diversas oportunidades, em sua maior parte, distintas e desconhecidas das gerações mais velhas que nunca chegaram a conhecer a condição de incerteza atual que traz, para os jovens, muitas implicações frente ao futuro (FERREIRA, 2003). Ademais, jovens de diferentes condições sociais vivem problemas semelhantes no processo de transição para a vida adulta, mas não vivê-los de maneira muito diferente, tendo em vista seus horizontes temporais e projetos que aparecem condicionados pelas suas trajetórias biográficas, que se associam a determinadas estratégias individuais e sociais, confrontadas às práticas individuais e familiares e condicionadas a “condicionantes estruturais” (PAIS, 2001; NOVAES, 2006). O processo de transição juvenil implica na mudança de papéis e estatutos sociais e implica também a combinação de situações diferentes em tempos diferentes, podendo ser descrito em torno de três termos: *passagem, movimento e combinação* (FERREIRA, 2003).

O campo da religião ao enfatizar os jovens, tem colocado em pauta como os jovens desse início do século assumem e reelaboram os significados e rituais oferecidos pelos diferentes sistemas religiosos. Isso implica em problematizar os processos que conduzem à adesão religiosa dos jovens; o que atrai a juventude para o universo religioso, bem como as estratégias institucionais acionadas para atrair e congregar os jovens. Muito do que se pesquisa hoje sobre a busca e o questionamento dos jovens acerca da religião passa ainda pelas implicações sociais e políticas das experiências místicas face aos princípios religiosos dos sistemas religiosos (NOVAES, 2005, 2006). O campo dos estudos sobre juventude por sua vez, coloca em pauta, o lugar de destaque assumido pelo jovem na cultura contemporânea através da ‘juvenilização’ da sociedade num alargamento etário, onde se acentua como valor a condição de “ser jovem” através de imagens que associam valores tais como beleza, vigor,

coragem, “corpo saudável” e, também, como um problema social (gravidez na adolescência, drogas), como indicou Kehl (2004).

A razão que nos conduz a abordar o tema da juventude e religião no presente capítulo vem do fato de nos interrogarmos nesse estudo sobre os processos que levam à adesão, à permanência e à desfiliação religiosa de jovens aos sistemas religiosos durante a juventude, diante das múltiplas opções disponíveis na esfera da vida social dos jovens. Levando em conta que majoritariamente são jovens a partir de 18 anos que aderem à Toca de Assis, podemos dizer que é pertinente um capítulo que inter-relacione religião e juventude para contribuir e enriquecer nosso campo empírico de pesquisa. Tendo em vista a construção social do conceito de juventude (PAIS, 1993; BOURDIEU, 1983; NOVAES, 2004) e a importância da vivência religiosa, da experiência do sagrado, dentro e fora das instituições, que permite a construção de identidades coletivas e traz repercussões fundamentais para a vida dos sujeitos (MARIZ, 2005), não obstante a modernização dos costumes (DUARTE e GIUMBELLI, 1995), cabe aqui assinalar, o conjunto das principais pesquisas e indicações apontadas na literatura concernente que mostram como os jovens no Brasil e fora dele têm se relacionado com a religião, para observarmos aspectos comuns e diversos à experiência religiosa. É preciso antes sublinhar, que a Toca de Assis exige dos jovens atitudes e comportamentos de uma identidade religiosa marcadamente tradicional que de certa forma entra em choque com a flexibilização moral dos costumes e comportamentos de parcela dos jovens. O pertencimento religioso e a vida social dos jovens pertencentes à Toca de Assis podem apontar para motivações importantes da experiência religiosa. Desse modo, cabe aqui questionar as razões e os determinantes que favorecem ou não, o ingresso de jovens a/em uma comunidade que tende relativizar o valor dos estudos acadêmicos, dificulta o acesso da família e propõe uma vida ascética.

Tomamos como pressuposição que a adesão dos jovens à religião e, particularmente à fraternidade Toca de Assis, como a tantas outras comunidades, pode representar uma importante estratégia de experimentação e que esse fato assume grande importância no período de transição para a vida adulta, na medida em que a adesão dos jovens pode representar um relevante espaço de experimentação e de escolhas (BOURDIEU, 1983). De acordo com o que se supõe em linhas gerais na literatura pertinente, as religiões são importantes para os jovens porque oferecem: um importante espaço de sociabilidade; uma relevante oportunidade de ampliação da rede social de origem, favorecendo encontros afetivos; suporte emocional e material; vivência da experiência religiosa e ampliação das oportunidades de circulação em ambientes culturais diversificados.

De outro lado, Galland (1997) tem discutido a suposição frequente de que os jovens são particularmente “sociáveis” no aspecto quantitativo do número de relações que estabelece ou seriam predominantemente portadores de novas formas de relacionar-se no aspecto qualitativo, de serem sujeitos capazes de estabelecer relações mais amistosas e amigáveis. Os jovens, no entanto, o autor sublinha, não demonstram atualmente nenhum desejo de aderir a formas organizadas de vida em grupo, pois a época gloriosa dos movimentos juvenis já passou. Os jovens hoje estariam mais abertos à ideia de defender coletivamente causas generosas e são hostis a toda forma de recrutamento ou enquadramento e são desconfiados em relação a toda forma de enquadramento ideológico, político ou religioso evidenciando mudanças na dimensão da religião enquanto instituição social que determina crenças, práticas, modelação de comportamentos, pertença e organização comunitária (PAIS, 1993).

Nessa direção Pais (1993) mostra a predominância de católicos não praticantes em Portugal e noutros países da Europa, bem como a presença de uma dispersão das demais posições religiosas e na frequência com que jovens relatam a participação em cultos e cerimônias religiosas, demonstrando sinais da secularização da sociedade europeia atual. Jovens vivem em um mundo nos quais os valores e representações são mais secularizados do que o dos adultos, o que permite pensar que o processo de socialização religiosa se revela menos eficaz no grupo etário em questão. Há, entretanto, que considerar que o posicionamento religioso mostrou diferença quanto ao status social, verifica-se que as crenças religiosas estão mais associadas aos estratos sociais baixos e médios inferiores e vão diminuindo conforme se eleva o nível social.

Outro dado importante que pode estar mais associado aos jovens diz respeito à estabilidade e mudança do posicionamento religioso. Pais (1993) observou em Portugal, que a mudança da posição religiosa se dá dos 25 a 34 anos entre os sujeitos com instrução superior. Como foi apontado, as pessoas de faixas etárias mais baixas têm menor adesão à religião e com isso se observou que dos 25 a 34 anos, a mudança se dá no sentido do *abandono da religião* (grifo nosso), enquanto, por exemplo, dos 45-54 anos ocorre uma transferência de crença.

Ainda em relação aos jovens, o autor supracitado mostra que o grau da crença em Deus ou a difusão desta representação religiosa – sem que tenha correspondência com a identificação religiosa – está presente entre os jovens, no entanto, os jovens reelaboram os símbolos oferecidos tradicionalmente nas ortodoxias e lhes oferecem sentidos, de acordo com seus interesses. Apoiado em outros autores, Pais (1993) esclarece que o individualismo contemporâneo oferece condições para a recepção pessoal dos símbolos religiosos e as

crenças que possuem maior adesão são as que podem ser reformuladas de uma forma não particularmente católica. E do mesmo modo que o posicionamento religioso, a prática religiosa é dependente dos níveis de instrução e status social.

Todos esses achados nos mostram a relevância de se analisar a religião diante da diversidade e desigualdade que compreende a juventude brasileira na atualidade e mediante todas as transformações em curso no campo religioso.

Quanto à importância da religião, no campo da psicanálise, Freud ([1912] 1974) já havia demonstrado o papel fundamental da religião e do sentimento religioso em *Totem e Tabu* para o restabelecimento simbólico dos laços e a transmissão dos valores em nível dos grupos de pertencimento como a exemplo no dos jovens. O sentimento religioso permitiria a garantia da identidade comum de/entre uns com os outros através da ideia de transcendência e de divindade, permitindo o surgimento do sentimento de segurança subjetiva através da identificação promovida nos espaços nos quais os sujeitos se reconhecem uns aos outros como iguais através da marca simbólica da religião. A participação em um grupo religioso, nessa perspectiva, amplia as condições de convívio e vida social. De modo complementar, os estudos sobre jovens nos remetem a Van Gennep ([1909] 1978), Galland, (1997) Bourdieu (1983) e Pais (1993), autores que tratam do afastamento dos jovens do todo social durante períodos determinados em que dura a iniciação e a transição para a vida adulta. Nesses períodos fundamentais, destacam os autores, as diferenças entre os sujeitos são reduzidas através de uso de roupas e adereços e filiações que induzem propositadamente à semelhança entre os sujeitos para oferecerem um espaço de sociabilidade e permitir a experimentação e a definição das escolhas. Defendemos que o período de iniciação e de transição é uma fase temporária fundamental durante a qual ocorre a separação dos jovens da família de origem e a ligação deles com o *socius* (GODINHO, 2007). Sendo a devoção à religião vista como parte importante desse processo, na medida em que assegura a transmissão de valores que unificam os jovens entre si, permite o distanciamento necessário da família de origem afim que se processe a transição para a vida adulta e permita, ainda aos jovens, a conquista da autonomia para construção de seu projeto de vida.

2.1. Juventude e Religião: Cenário Internacional

Partindo de uma perspectiva sócio-histórica a respeito dos valores religiosos entre os jovens, as pesquisas mostram, sobre o cenário internacional, um declínio da influência religiosa entre os jovens a partir da década de 60 na Europa (GALLAND, 1997 e PAIS,

1993). Após a segunda guerra, há um constante declínio das influencias religiosas entre os jovens que pode se dever a um enfraquecimento da transmissão familiar, aspecto indicado também por Hervieu-Léger (2005, 2008), na medida em que estaria ocorrendo uma falta de educação religiosa por parte das famílias e que somente com o envelhecimento e a proximidade da morte a religião se tornaria mais atraente. Estudo de Guy Michael (1992), citado por Galland (1997) mostra um crescimento da desconexão entre o pertencimento às famílias católicas e a crença em Deus entre os jovens franceses. Jovens de famílias católicas acreditam menos em Deus do que jovens de famílias não religiosas. Esta desconexão é explicada pelo autor pela influência de uma nova concepção da ideia de Deus, mais próxima do misticismo, não havendo uma forte conexão entre grupo de pertencimento, crença e prática. O constante declínio da influência religiosa e da prática religiosa de cada geração tem se mostrado em alguns países da Europa menor do que na geração que a precedeu. Nesse contexto, o declínio das instituições religiosas é apontado pelo estudo de Guy Michael (MICHAEL, 1992, apud GALLAND, 1997) como resultante da discrepância entre a moral religiosa da Igreja Católica e o comportamento dos jovens. Entretanto, apesar do declínio da instituição, há uma manutenção das crenças e uma vaga ideia de Deus, ideia esta que está mais distante dos dogmas da igreja.

Nessa direção é importante exemplificar uma importante pesquisa realizada com jovens rurais na França realizada por Galland e Lambert (1993) que mostrou que as atitudes mais religiosas não estão simplesmente correlacionadas a atitudes mais conservadoras em termos de atitudes sociais. O problema para os autores supracitados é mais complexo. Sublinhamos dois exemplos mencionados no estudo: jovens, por exemplo, agnósticos de esquerda e adeptos de modelos coletivos de luta social versus uma atitude religiosa praticante podem ser adeptos de um modelo social que respeita a hierarquia e a autoridade. Pode-se em contrapartida encontrar jovens possuidores de uma atitude política e religiosa moderada versus uma atitude apolítica, agnóstica e voltada para um modelo social individualista.

A partir dos dados explicitados, se considera que atitudes e práticas religiosas podem assumir diferentes formas na juventude e se constituírem em elementos fundamentais para a compreensão da transitoriedade em relação ao posicionamento e práticas religiosas estabelecidas nesse tempo, o que particularmente nos remete à questão de considerar exclusiva e peculiar a travessia da juventude para a vida adulta quando isso ocorre a partir da adesão em uma comunidade religiosa.

2.2. Juventude e Religião: Cenário Nacional

Os estudos que relacionam juventude e religião no âmbito das Ciências Sociais são recentes no Brasil e mais tardios do que no cenário europeu. De acordo com a revisão da literatura nacional realizada por Camurça e Tavares em 2004, a temática da religião entra no campo dos estudos da juventude como resultado de um “alargamento” transversal que enfatiza o campo das experiências juvenis, suas crenças e comportamentos. Os autores indicam que os estudos se iniciam na década de 90, através de uma pesquisa realizada por Regina Novaes (1994) com os estudantes de Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, publicado pelo ISER, e tratou da questão das hibridizações culturais contemporâneas sob a formulação de sincretismo. Camurça e Tavares (2004) observam que, embora o campo da pesquisa pioneira realizada por Novaes (1994) seja o universitário, de forma distinta das pesquisas e estudos sobre a juventude na década de 70, a juventude estudantil universitária não é tratada como paradigma, mas “como ‘espaço’ de encontro de tendências sociais contemporâneas com uma apropriação geracional singular, mas representativa” (CAMURÇA e TAVARES, 2004, p. 23).

Como desdobramento da primeira pesquisa realizada por Novaes (1994), foi desenvolvida uma ampla investigação em perspectiva comparada entre estudantes de ciências sociais de seis universidades (UFRGS, UNISINOS, PUC/RS, UFMG, UFJF, UFRJ), coordenada pelos professores Carlos Alberto Steil, Daniel Alves e Sonia Herrera (UFRGS). O objetivo da investigação foi conhecer o imaginário dos jovens universitários, alunos de ciências sociais, que resultou num inventário de práticas e representações sobre a religião e política na juventude universitária pesquisada e ainda, levantou uma agenda de questões como, por exemplo, o papel da religião na modernidade e sua articulação com o indivíduo. Além da publicação realizada pelo Núcleo de Estudos da Religião/NER da UFRGS (Debates NER n. 2/2001), a divulgação dos resultados na IV Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) em 2001, com o Simpósio ‘*Juventud, Ciencias Sociales y Religión*’, para Camurça e Tavares (2004) introduziu de forma relevante esta temática nos fóruns acadêmicos das Ciências Sociais do país.

Camurça e Tavares (2004) sublinham a relevância do artigo de Novaes (2001), “Juventude e Religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas”, que marca sua posição teórica no campo de estudos da juventude e a temática da religião a partir da perspectiva dos estudos geracionais ainda que a autora considere as variáveis de sexo, raça, classe, local de moradia etc., como produtoras de “múltiplas” diferenças. Neste artigo, baseado nos dados da segunda pesquisa com os universitários de ciências sociais da UFRJ (comparativa das seis

universidades), Novaes (2001) indica que os jovens contemporâneos vivem uma “experiência geracional comum” que incide em três eixos: as mudanças no mundo do trabalho, a violência urbana e a comunicação virtual e afirma baseada nas respostas dos jovens universitários em relação às crenças, que para “esta geração de jovens, há um alargamento no cardápio de alternativas religiosas” (Novaes, 2001, p. 192).

Camurça e Tavares (2004) citam duas pesquisas que consideram com um mesmo “olhar perspectivado” na abordagem da juventude, ou seja, a partir de contextos específicos: das expressões da Nova Era e do Candomblé. A primeira, parte integrante de uma pesquisa internacional, teve como título “Religião e esoterismo, práticas místico-esotéricas e atitudes políticas entre estudantes” foi desenvolvida com os alunos da Universidade de Brasília/UNB e verificou uma influência das características do ambiente social e cultural na qual vivem os estudantes, ou seja, as crenças religiosas acompanham o nível de religiosidade da sociedade abrangente. Quanto à segunda pesquisa, trata-se de um trabalho de Birman (1997) com enfoque no fenômeno da possessão, a partir de um recorte de gênero, no qual introduz a variável da juventude a fim de compreender a especificidade da experimentação religiosa entre os jovens “adés” (CAMURÇA e TAVARES, 2004). O estudo apontou o sentido religioso de uma experiência matizada pela questão do gênero, mas também da juventude, que, segundo Birman (1997) conforma um ‘*ethos*’ que muitas vezes não sobrevive no indivíduo quando ele se torna adulto e é confrontado com outras exigências.

Em trabalhos publicados em 1999 e 2003, Novaes irá inserir a dimensão da cultura na relação entre juventude e religião, indicando que as expressões culturais presentes nas periferias urbanas como o *hip hop* e o *rap* estariam, na articulação dos temas violência, juventude e linguagem religiosa, expressando um sincretismo religioso afro católico como forma de expressar um *ethos* de negritude e cultura no espaço público urbano, segundo Camurça e Tavares (2004).

O ano de 2002 marca o início de estudos da juventude, com inserção da temática da religião, através de *surveys* de uma maior abrangência e conseqüentemente representatividade, com a publicação da pesquisa realizada por Novaes e Mello (2002) “Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos” pelo ISER²⁰ que ouviu 800 jovens entre 15 a 24 anos da cidade do Rio de Janeiro. As autoras consideram que as vivências e os dilemas enfrentados pela juventude atuam como “espelho retrovisor” da sociedade e na análise, dos dados de religião/religiosidade, indica a presença do sincretismo, no entanto, apontam para o surgimento de “novas combinações sincréticas”. Para Camurça e Tavares (2004) este trabalho

²⁰ Adiante iremos apresentar dados do referido estudo.

enquadra a categoria juventude dentro do espectro da sociedade e das tendências contemporâneas.

Em 2004, Novaes publica um artigo nos Estudos Avançados – Dossiê Religiões no Brasil (USP), dedicada à análise dos dados do Censo do IBGE/2000 e da religião/religiosidade no Brasil. Sua preocupação é a compreensão do que significa a declaração dos jovens sem religião, como indica o título do artigo “Jovens sem religião: ventos secularizantes, espírito da época e novos sincretismos”. Novaes (2004) analisa a declaração dos 10% de jovens que se declaram sem religião na pesquisa inédita “Retratos da Juventude Brasileira” (ABRAMO e BRANCO, 2005). Indica que dos 10%, 9% afirma ter fé sem ter vínculo institucional e apenas 1% se disse agnóstico ou ateu, Novaes (2004) sugere à guisa de conclusão que “‘ser religioso sem religião’ significa, sobretudo, certo consumo de bens religiosos sem as clássicas mediações institucionais como um estado provisório (entre adesões) ou como uma alternativa de vida e de expressão cultural”. (NOVAES, 2004, p.328)

Em 2005 é publicado um *survey* nacional sobre o Perfil da Juventude Brasileira, sob o título “Retratos da Juventude Brasileira”, sob responsabilidade de Abramo e Branco (2005), foram ouvidos 3.501 jovens de 15 a 24 anos, em 24 estados e do Distrito Federal²¹. Os dados relacionados à religião foram analisados por Novaes (2005) e cotejados com os dados do Censo, que analisa a relação da juventude com a religião a partir dos dados de declaração nominal (católicos, evangélicos, sem religião, espíritas, umbandistas e do candomblé), além de mencionar dados da pesquisa “Jovens do Rio”. A autora confirma seu recorte geracional e sua análise a partir da categoria do sincretismo, sublinha a importância da compreensão do “quanto”, “como” e “quando” o pertencimento e as identidades religiosas influenciam opiniões, percepções e práticas sociais dos jovens de sua geração. Neste artigo, “Juventude, percepções e comportamentos – a religião faz a diferença?” Novaes (2005) dá continuidade à sua reflexão quanto à compreensão do que significa para os jovens a declaração “sem religião”, que afirmam acreditar em Deus sem ter vínculo institucional e combinam crenças de diferentes sistemas doutrinários.

Uma importante pesquisa com o objetivo de construir um perfil da juventude, foi concluída em 2006 por pesquisadores da UFJF (CAMURÇA et al., 2006), com jovens do Ensino Médio da rede estadual de Minas Gerais, sob o título “Religião, cultura, política entre a juventude de Minas Gerais”, contou com dados quantitativos, com a aplicação de um *survey* e dados qualitativos, com grupos focais. Um primeiro resultado foi publicado em 2006 por Camurça e Tavares (2006) e o conjunto da pesquisa em 2009, sob o título “Como é ser jovem

²¹ Os dados de religião da pesquisa serão posteriormente trabalhados.

em Minas Gerais: religião, moral, costumes e política” (CAMURÇA et al, 2009). Segundo os pesquisadores, em termos de religião, os dados de declaração religiosa dos jovens do Ensino Médio de MG acompanham ao do Censo do IBGE/2000, para o estado. Um dado sublinhado na pesquisa é a importância da família para a escolha religiosa, ou seja, verifica-se a importância da transmissão religiosa familiar em Minas Gerais.

Nos estudos que relacionam juventude, religião e catolicismo, alguns trabalhos foram desenvolvidos a fim de entender os pertencimentos e adesões aos grupos de ordem religiosas e/ou das Comunidades de Vida no Espírito Santo, muitas delas oriundas da Renovação Carismática Católica. Em 2004, em pesquisa doutoral, Fernandes (2010) analisa a partir de uma pesquisa qualitativa as motivações para a opção vocacional de 35 jovens entre rapazes e moças em ordem religiosas no estado do Rio de Janeiro, num cenário de “crise de vocações”.

Em 2005, Mariz (2005) analisa, de forma inédita, os motivos de adesão de jovens nas Comunidades de Vida no Espírito Santo. Nesse artigo a autora interpreta os dados coletados em suas pesquisas qualitativas com membros das Comunidades Shalom, Canção Nova e Toca de Assis. Para a autora a sociedade contemporânea produz uma subjetividade juvenil que teria uma afinidade eletiva com experiências coletivistas e comunitárias, sendo funcionalmente religiosa pela razão de serem os jovens, os mais aptos a tomar atitudes de heroísmo extremo, a ser revolucionários ou virtuosos religiosos, ou a se engajar em violência radical”. (MARIZ, 2005, p.269)

A partir das pesquisas realizadas por Mariz (2005, 2009) outros trabalhos foram desenvolvidos na compreensão dos motivos de adesão de jovens às Comunidades de Vida no Espírito Santo e os sentidos por elas produzidos na juventude, entre outros temas. Entre o período de 2007-2009 temos os trabalhos desenvolvidos pelas pesquisas de Portella (2007, 2009) e Slompo (2008) junto a Comunidade de Vida e Aliança Toca de Assis e a de Munhoz (2009), com a Comunidade de Vida e Aliança Canção Nova.

Com a perspectiva de que as instituições religiosas produzem identidades e conseqüentemente atitudes, Miranda (2010) analisa as particularidades do processo de construção da identidade de jovens carismáticos da Comunidade de Vida e Aliança Shalom (CE) que podem colocar impasses para a tolerância religiosa.

Em 2010, a PUC-Rio publica o resultado de um survey – Perfil da Juventude na PUC-Rio, realizado entre seus alunos, a partir de uma leitura teológica e pastoral dos dados levantados, sob o título “Juventude, religião e ética: reflexões teológicas práticas” (PEDROSA-PÁDUA e MELLO, 2010). Chamou a atenção dos pesquisadores, em relação aos valores expressos pelos

estudantes, a sensibilidade com a questão ambiental e uma predisposição para atitudes solidárias e voluntárias.

Fernandes (2011), em recente estudo, analisa as escolhas juvenis para a vida consagrada, numa perspectiva comparada entre a Vida Religiosa (tradicional) e o que intitula de ‘novas formas de vida consagrada’, oriundas das Comunidades de Vida no Espírito Santo, como objeto de estudo, elege a experiência da Comunidade de Vida e Aliança Toca de Assis. Para a autora, as novas formas de vida consagrada ameaçam a Vida Religiosa tradicional por manter aspectos próprios da juventude, como a alegria e a espontaneidade na vivência comunitária e promover uma adesão radical, embora façam os votos de pobreza, castidade e obediência como a tradicional. Nesse estudo compara os sentidos atribuídos nas duas experiências às vivências de alguns aspectos que seriam próprios da vida religiosa, como a pobreza e indica as distintas interpretações encontradas.

Por fim, podemos indicar como observam Camurça e Tavares (2004, 2006) que o conjunto dos trabalhos que vem formando o campo de estudos de “juventude e religião” não escapa das tensões e articulações interpretativas do campo de estudos da juventude em geral: ênfase de um lado nos marcos geracionais e de outro na pluralidade de experiências de “ser jovem”. Dos estudos citados, alguns temas parecem se inserir mais fortemente ao campo de estudos da religião: o papel da religião na modernidade e no Brasil, a questão da secularização, do sincretismo e da construção de identidades e subjetividades juvenis. (CAMURÇA e TAVARES, 2006)

2.3. Crenças, pertencas e práticas religiosas juvenis: reinvenções no cenário nacional

Os estudos sobre as pertencas e práticas religiosas, as crenças e a percepção da religião, entre outros aspectos correlatos nos grupos juvenis, possibilitam compreender como as relações entre religião e juventude, verificam se na formação dos valores, nas práticas sócio políticas e nas crenças, em sentido amplo, a fim de construir uma compreensão das relações entre juventude e sociedade.

Iremos apresentar alguns dados de três *surveys*, anteriormente mencionados, de forma comparativa, com o objetivo de construirmos um perfil da relação entre a juventude e a religião, com seus temas redundantes. Como pressuposto, consideramos que os dados das pesquisas quantitativas, mesmo que provisórios e datados, podem nos indicar tendências e possibilitar a compreensão de determinados aspectos da realidade estudada.

A pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, desenvolvida pelo Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo (2006), de âmbito nacional, aplicou um *survey* que resultou no levantamento de dados do universo de 3.501 jovens de 15 a 24 anos, contemplou 24 estados brasileiros e o Distrito Federal (em 198 municípios), com diversidade de distribuição de renda e de outros indicadores sociais. Organizada em 12 blocos temáticos, a pesquisa quantitativa, teve como foco “as dimensões subjetivas da condição juvenil, a visão do próprio jovem sobre sua situação”. (ABRAMO e BRANCO, 2005)

A pesquisa “Como é ser jovem em Minas Gerais: religião, moral, costumes e política” (UFJF, 2006) foi realizada por pesquisadores da Universidade de Juiz de Fora (CAMURÇA et. al, 2006), com a aplicação de um *survey* em 11.481 alunos, na faixa etária de 17 a 19 anos da rede pública de Minas Gerais, acoplado ao Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (SIMAVE) da Secretaria de Educação do Estado. O objetivo da pesquisa foi construir um perfil da juventude mineira a partir da investigação dos valores, crenças e costumes vivenciados pela juventude mineira, considerando a religião e as suas interfaces com o mundo da cultura e da política.

A pesquisa “Jovens do Rio: circuito, crenças e acessos” foi realizada pelo ISER (NOVAES e MELLO, 2002), no município do Rio de Janeiro e ouviu 800 jovens entre 15 a 24 anos, a fim de construir um perfil da juventude. Os resultados do trabalho foram organizados em três blocos: o perfil dos entrevistados; a percepção dos jovens sobre si mesmo; e a percepção e hierarquização das instituições sociais e dos problemas urbanos.

O conjunto dos dados selecionados das três investigações para este estudo teve como propósito apresentar uma breve revisão dos principais achados, mudanças e permanências no campo de intercessão entre juventude e religião e foram dispostos para o leitor nas seguintes categorias: 1 - Declaração Religiosa; 2 - Motivos de Adesão; 3 - Mobilidade Religiosa; 4 - Participação Social; 5 - Valores e Crenças.

Declaração Religiosa

Em relação à *declaração religiosa*, na pesquisa “Perfil da Juventude” (2005), 65% se declararam católicos (48% de homens e 52% de mulheres), presentes em todas as faixas de renda, porém mais numerosos entre os mais pobres (até um salário mínimo), 22% dos jovens se declararam evangélicos, sendo 15% pentecostais e 5% não-pentecostais.

Na pesquisa “Como é ser jovem em Minas Gerais”, 79,4% dos jovens declararam-se católicos, 6,6% evangélicos pentecostais, 7,7 evangélicos históricos, 2,4% espírita, 0,3%

religião afrodescendente e 5,1% sem religião. Na totalização, 94,9% dos jovens possuem religião e apenas 5,1% se declara sem religião. Conforme afirma Camurça e Tavares (2006) os dados com os jovens estudantes seguem os dados do estado de Minas Gerais segundo o Censo IBGE/2000²², que aponta para uma “resistência católica”.

Na pesquisa “Jovens do Rio” a declaração de pertença religiosa mostrou-se acompanhando a tendência dos dados do Censo do IBGE/2000, onde o estado do Rio de Janeiro²³, apresentou o menor índice de católicos e um maior índice dos sem religião, ou seja, 51,9% dos jovens se declararam católicos, 14,2% evangélicos pentecostais, 4,4% evangélicos históricos, 6,3% espíritas, 1,8% de religião afrodescendente e 21,2% sem religião. Já Camurça e Tavares (2006), ao comparar as pesquisas realizadas com os jovens de Minas Gerais e os jovens do Rio de Janeiro, observam que há uma polaridade entre os dois grupos, verificando-se uma “maior radicalização em ambos os grupo com relação às tendências gerais dos seus próprios estados” (CAMURÇA e TAVARES, 2006, p. 102s).

Motivos de adesão: a importância da família

Em relação aos *motivos de adesão religiosa*, ou seja, as influências que determinaram a escolha religiosa dos jovens, a pesquisa “Perfil da Juventude” não contemplou esses dados.

Na pesquisa “Como é ser jovem em MG”, segundo os dados coletados, as escolhas religiosas realizadas pelos jovens foram determinadas pela família, 61,1% de declaração e 31,5%, por motivos pessoais. Na pesquisa “Jovens do Rio”, 58,1% dos jovens atribuem a família o motivo da escolha de sua religião; 40% apontam outras influências: motivos pessoais (33,1%), seguir amigos (6,6%) e agentes religiosos (1,6%). As análises dos dados das duas pesquisas apontam para a influência e o peso da família na escolha religiosa, principalmente entre os jovens de Minas Gerais (NOVAES E MELLO, 2002; CARMURÇA e TAVARES, 2006). É interessante observar que na pesquisa “Jovens do Rio”, os jovens evangélicos são os que mais seguem a religião da mãe (71,4% protestantes e 60,2% pentecostais) e, em Minas Gerais, esse fato é verificado com mais intensidade entre os católicos (94,5%). Quanto à influência da família na escolha religiosa dos jovens, são as famílias católicas que possuem maior peso (67,5% família, para 27,8% motivos pessoais).

²² Segundo os dados do Censo do IBGE/2000 em relação à declaração de pertença religiosa o estado de Minas Gerais, apresentou 78,8 % de católicos, 14,2% de evangélico e 4,15% sem religião.

²³ Os dados do Censo do IBGE/2000 em relação à declaração religiosa do estado do Rio de Janeiro apresentou o seguinte quadro: 57,1% católicos, 21% de evangélicos, 15,5 % sem religião.

Camurça e Tavares (2006) afirmam que a influência dos pais em relação às crenças dos jovens em Minas Gerais, revelam o grau de importância da família na reprodução religiosa.

Em relação à situação geográfica, a pesquisa “Como é ser jovem em Minas Gerais” aponta que quanto menor a cidade mineira, maior percentual dos católicos, ou seja, dados que indicam que há “uma forte reprodução do Catolicismo enquanto religião majoritária entre os estudantes de Minas Gerais”. (CAMURÇA e TAVARES, 2006, p. 103)

Mobilidade Religiosa

Quanto ao grau de *mobilidade religiosa*, ou seja, a declaração de mudança de religião, na pesquisa ‘Como é ser jovem em MG’, 16,9% dos jovens declararam que mudaram de religião, entre os motivos estão: ‘a nova religião trouxe paz e felicidade’, para 43,9% e ‘a doutrina da nova religião’, para 31,1%. Na pesquisa “Jovem do Rio”, 17,3% dos jovens entrevistados declararam ter mudado de religião e apontaram como principais motivos: ‘porque não atendia às suas necessidades espirituais e emocionais’, para 34,9% e por ‘falta de coerência entre o que a religião pregava e as atitudes das pessoas’, para 28,3% dos jovens.

Observa-se, a partir dos dados em relação aos motivos de mudança religiosa entre os jovens, que nas duas pesquisas verifica-se o grau expressivo dado à importância da religião atender a uma demanda subjetiva (HERVIEU-LÉGER, 1997, 2006). Como segundo motivo, em Minas Gerais, verifica-se na mudança de religião, o peso da doutrina, apontando para o relevo dado pelos jovens aos significados atribuídos aos elementos religiosos. E, no Rio de Janeiro, a importância que os jovens atribuem às atitudes, ou seja, uma exigência de coerência entre doutrina e atitude pessoal.

Participação Social e adesão religiosa

Quanto aos *espaços de participação social* (associações ou entidades políticas, dentre outras), a religiosa foi a mais apontada pelos jovens entrevistados na pesquisa “Perfil da Juventude”, ou seja, de 18 opções apresentadas, a que obteve maior número de adesão foi a participação em um grupo religioso, apontada por 17% dos jovens. O mesmo ocorreu em relação às atividades que mais gosta de fazer no tempo livre, 18% dos jovens indicaram ‘ir à missa/igreja/culto, o mesmo percentual de ‘ir dançar/baile’ (análise a partir das tabelas com os resultados da pesquisa quanto aos espaços de participação). Perguntados sobre a participação em algum grupo de jovem, 15% dos jovens declarou participação, entre eles se destaca ‘os grupos de igreja’ (4%, o maior índice), seguido de música (3%), dança (2%) e teatro (2%).

Na mesma pesquisa ‘Ser jovem em Minas Gerais’, o dado divulgado refere-se à participação religiosa dos jovens em geral (das diferentes denominações), os da Região Metropolitana indicaram uma participação de 29,1% em atividades religiosas e para o estado de Minas Gerais, aumenta significativamente, sendo de 64,1%.

Entre os jovens entrevistados na pesquisa “Jovens do Rio”, 69,1% já participou ou participa de grupo ou movimentos vinculados à Igreja; entre os 51,9% dos que se declararam católicos, 30,8% são não praticantes e 21,1% são praticantes, ou seja, os que participam de alguma atividade oferecida pelo Catolicismo.

Pertença religiosa e princípios mais valorizados entre os jovens

Em relação aos *valores* mais importantes para a juventude, na pesquisa “Perfil da Juventude”, a pergunta relacionava valores ‘para uma sociedade ideal’, os mais apontados, entre um rol, foram: solidariedade (55%), respeito às diferenças (50%), igualdade de oportunidades (46%), temor a Deus (41%) e justiça social (41%). Em opção única os jovens indicaram ‘temor a Deus’ (12%), ‘meio ambiente’ (12%), ‘igualdade de oportunidade’ (12%), ‘religiosidade’ (10%) e ‘respeito à diferença’ (10%).

Segundo Novaes (2005) há nuances entre as respostas quanto aos valores apontados nas distintas denominações religiosas: entre os entrevistados católicos, ‘igualdade de oportunidade’ (13%), ‘respeito ao meio ambiente’ (12%) e, o mesmo peso foi concedido ao ‘temor a Deus’ (10%) e à ‘religiosidade’ (10%). Os evangélicos não pentecostais indicaram ‘respeito ao meio ambiente’ (36%), ‘temor a Deus’ (25%), ‘religiosidade’ (21%) e ‘igualdade de oportunidades’ (5%). Entre os evangélicos pentecostais, ‘temor a Deus’ (37%), ‘religiosidade’ (11%), ‘igualdade de oportunidade’ (9%) e ‘respeito ao meio ambiente’ (5%). Parece-nos adequado afirmar que para os jovens da pesquisa “Perfil da Juventude”, das distintas denominações religiosas, ‘o respeito ao meio ambiente’, coloca em evidência a preocupação com a questão ecológica, quanto à opção ‘igualdade de oportunidades’, expressa uma demanda por uma sociedade com direitos equitativos, ao mesmo tempo, se conjugando com o valor da fé em Deus, explicitado na expressão ‘temor a Deus’, ou através da indicação da importância da ‘religiosidade’. Novaes (2005) observa que entre os jovens que se declararam ‘sem religião’, 14%, elegeram ‘o temor a Deus’ e outros 14%, a ‘religiosidade’ como valores importantes para uma sociedade ideal.

Na pesquisa “Como é ser jovem em Minas Gerais”, os valores importantes para os jovens mineiros são a família (83,7%), confirmando a tradição da “força da família mineira”, a

religião (62%), o trabalho (56%), a escola (54,1%), os amigos (43,7%) e o namoro (38%). Camurça e Tavares (2006) compararam os dados em relação aos que se declararam ‘sem religião’ e nos dois primeiros valores indicados pelos que possuem religião coincidem com aqueles, por exemplos, família (72,9%) e trabalho (54,8%) e nesse sentido, os autores afirmam que para esse segmento da juventude a “religião parece não constituir um forte apelo para o fortalecimento dessas instituições”. (CAMURÇA e TAVARES, 2006, p. 112)

Camurça e Tavares (2006) analisam os dados sobre os valores dos jovens mineiros como uma conjugação entre valores tradicionais e novas práticas, principalmente no que diz respeito às questões ligadas à sexualidade:

Evidencia-se, assim, o perfil de uma juventude que se constitui e se reconhece nos espaços tradicionais de reprodução de valores e costumes (como a família, a escola e o trabalho), mesmo considerando-se as atuais transformações na esfera familiar. No entanto, podemos considerar que essa juventude assimila e conjuga a força da tradição familiar, recriando-a na medida em que adquire novos valores e costumes na sua experiência em outros espaços sociais, o que pode ser observado nas opiniões acerca de questões relativas à moral e à ética corporal (virgindade, homossexualidade, aborto, etc.). (CAMURÇA e TAVARES, 2006, p. 113)

Na pesquisa “Jovens do Rio” aos jovens foi solicitado que valorassem o que consideram mais importante, ao que indicaram ‘boa relação com a família’ (9,7%), ‘realização através do trabalho’ (9,7%), ‘viver numa sociedade mais justa’ (9,5%), ‘aproveitar a vida’ (9,5%), ‘ter fé e crer’ (9,4%), ‘ter um diploma’ (9,3%), ‘sentir-se útil para a sociedade’ (9,1%), entre outros. Novaes e Mello (2002) indicam que há variações percentuais considerando o recorte de classe, por exemplo, dentre os jovens que deram grande importância a ‘ter fé/crer (83%) pertencem à classe D, assim como ‘ter diploma’ (83,9%), seguido da classe C (77,6%), o que traduz também os acessos e demandas de classe.

Crenças mais relevantes

Em relação às crenças, na pesquisa “Como é ser jovem em Minas Gerais”, os jovens mineiros indicaram que acreditam em ‘milagres’ (84,1%), ‘Virgem Maria’ (75,7%), ‘santos’ (69,1%), ‘anjos e demônios’ (68,7%), ‘vida após a morte’ (57,8%), ‘espíritos’ (51,1%), ‘energias/auras’ (36,3%), ‘adivinhação/previsão futuro’ (17,6%), ‘entidade/orixás’ (16,9%). Camurça e Tavares (2006) indicam que 4,1% dos jovens que se declararam sem religião, 87,3% acreditam em Deus, e afirmam que o imaginário desses jovens se revelam ‘menos católico’, ou seja, elementos tradicionais que fazem parte do escopo de crenças do catolicismo, são menos indicados, como por exemplo, a crença na ‘Virgem Maria’ (sem religião, 34,5% e os outros, 78,1%) e nos ‘santos’ e ‘mais rico e diversificado’, acreditam em

‘anjos’ (55%) e demônios (55,4%) e “são pouco permeável a outras crenças (...), bem como ao imaginário comumente designado por Nova Era” (CARMURÇA e TAVARES, 2006, p.114).

A pesquisa “Jovens do Rio” elencou vários elementos de tradições religiosas distintas para que os jovens indicassem suas crenças. Nos dados gerais, os jovens acreditam em Deus (98,5%), em Jesus Cristo (97,7%), no Espírito Santo (91,2%), na Bíblia (88,7%), nos Anjos (82,9%), na Virgem Maria (71,4%), na imortalidade da alma (62,2%), nos Espíritos (61,8%), nos santos (55,9%), na reencarnação (48,7%), em energia (47,1%), nos demônios (45,8%), na astrologia (39,8%), em orixás (33,6%), em duendes e gnomos (13,5%).

Considerando as denominações religiosas declaradas pelos jovens da pesquisa “Jovens do Rio”, verifica-se que há combinações de crenças que fogem ao escopo da religião declarada, como por exemplos, os 59,5% dos jovens católicos acreditam em ‘espíritos’ e a metade acredita na reencarnação. Entre os jovens protestantes, 20% acreditam na ‘Virgem Maria’, 14,3% acreditam em ‘santos’; entre os evangélicos pentecostais, 40,7% acreditam em ‘espíritos’ e 15% acreditam em ‘orixás’. Dados que indicam uma ausência de fronteiras rígidas em relação às crenças, um sincretismo já apontado na cultura brasileira (SANCHIS, 2001). Na opinião de Novaes (2006):

[...] No mundo globalizado as crenças religiosas circulam mais amplamente, são apropriadas e reapropriadas de diferentes maneiras e no ritmo condizente com os (desiguais) acessos às velhas e novas tecnologias. (NOVAES, 2006, p. 136)

Detalhando melhor alguns estudos recentes sobre juventude e religião foi possível acompanhar a designação das mudanças e permanências no campo. Pelo que foi demonstrada, a análise da religiosidade dos jovens leva em consideração que os dados sobre juventude, crenças e filiação religiosa acompanham o trânsito institucional característico do cenário nacional. Tomando por base as pesquisas especificadas é possível resumidamente afirmar que a despeito do movimento declinante do catolicismo, cuja representação entre os jovens vem se mostrando importante (ALMEIDA e CHAVES, 1998), a grande maioria dos jovens ainda se declara católico, em todas as faixas de renda. Entretanto, o pertencimento ao catolicismo possui maior concentração entre os mais pobres, embora se constate uma participação em todas as camadas, podendo também ser explicado pela adesão a Renovação Carismática, presente tanto nas camadas médias quanto às populares. A família continua sendo o principal elemento citado pelos jovens para justificar as escolhas religiosas, mas a razão da escolha com base na participação dos amigos, nas escolhas subjetivas também vêm assumindo importante papel na explicação pela demanda por religião. Entre as modalidades dos espaços de

participação social, a participação religiosa mantém-se atraindo os jovens em detrimento dos espaços das associações ou entidades políticas, dentre outras.

Mas se o conjunto dos trabalhos mostra o predomínio crescente da não-filiação no cenário nacional, como compreender a adesão dos jovens aos movimentos da Renovação Carismática e o papel da Toca de Assis como importante atrativo para os jovens? Novaes (2004) antecipa que:

[...] Com o crescimento dos "sem religião" (...) para esta geração a fé está em alta? Os jovens de hoje já encontram questionada a histórica equação: "brasileiro"="católico". O declínio histórico do catolicismo no Brasil - relacionado com o crescimento evangélico e com o aumento daqueles que se declaram "sem religião" - produz mudanças fundamentais nas estratégias de apresentação social. É nesta geração que se generaliza a possibilidade de se declarar "sem religião", sem abrir mão da fé. "Ser religioso sem religião" significa, sobretudo, um certo consumo de bens religiosos sem as clássicas mediações institucionais como um estado provisório (entre adesões) ou como uma alternativa de vida e de expressão cultural. (NOVAES, 2004, p.328)

Nesse sentido, Novaes (2004) evidencia que os jovens, das últimas décadas do século passado para cá, já “encontram um mundo mudado” e fazem parte de uma geração em que a religião se torna não apenas uma herança familiar ou uma mera devoção, mas uma escolha. No cenário atual, de modo diverso do tempo passado, que a geração atual não conheceu, a religião tornou-se um fator de opção individual num contexto cultural que enfatiza as possibilidades de escolhas, mas reduz os acessos e oportunidades para essa escolha. Estamos diante de uma importante mudança que tem sido analisada pelos pesquisadores da religião. Cada vez mais precisamos compreender em que estaria consistindo a experiência religiosa singular das novas gerações (NOVAES, 2004). Isso implica em novos estudos voltados para os jovens desse início de século com o objetivo de compreender como eles estão reelaborando os valores e significados tradicionais, os rituais e os princípios religiosos das novas ofertas religiosas dispostas como um conjunto de mercadorias e serviços ofertados aos jovens no cenário contemporâneo nacional (BERGER, 1985). Os dados apresentados pelos estudos, nesse sentido, problematizam as relações entre religião e juventude, que são complexas e se expressam de maneira inédita através de novas representações e combinações, ou seja, como afirma Novaes (2005)

[...] “Um espírito da época” no qual se expande o fenômeno da adesão simultânea a sistemas diversos de crenças, combinam-se práticas ocidentais e orientais, não apenas no nível religioso, mas também terapêutico e medicinal (NOVAES, 2005, p. 272).

Diante do exposto este estudo problematiza o pertencimento ao catolicismo de jovens através do estudo da Fraternidade Toca de Assis, comunidade religiosa católica, através de

estudo empírico. Nesses termos, fazemos nossas as seguintes questões gerais do campo de pesquisa: qual o sentido atual da filiação e da experimentação religiosa entre os jovens das novas gerações: em que medida os jovens encontram, ou não, nas religiões tradicionais ou nas recomposições contemporâneas narrativas razoáveis e admissíveis que possam responder às suas necessidades de sentido e suporte. Será que os jovens desse novo século ainda encontram na filiação religiosa as oportunidades para ampliar sua rede de sociabilidade e oportunidades? Sabe-se que a Igreja Católica, como uma das instituições que possuem um alto grau de confiabilidade, precedida da família e professores ainda preza influência e crédito entre os jovens, ainda que tornado menor do que no passado (SOUZA e FERNANDES, 2002; NOVAES, 2005).

Aqui cabe assinalar que passaremos para o estudo da Toca de Assis, sua origem e constituição, para, depois, apresentar o estudo empírico que realizamos com o objetivo de compreender de que forma e em que medida os jovens e o universo pesquisado tem, ou não, recriado suas formas de relacionamento com a religião, fora ou dentro das instituições religiosas. Nesse sentido, nos perguntamos: em que medidas as experiências possuem significados em suas vidas, quais seriam esses significados e sentidos que lhes são atribuídos.

2.4. Fraternidade Toca de Assis: uma vivência de recomposição religiosa católica

Na década de 90, surge uma comunidade com contornos bem específicos, a Fraternidade Toca de Assis; seu líder, Pe. Roberto Lettieri, então, um seminarista que saía pelas ruas de Campinas/SP cuidando da população de rua e agregando jovens ao seu redor para cumprir esse propósito. Começaram a andar de pés descalços e vestirem-se como São Francisco. Em pouco tempo, sua força de atração fez com que muitos jovens aderissem sua proposta de vida ascética, com uma espiritualidade baseada na adoração ao Santíssimo e na ação pastoral com a população de rua²⁴. Em pouco tempo, a Toca passou a chamar à atenção da Igreja²⁵ e dos estudiosos do fenômeno religioso.

²⁴ Mariz e Lopes (2009) afirmam que em 2007 contava-se 106 casas (site oficial da Toca de Assis), nesse tempo, os membros calculavam entre 1.800 a 2.000 jovens que participavam da Fraternidade (Folha Online, 30/05/2007).

²⁵ Em agosto de 2009, participamos, em Brasília, de um Seminário sobre as Novas Comunidades Católicas, organizado e promovido por duas comissões ligadas à CNBB, como assessora no tema a partir de uma perspectiva da Psicologia. O Seminário contou com a contribuição de dois sociólogos, um teólogo e com a nossa e teve como objetivos, segunda a carta convite que recebemos, a necessidade de compreender melhor a realidade das Novas Comunidades Católicas e o desejo de construir canais de diálogo. Estavam presentes bispos, assessores das comissões, religiosos/religiosas, padres e leigos.

Para compreender a dinâmica e organização da Fraternidade Toca de Assis consideramos importante, no escopo deste trabalho, entender o papel de São Francisco na história/cultura, na religião e sua atuação e importância na Igreja Católica e os sentidos que lhes são atribuídos. Pois Francisco é aquele que fornece a referência identitária: o nome, as vestimentas, o carisma, a missão da Toca. Nesse resgate contemporâneo, a Toca deseja constituir “um novo” a partir do antigo, de uma origem do que se entende por um franciscanismo primitivo. Levando em consideração esse pressuposto, iremos, brevemente, apresentar a sequência da vida de Francisco de Assis na história e na Toca, estamos sustentados na premissa de Hobsbawm (2008) que afirma que toda “tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal.” (HOBSBAWM, 2008, p. 21)

2.4.1. São Francisco, para além dos muros da Igreja Católica

O conhecimento da vida e obra de São Francisco de Assis²⁶ ultrapassa os muros da Igreja Católica, um santo muito conhecido por uma vasta produção a seu respeito (livros²⁷, músicas, peças de teatro, filmes cinematográficos, obras de arte, etc.). Sua divulgada atitude de respeito e integração com o meio ambiente, fez com que o movimento ecológico o declarasse o patrono da Ecologia²⁸. O professor de história medieval Le Goff (2003) comenta que:

Amigo de todas as criaturas e de toda criação, espalhou tanta solicitude, compreensão fraternal a todos, caridade no sentido mais elevado, quer dizer, amor, que a história como que lhe deu em troca a mesma simpatia e admiração afetuosa e geral. Todos que falaram dele ou sobre ele escreveram – católicos, protestantes, não cristãos, incrédulos – foram tocados e frequentemente fascinados por seu encanto. (LE GOFF, 2003, p.44)

Francisco ou Giovanni Barnadone nasce em Assis na Itália no século XII (entre 1181 ou 1182), num contexto sócio cultural de disputas, da terceira Cruzada (1189-1191), com a dominação de Assis por Perúcia. Segundo a *Legenda Áurea*²⁹, texto do século XIII, primeiro Francisco foi chamado de João e depois mudou seu nome para Francesco, como ficou

²⁶ Não é pretensão do nosso trabalho, realizar um minucioso estudo sobre a vida de Francisco de Assis, apresentaremos apenas alguns dados que são importantes para o objetivo do nosso trabalho.

²⁷ Dentre tantas obras sobre Francisco citamos LE GOFF, 2001; BOBIN, 1999; ALENCAR, 2000; PAIVA, 1990.

²⁸ São Francisco é dado como o autor da famosa oração/poesia Cântico do Irmão Sol ou Louvor das Criaturas, na qual cada elemento da natureza é exaltado em sua sacralidade. O dia 4 de outubro dedicado a São Francisco é o Dia Mundial da Ecologia.

²⁹ Augras (2005) nos informa que a obra de Jacopo Verazze foi publicada na Itália em meados do século XIII, um dominicano. A autora afirma que “trata-se de um verdadeiro *best-seller* de santidade, tendo sido constantemente reeditado”. (AUGRAS, 2005, p. 12)

conhecido. A *Legenda Áurea* atribui sete razões para a mudança de nome; três delas são: o milagre do conhecimento da língua francesa; por ser Francisco um nome pouco usual na época o tornaria mais rapidamente conhecido; e que ele e seus seguidores deveriam se tornar francos e livres (VERAZZE, 2003, p. 836).

Conta a história que Francisco provinha de uma família de bens, de pai negociante conhecido na cidade de Assis. Primeiro Francisco adoece e depois é preso, de acordo com a sua legenda:

Francisco escravo e amigo do Altíssimo, negociante nascido na cidade de Assis, consumiu seu tempo vivendo na vaidade até quase os vinte anos de idade. O Senhor serviu-se do chicote da enfermidade para corrigi-lo e transformá-lo em outro homem, no qual começou a se manifestar o espírito profético. (VERAZZE, 2003, p. 836)

Em 1206, data de sua conversão, conta sua legenda que o marco se deu através do encontro com um leproso, o que provoca sua conversão e, a partir desse momento, começa a andar com e como os pobres. Segundo a Legenda:

O antigo inimigo esforçava-se para desviá-lo de seu bom propósito, e trouxe-lhe a lembrança de uma mulher de sua região, monstruosamente corcunda, ameaçando torná-lo igual a ela se não desistisse de seu plano, mas o Senhor o confortou dizendo: “Francisco, tome as coisas amargas como se fossem doces e despreze a si mesmo se deseja me conhecer”. Encontrou então um leproso, e embora todos os que são afligidos por essa doença causem horror, lembrou-se do oráculo divino e correu para abraçar o leproso, que logo depois desapareceu. Por causa disso ele se apressou a ir ao asilo de leprosos, beijou suas mãos e com devoção, deu dinheiro para eles. (VERAZZE, 2003, p. 837)

Outro fato muito mencionado da vida de Francisco é a abstenção das riquezas do seu pai, cena que foi muito retratada nas diversas artes. O relato feito pela Legenda (2003) retrata a riqueza da cena:

Entrou na igreja de São Damiano para rezar e uma imagem de Cristo miraculosamente falou: “Francisco, vá reconstruir minha casa que como vê, está toda destruída”. A partir desse momento sua alma fundiu-se de compaixão pelo crucificado, que ficou maravilhosamente impresso em seu coração. Ele pôs todo empenho em reconstruir a igreja, vendeu o que tinha e quis dar o dinheiro a um padre que o recusou por receio dos pais de Francisco; este então jogou o dinheiro no chão, como poeira desprezível. Seu pai mandou capturá-lo e amarrá-lo; ele restituiu o dinheiro, também entregou suas roupas e, nu, lançou-se nos braços do Senhor e desde então vestiu um cilício. Então o escravo de Deus pediu a um homem simples suas bênçãos como pai, pois o seu apenas o lamentava e o amaldiçoava. (VERAZZE, 2003, p. 837).

Em 1209, Francisco escreve a primeira Regra que orientará a vida daqueles que junto dele propõe-se a viver a pobreza e a caridade e obtém do Papa Inocêncio III, sua aprovação verbal, em Roma. Em 1912, conhece Clara de Assis com quem vai partilhar sua vida até a

morte; Clara será a fundadora da “ordem-prima” de Francisco, as Clarissas. Portador de uma saúde frágil, Francisco morre em 3 de outubro de 1226 e é enterrado em 4 de outubro.

2.4.2. São Francisco: modelo de virtuosismo evangélico

Na tradição católica, o testemunho da vida dos santos sempre foi utilizado como experiência catequética para a comunidade cristã, como nos informa Augras (2005):

Por constituírem exemplos que todos nós deveríamos seguir, o Cristianismo, desde sua fundação, se preocupou em compilar e divulgar os relatos referentes às vidas dos seus santos. A essa forma peculiar de narrativa deu-se o nome de hagiografia (hágios, santo, e grefo, escrevo). É claro que a própria evolução desse tipo de relato acompanhou a história da Igreja e que nela estão presentes todos os ecos da história cultural e política da sociedade ocidental. (AUGRAS, 2005, p. 16)

São Francisco de Assis é inspirador do carisma da Toca de Assis, seu exemplo de vida que conjuga despojamento pessoal (em relação aos bens materiais), serviço aos pobres, vivência de pobreza, imprime um modelo de vida evangélica. Como vida exemplar, produz simpatizantes, admiradores e discípulos. Aos discípulos, “confere coragem para seguir adiante, mostrando os rumos” (PORTELLA, 2009, p. 248).

Segundo o relato de fundação ‘A Toca de Assis é uma Fraternidade Católica que inspirou nos ensinamentos de São Francisco, em seu zelo eucarístico e amor aos pobres’³⁰. Dessa forma, a Toca se autocompreende como inspirada em Francisco, sendo seu legado o constitutivo do carisma.

De acordo com o relato dos membros³¹ o Pe. Roberto Lettieri experimenta o mesmo gesto de Francisco quando encontra um leproso agonizante nas ruas da Itália do século XII: a cena é moderna, mas o ato é o mesmo: encontra-se com um maltrapilho agonizante em uma das ruas de Campinas/SP e vendo a agonia do ‘irmão’ que sufocava, faz respiração boca-a-boca. A partir desse episódio, convertido aos pobres, Pe. Roberto agrega um grupo de jovens (8) para cuidar dos moradores de rua.

Dessa forma, Francisco fornece o nome e a identidade da Fraternidade. Segundo dados colhidos no site³², o nome Toca relaciona-se a vida do santo de Assis, que é identificado como ‘pai’:

O feliz pai Francisco e seus filhos viviam em comum oração e silêncio, num lugar perto de Assis, chamado Rivortorto, onde encontraram uma toca ou uma cabana abandonada, era tão apertada que ali mal podiam sentar ou repousar. E muitas vezes não tendo pão comiam rabanetes que mendigavam. Lá se escondiam das chuvas.

³⁰ Site oficial em 18/04/2009.

³¹ Relatos colhidos entre 2005 e 2006.

³² Site oficial da Toca, acesso em 18/04/2009.

Após três anos de profunda vivência de amor e fraternidade, este lugar foi transformado em um local de acolhimento dos pobres e leprosos. (Legenda dos Três companheiros, 13) (...) Portanto, "Toca" é o lugar que o coração de cada membro da Fraternidade acolherá os pobres irmãos de rua, o lugar onde eles encontrarão o amor de Deus por serem amados e acolhidos. Onde está a Toca está o pobre e onde está o pobre está a Toca, unindo os pobres à Eucaristia de Nosso Deus!

De acordo com Maffesoli (2010, p. 37) as “figuras míticas”, os tipos sociais, e podemos dizer que São Francisco é uma delas, permitem uma “estética comum” e servem de “receptáculo à expressão do nós”. Maffesoli (2010) postula que a “estética comum” é a “sensibilidade coletiva”, que por um lado está ligada ao espaço próximo e, por outro, transcende o próprio grupo.

2.4.3. A Fraternidade Toca de Assis: surgimento e configuração

A Fraternidade Toca de Assis foi fundada pelo Pe. Roberto Lettieri, quando ainda era seminarista na cidade de Campinas, em 1994. Pe. Roberto reuniu, segundo dados da Toca, um grupo de jovens que saíam às ruas de Campinas para cuidar da população em situação de rua. Juridicamente é um Instituto de Vida Consagrada, administrado pelos Filhos da Pobreza do Santíssimo Sacramento e tem no dia 13 de maio, dia de Nossa Senhora de Fátima, a data de aniversário da fundação institucional. Segundo Mariz (2005) a Toca, assim como outras Comunidades de Vida no Espírito, tem a marca da juventude desde a sua origem. Informa que em 1996, quando da ordenação do Pe. Roberto, a Toca agregava em torno de si, 80 jovens.

Ainda que, desde a sua fundação, a Fraternidade Toca de Assis dissocie sua origem da RCC, sua estrutura se assemelha a uma Comunidade de Vida e de Aliança o que na opinião de alguns autores (MARIZ, 2005, 2009; PORTELLA, 2009; CARRANZA, 2000) não há como dissociá-la da RCC e da compreensão da dinâmica das Novas Comunidades Católicas: o seu fundador participou da RCC e pregou diversos retiros e palestras para o Movimento, muitos toqueiros participaram dos grupos de oração, retiros e eventos, e ainda possui traços semelhantes ao da RCC em sua espiritualidade.

A Toca de Assis embora seja um Instituto de Vida Consagrada, com um caráter laical, hoje organiza sua estrutura a partir do modelo de vida religiosa, cujo membros fazem votos de pobreza, castidade e obediência.

Fundamentos do carisma

Os três pilares que sustentam o carisma da Toca de Assis são: a adoração perpétua ao Santíssimo Sacramento, que segundo a história, dessa prática nasce a Toca, sendo então, a prática religiosa fundante; o segundo pilar é reconhecer a presença de Jesus nos pobres, e o terceiro, a pregação itinerante do Evangelho.

Um dos símbolos fundamentais da constituição da Toca é Santíssimo Sacramento, poderíamos dizer centrais na configuração da sua identidade. Segundo os documentos de constituição da Toca este é o primeiro pilar de sustentação do carisma: “Amar a Igreja de Deus pela perpétua adoração ao Santíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Amado e dileto Esposo”³³; os outros dois _ atendimento ao pobre na condição de sofredor de rua e a missão itinerante _ são compreendidos como oriundos do primeiro, são eles:

Amar a Igreja de Deus no Corpo Místico do Nosso Senhor Jesus Cristo, seu amado e dileto esposo, aliviar seus sofrimentos nos pobres sofredores de rua⁷ e Amar a Igreja de Deus anunciando o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, de cidade em cidade de maneira itinerante e testemunhal.³⁴

Primeiro pilar de constituição da Toca: a experiência mística

Como primeiro pilar do carisma da Toca, a adoração perpétua ao Santíssimo Sacramento, é diariamente realizada individualmente e comunitariamente. Era uma prática diária e permanente, realizada de joelhos, fosse ela comunitária e/ou individual. Sendo individual, a cada duas horas, dois jovens se revezavam na capela³⁵. As adorações comunitárias são de dois tipos: de orações e cantos conduzidas pelo guardião ou de silêncio, na qual o próprio guardião (coordenador e responsável pela casa) conduz a abertura e depois o encerramento; cada dia da semana é reservado para uma das duas³⁶. Além da prática da adoração, as missas são solenemente celebradas com utilização de incenso e atitudes de reverência à Eucaristia, sua duração é longa, em torno de duas horas.

Com a devoção ao Jesus Sacramentado, passar pela capela sempre requer uma atitude de reverência, assim como são constantes os convites para os visitantes “visitar e orar junto ao Senhor”. Percebemos que há certo orgulho de se ter nas casas da Toca a capela e o Santíssimo

³³ Site oficial da Toca, www.tocadeassis.org.br, acesso em 18/04/2009.

³⁴ Site oficial da Toca, www.tocadeassis.org.br, acesso em 20/11/2006 e em 18/04/2009.

³⁵ Em nossa pesquisa realizada em 2011, a prática da adoração permanecia como um elemento central, no entanto, sua prática diária na casa, por questões que iremos apresentar não era contínua/permanente.

³⁶ Tivemos a oportunidade de participar, em nossas visitas à Toca, nos dois tipos de adoração.

Sacramento no altar, o que possibilita um contato mediatizado pelo sinal sacramental com o transcendente.

Geralmente os jovens estão vestidos com uma túnica marrom de tecido rústico, eventualmente, usam uma camisa, que também é vendida como fonte de recursos, com os dizeres “*Jesus Sacramentado, nosso Deus amado*”. A centralidade da figura de Jesus Eucarístico consta no site oficial da Toca³⁷:

Em Nossa constituição consta: “Amar a Igreja de Deus pela perpétua adoração ao Santíssimo Corpo Sangue Alma e divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, seu amado e dileto Esposo”, bem como, “Amar a Igreja de Deus, buscando no Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo, seu amado e dileto esposo, aliviar seus sofrimentos nos pobres sofredores de rua” (5.2). Em vista disso, a nossa alegria é ver Jesus amado no pobre e adorado no Santíssimo Sacramento do Altar, para tanto, em nossas casas temos a graça da presença real do Senhor em nossas capelas, nas quais temos adoração perpétua, e também temos a alegria de morarmos com os pobres, vivendo com eles uma sadia convivência fraterna, formando assim uma grande família.

A experiência mística vivida pelos toqueiros, segundo Portella (2009), é espiritual e sensorial, por ser uma experiência que tem suas raízes espirituais no bojo da experiência católica renovada (MARIZ, 2009; PORTELLA, 2009). O sentir-se “tocado” por Deus é uma experiência própria do Pentecostalismo (MEDEIROS, 2000; MARIANO, 1999; AZZI, 1985, entre outros), do qual a Renovação Carismática Católica é herdeira e, por conseguinte a Toca.

Segundo pilar de constituição da Toca: a relação com os pobres

O segundo pilar carismático (da vida religiosa) é a pobreza de Jesus, ou seja, reconhecer a presença de Jesus nos pobres e, como consequência, cuidar e acolher a população da rua. Como presenciamos nas ruas os “toqueiros” cuidam da população que ali reside ou, levam alguns, para suas casas, as de acolhida³⁸, para um cuidado mais permanente com os chamados assistidos. Nas casas de acolhida, os assistidos recebem alimentação, cuidados com higiene e com a saúde, participam de algumas atividades religiosas, mas sem obrigatoriedade. Geralmente os assistidos³⁹ possuem doenças graves, dificuldades de locomoção (membros amputados, etc.) e/ou portam feridas pelo corpo. Em caso de cuidado hospitalar, os assistidos são levados aos hospitais ou postos médicos da rede oficial de saúde, os demais casos são tratados pelos próprios jovens, num local próprio chamado enfermaria,

³⁷ Acesso em 20/11/2006.

³⁸ D acordo com a infraestrutura que a casa comporte, algumas casas são destinadas à acolhida aos pobres que não possuem referência familiar. Outras são apenas, moradia para os membros e há casas de formação, na qual os membros passam um ano antes do primeiro compromisso formal com a Toca de Assis, nessas, pode ou não haver a presença de assistidos; quando há, são pessoas que estão com uma saúde estável.

³⁹ Apresentaremos mais dados sobre os assistidos da casa pesquisada no capítulo metodológico (3).

ainda que não tenham recebido nenhum treinamento para tal tarefa⁴⁰. Depois do afastamento do Pe. Roberto da Toca de Assis, 2009, observa-se a presença de um profissional responsável pela enfermagem.

É importante observar que a assistência aos pobres sempre esteve na história da ação social católica (MEDEIROS et al, 2000) como compreensão do apelo evangélico. Na história da Igreja e na sua ação pastoral, diversas foram as concepções de pobreza. No século XX, nas décadas de 60/70, no Brasil, tendo referência a Teologia da Libertação, que se utilizou das análises das Ciências Sociais para a compreensão das estruturas sociais, tem-se uma “visão crítica às causas sociais da pobreza” (MACHADO E MARIZ, 2007, s/p). Na ação pastoral redundante dessa compreensão, mais importante do que o tradicional assistencialismo pastoral, era necessário participar das estruturas sociais para torná-las justas e equitativas. De uma visão do pobre como aquele que precisa de ajuda, a uma visão do pobre como vítima de um sistema injusto. O pobre é então visto como um cidadão sem direitos que é capaz de resgatar sua cidadania e autonomia na reivindicação dos seus direitos sociais. Como resume Lövy (2000):

O que muda – e muito profundamente – com respeito à tradição da Igreja é o significado concreto dessa ‘dívida total para os demais’ que ela adota. Se tivéssemos de resumir em uma única fórmula a idéia central da teologia da libertação, poderíamos nos referir à expressão consagrada pela Conferência dos Bispos Latino-Americanos de Puebla (1979): ‘a opção preferencial pelos pobres’. Mas é preciso acrescentar imediatamente que, para a nova teologia, esses pobres são os agentes de sua própria libertação e o sujeito de sua própria história – e não simplesmente, como na doutrina tradicional da igreja, objeto da atenção caridosa. (LÖWY, 2000, pp. 59s)

Machado e Mariz (2007) afirmam que a perspectiva pastoral da Teologia da Libertação, da ação de mobilização e participação tem “relativamente se eclipsado no clero mas, especialmente, entre os leigos no Brasil”. As autoras apontam que os grupos de Renovação Carismática surgidos na década de 70 retomam as representações clássicas de vida em comunidade, da pobreza e da doação ao Catolicismo, nesse caminho, também a Toca.

⁴⁰ Em 2005 e 2006 realizamos uma pesquisa exploratória (que resultou numa monografia de especialização na PUC-Rio) numa casa de formação, numa cidade que fica há 50 km do Rio de Janeiro, na qual os jovens permaneciam durante 1 ano dedicando-se à oração e ao estudo, como preparação para a realização do seu primeiro compromisso definitivo, tempo chamado de noviciado. Nesta casa, moravam 19 jovens noviços, três jovens religiosos que eram responsáveis pela casa (que já fizeram seu compromisso) e dois padres: um deles, que também por ser da Toca, era chamado de irmão como os demais e era o responsável pela celebração diária das missas. O outro padre, idoso, impedido de realizar suas funções sacerdotais, e com problemas de saúde, foi acolhido pela casa, por solicitação da diocese local. Junto com o grupo moravam, em torno de 10 moradores de rua (chamados de assistidos) que não possuíam referência familiar. Todos, fora os assistidos, muitos em cadeiras de roda, e o padre idoso, possuíam responsabilidades quanto ao funcionamento e a manutenção da casa. Esta casa atualmente está sob responsabilidade das irmãs toqueiras. Em 2010 e 2011 realizamos, para o estudo ora em evidência, nossa pesquisa de campo em uma das casas da Toca de Assis na cidade do Rio de Janeiro, onde encontramos mudanças em algumas das práticas dos toqueiros.

Para a Toca de Assis o cuidado com os “pobres sofredores de rua” é uma vivência de fidelidade ao Evangelho e da prática de São Francisco de Assis, além de ser um dos pilares de constituição do carisma, é a prática pastoral por excelência, além de ser um estado de vida - viver pobre, entre os pobres, cuidando dos pobres. Machado e Mariz (2007) ao analisar o trabalho pastoral da Toca e a fala de alguns toqueiros que entrevistaram afirmam que esses jovens:

[...] Destacam sua própria experiência de sacrifício e dor. A idéia de dor e sacrifício não implica para eles tristeza, pelo contrário, ser capaz de escolher e suportar essas experiências de sofrimento pode gerar uma sensação de união ao sagrado e ao próximo que se expressa em exultação, euforia ou alegria. (MACHADO E MARIZ, 2007, s/p)

De acordo com Portella (2009) a Toca se aproxima da RCC pela sua espiritualidade, ou seja, a centralidade da oração _ adoração ao Santíssimo, ao mesmo tempo, que dela se distancia pela sua prática social, através do cuidado com os sofredores de rua. Portella (2009, p. 187) observa que na Toca, em seu trabalho com a população de rua, “não se cogita sobre mudanças de estruturas sociais”.

Terceiro pilar de constituição da Toca: a pregação itinerante do Evangelho

Por fim, o terceiro pilar, se refere à vida de pregação itinerante do Evangelho, no qual os jovens vão para as cidades para pregar e cuidar dos pobres, em missão. Podem ficar nas ruas da cidade ou ir para outra cidade. Quando vão para outras cidades geralmente se estabelecem, por algum tempo, em uma paróquia na qual participam das atividades litúrgicas e na ação pastoral com os pobres de rua.

De acordo com Mariz (2009) é próprio do Cristianismo, desde sua origem, a mobilidade, sendo uma das razões para sua expansão. As “missões” sempre fizeram parte da dinâmica do Catolicismo. Nota-se no interior do Catolicismo no Brasil, uma retomada das missões que acontecem tanto para o seu interior como para o exterior, que segundo Mariz (2009) movimento que tem se intensificado nos últimos anos, numa dinâmica inversa à tradicional vinda de missionários estrangeiros ao Brasil. Participam das missões padres e também os leigos.

Fazer a experiência de estar na rua, de ficar e dormir na rua é para os toqueiros realizar uma experiência de estar com os pobres, “para sentir como eles”: fazem a experiência de dormir nas calçadas e de comer através de mendicância. A mendicância é vista como meio ao passar por ‘humilhação’, de exercitar a humildade.

A estrutura organizacional da Toca

De acordo com a definição abaixo, a Toca possui em sua estrutura organizacional duas comunidades, ou seja, há duas formas de participação: como membros das Comunidades de Vida ou como membros das de Aliança:

É formada pelos religiosos, os Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, Instituto de Vida Consagrada não clerical, e também pelos leigos, que não aspiram à vida religiosa, mas vivem o carisma. Os leigos assumem o compromisso de servir a Fraternidade, auxiliando as Casas Fraternas em suas necessidades vivendo juntamente com os Filhos da Pobreza do Santíssimo Sacramento o carisma de adoração e cuidado aos pobres sofredores. No centro dessa família está Jesus Sacramentado e nossos pequeninos. Também faz parte de nossa família os amigos e benfeitores, aqueles que se comprometem mensalmente com doações para o sustento de nossas casas, sendo canal da providência de Deus no nosso dia-a-dia. Somos uma grande família!

A comunidade de Vida é formada por aqueles que fazem o compromisso de viver em comunidade fazendo os votos de obediência, castidade e pobreza, são nomeados de toqueiros e/ou religiosos. A comunidade de Aliança é formada por aqueles que mantêm sua autonomia de vida, mas contribuem na manutenção das casas, que vai desde contribuições financeiras ao trabalho voluntário (MARIZ,2005). É interessante observar a ênfase dada a integração das duas dimensões de participação: comunidade de vida e aliança como “um grande família”, característica apontada por Mariz e Mello (2009) das Novas Comunidades Católicas.

Vivência da Providência Divina

Como lembra Mariz e Lopes (2008) a principal forma para a manutenção da comunidade em sua autocompreensão é a noção de Providência Divina, tudo que se têm provêm do amor e da providência de Deus. Concretamente, no entanto, três são as formas de aquisição de bens para o sustento: a doação regular de amigos e simpatizantes, venda de objetos (camisas, artesanatos, cds pelo *site* oficial e/ou nas casas) e, em alguns momentos, a mendicância (presenciamos membros solicitando aos vizinhos um gênero alimentício que faltava na casa). Para os autores a noção de Providência Divina “(...) permite que não se preocupem com sua própria sobrevivência evitando trabalhos mundanos, da mesma forma, impede que se considerem devedores dos benfeitores que com suas doações regulares os sustentam”. (MARIZ e LOPES, 2008, p. 18s).

Na opinião de Portella (2009) a noção de Providência Divina é uma ruptura à racionalidade moderna onde tudo é controlado, planejado. Na Toca abdica-se do controle

humano e lança-se à confiança estrita na Providência Divina, de forma a reencantar o mundo e a religião. O autor indica ser esta atitude uma “reação à ditadura da racionalidade, do instrumentalismo e do cálculo, visando uma revalorização do místico, do imponderável” (PORTELLA, 2009, p. 177). De acordo com Portella (2007) a crença na Providência produziu práticas que foram sendo construídas de forma espontânea e atribuídas ao carisma do Pe. Roberto, suas intuições e entendimento do agir, sem um planejamento prévio: “muito do que a Toca é hoje o é não por planejamento racional, mas por ter sido validado e construído numa experiência pessoal do Padre Roberto com o divino, a partir de inspirações diretas de Deus ao seu fundador”. (PORTELLA, 2007, p.184)

A importância do líder fundador

Assim como nas Comunidades Católicas, na Toca de Assis a figura do fundador é sempre muito mencionada pelos membros que contam sua história de vida, pensamentos, homilias, vivências, preferências. Segundo a história contada no *site* oficial da Toca⁴¹

Pe. Roberto José Lettieri, natural de São Paulo-SP, converteu-se em 1983 em um encontro de jovens. Respondendo a um forte chamado de Jesus Sacramentado, doou-se inteiramente à Igreja, ingressando no seminário. Em maio de 1994, o Pe. Roberto, ainda seminarista, com mais três jovens que desejavam viver o carisma franciscano, fundou a Fraternidade de Aliança Toca de Assis. Quando ordenado Sacerdote, em 08 de Dezembro de 1996, esta obra, espelhada nos exemplos de pobreza, obediência, castidade e gratuidade do “Poverello de Assis” já contava com a ajuda de 80 jovens, que entre a pastoral de rua e a primeira casa de acolhimento, prestavam atendimento aos sofredores abandonados de rua.

Em 2009, Pe. Roberto deixou a direção da Toca de Assis. Nas quase duas décadas de existência da Fraternidade, quando ainda estava à frente da instituição, se encontravam muitas fotos, informações e entrevistas do Pe. Roberto no *site* oficial da Toca, além de que, em cada casa, se encontrava um quadro com sua foto, o que é uma prática comum nas instituições religiosas. A maioria das fotos de Pe. Roberto era em celebrações eucarísticas ou em adorações ao Santíssimo Sacramento, de uma maneira geral, com o ostensório na mão, de cabeça baixa e/ou em atitude de oração. Nas redes sociais se encontravam palestras proferidas pelo Pe. Roberto.

⁴¹ www.tocadeassis.org.br, acesso em 18/04/2009.

Mariz e Lopes (2009), a partir de suas pesquisas de campo, afirmam a importância da figura do Pe. Roberto, chamado pelos membros da Toca, como o “Padre”, como se ele fosse o único, nesse sentido, reconhecem apenas nele a figura do líder carismático como menciona Weber (1991, 2006) e Lindholm (1993), que recebe o ‘sopro de Deus’. É interessante a observação de Bourdieu (1992) a respeito do carisma, que utiliza para:

Designar as propriedades simbólicas (em primeiro lugar a eficácia simbólica) que se agregam aos agentes religiosos na medida em que aderem à ideologia do carisma, isto é, o poder simbólico que lhes confere o fato de acreditarem em seu próprio poder simbólico. (BOURDIEU, 1992, p. 55).

Mariz e Lopes (2009, p. 86) observam ainda que “o carisma de Pe. Roberto não se reduz a sua capacidade de atrair novos membros, mas continua a inspirar os que já participam da comunidade”. Em uma dos nossos contatos com membros da Toca em 2006, um membro que estava no ano de formação para o primeiro compromisso definitivo, relatou que ter visto o “Padre” pregando na TV Canção Nova foi decisivo para a sua escolha pela Toca.

Estratégias de adesão e processo de entrada

Um dos meios utilizados para atrair novos membros tem sido a *internet*, através do site oficial da Toca é possível ter acesso à página “Acompanhamento Vocacional – Toca de Assis”⁴², na qual se lê o seguinte texto sobre “vocação”⁴³, após a frase: “*A glória de Deus é o homem que vive, cresce e chega à sua plenitude*”. É interessante observar que o texto sobre “vocação” abaixo, do *site* oficial da Toca, é extraído do *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*, indicando ligação com o que oficialmente na Igreja Católica se compreende por “vocação religiosa”. Nota-se que a compreensão de plenitude é dispor a vida à vocação religiosa “que deve durar a vida inteira”, como explicitado no texto abaixo:

A vocação (do latim *vocatio*, ação de chamar) supõe o encontro de duas liberdades: a liberdade absoluta de Deus, que chama, e a liberdade humana que responde a este “chamado”. É uma inspiração ou moção interior pela qual Deus chama a pessoa a determinado estado de vida. Podemos então afirmar, que em toda vocação autêntica

⁴² No site oficial da Toca – www.tocadeassis.org.br, encontra-se um link denominado *vocacional*, acessando entramos na página ‘Acompanhamento Vocacional – Toca de Assis’, onde se encontra um texto sobre vocação (extraído do Dicionário Teológico da Vida Consagrada) e abaixo um convite para entrar na Fraternidade: *Seja um(a) Filho(a) da Pobreza do Santíssimo Sacramento. Entre em contato conosco e saiba mais sobre nossa vida, carisma e missão*. Logo em seguida do convite, dois links, cadastro vocacional das irmãs e cadastro vocacional dos irmãos. Acessando o cadastro encontramos uma ficha a ser preenchida com as seguintes informações: nome, data de nascimento, RG, CPF, endereço, cidade, estado, CEP, tel. (dois campos), celular, e-mail e *orkut* (o modelo de cadastro é o mesmo seja para os irmãos e/ou irmãs).

⁴³ Fragmento do texto da página ‘Acompanhamento Vocacional – Toca de Assis, do site oficial da Toca, acesso em 05/7/2011.

a iniciativa é de Deus. Não podemos comparar vocação com profissão, pois profissão refere-se à ocupação ou trabalho especializado, ao passo que vocação é o chamado que brota do mais profundo do ser, onde ressoa a voz de Deus. A vocação, enquanto chamado de Deus sempre fiel e imutável tende a ser definitiva e irreversível. Não se pode reduzir a vocação ao momento inicial do chamado divino e muito menos à simples resposta humana. A vocação é o estado e situação decorrente do diálogo entre Deus e o homem. Como a vida matrimonial não se reduz ao tempo de namoro e noivado, assim é uma vocação é uma história de amor, que deve durar a vida inteira⁴⁴.

De acordo com os nossos informantes, para tornar-se um membro “consagrado” à Toca há um caminho que precisa ser percorrido até o compromisso definitivo. Esse processo conta com vários estágios semelhantes ao de uma ordem religiosa: o de conhecimento, no qual o jovem fica durante 3 anos e meio participando das atividades desenvolvidas pela Toca; tempo que é dividido em: seis meses de experiência, um ano de “aspirantado” e dois anos de “postulantado”. Passado esse tempo de conhecimento, os que desejam fazer seu compromisso, entram para o noviciado, que dura um ano e é dedicado à oração, formação e discernimento vocacional. Vivido o ano de noviciado, o membro faz seu compromisso, consagração, que é dividido em dois momentos: votos simples ou temporário (a cada ano deve ser renovado) e os votos perpétuos (3 a 6 anos dos votos simples). Há várias casas que são dedicadas à formação, ao noviciado. Segundo o depoimento de um pesquisado, na definição do fundador “*os votos simples não são para abandonar, mas para tomar decisão*”. Até pouco tempo, a cada ano, cerca de 100 jovens faziam o compromisso, que era realizado, geralmente, em Campinas, na primeira casa da Toca considerada a casa-mãe. Conforme encontramos no seu *site* oficial⁴⁵:

Contamos em nossos Institutos com a entrega de jovens que tendo ouvido o chamado de Deus e desejando entregar-se a Ele na vivência dos Conselhos Evangélicos de Castidade, Pobreza e Obediência, disseram sim a Deus e vieram fazer parte desta família tão feliz.

Nesse processo de entrada, através das etapas vividas, o jovem vai configurando sua identidade renunciante, que inicia com sua saída de casa e renúncia aos seus bens materiais à renúncia dos estudos a uma vida de serviço. Quando da consagração, o jovem ganha um novo nome, que podia ser escolhido pelo Padre Roberto, no início da Toca e/ou por ele confirmado, ou escolhido pelo próprio jovem, confirmado por seu líder imediato, o nome marca este “novo nascimento”, esta “nova vida” de ingresso na Toca. A mudança de nome é realizada próxima ao primeiro compromisso definitivo, ou seja, ao final do noviciado.

⁴⁴ Extraído do site oficial da Toca de Assis, acesso em: 05 julho 2011.

⁴⁵ Site www.tocadeassis.org.br. Acesso em: 20 julho 2006.

A formação dos toqueiros

A renúncia ao estudo é apontada por alguns autores como um anti-intelectualismo e /ou uma crítica aberta à racionalidade moderna e/ou um retorno à vida religiosa autêntica (PORTELLA, 2009; MARIZ, 2009; MARIZ E VITOR, 2009), ao revés, para os membros, é interpretado como fidelidade ao carisma da Obra, a uma fidelidade ao evangelho de Jesus. Mariz e Lopes (2009, p. 98)⁴⁶ descrevem uma entrevistada que aponta essa compreensão: “não é o estudo que Jesus pede, (...) pra nós, Jesus pede entrega, Jesus pede abandono, (...), se dar, dar mesmo, se dar cada dia em ajuda aos pobres. (...) (toqueira, 19 anos)”. A formação para os membros da Toca é fundamentalmente realizada na adoração ao Santíssimo Sacramento e na experiência⁴⁷, com o cuidado com os pobres em situação de rua. Segundo Steil (2004) é próprio do Cristianismo a aprendizagem pela experiência, pela vivência da missão, o que atualmente alguns grupos da Igreja Católica tem confirmado em sua prática.

As casas da Toca de Assis

Há dois tipos de casas de apoio à população de rua. Algumas casas abrigam os assistidos, são as chamadas ‘casas de acolhimento’, e os acolhidos podem chegar a 120, dependendo da infraestrutura que ela comporte e outras são chamadas de “Bom Samaritano”, onde os membros vão dar assistência e cuidar da população de rua; em algumas, a população pode fazer uso de suas dependências (enfermaria, banheiro etc.).

Em novembro de 2010, a partir dos dados do *site* oficial da Toca contabilizamos a presença das casas nos seguintes estados: São Paulo (9 casas em 8 cidades); Rio de Janeiro (3 casas em duas cidades); Minas Gerais (4 casas em 4 cidades); Paraná (3 casas em 2 cidades); Rio Grande do Sul (1 casa em 1 cidade); Ceará (2 casas em 2 cidades); Sergipe (1 casa em 1 cidade); Piauí (1 casa em 1 cidade) e no Distrito Federal (1 casas), totalizando 24 casas em todo Brasil. As casas são agrupadas em cinco regionais, com uma sede nacional localizada em Campinas/SP. A Toca está presente também fora do país, no Equador, com duas casas.

⁴⁶ Entrevista descrita por Mariz e Lopes (2009), realizada com uma jovem de 19 anos, em 30/05/2004.

⁴⁷ Durante mais de dez anos de fundação, nas casas da Toca não havia televisão e periódicos de nenhuma natureza.

Capítulo 3

Abordagem Metodológica

A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de a conter. As Ciências Sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso, ela aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações. (MINAYO, 1994, p.15)

O mundo não funciona apenas com crenças. Mas dificilmente consegue funcionar sem elas. (GEERTZ, 2001, p.155)

Nossa pesquisa se insere âmbito das pesquisas sociais e qualitativas. A metodologia qualitativa é mais do que um conjunto de técnicas, pressupõe e considera a realidade como constituída a partir de uma multiplicidade de processos sociais que atuam a partir de ação, poder e influência dos processos sociais. Nossa compreensão de pesquisa qualitativa está em conformidade com que postula Martins (2004, p. 292) que esclarece que as “metodologias qualitativas privilegiam de um modo geral, a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais”. A autora responde a uma das principais críticas sofrida pela pesquisa qualitativa no que se refere à questão da representatividade do estudo, da ‘suposta impossibilidade de os resultados servirem de base para a a generalização’. A autora afirma que na pesquisa qualitativa:

[...] O que caracteriza é o estudo em sua amplitude e em profundidade, visando à elaboração de uma explicação válida para o caso (os casos) em estudo, reconhecendo que o resultado das observações são sempre parciais. O que nos sustenta e garante a validade desses estudos é que (cita Laperrière, 1997) ‘o rigor vem, então, da solidez dos laços estabelecidos entre nossas interpretações teóricas e nossos dados empíricos’. (MARTINS, 2004, p. 295)

As pesquisas qualitativas podem ser desenvolvidas a partir de diversos métodos e instrumentos de coleta de dados. Em nosso estudo, a comunidade como fato e circunstância, é tomada próxima à investigação compreendida como estudo de caso. Nesse sentido, estaremos utilizando como estratégia metodológica o estudo de caso por compreendermos que este possui certas qualificações importantes para descrever a experiência em questão, como caracteriza Gil (1996):

O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante os outros delineamentos considerados. (GIL, 1996, p. 58)

Reconhecemos na pesquisa antropológica a etnografia como um método que traz consigo formas alternativas de aproximação com o objeto de estudo. A abordagem etnográfica aqui tomada de empréstimo como modelo se baseia nos estudos de Geertz (1999, 2001) e Mattos (2001). Ainda que nossa pesquisa não seja uma etnografia *stricto sensu*, ela serviu de modelo para nos permitir uma aproximação com o campo e uma maior compreensão do objeto de estudo. Nesse sentido, como afirmamos anteriormente, nossa pesquisa estará metodologicamente ancorada na perspectiva psicossociológica e etnográfica que considera a cultura de um determinado grupo não como resultado e/ou:

[...] Um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana; [...] por introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica no processo modificador das estruturas sociais. (MATTOS, 2001, s/p.)

Para realizar a pesquisa dos jovens que aderem à Toca de Assis, lançamos mão do método da observação participante e do modelo etnográfico como estratégia para desenvolver o trabalho de campo. A observação participante é o postula que a inserção do pesquisador no campo pressupõe a observação e a interação do pesquisador como os sujeitos pesquisados por longos períodos, criando relações de confiança a fim de que possam partilhar suas vivências, rotinas e sentidos (VALLADARES, 2007; CRUZ NETO, 1994), “buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação” (QUEIROZ et al, 2007, p. 278). As observações realizadas na Toca de Assis tiveram por objetivo uma familiarização com o local, o estabelecimento de relações de confiança, o conhecimento da dinâmica do grupo, o acolhimento e o reconhecimento das especificidades simbólicas que vinham da própria realidade observada.

Para Mattos (2001) a maior preocupação da etnografia é:

[...] É obter uma *descrição densa* (grifo nosso), a mais completa possível, sobre o que um grupo particular de pessoas faz e o significado das perspectivas imediatas que eles têm do que eles fazem. [...] E acrescenta: Etnografia é escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo. (MATTOS, 2001, s/p.)

Além da preocupação com a descrição densa de nossa observação da Toca de Assis, nossa postura investigativa pressupôs uma atitude ética. Realizamos nosso trabalho de campo numa das casas da Fraternidade Toca de Assis, em um dos bairros da zona norte da cidade do Rio de

Janeiro, que possui uma comunidade religiosa e assiste 36 homens que estavam em situação de rua. Mais adiante, ainda nesse capítulo, iremos descrever nossa inserção no campo, além de apresentar uma noção de campo que diferencia de uma perspectiva clássica (campo como algo exterior ao pesquisador).

Para recolher os relatos de vida dos toqueiros da Fraternidade Toca de Assis, seguimos a orientação de alguns autores (GIL, 1996; PAULILO, 1999; ALBERTI, 2004) que consideram a História de Vida como um dos melhores procedimentos para a coleta de dados em um estudo de caso. Nesse sentido, embora tenhamos feito a opção, em virtude do que deparamos no campo⁴⁸, em termos de técnica de entrevista, pela entrevista em profundidade, utilizamos alguns de seus referenciais metodológicos por nos aproximarmos teoricamente de sua compreensão de pesquisa de campo, quais sejam: é um método de pesquisa que não tem um fim em si mesmo, mas é um meio de conhecimento (ALBERTI, 2004); “através da história de vida podemos captar o que acontece na interseção do individual com o social” (PAULILO 1999, p. 141s) e por considerar que é o tempo presente que possibilita a compreensão mais aprofundada do momento passado.

Com esses pressupostos metodológicos, utilizamos a técnica de entrevista em profundidade por ser a investigação um estudo de caso e porque nosso interesse centrou-se na obtenção do relato do percurso religioso dos sujeitos que fazem parte da comunidade religiosa estudada, sujeitos considerados como, na História de Vida, “unidades qualitativas” (ALBERTI, 2004, p. 32). Contudo nos adverte Gil (1996) que “é necessário, entretanto que cada história de vida seja cuidadosamente analisada e cotejada com informações obtidas a partir de outras fontes para que tenham a validade requerida pela pesquisa científica”. (GIL, 1996, p. 123)

Entendemos que as entrevistas servem como mais uma oportunidade para que os sujeitos possam refletir sobre sua própria história e construir uma narrativa de suas trajetórias, em nosso caso, trajetórias religiosas (ALBERTI, 2004; SPINK, 2004; PAULILO, 1999; VELHO, 2003). Nessa direção, a pesquisa social pode ser um instrumento que favorece aos sujeitos a oportunidade de se apropriarem de suas histórias ao revisitar e dar-lhes um sentido, através da construção de relatos. No âmbito da Psicologia Social, Narita (2006) nos informa que:

A situação de entrevista é um momento de encontro entre dois sujeitos, no qual as memórias são revividas e construídas no momento em que são narradas, reelaboradas, sofridas. [...] A entrevista é um momento de unidade entre o passado,

⁴⁸ Em nossa observação participante, logo nos deparamos com uma atitude de desconfiança quanto ao trabalho de pesquisa. Quando solicitamos a permissão para a pesquisa e a realização de entrevistas, o responsável pela casa (o guardião) explicitou que orientou os religiosos a não entrarem “em detalhes” de sua vida pessoal.

presente e futuro, a origem e a esperança se presentificam e vem à tona para os trabalhos da memória. (NARITA, 2006, p. 27)

Os dados coletados durante a observação participante foram organizados através de registros em diário de campo sob orientação da descrição etnográfica. Ainda que tendo como modelo a orientação etnográfica, nossos registros de campo não seguiram a risca, em termos de estrutura, ao roteiro detalhado indicado por alguns autores (MATTOS, 2001). Todo material foi organizado em ordem cronológica como meio de historiar e reter na memória, ouvindo ou observando todos os acontecimentos registráveis, as impressões e declarações dos religiosos, profissionais, assistidos e voluntários que participaram da dinâmica da Toca. Desta maneira, para registrar as observações do campo e as etapas seguintes da pesquisa, registramos em diário de campo o cotidiano do que se sucedeu na pesquisa: todos os acontecimentos, impressões, depoimentos, em ordem cronológica, das visitas a campo. Anotamos todas as ocorrências, fatos e conversas de cada dia da pesquisa. Os registros eram realizados, logo após nossa ida à casa da Toca de Assis, para que não perdêssemos as informações coletadas. Por algumas vezes, fizemos registros no próprio campo, de forma discreta. O registro simultâneo dos aspectos observados nos foi possível em dois momentos, na homilia da Celebração Eucarística e em uma reunião como o coordenador regional com amigos e colaboradores da Toca, devido ao caráter das atividades.

Foram realizadas 10 (dez) visitas com registro das observações de campo realizadas durante aproximadamente um mês, ou seja, no período de 12 de dezembro de 2010 a 30 de janeiro de 2011. Fundamentamos nosso estudo através do registro das observações participantes realizadas nos dias 12/12/2010, observação participante em uma Celebração Eucarística; em 29/12/2010, a primeira visita formal à casa; e as dos dias 4, 6, 11, 15, 18, 25, 28, 30 de janeiro/2011. Ainda estivemos por mais três dias em fevereiro para as entrevistas com os toqueiros.

Dos dez registros de observação participante, o primeiro foi nosso primeiro contato com o campo onde participamos de uma Celebração Eucarística de Consagração (compromisso dos religiosos/votos) na paróquia local, com duração de quatro horas, seguida de um lanche comunitário aberto a toda comunidade paroquial, promovida pelo grupo em questão. Fizemos nove visitas na casa da Toca propriamente dita a saber: a primeira na qual se deu entrada “formal” no campo, ou seja, quando nos apresentamos como pesquisadora, foi a mais curta (em torno de uma hora e meia), nas demais (oito) ficávamos de seis a sete horas na casa de duas a três vezes na semana, num total, em média, de 60 horas de observação.

As observações registradas constam do cotidiano semanal da casa pesquisada, inclusive os fins de semana, naquilo que ocorre habitualmente todos os dias na casa. Foram registrados: as atividades de rotina: limpeza da casa, cuidados com os assistidos, as refeições (almoço e lanche); os momentos de adoração comunitária e individual, além de uma reunião convocada pelo coordenador regional. É importante destacar que de acordo com as informações recolhidas no site da Toca, as casas, nomeadas de ‘casas fraternas’, distribuídas pelos estados brasileiros, são agrupadas por regionais; as do Rio de Janeiro fazem parte do Regional que ainda inclui os estados de Minas Gerais (cidades de Sete Lagoas e Belo Horizonte) e Distrito Federal (Brasília). A sede denominada Região Santa Catarina de Sena, fica no Rio de Janeiro, em uma de suas casas. No escritório da sede fica o Coordenador Regional, hierarquicamente superior aos coordenadores das casas (guardião). No segundo semestre de 2011, foram incluídas no Regional, as cidades de Fortaleza/CE e Aracaju/SE.

Em nossas visitas, interagimos com a maioria dos que vivem na casa, porém pudemos dialogar com sete religiosos/toqueiros (a comunidade é formada por oito, entre eles o responsável pela casa/guardião) da casa pesquisada, as três profissionais (enfermeira, assistente social e cozinheira), três voluntárias da casa, três amigos da Toca e diálogos mais longos com quatro assistidos. Portanto, em nossas visitas contamos com diálogos e depoimentos de 17 pessoas da casa e mais três amigos da Fraternidade, além da interação (cumprimentos e diálogos curtos) com todos os moradores e envolvidos no trabalho da mesma.

Durante três dias consecutivos, no fim do mês de janeiro e início de fevereiro, realizamos as cinco entrevistas que foram anteriormente definidas com o guardião.

O relatório de campo descreveu com detalhes todos os problemas, facilidades e dificuldades encontradas pela pesquisadora, o modo como se realizou a entrada, o tipo de recepção e acolhida, os vínculos estabelecidos e as condições estabelecidas para a realização da pesquisa e entrevistas.

Embasamos nossa análise da vivência religiosa dos toqueiros através da idéia de que a transição para a vida adulta é parte de um processo de negociação complexo e que implica numa certa temporalidade a partir da qual novos papéis sociais surgem e outros deixam de existir. A transição prevê ainda uma relação entre o tempo de transição e o tempo de sincronização entre, por exemplo, a família e o jovem (PAIS, 1993) e, neste caso, entre o jovem e a opção pela Toca de Assis.

Entendemos ainda, que as redes grupais e as identidades juvenis são fundamentais nesta etapa da vida e que as práticas de sociabilidade, nesse contexto, são fortemente associadas ao

cotidiano, na medida em que orientam as imagens que os grupos de jovens formam de si mesmo e dos outros, sendo basicamente o que orienta as ações dos jovens (PAIS, 1993). Nesse sentido, o grupo de pares da comunidade Toca de Assis exerceria forte influência na construção da identidade juvenil e de certa maneira contribuiria para o sentimento de pertencimento a um grupo determinado, ao mesmo tempo em que criaria laços e compartilhamento de símbolos e significados.

O fato do referente ser o toqueiro (membro religioso da Toca de Assis), permite o desenvolvimento de formas genuínas de participação. Queremos destacar, nesse sentido, que a aparência é fundamental para os jovens e, do mesmo modo, extremamente simbólica dos valores construídos e compartilhados no grupo. A maneira de se vestir exigida dos toqueiros é analisada não só do ponto de vista da religião, mas da sua importância como representação de um meio de afirmação e de diferenciação de status (ou de estilo de vida) e de reconhecimento social. Se por um lado, os jovens toqueiros parecem incorporar determinados valores da Toca de Assis, por outro, parecem rejeitar alguns valores presentes na sociedade mais ampla (cultura hedonista). Nesse sentido, propomos como chave interpretativa o deslocamento de papéis sociais, valores específicos de seus respectivos domínios de origem como a casa, a família, a escola e os amigos para novos valores que conduziram os jovens toqueiros e os mantiveram, ou não, numa comunidade, de contorno renunciante, e distanciados de sua origem e universo.

3.1. Notas sobre o Trabalho de Campo

3.1.1. A construção de uma estratégia para as visitas

Para a realização da pesquisa de campo com a Fraternidade Toca de Assis, para o trabalho ora em evidência, precisávamos traçar uma estratégia de entrada no campo. Nesse período fez-se uma exploração prévia do objeto, mediante consulta teórica e informações sobre a viabilidade do estudo da Toca de Assis.

Em relação à nossa entrada no campo, nosso primeiro passo foi acessar o *site* da Fraternidade Toca de Assis, para mapear as casas do grupo.

Uma das características do grupo pesquisado era a sua presença no espaço público, o que atualmente, pouco se vê pelas ruas, não sabíamos o porquê, até que a resposta nos veio pelas informações do campo. A nossa primeira surpresa foi ver diminuído o número de casas. A casa onde fizemos nosso primeiro contato com a Toca de Assis (2005/2006) não é mais dos

religiosos, hoje são as religiosas que as ocupam. Na cidade do Rio de Janeiro, que já teve pelo menos mais de três casas, hoje, conta apenas com duas, uma de acolhida da população de rua e outra, para uma assistência direta e pontual, o que nomeiam de Casa Bom Pastor. Outras mudanças no *site* foram percebidas, se antes havia muitas imagens do fundador, Pe. Roberto Lettieri, celebrando missas e adoração, atualmente não há fotos do padre, e sim notícias, testemunhos e convites para participação em eventos, além de informações sobre a fundação, as casas agora separadas em masculinas e femininas.

O segundo passo da estratégia, se referia à escolha da casa que seria pesquisada na cidade do Rio de Janeiro, que possui duas casas uma de permanência e outra de referência. Ou seja, na primeira, os assistidos são moradores da casa e na outra recebem atendimento e refeição, quando solicitam e só moram os religiosos.

Definimos que a casa pesquisada seria a de permanência dos assistidos. Essa casa é a primeira casa da presença da Toca na cidade, desde quando se instalou, pela primeira vez, em janeiro de 2001, há 10 anos. Nesses dez anos, a casa já abrigou um grande número de religiosos, mais de 30, e um significativo número de assistidos que, nos anos iniciais, chegou a quase 100, segundo informações dos próprios toqueiros.

Definida a casa a ser investigada, surgiram outros mapeamentos, explicitados nas questões centrais para dar início à investigação: como será o primeiro contato com o grupo, bater na porta e apresentar-nos como pesquisadora? Mais uma vez, voltamos ao *site*, encontramos então, um convite público para a Celebração Eucarística de Consagração de 23 membros da Toca, que seria presidida pelo Arcebispo local, numa paróquia próxima à Casa da Toca. Na celebração seria realizado o ato de consagração, ou seja, quando os membros se tornam religiosos e precisam fazê-lo por sete vezes, sendo a última (sétima), a definitiva. Os 23 religiosos eram provenientes de casas dos estados do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e do Distrito Federal, estados que fazem parte do regional, cuja sede fica na cidade do Rio de Janeiro, na casa de referência. Segundo informações do site oficial da Toca, existem 5 regionais (escritórios) localizados em São Paulo, Belo Horizonte, Nordeste (Ceará), Sul (Londrina) e Rio de Janeiro, coordenados por uma Central Nacional que se localiza em Campinas. Decidimos que a participação na Celebração Eucarística de Consagração divulgada no *site* poderia ser a circunstância adequada e mais favorável para dar início à inserção no campo, tendo em vista que era um evento aberto, onde estariam além dos toqueiros e suas famílias, o novo Ministro Geral da Fraternidade Toca de Assis (coordenador nacional), Ir. Gabriel e o Arcebispo da cidade, segundo o convite encontrado no *site*.

Visita estratégica por ocasião da Celebração Eucarística de Consagração

Por ocasião da Celebração Eucarística de Consagração comparecemos à Igreja, localizada num bairro do subúrbio carioca, para o evento. Entendíamos que a nossa participação na celebração poderia ser uma circunstância adequada e favorável de aproximação para o começo do trabalho de campo. Não tínhamos ainda certeza da melhor forma para tornar conveniente nosso início de trabalho e a despeito da forma, era importante nossa apresentação ao grupo. A celebração estava marcada para às 16 horas, num domingo de dezembro, atípico pelos últimos acontecimentos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro. Lembramos que neste segundo domingo do mês de dezembro (2010), as ruas da cidade do Rio de Janeiro encontravam-se vazias, pois o clima na cidade era de medo e insegurança. Esse clima se abateu sobre a população pelas situações advindas de uma semana na qual as forças de segurança do estado (polícias militares e civil, além de tropas do Exército) entraram em dois grandes complexos de comunidades no subúrbio da cidade e, como contrarreação, em vários bairros da zona sul à zona oeste, ocorreram episódios de queima de carros, ônibus e van. O impacto foi tão grande que as aulas das redes municipais e estaduais foram suspensas e o prefeito da cidade solicitou à população que evitasse sair de casa.

Chegamos à Igreja, diante do conjunto da situação mencionada, e a encontramos repleta, com muitos membros masculinos e femininos da Toca de Assis, com a presença de amigos e parentes, além da comunidade eclesial local. A celebração seria presidida pelo Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Orani Tempesta, do pároco, com a presença de um seminarista e do ministro geral da Fraternidade, Ir. Gabriel, que hoje substitui o fundador, Pe. Roberto Lettieri.

A celebração transcorreu dentro da liturgia dominical, com cantos que eram acompanhados por violões, por uma bateria e um grupo que fazia o coral, no qual se destacavam duas vozes, uma feminina e outra masculina, pois além de cantos nacionais, também foram cantadas músicas em latim. Na procissão de entrada todos os religiosos entraram e depois foram acompanhados pelo pároco, o bispo e o irmão diretor. Foram chamados nominalmente cada um dos religiosos que faziam sua consagração, uns pela primeira vez, outros não. Chamou-me a atenção os nomes, alguns pude anotar, entre eles, os irmãos: Cleto da Mansidão do Divino Poder, Francisco da Pobreza do Menino Deus, Jean de Maria da Terra Santa, Jessé Maria do Sacrifício Eucarístico, Moisés da Sarça Eucarística, Nazareno da Virgem Imaculada, Romero dos Pobres do Sagrado Sacrifício. Nomes carregados de símbolos identitários.

Ao nosso lado, sentada no banco da Igreja, uma moça, que, pelos seus trajes (saia reta e comprida, cabelos curtos e blusa de meia manga), parecia ser uma religiosa. Depois da celebração me aproximei e vim saber que ela, junto com outros dois rapazes que estavam participando da missa, faziam parte de uma Comunidade de Vida, criada no Rio de Janeiro, e que tem sua ação pastoral o trabalho com população de rua e de cárcere. Travei um contato com ela e seu grupo.

Na homilia, realizada pelo arcebispo, notamos o apoio pastoral que a Arquidiocese estava efetivamente dando, naquele momento, à Toca de Assis. O arcebispo começou sua fala apontando a importância do testemunho da realização dos votos, fez um paralelo à *Palavra de Deus* que mostra a necessidade de renovar a própria vida. Como a liturgia estava dentro da preparação para o Natal, perguntou a assembléia: “_Quem é que nós esperamos?” E respondeu: “_Somos chamados a ser evangelizadores, a nos colocarmos a serviço”.

Advertiu que devemos retomar os valores enquanto temos tempo. Indicou que o tempo do Advento é um tempo de despertar, de ter Esperança na Vida Nova. Disse ser importante e necessário que cada um responda por si, numa dimensão pessoal e comunitária. Lembra que a transformação de um mundo de guerra começa na vida da pessoa, que se deve transformar armas de guerra em armas de cultura. Fazia uma referência indireta à situação que estava ocorrendo na cidade. Na semana seguinte, o arcebispo celebrava uma missa em uma das comunidades onde estava sendo ‘pacificada’, segundo a linguagem do Estado.

Observou que a guerra começa no coração de cada pessoa, através de sentimentos de egoísmo, ganância, ciúmes, incluindo também a comunidade e a sociedade. Que devemos ter atitude de denúncia daquilo que devemos mudar. Exortou a todos à responsabilidade pessoal, indicando que a *Palavra de Deus* questiona e impulsiona.

Valorizou a presença da Toca como um sinal para a Igreja e para a sociedade, pois tem como “marca profunda”, o amor aos pobres. E “encontram em Cristo a vida, felizes no serviço despojado à vida”. Explica que temos que ver as consequências da expectativa do Senhor que vem, “acolher na atualidade da vida”, “sermos sinais”. Clama o povo para o momento litúrgico de conversão e as consequências de não ouvir a *Palavra de Deus*. Indica que todos nós temos que construir, anunciar e proclamar a vinda do Senhor.

Ao final, se volta para os religiosos e afirma que sendo Deus fiel, vai conduzi-los, vai confirmá-los com o “coração abrasado”. E mais uma vez, afirma que eles são um sinal para a Igreja junto aos mais necessitados, e que “expressam a alegria de ser chamados à vocação”. E finalizou a homilia afirmando que ‘é possível esperar o mundo novo’

Depois da homilia foi o momento da consagração, todos foram chamados à frente e o Ir. Gabriel fez algumas orações, eles se ajoelharam e receberam a bênção do Bispo, do Padre e do Irmão. Em seguida, o Ir. Gabriel tomou a palavra e agradeceu a Deus o carinho da paróquia e a memória de fé, dos 10 anos de presença da Toca no Rio de Janeiro, que tinha começado em janeiro de 2001, em Madureira, naquela paróquia.

Disse que com muita gratidão à Nossa Senhora, os irmãos estão renovando os votos. Agradecia a D. Orani, pela presença “como amigo, pai e pastor”: _ “Que “Deus lhe pague”. Agradeceu ao pároco, Pe. C., ao Pe. G. e ao Pe. E., e a comunidade local por ter adequado o horário da missa para acolher a celebração; agradeceu também as “irmãs fraternas”, pela presença e oração, agradecia aos Irmãos Filhos da Pobreza e, por fim, o pai fundador, Pe. Roberto.

Disse que os Filhos espirituais estavam renovando os votos, e citou a palavra do Papa Bento VI da “primavera eucarística, flores da virtude” e comentou que as flores se dão na prática encarnada da caridade aos pobres. Afirmou que se nos limites “abrirem as asas do pavão – quando a vaidade, se abrirem, lembrem-se de fechar”. Lembrou que uma das regras “morrer para si mesmo, para si mesmo quando a asa do pavão quiser abrir, fechar”. E exortou para que “sejam testemunhas da primavera, fiéis a cada dia, a cada momento”, lembrou “hoje basta para amar”. Disse que se deve acolher ‘quem dentro já está’. E, por fim, pediu que Nossa Senhora conduzisse a todos.

Observamos que o pároco da Igreja é um padre jovem, que em todo o momento, demonstrava apreço aos toqueiros da Toca e ao trabalho desenvolvido por eles. Depois da missa todos os presentes foram convidados a participar de um lanche que seria servido no Centro Pastoral, localizado em frente à Paróquia. Na saída da Igreja, muitos religiosos/toqueiros e toqueiras se encontravam com expressões de alegria e afetividade.

Antes de começar o “lanche”, as pessoas se cumprimentavam na rua. Pude observar um diálogo entre uma toqueira e a moça que havia conhecido, uma leiga consagrada a uma Comunidade de Vida e Aliança, sua preocupação era quanto ao atendimento de jovens mulheres em situação de rua. Perguntavam entre si se havia lugar para acolher determinada pessoa, pois as casas das religiosas toqueiras estavam lotadas, sem condições de mais atendimentos.

Ainda na calçada, fiquei observando o grupo e num determinado momento, reconheci um toqueiro de minha primeira pesquisa exploratória de campo em 2005. Ele não me reconheceu logo, mas foi muito simpático e acolhedor. Das perguntas iniciais de um encontro, perguntei-lhe em qual casa da Toca ele estava, e qual foi a minha surpresa, ele estava recém

chegado à casa que escolhi para a pesquisa. Sendo assim, meu contato estava estabelecido, ainda que precisasse toda uma construção posterior.

A leiga consagrada levou-me para conhecer a Casa de Acolhida que fica no mesmo quarteirão da Paróquia, sendo o terreno da casa, propriedade da mesma. Depois fomos ao Centro Paroquial para o lanche. Lá estavam os toqueiros, amigos, familiares, além dos assistidos que estavam numa grande mesa e eram servidos pelos paroquianos e toqueiros. Participei com o grupo da Comunidade de Vida do lanche, e logo saímos pois, pelos acontecimentos ocorridos na cidade, não convinha que saíssemos muito tarde.

O primeiro contato estava estabelecido: conheci o lugar, a moradia, havia estabelecido o contato com um membro da casa e com o pároco. O segundo passo era ir a casa, conhecer o grupo, sua rotina, a entrar em sua dinâmica.

3.1.2. A primeira visita à casa da Fraternidade Toca de Assis

Retornei à casa da Toca de Assis duas semanas depois da minha primeira ida, na semana seguinte a do Natal (dezembro de 2010) por volta das 10hs e 30 min, o portão estava fechado e veio um irmão abrir a porta depois que um dos assistidos gritou: _ “Portão!” Esta cena de um assistido gritar: _ “Portão!”, se repetiu todas as vezes que fomos à casa, sua atitude parecia ser de um sentinela. Ainda no portão, perguntei pelo Irmão João (26 anos), que por minha sorte, estava na casa. Cumprimentei os assistidos e um deles disse para eu subir e ir até à capela falar com Deus, o dono da casa. Senti que precisava fazer este caminho, fui, então, até a capela, logo chegou o irmão João. Fui ao seu encontro e perguntei como ele tinha passado. Fui recebida de forma muito carinhosa. Conversamos um pouco no pátio da casa. E ele me contou que a cada dia aprende muito na Toca e Deus vai confirmando a sua vocação. Ele não se lembrava de que tínhamos estado juntos no início de dezembro na Celebração de Consagração.

A casa Fraternidade Toca de Assis vista por fora

A casa da Toca de Assis pesquisada se localiza num bairro simples da zona norte da cidade, tradicional por seu comércio varejista e por ser também um dos berços do samba. Segundo dados da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, o bairro possui quase 50 mil habitantes.

A casa se localiza numa rua alta, próxima à linha férrea, na mesma calçada da Paróquia que já administrou a casa com um trabalho de assistência antes da chegada da Toca em 2001. A casa pertence patrimonialmente à paróquia. A Paróquia é tombada pelo Patrimônio Histórico do Rio de Janeiro, por ser uma réplica de uma Igreja em Jerusalém, sendo fundada em 1915, por obra de franciscanos holandeses, cuja Ordem Franciscana ficou responsável por ela até a década de 90 (informações obtidas no site da paróquia). Desde a calçada da rua se avista a casa, pelo muro alto, pintado de branco e desenhado com o símbolo da Toca (tau franciscano) e sua inscrição. Do portão, que fica ao lado da casa se avista um pátio. Em frente ao portão, próximo ao muro, um lugar coberto, circular, reservado com a imagem de Nossa Senhora.

A casa Fraternidade Toca de Assis vista por dentro

Entrando na casa, há um pátio espaçoso onde estão distribuídos bancos e cadeiras onde muitos assistidos ficam sentados, uns ouvindo rádios, outros conversando, outros apenas sentados. A casa tem um formato de um quadrado e é irregular em sua construção. Do lado direito, de quem está de frente, tem-se um refeitório de médio porte e, ao final, a cozinha. Próxima à cozinha, do lado esquerdo, a dispensa.

Do lado esquerdo, de quem está de frente para a casa, na ponta, um quarto com camas, ao lado desse quarto, a enfermaria, em seguida, a sala da enfermagem, onde fica uma mesa e um armário onde são colocados os remédios e caixas de remédios dos assistidos. Ao lado da enfermaria, há um escritório. Seguindo, encontra-se uma escada, antes da escada, do lado direito, um grande dormitório e próximo um banheiro. Descendo as escadas, abaixo dela, do lado esquerdo, mais uma sala também usada como escritório, com muitos materiais (impressora, papel etc.) e, depois das escadas, a sala da assistente social. Depois da sala da assistente social, um pátio aberto, um pouco abandonado. Nesse pátio, do lado direito, fica a lavanderia. A casa parece um labirinto de primeira vista. Uma casa que foi construída aos poucos, sem um planejamento.

Voltando ao pátio interno, olhando de frente, ele é dividido por uma escada, ao lado da escada, dois banheiro, um masculino e um feminino. A escada leva para o andar de cima. Em frente à escada, se avista a capela, parece ser o lugar mais bem cuidado da casa. Do lado esquerdo uma área onde ficam dois bancos, atrás outro grande dormitório e do lado esquerdo uma sala com quadro para anotações e o quarto dos toqueiros. Do outro lado, próximo, a

capela, em outro espaço que é usado para reuniões, onde se avista dois quadros um de São Pietrelcina e outro de Santa Catarina de Sena.

A sacristia e o escritório da Fraternidade Toca de Assis

Depois desse espaço, uma sala utilizada como sacristia e, em seguida, outros dois quartos, um utilizado pelo guardião e outro como escritório com computadores (três). Não se caminha com facilidade nos ambientes da casa, somente entre os que parecem ser ‘públicos’ como a capela, pátio interno, refeitório e sala da enfermaria. Em uma das visitas fomos até a ponta da varanda que fica em frente a um quarto, num beiral de janelas, no segundo piso, ladeada por uma grade, para avistar o movimento desde cima e avistar a rua. O guardião chamou-nos atenção, dizendo: “_Mulher, não pode passar por aqui, aliás, ninguém pode passar”. Dissemos que iríamos olhar a rua, ver a vista que se tem dali. Retiramo-nos e fomos para o outro lado, um que dá acesso para alguns quartos. Logo, lembramos do modelo tradicional das ordens religiosas com os espaços marcados para os religiosos, onde não é permitida a entrada de leigos⁴⁹.

A capela da casa Fraternidade Toca de Assis

A capela é pintada de amarelo claro e possui do lado esquerdo para quem está de frente ao altar, oito janelas de madeira com vidros amarelos. O altar é de madeira, muito bem trabalhado, no meio, um ostensório, com o Santíssimo Sacramento. Para os católicos, o Santíssimo Sacramento é o próprio Cristo presente na hóstia que foi consagrada. Ao lado do altar, do lado direito, se vê uma cadeira de madeira forrada de veludo vermelho (em destaque) e do outro lado, um âmbar/estante utilizada para as leituras. Distribuídos em duas fileiras, tem-se seis genuflexórios e doze cadeiras, duas para cada um. Na capela encontram-se dois violões, um ao lado da cadeira e outro no final da capela, onde também, no meio do piso, um ventilador de pé. Nas estantes dos genuflexórios, há Bíblias, livretos de cantos e em um deles, encontramos uma Carta Encíclica de Bento VI sobre o Amor⁵⁰. Surpreendeu-nos na capela, a presença de cadeiras e a possibilidade de, no momento da adoração, de sentar-se, o que antes não era possível, pois não havia assentos.

⁴⁹ Diário de Campo, 11/01/2011.

⁵⁰ Diário de Campo, 04/01/2011.

3.1.3. A constituição da comunidade Fraternidade Toca de Assis: toqueiros, guardião, funcionários e assistidos

A casa pesquisa da Toca de Assis é formada por 8 (oito) toqueiros e 36 (trinta e seis) assistidos que vivem na casa e ainda de quatro funcionários: uma enfermeira, uma assistente social, uma cozinheira e um motorista. No final de semana, quando a cozinheira está de folga, há grupos de senhoras (geralmente em três), voluntárias que são da paróquia local, que se revezam para a confecção da comida. Há um religioso toqueiro pela cozinha que ajuda nas tarefas de preparar, lavar e servir. No princípio de janeiro, a cozinheira entrou de férias e presenciamos um grupo de voluntárias que, todos os dias, preparavam as refeições (almoço, lanche e jantar). Em uma das nossas idas, ao domingo, havia apenas duas voluntárias, participamos então, da distribuição da refeição e colaboramos na lavagem da louça. Logo, o irmão nos deu um avental e nos solicitou, antes da refeição, fazer uma oração. Depois fomos lavar os pratos e talheres. No próximo dia, em que estivemos na casa, o guardião, que não se encontrava no domingo anterior àquela visita da pesquisadora, falou que sabia que nós tínhamos ajudado no almoço, o que percebi como um gesto de aceitação da pesquisadora⁵¹ e também de controle com tudo o que se passava na casa.

Depois da nossa primeira ida à casa, decidimos criar uma rotina de visitas e passamos a ir duas ou três vezes na semana, chegando na metade da manhã, por solicitação do guardião da casa⁵² e ficando até a metade ou fim da tarde, a fim de conhecer a dinâmica da casa, dos toqueiros, suas rotinas. O guardião solicitou-nos que não chegássemos muito cedo à casa, e sim, em torno das 10hs e 30 min, pois a rotina da manhã é de limpeza e de banho nos assistidos, o que procurei respeitá-la em nossas idas. Procuramos estabelecer uma relação de simpatia e confiança com todos da casa e mantínhamos uma postura de escuta e disponibilidade. Além dos jovens da Toca também nos relacionávamos com os assistidos e os funcionários. Procuramos ir sempre com uma roupa discreta.

Para justificar nossa presença, tivemos que esclarecer junto o guardião (responsável pela casa), por sua exigência, quais eram os objetivos de nossa pesquisa e o uso que dela seria feito⁵³. A atitude inicial foi de desconfiança e de suspeita quanto ao uso dos resultados. Foi nos solicitado que os resultados não fossem divulgados na *internet*. Asseguramos que não escreveríamos nada que pudesse vir a prejudicar a Toca, que era um trabalho acadêmico modesto e respeitoso quanto ao trabalho que era realizado por eles.

⁵¹ Diário de Campo, 30/01/2011.

⁵² Diário de Campo, 06/01/2011.

⁵³ Além dos esclarecimentos quanto à natureza e amplitude do trabalho. Diário de Campo, 06/01/2011.

É importante dizer que, concomitante, a nossa pesquisa, uma pesquisadora, de uma universidade do estado, tinha entrado em contato com a Toca para a realização de sua investigação onde seriam entrevistados 50 membros em diversos lugares onde a Toca está presente. De acordo com a informação do guardião, o responsável regional considerou interessante a investigação e o livro que será produzido resultante da pesquisa, como ‘bom para a Toca’, mas ele estava contrário a essa avaliação. Disse-nos que desconfiava do trabalho e se perguntava no que o trabalho acadêmico iria ajudar a Toca. Explicitou-nos que a parada dos membros de suas atividades para conceder entrevistas atrapalham a dinâmica da casa e no caso dessa pesquisa, ele deixou à vontade o grupo para decidir quem quisesse, por vontade própria, dar entrevista. Ele mesmo não se prontificou a tal tarefa. A nossa entrada na Toca, logo após esse episódio de pesquisa, nos pareceu que causou um certo mal estar, ou seja, mais uma vez, eles seriam observados e entrevistados por alguém de fora e, ainda, sem o conhecimento do uso do que se faria com os dados colhidos.

3.1.4. O cotidiano na comunidade Fraternidade Toca de Assis

Pela manhã, a rotina é sempre a mesma, os toqueiros despertam às 5 h, e tem 15 min para sua higiene pessoal. A oração da manhã, nomeada de *Laudes* (ofício da manhã), inicia-se às 5h e 15 min. Às 6 horas fazem a leitura bíblica, depois vão para o que chamam de “funções”, por uma hora, ou seja, dão banho, preparam o café, etc. E, às 8 h., servem o café aos assistidos e tomam o seu café. De 8h e 30 min até 12h fazem as tarefas da casa (dão banho nos assistidos que não conseguem fazê-lo sozinhos, lavam e limpam os aposentos, ajudam na preparação do almoço, fazem os curativos com o auxílio da enfermeira, assim como administram os medicamentos sob sua orientação). Cada um dos membros (toqueiros), fica responsável por uma tarefa, em algumas, mais de um, como, por exemplo, o banho, que no caso, são três. Há um para a cozinha, outro para a enfermaria, para a liturgia, para a economia e um coordena a casa, chamado de guardião.

Na hora do almoço, ao meio-dia pontualmente, o sino é tocado e os assistidos vão para o refeitório, metade levados pelos toqueiros, os que possuem muita dificuldade de caminhar, outros caminham sozinhos com ou sem dificuldades, um possui um andador. Antes de ser servido o almoço, um dos toqueiros faz uma oração e, em seguida, todos rezam o Pai-Nosso. Os assistidos que tem dificuldade de locomoção são servidos pelos irmãos religiosos e/ou por

outros assistidos que tem boa saúde⁵⁴. Pude observar a presença de alguns assistidos na capela e apenas um participando da adoração. Há uma avaliação que a capela precisaria ser no piso de baixo, pois tendo que subir escadas, vários dos assistidos ficam impossibilitados de “rezar e adorar”⁵⁵.

Depois do almoço, de 13h às 14h, é o horário de descanso para alguns religiosos, que podem ler ou dormir um pouco. Às 14 h começa a escala da adoração ao Santíssimo, feita pelo responsável pela capela. Esta adoração é realizada por uma hora e atualmente, entra na escala algum assistido que tenha boa saúde e queira realizar. Pela tarde, há adoração comunitária, que se realiza às 15 h ou às 16 h, em dias alternados geralmente conduzida, pelo guardião⁵⁶. De acordo com as informações do próprio guardião, sua função é de “coordenar a casa para que tudo funcione”. Somado à coordenação, ele também é o responsável pela formação e orientação espiritual dos ‘irmãos religiosos’, embora eles possam escolher um padre para orientar, mas nesse caso, ele acompanha conforme nos advertiu. Participamos, por duas vezes, da adoração ao Santíssimo, as duas foram conduzidas pelo guardião, sendo que em uma, havia um ofício para o acompanhamento das leituras e orações, que eram intercaladas por músicas e, em outro, uma adoração ‘em silêncio’, onde se faz uma oração no início e outra para encerrá-la e algumas orações em latim.

No meio da tarde é servido um lanche e às 18h, o jantar. Depois o horário é livre, ainda que segundo o relato de um dos religiosos, muitas vezes, é necessário levar algum assistido ao hospital. Durante o dia, há também a rotina de levar os assistidos a hospitais e/ou a um posto de saúde, de acordo com as consultas marcadas e tratamentos realizados. Para isso, conta-se com um motorista que além de fazer esses deslocamentos, também faz os “serviços de rua” (pagamento, alguma compra, se preciso). Há um religioso que fica responsável por dirigir em qualquer eventualidade e à noite.

3.1.5. O trabalho de assistência na Fraternidade Toca de Assis: acolhimento e cuidados prestados aos moradores de rua

Na casa há um grupo de homens que fazia parte da população de rua e dela foi retirado e acolhido e pela Toca e tornaram-se moradores da casa, os chamados “assistidos”. No período da pesquisa, equivaleram a 36 (trinta e seis) que ocupam e se distribuem em três

⁵⁴ Diário de Campo, 29/12/2010

⁵⁵ Em reunião com os amigos da Fraternidade, o guardião expôs a necessidade de obras na casa. Diário de campo, 15/01/2011.

⁵⁶ Diário de Campo, 06/01/2011.

grandes dormitórios (dois ficam no andar de baixo da casa e um fica na parte de cima). Na sua maioria, por questões de saúde/limitação física, os assistidos precisam receber cuidados e tratamento dos toqueiros, que se ocupam de sua higiene pessoal, da saúde (curativos e administração de remédios sob a orientação da enfermeira) e do acompanhamento em hospitais e postos de saúde, além das refeições. Notamos que, em geral, os sujeitos possuem mais de 40 anos, sendo a maioria em torno de 50 anos, com alguns idosos. Os assistidos ficam sentados nas diversas cadeiras e bancos que estão distribuídos no pátio interno da casa, muitos, por terem dificuldade de locomoção, utilizam cadeiras de rodas e andador. Uns são mais receptivos aos visitantes, outros indiferentes e alguns olham com desconfiança.

Tivemos oportunidade de conversar com uns poucos, entre esses, um que trabalha em uma fábrica de quentinhas, contou-nos que chegou a trabalhar na Financiadora de Estudos e Projetos/FINEP mas a vida fez “um reviravolta” e agora ele está voltando a se reestruturar. Segundo as informações obtidas no site oficial: “A FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos é uma empresa pública vinculada ao MCT (Ministério da Ciência e Tecnologia). Foi criada em 24 de julho de 1967, para institucionalizar o Fundo de Financiamento de Estudos de Projetos e Programas, criado em 1965. Posteriormente, a FINEP substituiu e ampliou o papel até então exercido pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e seu Fundo de Desenvolvimento Técnico-Científico (FUNTEC), constituído em 1964 com a finalidade de financiar a implantação de programas de pós-graduação nas universidades brasileiras⁵⁷.”

Alguns assistidos tem uma fala bastante articulada e pareceu-nos ter clareza de seu contexto, por exemplo, um disse-nos que está procurando emprego, mas por sua idade (mais de 50 anos) está encontrando dificuldade em encontrar. Um dos assistidos, cadeirante (com um quadro de diabetes controlado, porém com sequelas nos membros inferiores), disse-nos um dia em que nos despedíamos: “quando a senhora voltar, estarei por aqui mesmo, aliás, não saímos daqui, só para ir para às consultas médicas, a menos que alguém nos leve para um passeio”. Nesse momento, fiquei refletindo sobre o que seria estar quase que “condenado” a passar todos os dias num mesmo lugar, sem poder sair, pela dificuldade de locomoção. Foi sublinhado pelos religiosos que na casa não há proibição quanto ao ir e vir, no entanto, a maioria dos assistidos não possui condições de sair da casa autonomamente.

Ressaltamos que, por limitação do tempo da pesquisa, não foi possível obter informações mais detalhadas sobre os assistidos a fim de construir um perfil dos mesmos e

⁵⁷ Os dados foram coletados no seguinte endereço: http://www.finep.gov.br/o_que_e_a_finep/a_empresa.asp, acesso em 12 set. 2011.

também por não ser nosso objeto primeiro de investigação. Notamos, contudo, que alguns assistidos visivelmente possuem doenças mentais (há, por exemplo, um assistido que em determinados tempos do dia, urra), outros, aparentemente pelas doenças adquiridas em situação de rua, tem dificuldade de locomoção (alguns estão com membros amputados). Poucos na casa gozam de boa saúde.

Entre todos os assistidos, dois se destacam: há um que trabalha profissionalmente e outro que procura emprego, tem uma atuação de colaboração significativa na casa. Os dois assistidos possuem em torno de 50 anos. Um deles, por sua atuação na casa, num primeiro momento julgamos ser um profissional contratado e/ou um colaborador externo.

3.1.6. A profissionalização da assistência e voluntários da Toca de Assis

Segundo a enfermeira da casa há muitos doentes que possuem doenças físicas e/ou mentais, como por exemplos, hepatite, HIV, diabetes, hipertensão, esquizofrenia, ou possuem sequelas deixadas por acidente vascular cerebral. Em conversa informal com a assistente social que trabalha na casa há 4 (quatro) anos⁵⁸, tivemos conhecimento que a ação junto aos assistidos tem sido na direção da busca de identificação (documentação), da busca de uma referência familiar e uma possível reintegração e da conquista de alguns benefícios legais, por exemplo, algum auxílio do governo. A assistente social contou-nos que o trabalho na casa é bastante exigente, por serem poucos os profissionais para dar conta de muito trabalho, o que a deixava muito “estressada”, por isso ela iria entrar de férias em janeiro/2011. Contou-nos que vinha de uma reunião (em 29/12/2010) para definir os rumos da casa para o próximo ano e com alegria relatava que “aceitaram” (os responsáveis pela casa) contratar uma psicóloga para compor a equipe de profissionais. No mês de janeiro, a assistente social entrou de férias e só voltamos a encontrá-la no início de fevereiro, quando nos solicitou uma orientação pessoal.

De acordo com a assistente social, é muito difícil encontrar alguma referência familiar, pois a maioria perdeu há muito tempo o contato com seus parentes. Outro desafio apontado é dificuldade dos familiares que são localizados em aceitar a reintegração. Com entusiasmo contou-nos uma experiência de reintegração bem sucedida, na qual foi encontrado o filho de um dos assistidos que acolheu com alegria o pai que havia perdido. Informou-nos que alguns poucos assistidos recebem auxílio financeiro do governo.

A enfermeira da casa contou-nos que seu trabalho junto aos assistidos é de fazer curativos e orientar os toqueiros nesse sentido, administrar os medicamentos, encaminhar os

⁵⁸ Diário de Campo, 29/12/2010.

doentes aos postos de saúde e hospitais e acompanhar a evolução dos quadros clínicos. A enfermeira da Toca é jovem (possui idade entre 22/24 anos) e estava há 11 meses trabalhando como funcionária (foi contratada em fevereiro de 2010), antes tinha feito estágio, como voluntária. Sempre fomos acolhidos com muita atenção por ela, o que nos permitiu, ao longo da pesquisa, algumas conversas informais que foram registradas no Diário de Campo. Percebemos que tem, em geral, uma boa relação com os religiosos, ainda que presenciemos diálogos mais constantes com dois. Em relação ao seu trabalho, explicitou que fica muito sobrecarregada, por diversas vezes, usou a expressão: “isso aqui é uma loucura”. Relatou-nos que uma das grandes dificuldades que enfrentam é a de conseguir atendimento para os assistidos pela precariedade dos postos de saúde.⁵⁹ Segundo a enfermeira no posto de saúde próximo só existem dois clínicos para atender toda a população do bairro e os hospitais públicos não possuem profissionais disponíveis. Quando há atendimento, muitas vezes, não há profissionais específicos, os quais seriam necessários para alguns assistidos, como por exemplos, psiquiatra e neurologista, além do espaçamento muito grande de tempo entre uma consulta e a seguinte.

Ressalta-se que na Toca de Assis, todos os assistidos possuem sua caixa de medicamentos que é identificada, na qual a enfermeira organiza os medicamentos que devem ser administrados para toda a semana. Nos fins de semana e à noite, quando a enfermeira não está, há um religioso para esta tarefa, o que é destinado como responsável pela enfermaria. O toqueiro responsável pela enfermaria fica responsável pelas seguintes tarefas: limpeza, realização de curativos, administração de medicamento, acompanhamento dos assistidos nas consultas médicas e hospitalares. Destaca-se que não há registro de falta de medicamentos e materiais para curativos.

Por duas vezes, observamos uma mesma voluntária com um grupo de assistidos (cinco) fazendo artesanato. Mas, na maioria das vezes, não há o que fazer, nesse sentido, é muito valorizado a presença de pessoas que possam dispor de tempo para conversar, dar alguma atenção aos assistidos, aos ‘irmãos’ como são tratados.

3.1.7. Consideração sobre a relação da pesquisadora com os toqueiros

A relação com os toqueiros foi marcada por uma boa receptividade, fomos sempre recebidas com muita simpatia, sempre com sorriso, um abraço, pareciam gostar da minha

⁵⁹ A enfermeira relatou-nos que no bairro há apenas um posto de saúde para atender toda a população e, ainda não se encontra os profissionais necessários para as demandas dos assistidos, por isso, recorrem aos hospitais públicos.

presença. Sentimos que era uma pessoa que eles, dentro de uma rotina trabalhosa de cuidado, tinham a oportunidade de conversar, contar suas histórias, além de ser uma “colaboradora” em potencial (uma amiga da Toca).

O religioso que já conhecíamos, o Ir. João (27 anos), sempre demonstrava muita afeição, interesse pelo nosso trabalho e preocupação em relação ao andamento do mesmo. Um outro Irmão, que não foi “escalado” para dar entrevista e era o responsável pela cozinha, sempre que nos via, fazia uma cruz na nossa testa e nos dava a bênção. Esse mesmo Irmão disse que gostaria de consultar uma psicóloga e, em conversa informal, nos contou de sua chegada à Toca e de sua trajetória anterior.

Apenas com o guardião a relação estabelecida nos pareceu que tendia entre a confiança e a desconfiança; isso porque demonstrava desconfiança quanto à Psicologia e sua aplicação, por exemplo, afirmou que “a Psicologia sem Deus não serve para nada”, “que a psicologia só serve se for cristianizada” e, ainda assim, nos convidou, em dois momentos, para trabalhar na casa. Tivemos muitos diálogos com ele, entre os quais nos informou sobre a missão da Toca, as mudanças que seriam realizadas, além de contar alguns episódios de sua vida como por exemplos, como chegou à Toca, seu tempo de permanência, a circunstância e o sentido de seu nome na Toca, além de falar de sua família. Ao final de um dos diálogos, em tom de conclusão, afirmou que os “psicólogos são terríveis”, pois parecia que não tinha a intenção de “falar muito” além de afirmar que não iria dar entrevista. O guardião se pôs numa atitude reticente quanto às pesquisas acadêmicas, desconfiando de sua utilidade para a Toca. Em um determinado momento, disse-nos que se quiséssemos saber mais de sua história, seria através de seu testemunho público, caso contrário, não seria possível. Não houve circunstância para esse tipo de procedimento, no entanto, em algumas conversas, ele mencionou dados de sua vida pessoal.

Um dos aspectos que nos pareceu que contou ao nosso favor foi a aproximação de nossa perspectiva teórica clínica com a do autor que está sendo utilizado na formação dos toqueiros – Amadeo Cencini (psicólogo junguiano)⁶⁰ o que foi importante para uma relação de maior confiança e proximidade. Nesse sentido, a atitude do guardião foi de sublinhar que

⁶⁰ Amadeo Cencini é sacerdote, é religioso canossiano, mestre em Ciências da Educação pela Universidade Salesiana de Roma e doutor em Psicologia pela Universidade Gregoriana da mesma cidade. Especializou-se em Psicologia no Instituto Superior de Psicoterapia Analítica. Atualmente, é mestre de clérigos em seu instituto e professor de pastoral vocacional e formação para o discernimento na Universidade Salesiana. Leciona Psicologia Aplicada num curso de formadores na mesma universidade e na Universidade Gregoriana. Ensina, também, nos cursos de teologia e direito organizados pela Congregação para a Vida Consagrada. Desde 1995, é consultor da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. Dados obtidos pelo *site* da livraria Paulinas. Cf. [http://: www.paulinas.org.br](http://www.paulinas.org.br), acesso em: 10 jan. 2011.

na formação dos religiosos, se utiliza a “Psicologia que a Igreja Católica recomenda”, ou seja, os livros do autor citado.

Em nossas visitas, mesmo quando o guardião não se encontrava na casa, ele tinha a informação de nossa ida. Como ilustração, quando, em um domingo, auxiliamos no almoço, logo na semana seguinte, quando nos encontramos, nos deu o retorno que sabia que tínhamos estado na casa e ajudado. Percebemos como foi importante esse gesto, pois significava que a relação não era unilateral, o que também nos revelou o controle da casa que possui, mesmo estando ausente. Também foi ele que nos convidou para participara da reunião com o coordenador regional, onde estariam os amigos e colaboradores da Toca⁶¹.

Recebemos o convite para continuar participando da casa e ainda continuamos a receber, por e-mail, do coordenador regional, convites para participar das atividades promovidas pela Toca.

Nossa relação com todos os assistidos foi marcada por uma boa receptividade e por demonstração de afetividade por parte de alguns que, por exemplo, esticavam a mão para serem cumprimentados. O mesmo aconteceu em relação aos profissionais (enfermeira, assistente social, cozinheira e motorista), tivemos a oportunidade de conversar com os quatro, no entanto, nosso maior contato se deu com a enfermeira que nos possibilitou vários diálogos em dias distintos (a assistente social e a cozinheira estiveram em férias na maior parte do tempo de nossa pesquisa).

3.1.8. Sobre entrevistas e entrevistados: alguns condicionantes

Para a realização das entrevistas elaboramos um roteiro semiestruturado (em anexo) que tivemos que submeter ao responsável pelo regional para que pudesse autorizar sua realização. O processo de autorização aconteceu da seguinte forma: no dia 6 de janeiro, solicitamos ao guardião a concessão de entrevistas, pois tivemos a informação por um dos religiosos que eles não tinham autonomia para dar entrevistas sem o consentimento prévio do responsável da casa. Nesse dia, o guardião nos informou que seria preciso passar ao responsável do regional o roteiro da entrevista para que pudesse ser autorizado acompanhado por uma carta de apresentação da pesquisadora que deveria conter o objetivo da pesquisa e a instituição que estava vinculada. Solicitamos então, o possível contato para que encaminhássemos a solicitação, ao que o guardião ficou-nos de enviar por e-mail o contato, no entanto, ficamos

⁶¹ A reunião foi realizada num sábado à tarde, no dia 15//01/2011 e registrada no Diário de Campo. Alguns dados recolhidos dessa atividade serão posteriormente analisados no capítulo 4.

aguardando sem resposta. Em nossa ida seguinte à casa (observação participante dia 11/01), o guardião nos pediu desculpas por não ter entrado em contato e, nesse mesmo dia, entregamos uma carta de apresentação e o roteiro de entrevista (em anexo) para que gentilmente entregasse ao coordenador regional. No dia 15 de janeiro, conhecemos, em reunião, o coordenador regional e perguntamos se ela havia recebido nossa comunicação, o que afirmou positivamente, no entanto, considerou que mandaria uma resposta por e-mail para que não fosse uma “resposta apressada”. Diante das dificuldades apresentadas, recorremos a um amigo sacerdote para que avalizasse nossa conduta acadêmica frente ao coordenador regional. Somente no dia 18/01, recebemos, por e-mail, a autorização do próprio coordenador regional. Nesse mesmo dia fomos ao campo e informamos ao guardião da decisão do Coordenador Regional. No entanto, tivemos que aguardar por dias, a fim de que ele “organizasse a casa” para “liberar” os religiosos para participarem das entrevistas. Solicitou-nos que aguardássemos sua ligação telefônica. Mesmo sem o contato telefônico, continuamos indo à casa, o que o guardião considerou “perda de tempo” em virtude de nossa impossibilidade de realização das entrevistas sem sua autorização. No dia 30/01, o guardião autorizou as entrevistas, depois que, em conversa conosco, definiu o número de entrevistados (cinco) e os que iriam participar e novamente o guardião, pela segunda vez, nos pediu que não fizéssemos pergunta sobre o Pe. Roberto, “pelo momento atual da Toca”. Neste mesmo dia (30/01) realizamos a primeira entrevista que foi controlada pelo guardião⁶² e criticada em termos de utilização do tempo do toqueiro (por mais de uma hora).

Para as entrevistas elaboramos, de acordo com as orientações de Alberti (2004, p. 95) um roteiro semiestruturado (em anexo), “flexível, aberto de grande utilidade para a orientação dos entrevistados, mas não como o único recurso a ser considerado”. O roteiro de entrevista constou dos seguintes temas: vida anterior ao conhecimento da Toca de Assis (escolarização, religião da família, ocupação, experiência afetiva, trajetória religiosa, participação na Igreja Católica), adesão à Toca de Assis (motivos de atração, reação familiar, mudanças na vida), vivência na Toca (prática/experiência religiosa, relação com a comunidade religiosa, com os assistidos, responsabilidades, o que é mais difícil e o que é mais fácil na vivência religiosa) visão da crise (o que faz permanecer, perspectiva de futuro), visão da Igreja Católica, do mundo, dos jovens, relação com a figura de São Francisco de Assis.

As cinco entrevistas duraram entre 1 ½ hora a duas horas, foram gravadas em áudio com o consentimento prévio do guardião da casa e dos sujeitos entrevistados, três foram realizadas

⁶² Nessa primeira entrevista, o guardião passou pela janela da sala onde estávamos com o informante e mostrou o relógio, como que avisando da duração, do tempo, a fim de nos apressar.

na sacristia e duas, nos bancos em frente ao dormitório, próximo à capela. Foram transcritas na íntegra, preservando-se fielmente o que foi dito (como erros gramaticais, expressões coloquiais e, sempre que possível, pausa, hesitação, exclamações etc.). Durante a realização das entrevistas, dispensamos o uso do roteiro escrito, pois, além de poder causar constrangimento nos entrevistados, tínhamos absoluto controle dos temas a serem abordados.

As entrevistas transcorreram em formato de conversa informal que permitiu aos sujeitos uma postura mais descontraída e menos controladora e, por conseguinte, facilitou a condução da própria entrevista. Em algumas entrevistas, outras perguntas que não estavam no roteiro prévio puderam ser feitas por conta dos temas que foram sendo tratados. Somente na primeira entrevista, o guardião encontrava-se na casa e o tempo foi controlado, mas nas demais, com sua ausência, os toqueiros demonstraram estar mais à vontade com relação ao tempo de duração, assim como a pesquisadora.

Convém observar que a convivência dos membros com a pesquisadora possibilitou a construção de um relacionamento de confiança e afetividade. Notamos que ficaram à vontade durante as entrevistas e mantinham uma convivência de cordialidade. Atestamos em nossa experiência o que Narita (2006, p. 28) afirma que “a entrevista só alcança profundidade para além dos fatos, atingindo processos psicossociais vividos e recuperados nas memórias dos sujeitos, após certo período de convivência”.

Dos oito toqueiros da casa, conversamos informalmente com sete, alguns por mais de três vezes. Em um caso, com um informante, foram realizadas várias conversas informais, mas não propriamente uma entrevista. A razão para não incluir esse informante sob a denominação de “entrevistado” é que embora ele tenha consentido em conversar informalmente, não aceitou “conceder” formalmente uma entrevista previamente combinada para a obtenção de informações. Entretanto, o mais importante é que ainda assim, nossas conversas informais produziram um acervo importante de informações as quais estão registradas em nosso Diário de Campo e foram inseridas no texto quando da sua pertinência. Apenas a um toqueiro não tivemos acesso, ainda que na convivência tenha sido gentil nos cumprimentos, sempre se manteve distante. As demais conversas informais (com os profissionais, assistidos, voluntários e amigos) foram registradas em diário de campo e os dados coletados farão parte das análises.

Como dissemos anteriormente, a definição do número de entrevistados foi fruto de um acordo realizado entre a pesquisadora e o coordenador da casa/guardião, cujo critério posto foi a disponibilidade dos sujeitos para dar entrevistas. Nesse sentido, vale a pena lembrar a observação de Alberti (2004) sobre as entrevistas em Histórias Orais em que o pesquisador se

depara com determinadas circunstâncias, como por exemplos, pessoas que se negam a dar seu depoimento, a falta de disponibilidade para dar entrevista etc. Em nosso caso, encontramos um sistema hierárquico na comunidade como definidor de papéis e disponibilidades.

3.1.9. Reconstruindo o campo

O material obtido na pesquisa de campo em forma de depoimentos e entrevistas, registros de diálogos e observações foi trabalhado a partir de agrupamento das informações por temas e assuntos correlacionados a categorias através das quais se buscava conhecer os processos de adesão, vinculação, permanência na Fraternidade Toca de Assis. O material de campo foi utilizado, em sua maioria, particularmente no que diz respeito ao significado atribuído pelos sujeitos. As trajetórias de vida dos sujeitos, possibilitadas pelas entrevistas, possibilitaram-nos o acesso aos sentidos atribuídos às suas experiências, como interpretam sua interação simbólica com o sagrado e com a comunidade de vida e as representações que possuem da sociedade, da igreja e da própria condição de serem jovens na dada circunstância. A partir das trajetórias individuais buscamos retratar o contexto social mais amplo em que se determinaram. Tendo como referência os estudos sobre religião e juventude, buscamos uma relação e articulação com aspectos das transformações em curso mais amplas e estruturais do campo da religião e juventude com o cotidiano de vida dos jovens e as condições que possibilitaram a inserção deles na Toca de Assis e a efetividade dos vínculos ali estabelecidos e também com a liderança do movimento. Considerando todo o material coletado foi elaborada a síntese da trajetória dos entrevistados como meio de recuperar a história de vida dos entrevistados e as circunstâncias mais significativas envolvidas nas circunstâncias de adesão dos jovens.

Buscamos integrar a inserção com a existência social e o espaço social de onde os jovens se originam para averiguar possíveis relações. Busca-se além das trajetórias individuais, responder à questão do que elas têm em comum. No próximo capítulo, será apresentada as referências teóricas que as análises das trajetórias solicitaram, a partir de uma abordagem interdisciplinar por se entender que o tema em questão é complexo e por isso demanda uma perspectiva interdisciplinar (MARIZ, 2005; DAMASCENO et. al, 2001).

Depois de lidas as entrevistas e analisadas, vimos não somente o mais recorrente, mas também aquilo de significativo em cada entrevista individual, no que elas se aproximam em termos de similaridade e o que possuem de singular ou particular, sem com isso realizar uma análise idiossincrática. Segundo Bardin (1977, p. 119) “a categorização é uma operação de

classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos”. Ou seja, a “categorização é a passagem de dados brutos a dados organizados”. A questão aqui analisada permitiu a organização do material empírico em quatro categorias compreendendo que elas são categorias sociais, “mas é um social denso e aberto às contradições de versões alternativas”, de acordo com Spink (2003, p. 31).

As categorias definidas foram três: **A busca por um caminho** (trajetória religiosa, reação familiar e amigos, o religioso que dá sentido); **No caminho da Toca** (vivência do cotidiano, relação com o sagrado, relação com os assistidos, relação entre os toqueiros, relação com a figura de São Francisco); **Mudanças no caminho** (vivência e sentidos atribuídos à crise, o que faz permanecer; visão da igreja, da sociedade, da juventude, visão do próprio futuro da instituição, das mudanças).

Estaremos dando relevo às vivências apresentadas nas narrativas dos entrevistados que serão analisadas e depois cotejadas com teorias sociais que possibilitem sua compreensão. Dentro dessa perspectiva levando em conta a advertência de Geertz (1999):

[..] É possível relatar subjetividades alheias sem recorrer a pretensas capacidades extraordinárias para obliterar o próprio ego e para entender os sentimentos dos outros seres humanos. Possuir e desenvolver capacidades normais para estas atividades é obviamente essencial, se temos esperança de conseguir que as pessoas tolerem nossa intrusão em suas vidas ou de que nos aceitem como seres com quem vale a pena conversar. [...] A compreensão depende de uma habilidade para analisar seus modos de expressão, aquilo que chamo de sistemas simbólicos, e o sermos aceitos contribui para o desenvolvimento dessa habilidade. (GEERTZ, 1999, p. 106s)

É importante observar que nossas conversas informais trouxeram muitas informações a cerca das dinâmicas e das vivências anteriores à saída do Pe. Roberto. Também trouxe novos dados e ampliou o conhecimento sobre a Fraternidade Toca de Assis e o trabalho realizado junto a uma população excluída e abandonada pela sociedade. Nessa perspectiva lembramo-nos da observação de Martins (2004):

O pesquisador não pode esquecer que a relação que se estabelece entre observador e o observado é uma relação social e política”. [...] o importante é produzir um conhecimento além de útil, explicitamente orientado por um projeto ético, visando a solidariedade, a harmonia e a criatividade. (MARTINS, 2004, pp. 296, 298)

Procuramos seguir a recomendação de Geertz (2001, p.152), também baseado na perspectiva weberiana, que afirma que devemos buscar, em nossas análises, termos mais “firmes, mais decididos”, tais como “sentido”, “identidade” ou “poder” para que possamos, em suas palavras: “captar as tonalidades de devoção de nossa época”. Segundo Geertz (2001):

[...] Na vida real, o “sentido”, a “identidade”, o “poder” e a “experiência” estão inextricavelmente emaranhados, implicando-se mutuamente, e é tão impossível fundamentar ou reduzir a ‘religião’ a esta última, a ‘experiência’, quanto a qualquer dos demais. Não é na solidão que se constrói a fé. (GEERTZ, 2001, p. 164)

3.1.10. Os jovens toqueiros entrevistados: caracterização

Foram realizadas entrevistas com os toqueiros do grupo pesquisado. Dos cinco entrevistados⁶³, três possuem idades de 26 e 27 anos, outros dois sujeitos possuem 30 e 32 anos de idade. Todos possuem o Ensino Médio (EM) completo, exigência atual da Toca, e dois chegaram a entrar no Ensino Superior, mas abandonaram logo após o primeiro semestre letivo. Não investigamos a classe social, mas pelas descrições de local de moradia e ocupação dos pais, pertencem à classe média e/ou baixa. Todos participam há mais de 6 anos da Toca, a maioria há 8 anos, apenas um, há dez anos. São provenientes de três estados do Brasil: os entrevistados são naturais do Ceará (dois entrevistados), Minas Gerais (um entrevistado) e São Paulo (dois entrevistados). Ainda que um entrevistado quando criança foi morar na capital de seu estado e um outro, nascido numa cidade industrial, na região metropolitana de seu estado, os demais são de cidade do interior. Antes de conhecer a Toca de Assis, todos os entrevistados participaram de grupos de oração ligados à Renovação Carismática Católica. Em relação à religião da família, a maioria é de família católica (quatro informantes), um sem religião.

Entre os entrevistados, quatro tiveram experiência de trabalho, três com emprego formal, em empresas e assalariados e um dentro da informalidade. Somente um nunca trabalhou. Quanto à vivência afetiva, apenas um relatou que não teve experiência de namoro.

⁶³ Em anexo, se encontra uma síntese/perfil a partir de dados pessoais fornecidos pelos entrevistados.

QUADRO 1 – PERFIL SÓCIO-CULTURAL E FAMILIAR DOS JOVENS TOQUEIROS ENTREVISTADOS DA FRATERNIDADE TOCA DE ASSIS RELACIONADO À TRAJETÓRIA RELIGIOSA

<i>Sujeitos</i> (nomes fictícios)	<i>Idade na entrevista</i>	<i>Idade de Ingresso na Toca</i>	<i>Tempo de Permanência na Toca</i>	<i>Locais por onde passou na Toca</i> (estados e cidades)	<i>Antes da Toca</i> <i>Ligação com a religião</i> [o que fez e do que participou]	<i>Naturalidade</i>	<i>Escolaridade de</i> <i>no ingresso na Toca</i>	<i>Escolaridade e</i> <i>Ocupação dos pais</i>	<i>Religião da Família</i> (mãe e pai)
<i>Ir. João</i>	27 anos	19 anos	8 anos	Fortaleza/CE; Belo Horizonte/MG; Salvador/BA, Cotia/SP; Mauá/SP; São Paulo/SP, Itaipuaçu/RJ, no exterior; RJ/RJ	Missa aos domingos na comunidade eclesial, de grupos de oração, encontros promovidos RCC, Comunidade Shalom	Ceará	Ensino Médio completo	Mãe – costureira fábrica de roupas Pai –	Mãe – católica atuante ECC Pai - cat atuante ECC (ECC – Encontro de Casais com Cristo)
<i>Ir. Tiago</i>	27 anos	19 anos	8 anos	São Paulo/SP	Participou da Conf. de São Vicente, do grupo Fé e Política, das CEB's e grupo de oração da RCC	Minas Gerais	Ensino Médio Completo	Mãe – do lar Pai - operário	Mãe – cat convertida, missas (trad. Indígena) Pai – cat atuante liderança CEB's e RCC
<i>Ir. Bartolo meu</i>	30 anos	20 anos	10 anos	Cruzeiro/SP; Cachoeira Paulista/SP; Rio de Janeiro/RJ; São Paulo/SP; RJ/RJ	Grupo de Jovens (paróquia); TLC e RCC	São Paulo	Ensino Superior Incompleto (curso de Direito) – faculdade particular	Mãe – enfermeira, hospital	Mãe - Sem religião
<i>Ir. Paulo</i>	26 anos	20 anos	6 anos	Fortaleza/CE; Teresina/PI; Crato/CE; Pirassununga/SP; RJ/RJ	Missas aos domingos; Comunidade Obra Lumem de Evangelização	Ceará	Ensino Superior Incompleto (curso de Biologia) Universidade Federal	Mãe – do lar Pai – funcionário multinacional	Mãe – Cat atuante Pai – cat
<i>Ir. Pedro</i>	32 anos	25 ½ Anos	7 anos e ½	Americana/SP; Sorocaba/SP; Dourados/MTS; Londrina/PR; Ipatininga/MG; RJ/RJ Acompanhamento vocacional	Ativo na paróquia; 12 desejo de ser padre Pastoral da Juventude; Grupo de oração da RCC; Pastoral do Dízimo e Liturgia	São Paulo	Ensino Médio Completo	Mãe – do lar Pai -	Mãe- Cat atuante Pai – cat atuante

Fonte: dados colhidos exclusivamente através das entrevistas realizadas entre 28/01/2011 a 3/02/2011.

Capítulo 4

Adesão e permanência de jovens à Fraternidade Toca de Assis

Apresentaremos nesse capítulo a análise feita a partir do trabalho de campo e das entrevistas realizadas em profundidade com os toqueiros. Organizamos nossa análise a partir de três grandes categorias: “A busca por um caminho”, onde explicitaremos a trajetória religiosa dos entrevistados; “No caminho da Toca”, as experiências e os sentidos da vivência religiosa na Toca de Assis; e “Mudanças no Caminho”, quando serão explicitadas as mudanças recentes no interior da Toca: as causas, conseqüências, sentidos atribuídos, organização atual e visão de futuro. Toda análise será cotejada com a produção teórica recente e se incidirá no tripé sujeito/comunidade religiosa/instituição, na compreensão que é nessa tríade onde são produzidos sentidos e práticas. Nosso propósito é apresentar as trajetórias religiosas dos jovens entrevistados, ou seja, sua trajetória antes da entrada na Toca (sua participação religiosa), o contexto de conhecimento da Toca, os motivos de adesão, suas primeiras vivências em comunidade, o trabalho com a população de rua assistida pelas casas, além da reação familiar.

4. 1. A busca por um caminho religioso: a Toca de Assis

Nesta parte do trabalho, apresentaremos a trajetória religiosa dos entrevistados: a formação religiosa, as continuidades e rupturas na participação religiosa, o conhecimento da Toca, os sentidos para adesão, as primeiras experiências de contato com a Toca, a entrada na comunidade, a reação dos pais contada pelos toqueiros, as primeiras vivências na Toca depois da entrada.

4.1.1 Trajetória religiosa dos jovens toqueiros

Nossos entrevistados são naturais das regiões nordeste (Ir. João, 27 anos e Ir. Paulo, 26 anos), região com maior número de católicos segundo os dados do Censo IBGE/2000 (Piauí, 91,3%; Ceará, 84,9%; Paraíba, 94,2%; Maranhão, 83%) e sudeste (Minas Gerais e São Paulo): um entrevistado (Ir. Tiago, 27 anos) é do estado de Minas Gerais, o estado na região sudeste que se destacou pelo número daqueles que se declararam católicos, ou seja, porcentagem

maior que a média nacional (78,8%, Censo IBGE/2000) e dois são de cidades do interior de São Paulo (Ir. Bartolomeu, 30 anos e Ir. Pedro, 32 anos), estado onde nasce a Toca de Assis e tem lá sua maior penetração. Em nosso grupo de estudo não há entrevistado natural do Rio de Janeiro, esse fato pode ser explicado pela própria dinâmica da Toca na qual transfere seus membros para outros estados que não são de sua origem.

A maioria dos entrevistados declarou que vieram de famílias católicas, onde o “costume”, a tradição familiar, pelo menos, a partir da figura da mãe, era de levá-los à missa aos domingos. Apenas um deles era o pai que fazia a formação religiosa familiar. Seguem os relatos:

Olha, desde criança, eu sempre, minha mãe sempre teve o costume de me levar a missa aos domingos desde criança né, é tanto que a gente aprendeu a se comportar na missa, não ficar correndo na igreja, desde pequenininho mesmo, minha mãe chegava a falar que às vezes ia e a gente dormia no colo na missa porque era criança muito novinha né, mas ela dizia que levava para já ir se acostumando com o ambiente, com o tempo da missa e tudo, isso no Crato, no interior do Ceará. (Ir. Paulo, 26 anos).

Fui criado no berço católico, meus pais são católicos, minha família é católica [...]. (Ir. João, 27 anos)

[...] Meu pai era aquela pessoa que nos disciplinava na fé, ir, ‘tem que ir’, era preciso, tem que ir. Não era uma experiência de livre vontade. Muitos dos meus irmãos se afastaram da Igreja, na participação ativa da fé, não se tem, mas nós fomos formados na fé, fomos formados nos bons costumes, na moral de uma família. (Ir. Tiago, 27 anos)

Apenas um entrevistado, o Ir. Bartolomeu (30 anos) declarou que sua família se classifica como ‘sem religião’, proveniente de uma família mono parental, sua participação na Igreja começou quando tinha entre 17 a 18 anos, atraído por um interesse por uma jovem que participava na igreja, uma motivação de orientação sexual juvenil. É interessante ouvir sua história:

Estava com dezessete para dezoito anos. Foi aí, que se iniciou eu comecei ir à Igreja não por causa de Jesus, mas por causa dela (uma moça que conheceu na porta da igreja), eu comecei a ir na missa no domingo, mas eu não entrava ficava lá fora, por que não era costume, ficava lá fora. Mas a minha intenção era esperar ela sair para conseguir vê-la, só que depois eu fiquei lá fora, depois fiquei na porta da Igreja, depois já estava dentro da Igreja, mas não sabia nada o que estava acontecendo na questão da celebração Eucarística. Só a partir do momento que eu recebi o convite para participar do grupo de jovens, daí eu aceitei o convite porque sabia que ela estava no grupo naturalmente também, aí eu comecei a participar, então foi daí o meu primeiro contato com a religião católica, foi aí que eu comecei a me interessar, comecei a questionar a minha mãe, aí descobri que não era nem batizado. Daí surgiu o interesse de ser batizado e fazer a Primeira Comunhão, então eu fiz o Catecumenato pra jovens. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

Não tivemos relato de uma entrada na Igreja por um motivo traumático (por exemplos dependência às drogas, alcoolismo etc.) e/ou de crise existencial (desemprego, decepção amorosa, conflitos familiares etc.)

Podemos concluir que a maioria teve sua socialização primária na Igreja Católica, pertencentes de famílias católicas, onde, pelo menos, um dos pais tem uma presença ativa na Igreja. Nesse sentido, nota-se que em algumas regiões brasileiras, a marca da tradição permanece, na qual o aspecto hierárquico familiar é significativo. A religião, portanto ainda é, em alguns lugares do Brasil, uma herança familiar, nesse sentido nossa pesquisa confirma os dados de Camurça e Tavares (2006) e Camurça (2009).

Apenas um entrevistado é de família sem-religião e teve sua conversão tardia, já na juventude, quando foi então batizado, e sua participação na igreja foi avaliada como positiva por sua mãe.

Participação na Igreja Católica

Dos cinco entrevistados, tivemos a informação que quatro (Ir. João, 27 anos; Ir. Tiago, 27 anos; Ir. Paulo, 26 anos; Ir. Pedro, 32 anos) tiveram uma participação ativa, desde criança, na sua comunidade eclesial. Para esses o espaço religioso se revestiu como um espaço de socialização e agregação comunitária. A participação nas missas dominicais era um “costume familiar”, dado que possibilita verificar que, em muitas cidades, as formas tradicionais e populares de vivência religiosa estão presentes no Catolicismo (TEIXEIRA, 2010; CALIMAN, 1994). Sabe-se que nesses locais a presença da Igreja Católica é significativa como espaço de socialização e integração da comunidade local (ANTONIAZZI, 2002; FERNANDES e SOUZA, 2002; CALIMAN, 1994). Apenas um entrevistado, o Ir. João (27 anos), que não saiu de sua cidade até a entrada na Toca, manteve uma participação contínua. Os demais tiveram um momento de ‘afastamento’, entendido para alguns, como não participação ativa na vida eclesial, através de seus diversos movimentos e pastorais ou, até mesmo, a falta de participação nas missas aos domingos, de acordo com os relatos abaixo:

Com 11 anos, 10 anos (dúvida), 84, 85, com 11 anos, meu pai foi transferido para Fortaleza (CE) e a gente veio embora para Fortaleza. Ai a gente se perdeu um pouco desse costume porque nós chegamos em Fortaleza, ninguém conhecia nada, meu pai conhecia um pouco porque ele trabalhava viajando, nessa época ele trabalhava na White Martins, então ele tinha uma filial no Crato. Ele trabalhava no Crato, em Fortaleza, então ele passava muito, então ele já conhecia a cidade em si né, lá em Fortaleza, então ele conhecia, só que minha mãe não. Só que meu pai passava quinze dias em casa e quinze dias fora trabalhando dessa forma. E a minha mãe acabou até pelo cuidado da casa, quando a gente morava no Crato, tinha empregada, tudo assim, lá em Fortaleza não. Então, a gente começou a morar em apartamento, lá era mais casa. Então a minha mãe começou a ficar mais em casa. Então, foi se perdendo o

costume de ir a missa, aí a gente vai crescendo também, vai tomando, digamos assim, conta da sua própria vida entre aspas né, porque vai se querendo ser mais independente, ai acaba deixando e eu, completamente, deixei assim [...]. (Ir. Paulo, 26 anos)

Até me adaptar na cidade, assim, até conseguir amigos, parei de participar um pouco da Igreja. Ia assim a missa, (silêncio) que eu não tinha me engajado. (Ir. Pedro, 32 anos)

Podemos verificar nos depoimentos acima que os Ir. Paulo (26 anos) e Ir. Pedro (32 anos) vivenciaram um momento de afastamento da igreja ao mudarem de sua cidade natal para uma cidade de grande porte. A experiência urbana implicou em um tempo de adaptação à dinâmica diferenciada do interior, de um *ethos* num mundo mais homogêneo de uma cidade pequena em contraste com uma sociedade mais plural e diversa⁶⁴. Nessa direção, vários estudos foram realizados, tanto no campo da sociologia como na teologia/pastoral da Igreja Católica, para compreender a vivência dos católicos no mundo urbano com características plural e complexa, no qual a instituição religiosa não está mais no centro da vida social como numa sociedade mais tradicional (FERNANDES e SOUZA, 2002; ANTONIAZZI e CALIMAN, 1994). Desse modo, podemos inferir que esses jovens experimentaram um momento, em suas vidas, certa anomia religiosa, que foi superado com a inserção em uma nova comunidade religiosa católica (DURKHEIM, 1989).

Outro entrevistado, o Ir. Tiago (27 anos) relatou que depois que terminou a Crisma, já cursando o Ensino Médio, começou a se interessar pelo movimento estudantil o que o deixou por um tempo afastado da Igreja, tendo uma participação apenas esporádica. A participação de sua família conjuga participação nas Comunidades Eclesiais de Base – CEB's e uma atuação em movimentos populares e sindicatos. Contou-nos que seu pai foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT):

Comecei a estudar, comecei a interessar mais, a me interessar pela questão de movimento (...), Movimento Estudantil, isso, radical. Então eu acabei largando, ficou um pouco de lado a questão da fé. Às vezes ia com meu pai à missa, mas não tinha essa livre escolha, liberdade, foi um período assim, não muito longo. Até veio um questionamento, que era preciso fazer uma escolha, optar, pela a questão da fé, que a minha opção ideológica que contrariava a fé. (...) Eram radicais, extrema esquerda, então contrariava muito, na época era Frente Estudantil Rebelião (?), era um grupo, como fosse uma facção da UCRG - União dos Estudantes Engajados. Eles trabalhavam mais junto com o pessoal da LOC – Liga Operária Camponesa, uma parte radical do MST, muitos trabalhadores, operários também era o pessoal mais radical, mais extremo. Eles tinham uma atuação muito grande em Belo Horizonte. (Ir. Tiago, 27 anos)

Um dos toqueiros, Ir. Bartolomeu (30 anos), que começou sua participação na Igreja aos 17/18 anos, passou a ter uma participação ativa na vida eclesial, atitude típica de um recém-convertido, em um grupo de oração ligado à Renovação Carismática Católica/RCC e no Movimento Treinamento de Liderança Cristã – TLC, criado na década de 60, como uma das “portas de entrada” da Igreja Católica para os jovens. Como podemos observar na entrevista de Ir. Bartolomeu (30 anos):

Aí eu comecei a participar de experiência de oração, de grupo de oração, comecei a sair para retiro, porque dentro desse grupo, depois desse grupo jovem, fizeram outro grupo, com algumas pessoas que já estavam participando desse grupo jovem, mas que queriam uma experiência maior. Então, ele se aprofundou principalmente na questão daquilo que é próprio do jovem, da sexualidade, da afetividade. Então foi aí que a gente foi conhecendo, começou a buscar coisas, então desvinculou desse grupo né. A gente começou a tomar posse na realidade a gente assumiu o grupo, e a gente fez um grupo de uma maneira mais renovada aquilo que era próprio dos jovens mesmo, que era linguagem atual, que era falar sobre namoro, sobre afetividade, sexualidade. Ai a gente foi se empenhando, foi conhecendo, ai a gente começou a participar e pra retiro também, para conduzir retiro de jovens que hoje é chamado de TLC que é Treinamento de Liderança Cristã, da qual os coordenadores são da minha cidade, uns dos coordenadores nacionais, são da minha cidade. Então, a gente ia muito com eles nesses retiros, dar palestra, participar, orientar, formar o esqueleto do retiro para apresentar as outras comunidades que queriam implantar esse retiro do TLC, aí eu estava nessa turma. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

Para alguns entrevistados (Ir. Paulo, 26 anos; Ir. Tiago, 27 anos; Ir. Pedro, 32anos) o retorno à vida eclesial, depois de um período de afastamento, quando estavam com idades entre 17 e 18 anos, cursando o Ensino Médio, se deu pelos grupos e/ou encontros de oração da Renovação Carismática Católica/RCC. Tanto o TLC como a RCC são vistas e apoiadas por grande parte da hierarquia católica como esses espaços de “reconquista dos fiéis” (CARRANZA, 2000, 2011; MARIZ, 2009; MEDEIROS, 1997). De acordo com a fala de Ir. Pedro (32 anos):

Minha irmã fazia parte da Renovação Carismática, eu nunca tinha ouvido, nunca tinha ouvido falar da Renovação. Ela sempre me convidava, aí eu recuava um pouco, eu dizia: _ “Ah, não vou não, não conheço é muito diferente, é uma novidade para mim”. Aí ela sempre me convidando para ir no grupo de oração, aí eu fui num dia, participei, gostei muito, então passei a frequentar o grupo de oração, a Renovação. Fazendo só com o grupo de oração, participando. Então assim, com uns 19 anos. Aí nesse período eu comecei a me aprofundar na Renovação, comecei a fazer retiro, passei a tomar mais gosto, aí nesse período todo, de eu mudar. (Ir. Pedro, 32 anos)

O depoimento abaixo do Ir. Tiago (27 anos), expressa um primeiro desejo de romper com a tradição familiar, presente na expressão: “eu não quero seguir o que meus pais seguiram”, ao mesmo tempo, um desejo de viver experiências de forte intensidade. Ir. Tiago (27 anos) expressou que viveu um dilema entre participar com intensidade no movimento

estudantil, o que iria afastá-lo da vivência eclesial, ou se manter na Igreja. A experiência de participar de um encontro da RCC foi decisivo para a sua escolha pelo engajamento eclesial:

Foi depois que eu voltei para a Igreja, depois de ter ido a um encontro da Renovação, num dos eventos da Renovação Carismática, só para observar, como jovem, só para fazer bagunça. Aí a gente foi pra ver, eu me senti, tive uma experiência diferente nesse encontro que eu não esperava ter. (ri) E acabei tendo uma experiência forte com o Espírito Santo e meu pai estava nesse encontro. E me viu, ter essa experiência, a partir daí passei a sentir a ser chamado a fazer algo dentro da Igreja. Nessa época, que tive essa experiência, foi ponto X da questão, de eu ter uma opção, pois era o momento, de eu verdadeiramente me engajar no Movimento Estudantil, entrar mesmo, de cabeça mesmo, é isso que eu quero, não quero seguir o que meu pai seguiram, não quero ir mais a Igreja, não quero aquela coisa mesmo. Aí que eu ia me engajar de cabeça mesmo no movimento. Eu ia no movimento mas ainda participava com o meu pai, ia a missa. (Ir. Tiago, 27 anos)

Pelo depoimento abaixo do Ir. Paulo (26 anos), verificamos a penetração da RCC, não somente nas paróquias, mas também nas instituições católicas (colégios) através das Comunidades de Vida e Aliança, provendo uma participação ativa dos jovens envolvidos:

Então depois da minha crisma, que eu fiz minha 1ª Comunhão no Crato e, na minha Crisma eu fiz no colégio, lá em Fortaleza. Eu estudava em um colégio católico lá, e aí teve a crisma, foi em 2000 a minha crisma, aos 16 anos. (...) Aí, depois do crisma, que eu passei a fazer parte desse grupo de oração, nessa comunidade (Obra Lumem de Evangelização), que era essa comunidade que dava apoio no crisma entendeu, eles que animavam tudo, que ajudavam muito lá, o crisma no colégio, os cursos de catequese para crisma. (Ir. Paulo, 26 anos)

O Ir. Paulo (26 anos) informou-nos que depois que começou a participar da Comunidade de Vida (Obra Lumem), teve um primeiro desejo de ser padre e logo, de tornar-se um leigo consagrado à comunidade:

Deus lhe chama, o primeiro pensamento que você tem é o sacerdócio, justamente o que você tem é o sacerdócio porque quando você pensa em uma figura masculina que tem uma vida entregue a Deus, é o padre; uma vida feminina entregue a Deus, é a freira. Então, é, mais ou menos, esses dois pontos a gente pensou logo, no padre e é o que vem primeiro, assim com todo aquele processo de experiência, de discernimento vocacional, aquilo tudo assim foi nesse processo assim, até dentro da comunidade mesmo que a gente já sentiu o desejo de consagração, lá dentro. O primeiro desejo foi ter a vida consagrada dentro da comunidade, só que lá eles são leigos e não me atraía ao que Deus me chamava, era uma entrega muito profunda, principalmente assim, ao que me encantava muito era a aliança pelos votos, os votos evangélicos da pobreza, castidade e obediência. Então, quando você percebe assim isso tudo, aí você começa a analisar assim, é um processo realmente de discernimento vocacional que Deus mesmo vai conduzindo assim, com auxílio de algumas pessoas. (Ir. Paulo, 26 anos)

Já o Ir. Pedro (32 anos) conta que teve o desejo de ser padre desde sua infância, depois que fez a catequese, período de preparação para a Primeira Eucaristia:

[...] Fiz a catequese, entre 10-12 anos fiz a catequese, então foi quando comecei a estar mais perto da minha Igreja, estar mais junto com o pessoal da igreja, próximo da minha catequista. Então, nos encontros, ajudava nas festas... participei do coral infantil, da comunidade, participando dentro da Igreja. Aí, com meus 12 fiz minha primeira Eucaristia, foi quando despertou, despertou assim, a minha vocação até

então pelo sacerdócio. Pelo convívio que eu tinha com o pároco, com o pessoal, o primeiro contato foi com o sacerdócio. Não tínhamos o conhecimento da vida consagrada, do religioso, do irmão, então, o padre, como eu conversava muito com o padre, era para padre. (Ir. Pedro, 32 anos)

Os entrevistados Ir. Paulo (26 anos) e Ir. Pedro (32 anos) expressaram o desejo de ser padre, o primeiro na juventude quando conheceu uma Comunidade de Vida, o segundo desde sua infância quando participava da paróquia no interior de São Paulo. Nesses casos, a vocação foi compreendida como um chamado de Deus, para responder é preciso tornar-se disponível para que Deus ‘conduza o processo’, delegando a autonomia de escolha, ao transcendente. Segundo dados de Costa (2002) no Brasil houve um aumento dos padres diocesanos entre os anos de 1990 a 2000, o que podemos supor que a escolha de ser padre ainda é uma perspectiva para alguns jovens. Acrescenta-se ainda a essa possibilidade, segundo Fernandes (2010) e Carranza (2011) a imagem dos padres cantores, como os de Pe. Marcelo Rossi e de Pe. Fábio de Melo, que, ao ganhar uma visibilidade na mídia, pode ser considerada um atrativo para as novas vocações, ainda que Fernandes (2010) observa que não é possível, de acordo com os dados de pesquisas, fazer essa relação direta.

4.1.2. Conhecimento e aproximação dos jovens com Toca

Para a maioria, o conhecimento da Toca se deu através de sua participação na Renovação Carismática, ou seja, através de uma palestra de um membro da Toca ou do próprio Pe. Roberto num encontro promovido pela RCC e/ou por uma Comunidade de Vida renovada (Shalom, Obra Lumem, Canção Nova), seja, por uma relação estreita entre a Comunidade Renovada e a Toca (ajuda, visitas, colaboração) ou, por indicação de algum membro da RCC ou, ainda, por participar de uma missa celebrada pelo Pe. Roberto. Ainda que a Toca de Assis não tenha nascido da RCC (MARIZ e LOPES, 2009; PORTELLA, 2009), possui com ela, uma estreita ligação, principalmente pela espiritualidade, o que atraiu os jovens de acordo com os depoimentos abaixo:

[...] A Shalom me ajudou a descobrir a minha vocação atual daí, no final do ano, tinha um evento lá em Fortaleza que o padre ia celebrar, que é o Padre Roberto, que é o fundador da Toca, daí sempre que tinha eventos em Fortaleza, sempre que tinha esses eventos, a gente fazia e a gente ia. (Ir. João, 27 anos)

Como a comunidade que eu fazia parte da Renovação Carismática, eles faziam muita visita à Toca, os meninos faziam visita à Toca, juntavam doações do grupo de oração para levar para a Toca e, em uma dessas visitas, eu fui (...). (Ir. Paulo, 26 anos)

É interessante observar três aspectos ressaltados nos depoimentos dos entrevistados abaixo: a estreita ligação da Toca com os grupos ligados à RCC - meio renovado -, a visibilidade da Toca através da televisão (redes católicas: Canção Nova, Rede Vida, TV Século XXI) e a espiritualidade franciscana tradicional.

No meio (renovado) eu ouvi falar da Toca. A Toca já era muito falada na época. Era um grupo que aparecia na televisão, então, no meio renovado se falava muito da Toca, do seu trabalho. E ela chegou na minha cidade, abriu uma casa, nos primeiros quatro meses que abriu a casa, já se divulgava, muito no meio jovem renovado a Toca, o trabalho espiritual da Toca, o trabalho social da Toca, a espiritualidade da Toca que era forte, o modo da Toca ser, a questão franciscana, questão tradicional franciscana. O modo de vestir, o modo de vida, a vivência da pobreza, se falava muito disso, tudo isso, mas não me tocava a questão vocacional, de assumir o carisma, apesar que eu buscava dentro do Fé e Política, da Renovação, da Conferência Vicente de Paulo, várias coisas ao mesmo tempo. Então tinha várias coisas (ri), porque gritava algo em mim, o que Deus quer de mim, qual o propósito de Deus. (Ir. Tiago, 27 anos)

Eu conheci a Toca foi ... num retiro da Canção Nova. Na realidade o que aconteceu nessa época tinha acampamentos de férias na Canção Nova então, eram acampamentos prolongados, de seis a sete dias direto. Então, a gente se organizava principalmente aqueles que eram coordenadores e mais algumas pessoas que participavam do grupo, se organizavam e iam para esse acampamento que era geralmente acampamento de músicos, a gente ia ficava. A experiência de oração do músico, era voltado muito para essa realidade, e a gente ficava seis a sete dias lá e foi aí que eu conheci a Toca. Porque o Padre estava pregando, como eu comentei com você, o Padre estava ali, coincidiu do Padre ir pregar nesse acampamento e ele foi pregar. Eu lembro que ele levou a relíquia do Padre Pio ‘tava’ sendo pra ser divulgada, ele trouxe da Itália que ninguém conhecia no Brasil, que era pouco conhecida. Falou um pouco da história do Padre Pio, aí eu conheci a Toca foi ali, meu primeiro contato com a Toca, foi na Canção Nova, mas, tranquilamente, nunca passava, nunca passou pela minha cabeça participar da Fraternidade, da Toca de Assis. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

Na fala do Ir. Bartolomeu (30 anos) a figura do Padre Lettieri é muito destacada, sua ação resgata elementos da devoção católica tradicional de valorização da vida e do testemunho dos santos. Somente um dos entrevistados, o Ir. Pedro (32 anos) ao ouvir falar da Toca, foi procurá-la, pois vinha de um processo de busca de uma congregação religiosa a fim de se tornar padre. Por algum tempo, participou do acompanhamento vocacional na ordem dos Capuchinhos (frades franciscanos), depois procurou uma outra congregação que tivesse a adoração como centro e o uso do hábito. Ao ouvir sobre a Toca, entrou em contato telefônico e foi visitar a Casa Mãe. Ao contrário de alguns grupos proselitistas, que vão as casas das pessoas para convertê-las (por exemplo, Testemunhas de Jeová), não foi a Toca que procurou o Ir. Pedro (32 anos), mas foi ele que a procurou a partir do conhecimento de sua existência, por sua grande presença no meio renovado, presença traduzida como uma novidade por sua configuração, segue o relato:

Isso, no meu grupo de jovens, que conheciam a Toca, ‘uns jovens que andam descalços, que usam uma roupa marrom, cuidam dos pobres e adoram a Jesus, e a

adoração ao Santíssimo’: “ _ Como que é esse pessoal, como que é?” Aí eu perguntei: _ “Me passa o endereço”. Disseram que era em Campinas e eu nunca tinha ido a Campinas até então. “ _ Me passa.” Aí eu falava: “ _ Me dá o endereço, o telefone para eu poder entrar em contato”. Até que um dia eles me deram o telefone e falaram: “ _ Nós não temos o endereço, nós temos o telefone”. Isso foi no final de 2001 para 2002, que eles me deram o telefone. Aí chegou 2002, eu entrei em contato, em fevereiro de 2002, entrei em contato, liguei para Casa Mãe de Campinas – Aliança São José, aí conversei com o guardião da época, expliquei que eu estava, queria conhecer a casa, o que era a Toca de Assis. Aí, ele disse: “ _ Então, vem aqui na casa, vem visitar, só assim você vai conhecer”. Isso em fevereiro de 2002, aí eu fui na ‘cara e coragem’ pra Campinas, peguei o endereço, cheguei na Casa Mãe lá. Cheguei na Casa Mãe fui atendido, quando cheguei na casa. (Ir. Pedro, 32 anos)

Podemos afirmar que a presença da Renovação Carismática nas paróquias através dos grupos de oração e/ou oferta de retiros para os jovens foram os caminhos para o conhecimento da Toca para a maioria dos entrevistados. A visibilidade e a penetração da Renovação Carismática nas paróquias e nos meios de comunicação social, tanto rádio como televisão, alguns desses próprios como, por exemplos, as redes de televisão Canção Nova (TV) e Rede Vida, torna-se uma porta de entrada seja para o recém convertido como para os que se afastaram da prática religiosa católica (CARRANZA, 2000).

4.1.3. A entrada na Toca: hesitação e risco

Entre nossos entrevistados, o tempo de conhecimento até a entrada na Toca foi diverso, desde uma entrada considerada rápida, em três meses de conhecimento como a do Ir. João (27 anos), como a que levou mais de um ano como a do Ir. Pedro (32 anos), que adiou sua entrada em função de dúvidas quanto ao futuro profissional, a responsabilidade financeira com a família e o possível distanciamento dela. O relato abaixo do Ir. João (27 anos) sobre sua entrada na Toca, expressa a ausência de um processo burocratizado de entrada que facilitava a entrada dos membros, processo marcado pela acolhida e espontaneidade. Num trecho de sua entrevista abaixo, relata o tempo que levou entre seu primeiro contato com a Toca e o seu ingresso, menos de três meses, ou seja, conheceu em novembro e no início de janeiro já estava entrando para a casa que ficava na capital de seu estado, há duas horas de sua cidade:

As congregações se fazem ali, no mínimo, um ano de acompanhamento (para entrar) que nem na Shalom, era um ano. Só que na Toca ela tinha oito anos por aí, a Toca estava naquele tempo, assim que você batia na porta, a pessoa queria morar e chegava com mochila e entrava, você não tinha esse negócio não, você entrava. E o meu chamado foi assim, eu liguei e falei: _ “Você lembra de mim? Eu passei uns dias aí, eu queria saber se eu posso ir para morar”. E aí ele falou (o guardião da casa) : “Você pode vir.” Então, eu comecei, foi até engraçado. “ _ O que eu levo?” Aí ele falou: _ “Vem com a roupa do corpo, traz a Bíblia e o terço”. Aí na hora eu levei um susto mas, assim, o desejo era tão grande que eu fiz isso, eu peguei a mochila

coloquei a Bíblia e o terço e para sair de casa eu enchi a mochila de coisas para dar um volume que era para ninguém saber que eu estava saindo com a roupa do corpo. As roupas eu deixei tudo em casa, eu não levei nada, eu sai com a camisetinha da Toca e uma calça, chinelo e fui embora com a Bíblia dentro da mochila. Com o dinheiro da passagem, só isso, eu não levei mas nada. Eu lembro que cedinho, ela me falou (a mãe): _ “ Ia fazer outra calça para você levar.” Eu falei: _ “Eu não quero, eu quero ir desse jeito, ele me mandou ir desse jeito e eu vou assim”. E até motivado pelo livro, porque São Francisco na vida dele ele nunca teve nada além do que o hábito, a calça e a cobra, ele só tinha isso na vida dele, não tinha mas nada e, aí *o desejo de ser como ele era muito grande* (grifo nosso). Na vida religiosa ela faz parte também, coisa que a maioria já começou, até porque a Toca estava no início, tem essa santa empolgação, essa emoção. Então, eu sai desse jeito, saí pobre e decidido a viver o hoje, *quero viver o hoje, não quero me preocupar com o amanhã e pronto* (grifo nosso). (Ir. João, 27 anos)

A entrada do Ir. João é marcada pelo imediatismo, característica considerada típica da juventude. O imediatismo também tem sido uma característica da sociedade midiática e tecnológica, com a aceleração do uso do tempo e dos objetos. O relato do percurso do Ir. João (27 anos) para a Toca assemelha-se a de uma fuga, uma saída disfarçada, como se fosse um comportamento transgressor da ordem estabelecida e, por outro lado, com um ar de aventura e vivência do risco (sair somente com a roupa do corpo e com a bíblia na mochila). Na interpretação de Pais (2006, p.11s) a vivência do risco na juventude “pode ser um recurso usado para transcender a natureza anódina do cotidiano”, além disso, “o risco parece corresponder a uma forma de libertação mediante evasão” e implica em um desafio, “uma escolha ativa baseada no cálculo ou na confiança”. Nesse sentido, enfrentar o risco significa ser portador de um poder.

Mesmo com todo o encanto inicial, para alguns, os primeiros contatos com a Toca foi de estranhamento e dúvida. O Ir. Pedro (32 anos) utilizou a expressão do ‘choque’ para o sentimento produzido pelos primeiros contatos com a realidade que encontrou na Casa Mãe (primeira casa da Toca em Campinas). Choque com a realidade da população de rua, com suas características e peculiaridades, como podemos verificar nas falas abaixo:

Aí cheguei lá, conheci a casa, foi assim, cheguei na casa foi um choque pra mim, porque assim a Casa Mãe tinha muitos pobres e muita gente, muito bagunçada, irmãos bêbados na rua em frente da casa, então foi um choque pra mim, não conhecia, sabia desse trabalho, mas não conhecia. Achei, disse: _ “Meu Deus, o que que é isso!” (ri) Mas me encantava, porque todos os meninos estavam com as vestes e no meio deles (os pobres), estavam assim, sentados no chão, descalços, naquela maior alegria, cantando com os irmãos, achei um choque, mas me encantou muito ver os religiosos no chão. Aí eles me acolheram e disseram: _ “Vem aqui, conhece a casa e tal”. Cheguei na hora do almoço ... me levaram no refeitório. Tinha muitos, muitos, não me lembro quanto, e a casa era apertada, então, nossa (!), a casa era uma bagunça. Falei assim: _ “Meu Deus, que é isso, onde eu estou?” (Ri) _ “Que lugar é esse?” Me chamaram para almoçar, eu fique com receio de almoçar, pela realidade da casa, muitos bêbados, então isso, pensei: não vou conseguir comer aqui. Aí me deram a comida lá, acabei almoçando com eles. Aí eles foram me apresentar à casa, fui conversar com os irmãos bêbados lá. (Ir. Pedro, 32 anos)

Eu conheci tudo só quando chegou na enfermaria, eu não entrei, só o cheiro do éter já bastou pra mim, eu não quis nem conhecer o resto. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

Três toqueiros, Ir. João (27 anos), Ir. Pedro (32 anos) e Ir. Bartolomeu (30 anos) relataram sua indecisão quanto à entrada para a Toca, ou seja, assumir um novo caminho significava abrir mão de sua vida (trabalho, namoro, família, liberdade), o que gerou uma vivência de conflito interno expressos por sentimentos opostos de alegria e sofrimento, certeza e dúvida, medo. O assumir um projeto individual implicava autonomia, renúncia e rompimento com o projeto familiar, na maioria das vezes, significava a construção do seu próprio ‘projeto individual’, como na expressão de Velho (2006), tornar-se adulto diante dos pais. Os jovens expressaram seus conflitos:

É daí, nesse tempo, eu tirei para me preparar, então eu sempre fazia vigília lá na Renovação, sozinho eu ficava a madrugada toda com Jesus sempre perguntando para Ele: _ “É, isso mesmo, que o Senhor quer para mim? É isso que o Senhor deseja para a minha vida, ser todo do Senhor?” Então, eu sempre ficava em vigília sozinho, porque era uma decisão muito séria. Eu queria no meu coração, ter calar essa certeza e aí foi assim quando foi dia cinco, na missa, era domingo na missa à noite até lembro que nessa missa eu chorei bastante, porque eu sabia que no dia seguinte, eu ia embora e era tão difícil... Quanto mas ia aproximando o dia de deixar tudo e ir, dava uma alegria mas uma alegria junto com o sofrimento de deixar tudo. (Ir. João, 27 anos)

O Ir. Pedro (32 anos) relatou que, ainda que tenha tido a identificação com o projeto da Toca, adiou sua entrada pela dificuldade em assumir sua decisão, ou seja, de ‘largar tudo’ o que foi vivido de forma conflitiva, tendo presente as rupturas que seriam necessárias fazer:

Então eu fiquei assim, e agora? Como eu vou dar essa notícia para os meus familiares, pra meus pais? Sim, ajudava (os pais), tinha os meus gastos, e sempre mandava uma ajuda mensal pra eles também. Aí nossa, como vai ser agora, era totalmente o novo, pra mim abandonar, por não conhecer tão profundamente a vida consagrada e saber que vai viver de Providência, de doação dos outros. Nossa agora, eu tenho que decidir, é isso que eu quero, é isso que eu quero? Não é? Até que eu, nisso o meu patrão sabia que eu fazia um acompanhamento (vocacional), até explicar que fucinho de porco não é tomada, era pra padre. Aí eu falei: _ “Eu fui acolhido, eu quero que me mande embora, então me dá as contas”. Aí ele disse: _ “Não, eu não vou te dar as contas”. _ “Me dá as contas, meu patrão”. Ele disse: _ “Não”. _ “Como não?” _ “Se você quiser ir, você vai, mas vai chegar os quinze dias e eu não vou te dar a papelada”. Eu fiquei com medo, se eu entrar vou precisar sair da missão que eu fui enviado para resolver a papelada, não sei se vou poder. Fiquei vou, não vou, vou, não vou. Aí tanto pela pressão, pela indecisão, eu acabei não indo pra minha vida ... Aí eu acabei desistindo, pois não sabia se ia poder sair da missão para poder resolver a papelada do serviço. Aí entrei em contato e falei, não vou para a missa de admissão, não vou entrar. Foi a minha ..., não a pior decisão, não foi isso, mas uma decisão precipitada que eu tomei. Aí não fui e tudo para a missa de admissão. (Ir. Pedro, 32 anos)

Permutação de suporte ou estratégia de transição?

A Toca de Assis, como modelo religioso familiar, de vivência comunitária, agora ameaça a família de sangue. Podemos fazer uso da análise e aplicá-la no caso em questão de Pierucci (2006) que encontra uma chave de leitura para as religiões de salvação individualista, focando as de cunho protestante. Para o autor, a religião que se quer universal, funciona como ‘solvente’, ou seja, dissocia a pessoa de suas rotinas comunitárias, produzindo o indivíduo, liberado seus laços anteriores para encaixá-lo numa nova comunidade religiosa.

A nova comunidade desempenha para o indivíduo segundo Mariz e Mello (2007, p. 69) “o papel da família ampliada”, pois diversas experiências vividas nas comunidades se assemelham às vivências de âmbito familiar, como a experiência de sentir-se seguro, de possuir novas regras, novas responsabilidades, limites da liberdade e também encontraram pontos de tensão com a família de origem (suspeita, distanciamento, entre outros).

4.1.4. Pôr-se à prova: o impacto das primeiras vivências

Ainda que a “empolgação da primeira hora” na Toca para alguns membros tenha sido intensa como fora relatada pelos entrevistados, as primeiras vivências os confrontaram com uma realidade de estar longe da família, dos amigos, de sua cidade e o de aprender a lidar com a saudade e o distanciamento ocasionado pela nova vivência religiosa. De acordo com o relato do Ir. João (27 anos), mesmo depois da entrada, ainda havia dúvidas quanto à opção tomada e o seu significado em sua vida:

[...] Quando eu cheguei na casa, eu lembro que fui pra função do banho, já comecei a dar banho nos irmãos e aquela coisa meia assustada, que era o novo, sabendo que eu deixei meus pais, meus irmãos, minha cidade, tudo para trás para viver algo novo. Então, fui começando, eu lembro, que a cada dia eu ia na capela, cedinho. Sempre a gente tinha oração pela manhã, mas sempre eu ficava um pouquinho a mais porque eu ficava meditando, *pensando o porquê que eu vim para a vida religiosa, quem me chamou, porque que eu estou vivendo assim* (grifo nosso), eu escolhi viver dessa forma. Então, eu procurava muito essa certeza do chamado, acalmar meu coração e me dá a paz. Todo início é assim aquela luta de você deixar tudo, mesmo você tendo deixado tudo, mas o coração tá tudo ainda, está seu pai, está sua mãe. (Ir. João, 27 anos)

Com tradição familiar de participação em CEB’s e de militância política, ainda que tivesse participado de um grupo de oração carismática, a experiência de convivência na Toca, com características de espiritualidade e prática pastoral afim à RCC, se traduziu para o Ir. Tiago (27 anos) como “um choque”. Para ele o conservadorismo do grupo confrontava-lhe com sua forma de conceber os pobres e sua compreensão de mundo:

Foi um choque, até o noviciado ainda havia muita coisa, porque eu falava o que pensava. É claro que a questão é muito forte, questão da Fé e Política, a tradição da minha família das CEB's, para a Renovação, para as mentes mais fechadas que a Renovação tem, são Teologia da Libertação, e eu conseguia ver de outra forma, que minha família é um meio termo, são, tem Teologia da Libertação e Carismática, eu sabia viver no meio disso e meu pai também sabia muito bem. (Ir. Tiago, 27 anos)

A difícil realidade de lidar com doenças graves dos moradores de rua confronta, por um lado, com o despreparo dos jovens para lidar com essa situação assim, como os confrontam com a limitação, com a fragilidade e a vulnerabilidade do ser humano. De acordo com a fala de Ir. Bartolomeu (30 anos) abaixo, suas primeiras experiências na Toca, junto aos assistidos, foram “impactantes”, provocando um desejo de superação de seus próprios limites:

Comecei a cuidar das feridas e me deparei com algumas realidades que eu não consegui superar. Foi logo, logo quando eu entrei, foi na casa de Cruzeiro, tinha um irmão que na hora que ele ia defecar o reto saía pra fora, então o que tinha que fazer, a gente tinha que colocar a luva e ajudar a recolocar o reto de novo. Então essa realidade, às vezes eu via, mas eu não conseguia, então eu chamava o irmão, daí eu fui ver o meu limite, eu não estava preparado para aquela realidade. Mas diante daquilo eu não podia parar, entendeu? Tinha necessidade de estar com pobres mesmo sabendo da minha limitação, mas não parei nisso, não parei diante dessa realidade e ali podia desistir, falar: _ “Não eu não dou conta, isso não é pra mim”. Eu falei: _ “No momento eu não consigo, mas acredito profundamente que eu vou superar, assim como eu superei a questão do sangue”. E foi aí que foi o primeiro contato com essa realidade dos humanos, com esse sofrimento. Aí depois comecei, demorei um ‘bocado’ para, tinha que fazer os curativos, aí eu fui aprendendo a fazer os curativos, os meninos foram me ensinando. Daí foi a primeira vez que eu tive uma experiência com uns irmãos que tinham feridas que tinham ameninasse (?) que são aqueles bichinhos, daí tirar aqueles bichinhos fazer todo aquele processo pra que eles saiam, né, e foi aí que eu fui vendo que [...] (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

Além da experiência de aprender “junto”, de aprender com os irmãos, a experiência de cuidado com os assistidos provocaram no Ir. Bartolomeu (30 anos) uma reflexão empática sobre o sofrimento de Cristo, possibilitando-lhe um sentimento de solidariedade, de compaixão. Seguimos com seu relato:

Enfermeiro, sem formação acadêmica, mas tinha o desejo profundo de poder ajudar e ver diante daquela realidade, de ver que o ser humano não é nada, que o ser humano ele é pó mesmo, ele é fraco. De meditar sobre o sofrimento de Cristo na cruz, também de entender que eu não sou melhor que aquele irmão que está naquela situação. O que aconteceu com ele poderia acontecer comigo também, em outras circunstâncias, mas poderia estar naquela caridade também, de dependência de depender do outro. Então, essa parte de humanidade, mexeu muito comigo. Também de olhar e não procurar ter nojo sabe, mas compadecer que é diferente de ter dó, com dó você não ajuda, mas se você se compadece, você sente a dor do outro, quer ajudar, é uma realidade totalmente diferente e foi a partir daí que veio a minha experiência com o sofrimento dos irmãos. E aí fui superando alguns limites, vencendo algumas barreiras, claro que essa experiência que eu tive com esse irmão, não sei se vou ter outra experiência semelhante a essa entendeu, mas acredito que hoje estou bem mais preparado diante dessa realidade. Foi impactante mesmo, detalhe né, o irmão ele era mudo também, então ele falava muito com a expressão facial e foi esse primeiro contato. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

A emoção e alegria de entrada para a Toca, não suprimiram as dificuldades das primeiras vivências – realidade de doenças e despreparo para lidar com elas. Para os jovens estar longe da família e conviver com a distância, a separação e o afastamento⁶⁵ foram dificuldades apontadas, as quais foram sendo superadas, de acordo com os relatos, na adoração, na ação e na vida comunitária.

4.1.5. Reação das famílias à iniciativa dos filhos de adesão à Fraternidade Toca de Assis

Consideramos ser importante a visão e a avaliação da família da opção de entrada na Fraternidade Toca Assis de um filho. Pensamos em desenvolver este tema no escopo desse trabalho através de entrevistas com as mães, mas por uma questão de tempo/cronograma/prazo da pesquisa tivemos que abandonar esse intento. Conseguimos contato com uma mãe que, por telefone, nos deu uma entrevista informal. Camurça (2006) tem desenvolvido pesquisas sob a influencia familiar na escolha religiosa. Estaremos apresentando as reações das famílias a partir do relato dos próprios filhos que entraram para a Toca.

Depois dos primeiros momentos iniciais de conhecimento da Toca e a decisão de entrar na comunidade, o segundo passo que os membros tiveram que dar foi o de fazer a comunicação com a família de sua escolha. Este momento se traduziu para a maioria como um momento difícil, de passagem da condição de filho ainda vivendo sob o regime familiar para assumir sua própria vida adulta. Apenas um entrevistado, o Ir. Paulo (26 anos) relatou que os pais aceitaram de pronto, pois segundo seu relato seus pais não interferem na vida dos filhos e veem como uma vocação a entrada na Toca:

Meus pais, graças a Deus, eles nunca intervieram muito assim, entendeu? Nunca disseram: “_ Você vai ter que fazer isso, você vai ter que fazer aquilo”. Meus pais tanto comigo, quanto com a minha irmã, sempre eles nos deixaram muito livres entendeu, para termos opções na nossa vida, para termos a nossa vida, o que me deixava muito tranquilo era que, graças a Deus, eles não viam esse optar para a vida consagrada a Deus como uma opção de vida. Eles reconheciam como uma vocação, como um chamado de Deus. Isso que os meus pais falavam que reconheciam como vocação, como o chamado de Deus e não como uma opção de vida como a Medicina, Direito, a Psicologia entendeu? (A mãe) Logo sim, até quando eu falei, quando eu contei para ela, ela falou assim, eu estava só esperando você falar, querendo ou não, mãe é mãe. (Ir. Paulo, 26 anos)

⁶⁵ Presenciamos, em nossas idas, a ida de um religioso para a cidade onde vive a família, acompanhando pelo guardião, para participar do sepultamento de um parente próximo, num gesto de solidariedade que se estendia a toda a família. Também presenciamos a saída de férias de um outro membro.

Os outros quatro entrevistados relataram que a reação foi de não aceitação, seja do pai ou da mãe. No relato abaixo o pai aceita a decisão do filho, mas a mãe reage contra, no entanto, dentro de uma tradição familiar nordestina marcada pela hierarquia masculina, a mãe se submete ao posicionamento do pai. Segue a fala do Ir. João (27 anos):

Então, meu pai, pelo um lado ele ficou feliz, porque aquela vida errada ('namoro avançado') que eu tinha antes, assim para ele foi bom ver um filho procurar uma vocação, tentando ir mais a fundo naquilo que é a igreja. Mas meu pai, ele sempre falou, ele não acreditava que eu ia tomar uma decisão, assim séria de deixar tudo e ir embora. Meu pai não acreditava mas, por outro lado, ele ficava feliz pela vida que eu estava levando, uma vida boa, um final de semana na igreja, na semana, na Renovação Carismática. Eu nunca fui uma pessoa de ter vícios, de beber, drogas, nunca me interessei por isso. Mas aí ele ficava feliz mas, ao mesmo tempo, ele não acreditava. E aí, quando eu juntei o pai e a mãe pra contar isso: _ "Em janeiro, eu estou indo embora, eu vou entrar em uma vocação." Aí meu pai ele falou assim para mim: _ "Você tem dezoito anos, você já é maior de idade. Você vai e vê, se não for, você volta para casa." A minha mãe não, ela já deu uns berros, ela começou a chorar e tudo, não queria que eu fosse, mas minha mãe quando meu pai fala sim, ela abaixa a cabeça e é sim, se fala que é não, a minha mãe tem que 'está' junto com o meu pai, a minha mãe é assim. Então, minha mãe, mesmo em choro ela falou: _ "Já que seu pai falou que você pode ir, então você vai". (Ir. João, 27 anos)

O Ir. Bartolomeu (30 anos), que teve sua conversão tardia, na juventude, expressa, que a sua participação na Igreja foi bem aceita pela mãe que via uma mudança no comportamento do filho como algo de positivo, no entanto, diante da decisão de ser religioso, sua reação foi de rejeição e negativa, superada depois por uma experiência mística através de um sonho:

Depois desse retiro, eu voltei pra casa também, foi aí que eu tive a primeira experiência com Jesus, porque embora eu tinha feito um retiro, primeiro retiro de conversão pra ela (mãe) foi muito bom, a minha atitude dentro de casa mudou muito, em todos os sentidos. Só quando eu fiz esse retiro e falei que ia entrar pra Fraternidade aí ela não aceitou. Ela já bateu o pé, ser o filho mais velho e ela é mãe solteira, eu, automaticamente, eu era o responsável pela casa. Eu trabalhava e estudava e ajudava ela também, aí pra ela, quando eu falei que ia abandonar tudo, que ia deixar a faculdade, que ia morar numa comunidade, deixar de ser advogado para cuidar dos pobres... Ela não entendeu nada, só que eu falei com ela, foi numa quinta feira, eu partilhei com ela falei a situação e a princípio ela não aceitou, só que eu fui muito firme com ela: _ "Independente do que a senhora acha, vou porque eu já sou maior de idade". Naquela época eu já tinha vinte um ano. Então eu falei: _ "Eu sou maior de idade, eu vou". Só que tivemos uma pequena discussãozinha. Chorou muito, daí antes de dormir eu tinha voltado de um grupo de oração, já era umas dez e meia, onze horas aí eu fui e rezei, eu falei pra Jesus, ele estava chamando para uma vida religiosa então: _ "Dá um jeito de convencer a minha mãe, de cuidar da situação aí, porque desse jeito não tem como ir". (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

No relato acima a aceitação se deu por uma experiência considerada de 'revelação' para que pudesse aceitar a escolha do filho, como podemos ver na sequência do diálogo com a pesquisadora:

Foi quando ela teve uma experiência com Jesus na madrugada. Jesus falou pra ela que quem era, se ele tinha dado pra ela cuidar de mim agora ele estava chamando de volta, o que ela poderia fazer se ele queria que eu voltasse. Ela que me contou essa realidade. Foi um sonho porque, ela passou a noite toda em claro. Ela passou a noite toda chorando porque eu nunca tinha dado uma resposta tão direta pra ela em

relação a isso. Então, ela falou que foi praticamente um sonho, mas ela foi como se ela estivesse escutado, essa é a realidade e foi engraçado por que eu cheguei do serviço e minha mãe já tinha ligado umas três vezes. Quando eu atendi já estava todo armado, pensando que ela ia falar alguma coisa, só sabia me pedir perdão foi quando ela me contou essa situação, ela me abençoou e pediu que eu fosse em paz. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

O Ir. Tiago (27 anos), com a experiência de participação política e de oração na RCC, contou que o pai ficou “escandalizado” quando contou-lhe que queria entrar para a Toca, que sentia que ‘eles’ tinham hipnotizado o filho. O desejo do pai era do sacerdócio, que para algumas famílias se reveste de um reconhecimento social e bênção de Deus, como descrito na fala do Ir. Tiago (27 anos):

Aí eu cheguei em casa, cheguei em casa e falei com meu pai que eu queria fazer uma experiência de pertencer a Toca, meu pai conhecia a Toca. Meu pai se escandalizou. (ri) Ele achava que eles eram muito radicais, ele não gostava do Padre, achava muito radical. O Padre tinha um programa na Canção Nova, que ele fazia os trabalhos de rua, até na própria casa. Aí meu pai via, via que com a mesma colher que o pobre comia, pega a comida e comia no mesmo prato, e meu pai não, achava aquilo horroroso, estava comendo com o pobre de rua, no mesmo prato, com a mesma colher, aquilo era asqueroso pro meu pai, (...). O hábito, o andar descalço, pobre, pobre mesmo, não ter cama, não ter as coisas normais que o jovem ... Meu pai sonhava com o sacerdócio pra mim, sonhava com a vida religiosa pra mim, não com a Toca de Assis. Ele sempre sonhou com ser padre, com o sacerdócio. Desde quando eu comecei a caminhar na Renovação, eu ia com ele na Igreja, na missa, eu consultava ele sobre vocação, como é que se dá, qual o processo, e ele falava que percebia que seria o sacerdócio, mas quando ele viu que era Toca de Assis, ah, ele ficou muito decepcionado, e ficou mais até, horrorizado. (Ir. Tiago, 27 anos)

O Ir. Pedro (32 anos), que desde criança já tinha a vontade de ser padre, quando contou ao pai que ia entrar na Toca, ele reagiu muito mal à decisão do filho, ainda que o filho já morasse em outra cidade, sozinho e tinha autonomia financeira. Ser padre para algumas famílias não é um projeto sonhado e desejado, como na família, por exemplo, do Ir. Pedro (32 anos):

Aí eu cheguei pra minha mãe, pro meu pai, reuni eles que eu tinha largado o serviço. Meu pai disse: _ “Não, eu não aceito, eu não concordo!” Isso o que acontece em muitas famílias, muitos irmãos meus que tiveram a mesma experiência. _ “Eu não pus filho no mundo pra ser padre, não aceito”. Ele queria que eu casasse, que tivesse filhos. Sou o único homem, o caçula também da casa. _ “Depois você não vai conseguir serviço, vai ficar velho dependendo dos outros, passar fome”. Hoje eu entendo como uma preocupação de pai. Para viver de Providência, então é uma realidade que encontramos muito, é uma experiência que nós temos, é como se fala, um padre, uma freira na família dos outros eu aceito, na minha, não. Muitas famílias tem essa visão, que não tem uma experiência profunda: _ “padre e freira é bonito na família dos outros, na minha não!” Então foi na casa dos meus pais, meu pai não aceitou mesmo, que não ia aceitar. Então eu falei assim: _ “O que eu posso fazer? Eu não estou mais na casa do senhor, eu vou entrar, pronto, acabou. Por mais que o senhor goste ou não goste, eu vou fazer o que o meu coração me pede, até então, sempre respeitei o senhor, fiz todas as vontades, mas agora é a minha vida, eu tenho que decidir pela minha vida. Eu vou entrar!” Aí teve umas palavras duras: _ “Você não é mais meu filho!” _ “Não sou mais o seu filho, mas que eu vou eu vou”. Isso assim, foi muito duro no início ter essa briga que eu não esperava, né, isso do meu

pai. Mas eu não vou parar minha vocação, deixar de ser feliz por meu pai. Não que ele estava me atrapalhando, mas por causa dele não vou deixar de ser feliz. Vou viver a minha vida, como ele já vivia a vida dele, eu vou, pronto e acabou. (Ir. Pedro, 32 anos)

De acordo com o relato acima, verificamos os conflitos gerados pelos projetos antagônicos do jovem e da família: a disputa entre os valores individualistas moderno, onde cada um pode escolher o seu “caminho”, pela autonomia que lhe é afiançada – como na fala do Ir. Pedro – “eu não vou parar minha vocação, deixar de ser feliz por meu pai” – com os valores hierárquicos familiares baseados na tradição.

E ainda, a intensidade da experiência na Toca de Assis – a vivência de ser pobre entre os pobres, ou seja, uma vida de contorno renunciante – gerou, para a maioria dos familiares, uma ruptura com o projeto inicial sonhado para seus filhos que desejavam o sacerdócio, uma carreira profissional e/ou a formação de uma família. Nesse momento, verificou-se um conflito entre a decisão de viver um projeto individual baseado na autonomia de escolha em contraposição ao projeto familiar de base hierárquica tradicional (VELHO, 2003, 2006, 2009). Apenas uma família, a do Ir. Paulo (26 anos), com características de família nuclear (pai, mãe, e um casal de filhos) e que, pressupomos ser de camada média⁶⁶, logo expressou a aceitação demonstrando a adesão aos valores modernos em determinados segmentos familiares. De acordo com os estudos de Figueira (1988) os valores modernos como o individualismo e a autonomia foram, mais nitidamente, incorporados pelas camadas médias urbanas.

4.1.6. O religioso que dá sentido: motivos de adesão

Nossos entrevistados participam da Toca há pelo menos 6 anos (um participa há 10), ou seja, possuem uma vivência, uma história na Toca e, ainda que a maioria se veja como jovem, são ‘um pouco menos jovens’ do que quando entraram para a Fraternidade. Nesse sentido, ao revisitarem sua própria história e opção, este distanciamento de tempo possibilita uma construção narrativa que dá sentido à sua própria escolha e confirma sua atual condição. De acordo com Berger (1985, p. 65) “a própria memória é um ato reintegrado de interpretação”.

Vários são os motivos apresentados pelos membros que os atraíram para a Toca. Um dos motivos está o desejo de assumir uma vocação para dedicar a vida, ou seja, assumir um projeto que engloba toda a vida, que lhe dê sentido e finalidade. O Ir. Paulo (26 anos)

⁶⁶ Inferimos a camada social pelos indicadores de ocupação do pai, a presença de empregada doméstica na dinâmica familiar e a escolaridade em colégio católico particular da capital de seu estado natal.

expressou esse desejo de ter encontrado uma vocação, na expressão ter uma vocação para “desgastar a vida”. Assumir uma vocação traduz o desejo de uma “entrega profunda” como na expressão de alguns entrevistados, na qual quem fornece é Deus. De acordo com Mariz e Aguilar (2009, p.254) a “vocação não é um projeto do indivíduo, mas de Deus, Deus é quem decide o melhor estado de vida para o indivíduo. Portanto, este poderá conhecer sua vocação somente quando se livrar de suas próprias ambições e escutar o plano de Deus”.

As entrevistas apontam que são várias as razões que levaram os jovens à aderir a Toca de Assis. A maioria indica que essa busca é uma busca própria do ‘ser jovem’, definido por sua inquietação, como sugere o Ir. Tiago (27 anos):

Então tinha várias coisas (ri), porque gritava algo em mim, o que Deus quer de mim, qual o propósito de Deus. Na escola mudou radicalmente, eu era de uma forma, pensava de uma forma, na escola tinha um grupo que se espelhava muito em mim, como liderança, nas conversas, nas discussões políticas, conversas políticas, nas questões sociais, eu era muito presente nisso e no meio escolar também. E mudou muita coisa depois que eu voltei pra Igreja, né, comecei a ter outro discurso. Pensava que algo novo surgiria no meio estudantil, que algo novo surgiria, não com o grupo radical, não no meio radical, mas no meio estudantil, algo novo surgiria, política social, no meio jovem, na política estudantil. Mas ficava nessa questão aí, nessa busca no que Deus me trouxe, mas o que Ele quer de mim? O que Ele quer de mim, eu preciso saber, eu preciso saber qual o lugar, como, de que forma? É lá, é aqui? O que Deus quer? E eu ficava nessa busca, nessa participação de várias situações, movimentos, eu buscava ver, ouvir em algumas dessas situações, confirmar, mas ... foi ... eu via as pessoas falando muito da Toca, e passei a admirar a Toca, mas não freqüentava. Não procurava saber quem era a Toca, quem era o Pe. Roberto. (Ir. Tiago, 27 anos)

É interessante observar que ser como São Francisco, ou seja, viver a simplicidade e o despojamento considerado como radical, por ter renunciado à riqueza familiar, é algo que atraiu a maioria, que o vê como um modelo de vida, principalmente para os dias atuais. As características de simplicidade e pobreza da Toca são destacadas na fala de Ir. Paulo (26 anos):

[...] E algo que me encantou, primordialmente assim, na Toca, é a simplicidade, a pobreza, o próprio conviver com os irmãos acolhidos foi algo que me encantou muito, o poder de desgastar sua vida por Jesus, porque queira ou não, é um serviço que lhe desgasta, cuidar dos pobres, cuidar da casa, a vida de adoração é um serviço, queira ou não, lhe desgasta, e, assim foi muito forte quando eu olhei, quando eu percebi isso, quando eu notei isso. (Ir. Paulo, 26 anos)

O uso do hábito é um dos elementos que atraiu os jovens à Toca, compreendido como elemento de identificação da eleição de Deus/sujeito, tornando assim o religioso visível em meio à sociedade. A fala do Ir. Paulo (32 anos) manifesta este fascínio:

Aí então, eles andam com os pobres, usam hábito, assim, outro detalhe, quando eu buscava essas ordens sempre me chamou atenção também foi o do externo, do hábito, a questão do hábito. Como São Paulo, uma das Cartas de São Paulo diz, não sei recordar agora, quando o sacerdote, ou um eleito, ele é tirado do meio do povo, ele é escolhido, tirado do meio do povo, para ser diferente. Então, a questão do

hábito sempre me chamou a atenção, se eu tinha esse chamado, buscava uma coisa que ia me *diferenciar* (grifo nosso), e o hábito dos franciscanos sempre me chamou atenção e os irmãos ‘Premostatenses’ também usavam hábito. Então, nossa, eu quero um lugar que realmente use, pois os diocesanos não usam é o carisma da diocese mesmo, então quero achar um lugar para usar o hábito, sou diferente, fui retirado do meio, do mundo para ser diferente. Aí buscava, tinha a Toca de Assis, eles são uns pessoal que andam descalços. (Ir. Pedro, 32 anos)

O uso do hábito como elemento diferenciador de identidade e de sinalização de uma eleição divina é um dos motivos que atraiu, por exemplo, o Ir. Pedro (32 anos). De acordo com Pais (2006, p.19) “investimentos na imagem corporal contribuem na construção da identidade dos jovens, conferem-lhe uma expressão simbólica de poder, uma vez que se diferenciam entre si através de atributos simbólicos”. Nesse sentido, o uso do hábito torna o “religioso visível” além de identificá-lo como membro de um grupo com características definidas.

Um dos elementos fortes de atração é a experiência mística através da adoração ao Santíssimo Sacramento. Ainda que a maioria tenha tido a experiência de oração carismática onde estão presentes expressões de louvores e profecias, a experiência de adoração ofertada pela Toca, carregada de símbolos: presença de incenso, altar com certa suntuosidade, enfim, “o sagrado colocado no lugar sagrado”, se reveste de um imã que propicia uma experiência emocional, íntima com o transcendente, o que podemos verificar a seguir:

Aí, no outro dia, eu acordei (na Toca) com o som do sino, umas seis horas da manhã, com o som do sino tocando. Aí eu levantei dobrei ali a cobertura, aí eu percebi, daquele som. A casa tinha dois andares, quando eu subi, todos estavam na capela adorando Jesus e tocando, cantando música e aquele incenso saindo pela janela, foi uma cena que eu nunca vou esquecer e eles todos cantando parecia um coro de anjos cantando, cedinho da manhã. Então, aquela música, aquele sino, aquele incenso, jovens ali doando a vida por Jesus, tão radical em uma pobreza, simplicidade, numa renúncia tão grande aquilo foi uma bomba em mim e aí no meu coração veio aquela certeza que o meu lugar era ali. (Ir. João, 27 anos)

Esse dia nunca mais esqueço, não dá pra esquecer (ri). Fiquei muito impressionado com o modo dele falar (um membro), com as vestimentas, a Toca, ele era postulante, falou da Toca, do trabalho dele na Toca, da experiência dele na Toca. E ele conduziu um momento de adoração ao Santíssimo Sacramento (SS), foi o momento mais forte, foi a experiência com o Santíssimo Sacramento. A forma de ele me levar ao SS, de levar os jovens ao SS, ver o SS algo que eu não via até, uma experiência mesmo que tocava, e foi ali que verdadeiramente eu ouvi, como se Deus falasse: “_ É aqui, vive pra mim, viva por mim”. (Ir. Tiago, 27 anos)

Podemos observar nos relatos abaixo a força da experiência mística do momento de adoração e o fascínio exercido pelos objetos litúrgicos, capazes de provocar uma transformação na percepção e fornecer sentidos:

Aí o irmão postulante disse: “_ Vamos lá pra capela, vamos lá pra capela”. Aí ele explicou: “_ Você vai entrar na capela, tira a sandália”. Me explicou o sentido da passagem de Moisés, da sarça ardente. Quando ele abre a capela, nossa (!), foi o meu maior choque (ri). Nossa, o meu maior choque! Acabou comigo assim. Porque o que

ele me abre a capela, vejo Jesus exposto e o ostensório da Casa Mãe é lindo, nossa, fabuloso (!), de madeira, de madeira com a luneta dourada, digna para o Nosso Senhor, muito lindo. Quem conheceu esse ostensório, comenta sempre dele, é encantador, muito encantador o ostensório. Aí eu já caí ... Tinha um menino adorando e tinha incenso na capela. Então assim, foi o céu pra mim. Então quando entrei, caí de joelho, disse: “_ Gente, não acredito, Jesus exposto!” Caí de joelho e comecei a chorar, chorava, chorava. O pessoal não entendia, e chorava daqui e debrucei no chão e chorei, chorei, chorei. Aí olhava pra Jesus, aí já vinha aquela voz no coração: “_ Não saciava, porque não era o lugar, aqui é o seu lugar. Aqui é o teu lugar. Aqui estou exposto pra adorar.” Então, nossa (!), foi a confirmação, assim, aquela voz bem nítida de Jesus: “_ Aqui é o teu lugar. Aqui você vai adorar. Aqui tem adoração, pra aquilo que Eu sempre te chamei, pra aquilo que você buscava – adoração” (fala pausadamente). E eu tive a oportunidade de adorar Jesus sozinho, então foi o máximo pra mim assim. Aí eu fiquei um bom tempo na capela, chorando, chorando muito, chorando, chorando, chorando. Aí saí da capela, saí outra pessoa, totalmente abobada com a casa, ‘tava’ amando a casa, sem aquela sensação que tinha entrado, nossa (!), tinha me transformado totalmente. (Ir. Pedro, 32 anos)

Então eu passei a ir para adorar, porque ao meu ver, todas às vezes que eu entrava na capela da Toca entendeu, era diferente aquele ar lá dentro, entendeu, era diferente de qualquer outra capela, mas assim, são sinais que Deus se utiliza, são sinais que eu creio que não diferenciando que uma é melhor que a outra, mas Deus se utiliza dessa sensibilidade para me chamar para a Toca. Eu percebo isso assim, que eu me sentir bem numa capela da Toca é um sinal de Deus, é que Deus estava me chamando para a vida consagrada dentro do Instituto. Passei a ir também para ajudar, passava a ir todos os sábados pela manhã para ajudar tudo, para estar com o pessoal lá. (Ir. Paulo, 26 anos)

Verificamos pelos depoimentos dos entrevistados que a experiência do encontro místico com o Santíssimo Sacramento através da prática da adoração é um dos motivos centrais de atração dos entrevistados à Toca. A experiência de vivência e de proximidade com o sagrado, cercado de objetos litúrgicos, possibilita uma experiência de transcendência, que transforma a percepção dos entrevistados e lhes fornece sentido e repostas para as suas interrogações. Numa sociedade em que objetos sagrados são encontrados e consumidos (BERGER, 1985) em toda parte, o sagrado ritualizado, colocado em lugar “sagrado” (altar cercado de objetos litúrgicos, incenso, etc.) exerce um poder de atração e fascínio.

Mariz (2005) nos recorda, baseada em Weber, que as artes, o erotismo e a religião desempenham papéis similares gerando estados modificados de consciência, sentimento de solidariedade e fusão, produzindo sentido para a vida e sentimentos de transcendência. A centralidade da adoração e da relação do sagrado foram interpretados por alguns autores (PORTELLA, 2007, 2009; OLIVEIRA, 2003) como uma ruptura com a racionalidade imposta pela modernidade, através da revalorização do místico, como via de significação da vida.

4.2. No caminho da Toca: a entrada do jovem na comunidade religiosa – sentidos que se cruzam

Trilhar o caminho da Toca é viver uma experiência onde se cruzam sentidos e ações. Seguindo uma perspectiva weberiana, procuramos ‘compreender o sentido que cada pessoa – religioso da Toca – dá a sua conduta e perceber, assim a sua estrutura inteligível’ a partir de uma experiência religiosa vivida em comunidade (HERCULANO, 2006).

Depois do primeiro momento de contato com a Toca, através de um retiro, palestra, visita a casa, a manifestação do desejo de entrar foi quase que imediata: a descoberta do caminho encontrado. Seguir o caminho da Toca é seguir alguns referenciais: o compromisso com o cuidado com os pobres de rua, a adoração ao Santíssimo Sacramento como via principal de relação com o sagrado e a vivência religiosa em comunidade. Esses três eixos que norteiam a vida dos membros da Toca sustentam e fornecem sentido a opção religiosa dos jovens entrevistados, como vimos anteriormente.

4.2.1. Vivência do cotidiano da Toca: entre responsabilidades e desafios

O cotidiano da Toca, a primeira vista, é constituído de um trabalho constante junto aos assistidos _ alimentação, banho, medicamentos e curativos – uma convivência cotidiana cercada de pessoas com problemas psiquiátricos graves, com doenças limitantes, amputações e feridas. Entre as tarefas diárias – cuidado com os assistidos, limpeza da casa e serviço com a alimentação (auxílio na preparação das refeições e lavagem dos utensílios), os religiosos tem uma disciplina religiosa onde constam momentos de oração/adoração individual e comunitária e missa diária em uma das duas igrejas próximas à casa. À noite, depois do jantar e de colocar os assistidos em seus dormitórios, os toqueiros estão “livres” para ler ou descansar. Atualmente é permitido ao religioso descansar um pouco depois do almoço, aos que já realizaram suas atividades/tarefas e à noite.

Há bem pouco tempo, não havia uma compreensão de que era necessário o descanso. O que prevalecia era um ativismo “sem medidas”. Para ilustrar, em uma das nossas visitas à casa, conversávamos com um grupo de toqueiros no refeitório sobre os “primeiros tempos da Toca”. Contavam-me que trabalhavam o “tempo todo” e sentiam-se esgotados, mas, no entanto, havia um clima de competição de quem iria fazer mais, como por exemplo, um adorava 3 horas consecutivas na capela, o outro, então, queria adorar 4 horas; retornavam da missão de rua e logo saíam. Enquanto contavam essas experiências, riam ao lembrar da idéia

de disputa e de quem era mais capaz de fazer mais sacrifícios, inclusive imitando santos, como por exemplo, dormir sem travesseiro sob uma pedra e acordar no outro dia, todo “quebrado”, por não ter conseguido dormir “direito”⁶⁷.

Os passeios não são freqüentes, mas observamos uma ida dos toqueiros a uma casa de veraneio cedida por um dos amigos colaboradores da Toca. Nesse dia, todos começaram os trabalhos mais cedo para poder sair (com o furgão da própria Toca) e estavam muito entusiasmados com a experiência de passeio que iriam realizar. Observamos que um irmão de uma outra casa da cidade veio para assumir a casa durante a ausência da comunidade e do guardião. Nesse dia, o guardião orientava alguns colaboradores, que se encontravam presentes, sobre as tarefas que seriam realizadas. É comum a presença de colaboradores, ainda que não sejam muitos. Ressalta-se que Portella (2009) também menciona apenas um passeio mensal como rotina das casas da Toca. Na casa que pesquisamos, o grupo tinha chegado em outubro e até então não havia saído para passear. Alguns mal conheciam a cidade do RJ.

A necessidade de lazer para os toqueiros foi explicitada à “comunidade ampliada” (amigos e colaboradores) em reunião, em que participamos em janeiro⁶⁸, na qual o guardião falava da importância da presença dos amigos e colaboradores da Toca para que os toqueiros pudessem ter espaço para lazer e descanso que necessitam. Justificava sua solicitação e afirmação expressando como é “extenuante” o cuidado com doentes, nessa direção, lembrava aos presentes como, muitas vezes, é desgastante cuidar de um doente em casa, que eles então, podiam imaginar como que seria essa experiência, quando se estende essa tarefa a um grupo de quase 40 pessoas. Dessa forma, sensibilizava o grupo à sua reivindicação. Ainda acrescentou que muitos toqueiros ficam “estafados”, situação que ele mesmo experimentou.

Há um rodízio quanto às tarefas práticas da casa (limpeza dos dormitórios e banheiros, enfermaria, liturgia, cozinha) possibilitando que todos passem por todas elas. Observamos que para algumas tarefas específicas há uma escolha de acordo com a competência de cada um. Por exemplo, para as finanças, para ser o motorista à noite e nos fins de semana, para se o custódio (aquele que substitui o guardião na sua ausência).

Nas entrevistas os toqueiros falam das funções e tarefas realizadas:

Na casa, hoje sou responsável pela função do banho, motorista; temos um motorista contratado, mas eu assumo à noite e fim de semana, quando ele não está. E eu sou o custódio da casa. Como vou falar o que é o custódio (pausa). Responde quando o guardião não está, como um vice coordenador, digamos assim, é o custódio, responde quando o guardião da casa não está. (Ir. Pedro, 32 anos)

⁶⁷ Diário de campo

⁶⁸ Diário de campo, 15/01/2011.

Hoje, eu sou o ecônomo da casa, eu que sou responsável pela parte financeira da casa. (Ir. Paulo, 26 anos)

O papel do guardião (responsável pela casa), segundo o seu próprio relato,⁶⁹ é de coordenar “para que tudo funcione”. Em conversa informal com a pesquisadora, ressaltou que “agora” a comunidade tem mais autonomia do que antes para resolver o que for necessário, “onde tudo passava pelo guardião”, ainda que precise passar por sua “aprovação”. No entanto, observamos, que não há tomada de decisão sem que o responsável da casa autorize, seja a do guardião ou, na sua ausência, a do custódio.

Em nossas idas à casa, percebemos um clima de muita descontração: presenciamos conversas entre os toqueiros e os assistidos, entre os toqueiros e os visitantes e a realização das tarefas com alegria. Por exemplo, observamos o Ir. João (27 anos), um dos mais alegres do grupo, que enquanto lavava a enfermaria, ouvia um CD de músicas religiosas e cantava alto e sorrindo⁷⁰.

Defrontar-se com um cotidiano de doenças, feridas e sujeiras, sem o preparo para lidar com elas, apresentou-se como desafio a ser vencido, como uma experiência de superação dos próprios limites, como num esporte radical (PAIS, 2005). Fato este que possibilitou aos jovens o confronto com suas próprias fragilidades e uma aprendizagem, que foi sendo realizada no cotidiano e na convivência com os pobres. Vivência interpretada como uma aproximação com o sofrimento de Jesus, uma entrega a Deus a fim de que a “força mística” processe a “transformação” necessária para dar conta do tamanho desafio, numa expressão de heroísmo (PORTELLA, 2009) e virtuose (MARIZ, 2005), características consideradas bem típicas da juventude.

4.2.2. Relação com o sagrado

“Quanto mais insegurança, mais abandonado em Deus”. (Ir. João, 27 anos)

Os sentidos da vivência religiosa para cada um na Toca de Assis se liga à sua história pessoal, à sua trajetória eclesial e aos interesses envolvidos na busca. No entanto, alguns sentidos se coincidiram, como o de sentir-se eleito, de ser “tocado” por Deus, que geram, como fora expresso, uma sensação de completude e de segurança – “ser todo de Deus”. Essa experiência é percebida como consequência de uma intimidade com Deus, com Jesus,

⁶⁹ Diário de campo, 06/01/2011.

⁷⁰ Diário de campo, 25/01/2011.

oportunizada pela adoração ao Santíssimo Sacramento. Poder adorar, ter o “próprio Jesus na casa”, “a hóstia consagrada” para os toqueiros produz um sentimento de orgulho, um privilégio. Nesse sentido, a busca pelo religioso revestido de sua sacralidade e de seu lugar sagrado permite ao jovem relacionar-se com o transcendente, o totalmente Outro que lhe supera e lhe fornece suporte, anteparo e lhe possibilita o sentimento de totalidade.

A experiência de contato com o transcendente para os membros da Toca é de eleição, de sentir-se eleito, “de atrair o olhar de Deus”, como relata Ir. João (27 anos). A experiência de eleição para “servir a Deus”, de ter “Deus como todo” produz no sujeito um sentimento de confiança e de segurança – Deus se torna a fonte subjetiva de segurança:

[...] Mas assim, Deus ter te escolhido para viver tudo para Ele então, é uma vocação verdadeira, *you attracted the gaze of God to be all of Him* (grifo nosso). Então, é o que eu falava: você foi tocado por Deus de uma forma que não é tocado em um pai, uma mãe de família, um leigo normal. Você é tocado de uma forma que é para viver tudo para Ele, ter Deus como seu tudo, como que é aquele que é a base tudo aquilo que é o teu ser. Quando é uma vocação verdadeira, quando você deixa e volta, é algo que vai ser sempre inesquecível, não tem como arrancar isso. Mas como eu falava, a insegurança, o medo foi até bom, eu penso assim e tudo ocorre para o bem, como eu falei. Se você ama a Deus, mas isso, os medos, o sofrimento, te lança aos pés de Deus e lembra que tem a segurança de tudo. (Ir. João, 27 anos)

A forma tradicional da vivência católica, seus ritos e símbolos (missa e adoração ao Santíssimo, com uso de incensos e paramentos solenes) também gerou atração entre os jovens que foram entrevistados, como, por exemplo, a descrição de Ir. Pedro (32 anos) sobre o ostensório da Casa Mãe (sede, em Campinas). De acordo com a fala do Ir. João (27 anos) a relação com o sagrado lhe traz um sentimento de completude e fornece-lhe paz.:

O amor de Deus, ele me completa, é essa palavra. Assim, o amor de Deus, ele me completa de tal forma, que vem às tentações, vem os momentos difíceis, mas o amor de Deus ele me dá paz no meu coração (Ir. João, 27 anos).

A relação estabelecida com Deus fornece uma experiência com o sagrado, reconhecido como o Totalmente Outro e nessa relação de alteridade, a identidade pessoal é reconhecida, na intimidade com Deus, através da adoração, como afirma o Ir. João (27 anos):

Deus defenda que eu deixe a Toca e vá namorar, tem um espaço dentro de mim que Deus, Ele foi e ninguém toca o amor de Deus, é muito grande. Então, isso essas experiências com Deus, a intimidade que eu tinha de passar madrugadas com Deus tudo aquilo que Deus fez que é muito limitado usar palavras para explicar não tem como você explicar, é você e ele é entre você e ele, é tão forte que me ajudava nesses momentos, eu falava não. (Ir. João, 27 anos)

Para Bingemer (1998) a experiência com o sagrado, explicitada em várias práticas religiosas sejam elas cristãs ou não revelam:

[...] Uma velada crítica às Igrejas históricas tradicionais, que teriam perdido boa parte de seu caráter iniciático, misterioso, permanecendo quase que somente

caracterizadas por seu aspecto institucional-articulador da comunidade, ou ético-transformador da realidade. [...] O reaparecimento, o reemergir – mais do que volta – do religioso, do sagrado, a sede pelo mistério e pela mística em distintas formas [...] denota uma volta (ou permanência) da necessidade contemplativa, o aparentemente novo emergir de valores como a gratuidade, o desejo, o sentimento e a re-descoberta, em nova dimensão da natureza e da relação do homem com o planeta. (BINGEMER, 1998, p. 80)

O sentido fornecido por um mundo tradicional, organizado, com referências seguras, com autoridade legitimada por uma instituição é um dos aspectos sublinhados por alguns toqueiros. De acordo com a fala abaixo do Ir. Paulo (26 anos) verificamos uma necessidade de retorno a uma tradição religiosa forte, onde a base da autoridade seja reconhecida e seguida, a qual postula verdades e não incertezas, mesmo que não se concorde com elas. São sublinhados os valores como fidelidade, obediência e humildade, como sinônimos de submissão. Estendendo, podemos dizer que há uma nostalgia de uma moral católica que normatizava as práticas sociais dos indivíduos frente a uma sociedade moderna onde a religião perde seu *status* de normatizadora dos comportamentos, da moral e dos costumes (HERVIEU-LÉGER, 2008). Há uma valorização da atitude de fidelidade à tradição e à Igreja Católica como sublinhada na fala do Ir. Paulo (26 anos):

[...] Ser fiel naquilo que a Igreja nos ensina, ser fiel àquilo que o Magistério da Igreja nos ensina, ser fiel àquilo que a Doutrina da Igreja nos ensina. Porque a Igreja ela é, eu creio firmemente nisso, eu creio firmemente nisso, naquilo que a Igreja de mais de dois mil anos grita, que a doutrina da Igreja verdadeira, a doutrina de Cristo, que o Evangelho é verdadeiro, que na pessoa do Santo Padre, ele é o pastor, ele é que conduz a Igreja. É os dogmas que rezam sobre ele que pesam sobre a Igreja, eu acredito fielmente naquilo que a Igreja me diz é verdade. Tem uma frase de São Jerônimo que é muito forte que ele diz assim: _ “Antes errar com a Igreja, do que acertar sem ela”. O Santo Agostinho, ele fala assim também (pausa) é: _ “Não acreditaria nos Evangelhos, se assim a Igreja não me mandasse”, entendeu? Então é a submissão aquilo que a Igreja nos manda, aquilo que a Igreja nos impõe, não imposição de autoritarismo, mas sim autoridade, um sacerdote é uma autoridade, um bispo é uma autoridade, o papa é a autoridade da Igreja, então aquilo que eles nos ensina por mais que eu não veja aquilo como bem agora, entendeu, eu devo fazer, por aquilo tem um olhar além porque Deus olha além, eu devo acreditar que a voz de Deus passa por isso até chegar a mim, é a humildade, é a submissão. (Ir. Paulo, 26 anos)

É interessante a questão levantada por Portella (2009) quanto à fidelidade da Toca às estruturas eclesiais e a vivência da espiritualidade baseada na emoção bem característica da subjetividade contemporânea. Pergunta o autor se a Toca seria uma síntese entre o profético, quando chama aos primórdios, à experiência direta com o transcendente e o sacerdotal, quando da ‘meiga’ obediência e incorporação da/na estrutura oficial.

4.2.3. A relação entre os toqueiros: a experiência religiosa em comunidade

Dentro da perspectiva conceitual de Maffesoli (2010) podemos compreender a vivência em comunidade na Toca de Assis, permeada por uma emoção constituída por uma mesma identidade que unifica seus membros, os identificam e os diferenciam – “ser Filhos da Pobreza do Santíssimo Sacramento”. Os membros partilham dos mesmos ideais e valores e possuem um estar em comunidade a partir de um código estabelecido pela vivência em comunidade sustentada por um carisma. Compreende-se que para viver em comunidade é preciso ter vocação, por ser, na compreensão dos entrevistados, um carisma dado por Deus. Ou seja, atribui-se ao transcendente um sentido para a sua escolha pessoal.

A vivência em comunidade para os toqueiros é o que define a vida religiosa, considerada como algo especial, como uma segunda família, só que a escolhida. Nesse sentido, há uma valorização da vivência em comunidade, como podemos verificar na fala do Ir. Pedro (32 anos):

Depois de adorar assim, eu gosto da vida fraterna da Toca. Que a vida fraterna é importante para nós, porque assim, além dos pobres de rua, porque nós consagrados, nós irmãos, somos uma família. Então, a partir que eu entrei, eles são a minha família, isso através da vida fraterna, que é conviver, conhecer a vida do irmão, o que o irmão gosta [...]. (Ir. Pedro, 32 anos)

Na fala abaixo do Ir. Paulo (26 anos), percebemos a importância dada à vivência comunitária, considerada como especial; ele compara a vivência à família de origem com suas dinâmicas próprias:

É algo assim, muito especial, muito especial mesmo, porque muitas vezes as pessoas acabam pesando muito a dificuldade, porque existe dentro de uma família, a família é uma comunidade, existe dificuldade na família, existe desentendimento, existem discussões tudo, basta você chegar num consenso: onde reina o amor Deus ali está. Então, se nós nos amarmos uns aos outros, parece utopia né, porque um deles colocam o amor como utopia. Ir. Paulo (26 anos)

As pesquisas realizadas por Mariz e Mello (2007) sobre o papel das comunidades como “família ampliada” em substituição da família de origem, são confirmadas em nossa pesquisa, em que a participação na comunidade religiosa Toca de Assis, assume para os entrevistados uma função de família, porém não ligada por laços sanguíneos, mas sim por escolha baseada nas identificações pessoais.

Os desafios da vivência em comunidade

Mesmo que reconheçam e valorizem a experiência comunitária como traço característico da vida consagrada, da ‘Fraternidade’, ao serem questionados sobre as dificuldades que encontram na vivência diária da vocação, os entrevistados apontaram diversas questões que estão muito ligadas às suas histórias pessoais. No relato abaixo do Ir. João (27 anos) as dificuldades são a obediência, a falta de liberdade de fazer o que se quer, diferente da obediência vivida junto aos pais, indica também, à vivência do voto de castidade:

Uma é a obediência porque você não pode fazer nada se o outro não permite então, sem querer, lá em casa eu tinha a obediência do meu pai, eu tinha, mas não é a mesma coisa. Então, você não fazer aquilo que você quer, você não podia sair de casa se o seu guardião não permitisse, fazer uma ligação, você não podia, fazer nada. Então, aquilo era difícil e também o voto da castidade que no início, eu vim de uma vida com que você namorava bastante e tudo era difícil, você está sem alguém e sem querer ou não, na vida religiosa, vem o demônio, então ele vai conhecendo você, conhecendo as suas limitações, ele vai soprar ali situações para que você possa (...). (Ir. João, 27 anos)

A dificuldade apontada pelo Ir. Tiago (27 anos) na vivência da vocação é a mesma que ele apontou como dificuldade de suas primeiras vivências, ou seja, a “mentalidade” da Toca, que em sua opinião possui uma “visão crítica pobre”. É interessante observar a fala de Ir. Tiago (27 anos) que aponta sua estratégia de convivência na Toca, a vivência da tolerância na qual baseia sua atitude no exemplo de D. Luciano Mendes de Almeida, que se torna uma referência de firmeza e diálogo – nas suas palavras: “moderado no falar, mas radical no agir”. Notamos, mais uma vez, a necessidade de referências que sirvam de parâmetros para o ‘agir’:

O mais difícil, é difícil a mentalidade, ainda é difícil, em algumas questões é, ainda é difícil. É você não ser intransigente também na sua forma de pensar, aceitar, conformar-se para não criar situações, não entre aspas, não escandalizar, uma forma que as pessoas (pausa). Tem muito isso, eles fazem muito bem, de criticar o outro lado, a visão crítica é muito pobre. Diferente, um D. Luciano, que sabia olhar os dois lados, que sabia ter um olhar, um trecho do jornalista que ‘tava’ com Frei Boff, foi silenciado. Aí, foi muito interessante, porque eram os intelectuais católicos, formados, aí tinha um jornalista que queria ter uma entrevista com Leonardo Boff, a mídia rebentava, era manchete, era dinheiro, chamava muito atenção. Esse jornalista tentou pegar uma reportagem e ele fechou. E D. Luciano foi encontrar esses intelectuais que estavam reunidos, após o silêncio do Leonardo Boff, e ele recebeu a mídia porque os outros não davam entrevistas: _ “Porque quem é silenciado não pode se dar o direito de querer silenciar. Quem é tachado, punido, não pode se dar o direito de punir os outros”. Isso é importante pra gente, *D. Luciano foi uma presença que me inspirou na Toca, uma forma de ser no meio do caminho, não deixando de ser o que é, de pensar, mas também não deixando de acolher o outro, de respeitar o espaço do outro. Ele era moderado no falar, mas radical no agir* (grifo nosso). (Ir. Tiago, 27 anos)

A convivência intergrupala, com pessoas com subjetividades distintas, oriundas de culturas distintas, ou seja, a experiência da pluralidade e multiculturalidade da comunidade é

uma dificuldade experimentada no convívio diário do grupo. A capacidade de convivência com as diferenças é apontada como ‘aptidão’, como uma das exigências para a vida religiosa, o dom de viver em comunidade, como aponta a fala do Ir. Paulo (26 anos):

Olha, na verdade, assim, muitas vezes a gente se bate, por conta da personalidade de cada um, tem aqueles que são mais explosivos, aqueles que são mais quietos. Então, a gente, às vezes, se encontra, porque são muitas coisas diferentes, a personalidade, cada um vive de uma forma diferente, uma criação diferente, culturas diferentes, estados diferentes, até o próprio falar, gírias, entendeu? Tem palavras lá no nordeste se eu falar aqui, é um escândalo, tem palavras, que você fala aqui, que lá no nordeste as pessoas tampam o ouvido. Então assim, são coisas muito diferentes, muito diferentes mesmo, só que diante da realidade, da própria vida comunitária como graça, porque, uns dos sinais da vida religiosa é um aptidão para a vida comunitária, a graça, a aptidão, o dom de viver em comunidade é um sinal muito forte para a vida religiosa. É um sinal muito forte, [...] (Ir. Paulo, 26 anos)

O que é mais difícil viver na Toca como religioso (pausa). Acho que é o mesmo que eu coloquei que é uma beleza também, a vida fraterna. Por sermos irmãos cada um de um estado, de uma cultura, é difícil, mas é o mais encantador, o que nos une mais ainda, admirar, aperfeiçoar e aceitar a diferença do meu irmão. É o mais difícil e é o mais belo, é o que me encanta. É assim, é o mais difícil e o mais belo ao mesmo tempo, amar a dificuldade do meu irmão. (Ir. Pedro, 32 anos)

Podemos, concluir, em resumo, que alguns desafios que se apresentam aos toqueiros na vivência do cotidiano da Toca incidem em torno de três eixos (esquemáticos): de ordem pessoal – dificuldade de viver a obediência irrestrita à hierarquia da casa (guardião ou custódio) e a castidade; de ordem ideológica – o confronto com a perspectiva social da Toca que não inclui análise sociopolítica da realidade e, de ordem interpessoal – dificuldade de lidar com a comunidade composta por indivíduos com culturas e características pessoais distintas.

É interessante observar as estratégias de convivência do grupo para manter sua coesão. Segundo o depoimento de Ir. Pedro (32 anos) há dois mecanismos de resolução de conflitos: aquele que é tratado comunitariamente, onde os problemas que afetam a todos são partilhados e outro, denominado “partilha do coração”, que é realizado entre as pessoas que estão com dificuldades em se relacionar, nesse caso, não passa pela comunidade, preservando os afetados, segue o relato:

(a vivência de conflitos) Normal (ri). De uma vida fraterna, de uma família. Cada um tem seu temperamento, sua personalidade. Nós fazemos nossa partilha de coração. Partilha de coração, nós partilhamos aquilo que está no nosso coração. Aí assim, temos nossa partilha comunitária e nossa partilha individual. Se eu tenho uma dificuldade com você, não vai pra comunidade. É um assunto meu e teu, a comunidade não precisa saber. Essa é a partilha do coração, eu e meus irmãos, o que está acontecendo entre nós? Aí nos acertamos, aí é que Deus age, Deus age nos nossos corações. (Ir. Pedro, 32 anos)

Ou seja, periodicamente, segundo os informantes (uma vez por semana ou quinzenalmente), a comunidade realiza, em oração, uma revisão de vida na qual são

colocados os problemas vividos pela comunidade (grupo) e se procura meios para solucioná-los. Em se tratando de conflitos interpessoais, o dispositivo nomeado de “partilha do coração”, as duas pessoas envolvidas dialogam sobre o relacionamento estabelecido e buscam uma comunhão fraterna, nesse caso, os problemas não passam pelo grupo/comunidade. Parece-nos uma estratégia que busca evitar uma possível construção de alianças e, conseqüentemente, uma divisão do grupo. De acordo com Portella (2009) a ‘partilha fraterna’ teria uma função terapêutica (resolução de conflitos), além de ser um importante meio de socialização, controle e adequação ao grupo.

4.2.4. Uma experiência de cuidado: a relação dos toqueiros com os assistidos

O cuidado com a população de rua é compreendido como a ‘essência’ da Toca, junto com a adoração ao Santíssimo Sacramento. Nesse sentido a ação é um exercício de caridade, de aprendizado (desde o saber fazer ao saber relacionar-se), de tolerância (lidar com as diferenças), de sacrifício – como canal de aproximação com o transcendente, uma ascese, ou seja, um retorno à experiência mística do sofrimento como caminho de santificação.

A relação entre os toqueiros e os assistidos oscila entre a alegria vivida a partir do carisma recebido _ ver na figura do pobre o próprio Jesus, criando uma ponte entre a missão própria e a relação com o transcendente e os desafios postos pelas dificuldades inerentes às relações humanas que supõe: a convivência com o distinto, o exercício da tolerância, o aprendizado de lidar com as diferentes necessidades e limitações.

A alegria de cuidar dos assistidos foi expressa pelo Ir. João (27 anos), que também aponta a rua como a que desfigura o indivíduo. Explica que quando dão banho, cortam o cabelo dos moradores de rua, aparece a pessoa que estava por traz daquele abandono. Para ele, cuidar do assistido é ter “a experiência de ver Deus naquele irmão, que foi muito castigado”. Afirma “que aqueles irmãos se tornam outras pessoas com simples cuidados”. Acredita que através dessas ações “Deus tem confirmado a cada dia seu chamado”. Nessa mesma direção, segue o relato do Ir. Paulo (26 anos), que sublinha a fala do Pe. Roberto que se inspirou no exemplo de outros santos que “ofereceram o altar aos pobres”, e “reconhecem nos sofrimentos dos pobres, o sofrimento do próprio Jesus”. É interessante notar que há uma valorização do carisma da Toca e da atitude dos próprios toqueiros _ “a gente deixa tudo e larga a nossa vida a Deus”, como também observou Mariz e Machado (2007). Verificamos na entrevista de Ir. Paulo (26 anos) que há um retorno da experiência mística do sofrimento como caminho para a santificação (ascese):

Porque é assim, a gente deixa tudo e larga a nossa vida a Deus, a adoração do Santíssimo Sacramento e, como Padre Roberto falava muito, são palavras de um grande santo da Igreja, um santo padre da Igreja, que deu o altar de Deus para os pobres. Então, realmente, reconhecer em Jesus mesmo é a nossa ascese, é o nosso exercício diário de ver Jesus neles, de ver os sofrimentos de Jesus, no sofrimento deles hoje. (Ir. Paulo, 26 anos)

A experiência de estar entre os pobres é compreendida como uma relação de aprendizagem para os toqueiros. Ir. João (27 anos) ressalta sua experiência de aprendizagem pessoal que o faz compreender melhor a sua vocação. Em uma de nossas conversas informais,⁷¹ no pátio da casa, Ir. João (27 anos) contou-me diversas “situações exemplares” em que “aprendeu com os pobres”:

[...] Uma vez, uma pessoa em situação de rua pediu para entrar, tomar banho, e eu toda hora parava para atender, mas com pouca vontade, por ser interrompido na minha atividade. O rapaz pediu para cortar o cabelo e eu disse que naquele momento não podia. O rapaz então, me perguntou se eu sabia quando Deus mais me falava, eu disse que a todo o momento. O rapaz me respondeu que é quando uma pessoa solicita à sua caridade. (Ir. João, 27 anos)

Depois desse diálogo com uma pessoa em situação de rua, o Ir. João (27 anos) ficou pensando naquela lição que acabava de receber. Contou-nos também que certa vez, na rua, um homem muito “castigado” pela vida começou a conversar e ele, então, leu uma passagem da Bíblia. Depois da leitura esse homem começou a chorar porque para ele, o sofrimento de Jesus era maior do que o dele já que Jesus não tinha nenhum pecado e sofreu tanto.

Uma das dificuldades na relação cotidiana com os assistidos apresentadas pelos toqueiros diz respeito à personalidade, ao ‘temperamento’ de cada um, às limitações. As “dificuldades”/limitações dos assistidos não são vistas como indicadores de inferioridade, mas da condição humana e como resultado da experiência ‘da rua’. Lidar com “os irmãos” significa na vivência religiosa da comunidade um “exercício de caridade”, ao mesmo tempo, uma aprendizagem no que diz respeito em responder às diferentes necessidades, como nos relatos abaixo:

Não é fácil, porque são seres humanos, com limitações, com irmãos que, às vezes, são impacientes, são irmãos que tem os seus vícios, que tiveram seus maus costumes. Então, cabe a nós, muitas vezes, também, é um exercício de caridade, o exercício do Evangelho muito forte, de olhar para ele e ver toda essa limitação, esses maus costumes, tudo isso e lembrar que eu também tenho os meus e lembrar que eu tenho os meus, então, muitas vezes, os meus não são menos que o deles, são menos visíveis do que os deles, mas eu não posso dizer que eu sou melhor do que eles, que os meus são menos intensos do que eles, de forma nenhuma, eu posso ter menos visíveis do que os deles pela vida que eles tem. (Ir. Paulo, 26 anos)

O mais difícil que eu vejo é em relação, a (pausa) são várias realidade de irmãos, não tem casos praticamente específicos. Então, você tem que saber, ter um

⁷¹ Diário de campo, 29/12/2010.

posicionamento diante de cada irmão, tem irmão com problema de psiquiatria, tem irmãos bons que não tem nenhum problema de cabeça, tem uns que depende de você pra tudo. Então, você tem esse jogo de cintura de tratar cada ser de uma maneira diferente, sem querer generalizar, sem querer apoiar no sofrimento de um e carregar pra todos. Então, eu vejo, pra mim hoje é uma dificuldade. Eu tenho aprendido muito tratar cada um de uma maneira individual, assim como Deus nos trata, embora Deus ame a todos, mas Ele tem um carinho, uma maneira totalmente singular com cada um. Então, trabalhar com isso é difícil, tem que saber lidar, tem que ter jogo de cintura, assim como uma mãe, tem todos os seus filhos mas ela, sabe tratar cada um de uma maneira, de uma forma específica. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

Ao reconhecer as dificuldades de “temperamento” dos irmãos assistidos, os entrevistados, de uma maneira geral, também reconhecem suas próprias dificuldades, suas características de personalidade. Essas dificuldades são superada a partir de uma interpretação de uma entrega da vida a Deus, ou seja, de uma relação de submissão _ “morrer pra minha vontade”, ao mesmo tempo, ser “consagrado”, ou seja, “ser separado”, ter uma eleição de Deus, como explicitado por Ir. Pedro (32 anos):

Olha, assim, lidar com eles, eu lido muito bem, dificuldade com alguns (pausa) tenho, sou um ser humano, tenho um temperamento. Às vezes, encontro alguém com um deles com o temperamento igual ao meu e sai aquela faisquinha, mas Deus dá a graça para mim, que é morrer pra minha vontade. A partir do momento que eu decidi entrar para a vida religiosa, ser um consagrado, eu não sou mais pra fazer a minha vontade, a minha vida eu dou inteiramente pra eles. Então, a minha vontade de não querer ajudá-los, de não querer fazer alguma coisa pra eles, posso deixar, superar. Então, assim, tenho um relacionamento muito bom com os irmãos, muito legal. Aí assim, entra assim, um pouco a minha limitação de comunicação, o que não me atrapalha. (Ir. Pedro, 32 anos)

O Ir. Bartolomeu (30 anos) aponta a espiritualidade da Toca – adoração ao Santíssimo como força motriz para que os toqueiros enfrentem e lidem com as distintas dificuldades apresentadas pelos irmãos assistidos:

[...] Porque minha experiência, logo depois que eu vim, participei do retiro, que eu fui acolhido. Depois, voltei pra Casa Mãe que era em Campinas, eu vi os pobres, vi os irmãos acamados, alguns irmãos com sonda e fiquei muito angustiado na casa. Porque eu ficava olhando pra situação assim e, então, eu ficava questionando: da onde vem a força pra cuidar dessas pessoas, sem nenhuma formação, praticamente de enfermagem, diretamente assim, qual é a razão? Eu lembro até que eu sai da casa, fui numa Igreja mais próxima, que era Igreja de São José, fiquei rezando ali, depois eu voltei pra casa e pedi para os meninos que apresentasse a casa num todo para mim. Aí foi, *quando eu entrei, vi os religiosos na capela e o Santíssimo estava exposto aí, foi que eu entendi tudo, onde estava a força e qual era a razão. E a partir, daquele momento, eu compreendi que a razão e o que motivava eles irem até os pobres, era o Santíssimo Sacramento* (grifo nosso). (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

4.2.5. Visão dos pobres e da pobreza na Toca de Assis

A visão dos pobres na Toca, de acordo com os relatos coletados, não é romântica. Há uma visão de que os que foram para a rua num determinado momento da vida “não são santos”. Na reunião com os colaboradores da qual participamos, o guardião alertava ao grupo para não tratar os assistidos como crianças, chegando a ilustrar com um fato de um colaborador dar de presente a um assistido um ursinho de pelúcia. Segue a fala⁷²:

Eles não são coitadinhos, muitos já mataram, já estupraram. Os irmãos de rua não são coitados. Eles são homens e não crianças. Alguns leigos tratavam eles como crianças, vinham e traziam um ursinho. O irmão está acomodado. Precisa mudança de mentalidade. Precisa se tratado como homem – no amor, gratuitamente, tem que se esforçar. (guardião da casa, 29 anos)

Apenas um religioso, o Ir. Tiago (27 anos) com formação recebida nas CEB's e no Movimento Fé e Política, demonstrou uma visão crítica em relação aos pobres, a pobreza e o trabalho com a população de rua, que associa a pobreza à falta de equidade e justiça, fruto de relações estruturais da sociedade. Tendo trabalhado na Pastoral de Rua, junto com o Pe. Julio Lancelotti, tem uma avaliação da necessidade de um trabalho mais articulado com as diversas organizações que trabalham com o “povo da rua”. Em uma longa conversa que tivemos, em uma das nossas idas a casa⁷³, contou-nos que o trabalho em São Paulo é muito diferente ao do Rio de Janeiro: “lá tudo é maior e a Pastoral de Rua já tem 40 anos e o trabalho é muito articulado, no qual participam os movimentos, a Pastoral de Rua, a prefeitura, as ONG's” (Ir. Tiago, 27 anos). Afirmou-nos que para *a questão da rua, não existe apenas uma resposta, há várias* (grifo nosso). Contou-nos que foram chamados para participar de uma pesquisa sobre os moradores de rua da Fundação Instituto Pesquisas Econômicas/FIPE⁷⁴. Segundo suas informações, a pesquisa encontrou em torno de 12.800 (na reportagem fala-se de 13.666) moradores de rua em São Paulo/SP e, entre esses, 85% exercem alguma atividade remunerada (seja na economia informal ou na venda de alguma coisa em sinais de trânsito). Falou que morava numa casa muito grande no Centro da cidade de São Paulo, próximo à “crackolândia”. Ilustrou sua fala com várias situações ligadas ao Padre Júlio demonstrando-lhe uma grande admiração. Também citou D. Luciano Mendes e D. Paulo Evaristo Arns. Disse-nos que há pouco tempo (ano passado, talvez) foram mortos 9 (nove) moradores de rua em São Paulo, cidade. Pe. Júlio, então, investigou os responsáveis pelas mortes e descobriu que alguns policiais estavam envolvidos. Esse fato provocou uma atitude da Polícia, qual seja,

⁷² Fala do guardião em reunião com os colaboradores e amigos da Toca. Diário de campo, 15/01/2011.

⁷³ Diário de campo, 04/01/2011.

⁷⁴ Fundação Instituto Pesquisas Econômicas. Alguns resultados da pesquisa encontra-se em anexo.

a inclusão na formação dos policiais de um tópico sobre os moradores de rua; para isso, foi solicitado a presença dos movimentos e do relato de alguns moradores de rua. Ir. Tiago (27 anos) acrescentou que toda essa luta tem levado às políticas públicas. Cita como exemplo, preparar a população de rua para ser agentes de turismo nas Olimpíadas em 2016.

A avaliação do Ir. Tiago (27 anos) em relação à Toca é que falta uma formação sócio política, ainda que cita como importante a aproximação/amizade do Pe. Roberto Letierri com o Pe. Julio Lancelloti:

Na questão do social, sim, uma falta de abertura. Mas quando percebi quando a Toca começou a ter uma participação, em São Paulo com o Pe. Julio Lancelloti achei muito bom, aí eu conseguia ver que o Pe Roberto passou a ter uma amizade com o Pe. Julio Lancelloti. Então, eu vi que estava se abrindo uma consciência maior, da questão do social, do morador de rua e assim se abriu. E eu fiquei muito feliz, porque era algo que gritava em mim e me muitas vezes me colocava em conflito comigo mesmo. Mas a experiência com o Santíssimo era muito forte, então era algo complexo de se entender, mas era forte. Eu sabia ver o pobre, de uma forma que a Toca via, que a Toca me ensinava a ver, Cristo crucificado, ressuscitado, machucado, ferido, que precisava do nosso amor, *mas a justiça clamava, a justiça clamava, porque eu via que aquele homem, aquela mulher excluída, marginalizada ela era vítima de um sistema, ela tinha direitos, ela era pessoa humana. Ela tinha, dá mais e ser mais, tem direito dela, era justiça* (grifo nosso). Deus queria o melhor pra ela [...] (Ir. Tiago, 27 anos)

Atualmente, há uma compreensão na Toca de que se um assistido está bem de saúde, “recuperado dos vícios” e com idade produtiva, ele pode conseguir um emprego e trabalhar, a fim de que ‘siga com a sua vida’, não precisando ser mais dependente e tutelado pelos toqueiros. Esta perspectiva está sendo forjada a partir de uma compreensão de assistência social de resgate da autonomia e de cidadania⁷⁵. Esse fato foi mencionado tanto pelo guardião quanto pelo Ir. Tiago (27 anos). Observamos, contudo, que essa é uma perspectiva nova para a própria Toca, percebida como “uma necessidade de mudança de mentalidade”, depois de seus 18 anos de trabalho com a população de rua. Uma mudança que parte de uma concepção “romantizada” da população de rua, para outra que leva em consideração os diferentes aspectos dessa população. O guardião exorta a comunidade de amigos-colaboradores para esse propósito e procura implicá-los nesse movimento⁷⁶:

O irmão está acomodado. Precisa mudança de mentalidade. Precisa ser tratado como homem – no amor, gratuitamente, tem que se esforçar. Hoje, dois estão trabalhando. No início, quando cheguei e falei que precisavam trabalhar ficaram escandalizados, os irmãos, os leigos. Esse tempo exige ‘nova mentalidade’. Exige o ‘novo’, não condenando. Lutar para melhorar, corrigir para trazer o novo para a Toca. Só Jesus muda a mentalidade. Muita gente entra na casa e fica dizendo que os irmãos estão muito parados, em vez de criticar, o que você pode fazer para que ele não fique parado?” questionou. (guardião da casa, 29 anos)

⁷⁵ A assistente social informou-nos que está sendo realizado um trabalho de resgate e emissão de documentos, principalmente a identidade, que a maioria não possui, além da procura por uma referência familiar. Diário de campo, 29/01/2011.

⁷⁶ Em reunião com os colaboradores, em 15/01/2011.

Percebemos a mesma postura em uma de nossas conversas com o Ir. Tiago (27 anos), que contou-nos que os “irmãos, eles mesmos, tem que se ‘ressocializar’”, que eles precisam ter seu “protagonismo”. Acrescentou que “ali ninguém é santo, se foram para a rua é porque aprontaram e estavam ali colhendo, alguns poucos não”. Sublinhou, no entanto, que “Deus dá uma nova chance”. Que é preciso saber lidar com eles – que não pode vê-los como coitadinhos, se não eles se aproveitam da situação⁷⁷. Os termos que utilizou como “ressocializar” e “protagonismo” indicam uma visão dos assistidos que sai de um lugar de ‘vítima’ do abandono para um lugar de possibilidade de uma ação própria, de um resgate de autonomia, mas que ainda fica localizada no sujeito, não questionando as causas da pobreza e/ou da situação de rua. Na casa há dois assistidos que estão trabalhando e um que está a procura de emprego.

4.2.6. Ser religioso e ser cidadão do mundo: a experiência de estar na rua

“É que a gente chama de carisma e essência: que a gente nasceu na rua, o padre Roberto sempre falava: _ “A gente nasceu da ferida do pobre na calçada na rua, e a gente sempre vai viver da ferida do pobre na calçada na rua”. Então, sempre na rua e em adoração são essências e tudo que é essência, a gente precisa disso para poder viver porque resgata muita coisa”. (Ir. João, 27 anos)

Com esse relato acima do Ir. João (27 anos), o estar na rua cuidando dos irmãos é, junto com a adoração, uma ação essencial para a Toca, que configura o seu carisma, ou seja, sua razão de ser. A rua sendo espaço público é o espaço da pluralidade, da diversidade e do múltiplo. A rua não é um espaço caritativo exclusivo da Toca, outros grupos religiosos e de assistência social atuam junto à população de rua. No entanto, a Toca se distingue por, pelo menos, duas razões: os toqueiros permanecem na rua por um período contínuo determinado (dias), e no período que estão na rua, fazem à experiência do pobre: dormem na rua entre os pobres e alimentam-se “por caridade”, ou seja, fazem a experiência de mendicância. Fazer a experiência de estar na rua, de ficar e dormir na rua implica para os toqueiros uma realização de fazer a experiência de estar com os pobres, “para sentir como eles”: fazem a experiência de dormir nas calçadas e de comer através de mendicância. A mendicância é vista como meio de passar por ‘humilhação’, de exercitar a humildade e também de vivenciar um risco e uma aventura (PAIS, 200).

⁷⁷ Diário de campo, 18/01/2011.

Em uma das nossas visitas à casa, os toqueiros estavam naquele dia “retornando da missão de rua”, como eles denominam. Suas atitudes eram de grande alegria e contentamento. Por a comunidade se encontrar atualmente com um número reduzido de irmãos para cuidar da casa e dos assistidos acolhidos, os depoimentos expressaram que as “missões de rua” não estão acontecendo com a frequência que gostariam. Tivemos então, a oportunidade de ouvir as experiências e entender um pouco melhor a dinâmica de estar na rua entre os pobres⁷⁸. Segundo Ir. Bartolomeu (30 anos) fazer a experiência de estar na rua é um desafio, uma experiência de ‘desinstalar-se’, de deixar o ‘seguro’ e o ‘cômodo’ para viver na insegurança, viver o risco (PAIS, 2005) da insegurança da rua e, por outro lado, fazer a experiência do pobre para sentir ‘como eles’:

A rua pra mim ela é um desafio, um desinstalar-se daquilo que é cômodo, de estar numa casa protegida, guardada: com certeza que você vai ter toda sua alimentação, que você vai tomar banho, que você vai almoçar, você vai jantar, você vai ter um lugar quentinho pra dormir, que não vai ter ninguém pra te “encher o saco”, entre aspas né. Então, *estar na rua é um desinstalar dessa realidade cômoda, né e viver um abandono, e lembrar o sofrimento dos pobres.* (grifo nosso) Olha é um (pausa) sair de si, você exercitar a humildade e experimentar a humilhação, ninguém gosta de ser humilhado, mas lembrando de Jesus que foi humilhado, lembrando dos pobres que são humilhados constantemente, a partir do momento que se encontram na rua, aí, então, essa humilhação, ‘pra’ nós, até nos coloca nos nossos lugares entendeu? (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

Um das representações da rua para o senso-comum é a sua insegurança, em nossas entrevistas os toqueiros não negaram esse dado, no entanto, consideram o estar na rua como algo próprio de sua identidade, logo, um espaço que denominam de ‘natural’. E, ao mesmo tempo, sacralizam sua ação, ou seja, estar em casa é do ‘ser humano’ – ‘do homem’, ir fazer o trabalho na rua e fazer-se pobre entre os pobres, é de Deus, como na compreensão do Ir. João (27 anos):

Sempre vai ser (inseguro), mas *hoje, para mim, é tão natural que tem que levar uma vida natural* (grifo nosso), porque você passar uma noite na rua, ninguém quer passar. Mas, assim, para mim é uma alegria eu ir para a rua, passar a noite com moradores de rua, sentar ali com eles, deitar ali com eles, a mercê de alguma coisa. Então, para mim, é algo que me dá uma alegria muito grande. E, aqui no Rio de Janeiro, eu já fiquei duas semanas na rua direto, já saía e voltava duas semanas. Comia (alimentação) essas experiências que você tem de ir para rua, é de viver como eles, é viver como os pobres, ser como os pobres e viver como os pobres. Então, como os pobres fazem para viver na rua? Ele vai pedir nos restaurantes para comer ele, vai pedir num lugar para tomar banho, para usar o banheiro. A gente vai viver como eles, porque, você experimentado na pele, como é viver como os pobres, você tem também sensibilidade com os pobres, iguais a Jesus: “Diga o que fiz pobres para nos enriquecer com sua pobreza”. Então, não bastou Jesus ter se feito homem, mas se fez pobre. Então, é muito forte isso. Então para nós uma experiência, mais ou menos de Deus, se fazer homem é nós termos toda segurança de casa e ir para rua para nos fazermos de pobres como Ele, é uma experiência bem distante, de Deus.

⁷⁸ Em nossas entrevistas perguntávamos sobre a experiência de fazer a missão de rua, contudo pudemos conversar a partir da experiência recém realizada. Diário de campo, 03/02/2011.

Digo de estar inseguro de tudo, de estar à noite ali, alguém pode vir e fazer alguma coisa com você. (Ir. João, 27 anos)

Em uma de nossas conversas informais, o guardião (29 anos)⁷⁹ afirmou que “Deus suscitou na Toca o amor aos pobres, de ir para a rua”. Ele mencionou as mudanças da rua, ou seja, outros elementos que entraram e complexificaram a situação de rua. Ele nos deu o exemplo do uso do *crack*. Disse-nos que a rua, quando a Toca começou há 18 anos, não é mais a rua desse momento. Perguntei quais eram as exigências atuais para se fazer a missão de rua, se era preciso coragem. Sua resposta foi de que não, disse-nos que é questão de carisma “que a pessoa nasce para aquilo e que aos poucos ela vai descobrindo seu carisma”. E o carisma é aquilo que Deus dá a pessoa, aquilo que ela tem de mais profundo. Ele deu o exemplo da Canção Nova (Comunidade de Vida e Aliança), que ele não tem o carisma para falar, pregar como eles. Que a cada um Deus dá o dom, o carisma. Em outro momento⁸⁰, ele afirmou que o carisma é ir para a rua, por isso precisava atualmente de profissionais para ‘liberar’ os toqueiros dos afazeres da casa para fazer o “que eles nasceram para fazer”.

O olhar sobre a população de rua não é ingênuo, como já citamos anteriormente, por outro lado, encontramos uma visão que ultrapassa as necessidades básicas dessa população e busca uma perspectiva mais personalizada do sujeito que está em condição de rua. Esse fato é mencionado por Machado e Mariz (2007) que destacam a valorização dos próprios toqueiros de sua ação diferenciada junto à população de rua, ou seja, com uma proximidade e personalização na relação. O relato do Ir. Bartolomeu (30 anos) abaixo indica algumas dificuldades e limitações subjetivas da pessoa em situação de rua e a necessidade de reintegração familiar, o que aponta como uma tarefa nada fácil pela desintegração dos laços familiares⁸¹. Ainda que seja longa, a análise de Ir. Bartolomeu (30 anos) nos parece interessante pelo seu conteúdo que articula alguns aspectos psicossociais presentes nas trajetórias de exclusão social vividas pelos sujeitos em situação de rua:

(missão de rua e dos acolhidos) Eu olho por uma questão de necessidade do povo, no sentido que as pessoas que tiveram suas fraquezas e não souberam lidar com isso. Mas eu também vejo pela realidade espiritual, que há por traz disso, que é a influência com as drogas, com a bebida, com o orgulho de não querer ser ajudado, de não aceitar a sua limitação, a sua fraqueza, de não reconhecer que precisa de ajuda, de saber que tem parentes que querem ajudar, mas não aceitam a ajuda, tem essa realidade. E muitos irmãos, infelizmente, o orgulho é muito predominante. Eles aceitam os estranhos, mas quando você toca na ferida, fala sobre sua família, fala sobre algum parente mais próximo, aí já há uma grande destruição, porque há muitas feridas também, e quando tem que mexer nessa realidade, quando tem que mexer

⁷⁹ Diário de campo, 06/01/2011.

⁸⁰ Trecho da fala da reunião de colaboradores e amigos da Toca. Diário de campo, 15/01/2011.

⁸¹ Para uma análise sobre os processos de exclusão social e a população de rua ver a publicação de ESCOREL (2006).

muitas coisas do coração, vai ter que gerar perdão, vai ter que gerar muita cura, muita aceitação. E se vê hoje nessa situação e se humilhar, pedindo ajuda, pra eles é muito difícil, muito difícil (pausa). Você tem que lidar com essa situação e trabalhar com isso, até os que estão dentro de casa, pra nós, dá um constrangimento, porque já tive a oportunidade de junto com a E. , assistente social, de participar também dessa reintegração dos irmãos, terem o encontro com os familiares, de saber a história deles aqui e de ir até a casa desses familiares pra saber quem era essa pessoa e qual são os fatores que ocasionou que ela fosse até a rua. Então, aí você encontra algumas coisas que eles falam que são verdade, há outras coisas que não são tão verdade. Aí você fica nesse meio, pra tentar negociar, mas é algo interessante, é bom, mas ao mesmo tempo, é constrangedor porque exige também exige dos familiares uma abertura de coração. Se não é cristão, é muito mais difícil ainda, porque não acredita na dimensão do perdão, da reconciliação, da mudança de vida, da transformação então, tem essas várias realidades. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

Como todos os toqueiros são naturais de outros estados do Brasil e, a maioria passou pela cidade de São Paulo, há uma avaliação que a população de rua no Rio de Janeiro é mais abandonada e possui menos recursos do que a de São Paulo, por exemplo. Os toqueiros mencionam que a população de rua do Rio é ‘mais suja’ e não tem acesso a ‘banheiros públicos, com chuveiro para banho’, além do trabalho com essa população estar pouco articulado. Portanto, a presença da Toca de Assis na cidade do Rio de Janeiro quer colaborar nesse sentido, como foi explicitado pelo irmão responsável pelo regional⁸². O abandono da população de rua, para o Ir. Bartolomeu (30 anos) é o reflexo da insensibilidade da própria sociedade com essa população, sua fala aponta para a ‘despersonalização’, no processo de vivência na rua:

De não ter um chuveiro público, de não ter um acesso fácil em relação a isso entendeu? Então, é muito difícil abraçar essa realidade, sem conseguir sanar toda essa situação, de ver o irmão ali defecado, andando todo sujo, de calça rasgada. A gente faz, dentro da medida do possível, o que a gente pode né? A gente anda sempre de bermuda de baixo do hábito. Então, dependendo da situação, se vê algum irmão andando rasgado, ou se não, alguma parte íntima, a gente tira a nossa bermuda, e dá pra eles entendeu? Mas é uma realidade diferente de São Paulo; em São Paulo, a gente não encontra tanto essa realidade de sujeira corporal, como aqui no Rio, a gente encontra bastante, tem irmãos enrolados em sacos de lixo, né, é triste, mas ao mesmo tempo é um *sinal pra sociedade, pra gente acordar né, é um ser humano, acima, de tudo é gente.* (grifo nosso) (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

Ir. Bartolomeu (30 anos) explicita sua crítica em relação à sociedade que se torna indiferente à população de rua, que não é solidária com os pobres:

Porque, na realidade, na realidade, se as pessoas fossem solidárias a gente não encontraria ninguém nas ruas, principalmente diante das latas de lixo fuçando o que comer, isso é muito humilhante. É triste saber que tem vários restaurantes do lado, que saem pessoas, ali do lado, que entram pessoas, pessoas almoçando, pessoas de costas pra não ver essa realidade que poderiam ajudar que, poderiam oferecer uma refeição. As pessoas que trabalham ali, naquele ambiente. Aí vê uma realidade tão marcante dessa, de ver uma pessoa separando um alimento, do resto do resto, entendeu, e você não tem nenhum olhar de compaixão, você diante dessa situação não te inquietar, pelo contrário, você julgar, você condenar. Mas na realidade numa

⁸² Diário de campo, 15/01/2011.

auto defesa, porque aquilo ali está te incomodando. Então diante daquela situação, você se torna apático, particularmente eu não consigo, para mim é muito triste saber que, às vezes muitos alimentos que vão pro lixo, mas as pessoas não tem a capacidade de matar a fome de dois, três que passam ali entendeu, independente da situação, por que a gente não pode generalizar e sair julgando todo mundo, não sabe qual a realidade que aquela pessoa está na rua né, não sabe quais os fatores, então a questão de ser solidário, é ... tem que estar muito presente na vida do ser humano, é algo tão simples porque fome, todo mundo sente né. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

A partir da análise quanto à experiência de estar na rua vivida pelos toqueiros, julgamos interessante fazermos uma comparação entre a análise da comunidade ecumênica de Taizé feita por Hervieu-Léger (2008) e a dinâmica institucional que encontramos na Toca e seus pontos de aproximação. A comunidade ecumênica de Taizé foi criada em 1940, pelo pastor Roger Schutz, na França, que a partir dos anos de 1960 e começou a atrair jovens de todo o mundo para viver uma experiência comunitária e espiritual. Segundo Hervieu-Léger (2008), os encontros de Taizé reúnem jovens de vários lugares do planeta, possibilitando um encontro de pessoas de diferentes culturas e um sentimento de universalidade. Ao mesmo tempo, a experiência do encontro possibilita “a extrema personalização”, na qual o sujeito coloca em perspectiva a própria vida e sua experiência individual⁸³, isto é, numa dialética da universalidade com a personalização, o que nas palavras da autora “se ajusta com muita exatidão às expectativas dos jovens” contemporâneos (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.92). Conforme informa Hervieu-Léger (2008) há um sentimento expresso por aqueles que participam dos encontros de se sentirem acolhidos, de não cobrança. Embora a autora observa que esta atitude de acolhida, não suprime o controle por parte dos dirigentes, ou seja, os “irmãos da comunidade estão sempre atentos para evitar os excessos”, além da utilização, como outro meio de controle, de implicar os jovens para que cada um assuma, a partir de sua escolha, uma parte da organização, uma tarefa a ser cumprida e o planejamento e a realização do seu programa (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.93). Para a autora:

[...] O sentimento de liberdade expresso por todos os jovens se desdobra, de fato, num universo extremamente regulado, em que a dialética da liberdade e da regra reforça eficazmente a da personalização e da planetarização. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 93)

Alguns elementos que ilustramos da comunidade de Taizé analisados por Hervieu-Léger (2008), estão presentes, em nossa avaliação, na dinâmica religiosa vivida pelos toqueiros da Toca, ou seja, uma dinâmica de permanência e de mobilidade: a casa é a referência, mas a mobilidade na missão de rua e a própria mobilidade nas casas da fraternidade, caracterizam o tipo de sociabilidade peregrina postulado pela autora. Os

⁸³ HERVIEU-LÉGER (2008, p. 92s) cita a frase da comunidade: “Em Taizé não lhes damos resposta antes que vocês tenham colocado a questão e, sobretudo, cada um deve encontrar sua resposta”.

toqueiros possuem tarefas e são responsáveis pela organização das casas, e ao mesmo tempo, através da espiritualidade de adoração ao Santíssimo Sacramento se unem a ‘toda a Igreja’ (universalidade) e na relação com o pobre, o sentimento de solidariedade com a humanidade abandonada e sofrida. A mesma dialética verificada por Hervieu-Léger (2008) em Taizé encontramos na configuração da Toca: liberdade (rua) e da regra (responsabilidades diárias), personalização (encontro da própria vocação e resposta para os seus anseios mais profundos) e da planetarização (sentir-se do mundo também através da solidariedade entre os pobres a partir de uma unidade com Jesus sofredor).

O trabalho com a população da rua está ancorada na missão e ação de Francisco junto aos pobres da Itália do século XII, como modelo de ação e amparo. Iremos apresentar a relação dos entrevistados com a figura de São Francisco e suas implicações na vivência religiosa.

4.2.7. São Francisco de Assis: “desde sempre” uma relação já estabelecida

Os relatos das identificações/relações estabelecidas com a figura de São Francisco apontam para uma familiaridade entre os entrevistados e o santo, como “desde sempre” esteve presente nas vidas dos toqueiros, antes mesmo de conhecer a Toca de Assis. Essa presença foi oportunizada pela participação em uma paróquia que levava seu nome, pelo testemunho de um parente, pela leitura de livros sobre a vida do santo etc. Todos se referem a ele como modelo de vivência cristã: sua “radicalidade de vida” e sua autenticidade são qualidades ressaltadas e valorizadas pelos informantes. É visto como aquele que melhor soube viver a proposta de Cristo, de acordo com a avaliação do Ir. Bartolomeu (30 anos), que podemos verificar abaixo:

A figura de São Francisco, eu conheci quando eu estava na faculdade. Eu catei um livro de São Francisco (“Um Cantor da Paz e da Alegria”) pra ler e foi interessante, que cada vez que eu ia lendo aquele livro, meu coração ia queimando, ia pegando fogo e eu não compreendia, porque estava sentindo aquilo, porque já tinha lido livros de outros, de outros santos, mas a história de Francisco me chamava muito a atenção. Hoje, pra mim, Francisco, a figura de São Francisco ela é um... para mim ele é um arauto do Evangelho, de uns grandes santos, ele pra mim foi o que soube traduzir na vida o Evangelho de Cristo. Pra mim, eu vejo Francisco assim, um *persona Cristi* autêntico, sua autenticidade foi tamanha que se dignou marcá-lo com suas chagas. Pra mim Francisco é um *persona Cristi* autêntico. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

A leitura da vida de São Francisco gerou no Ir. João (27 anos), que afirmou não ter o hábito da leitura, um interesse e um fascínio, pois a trajetória do santo, que se converteu na

juventude, serviu de ponte para sua identificação religiosa: viu uma similaridade entre a busca de Francisco com sua própria busca religiosa, o que gerou elementos para questionar a vida e os rumos da existência. Segue o relato:

O padroeiro da minha cidade é São Francisco que até no Ceará se chama das Chagas, ele era conhecido assim. Aí, eu peguei esse livro, sinceramente até eu não tinha muito costume de ler, aí eu falei assim: “Quer saber, quando eu chegar do trabalho, às cinco horas, eu vou tomar um banho rápido, comer alguma coisa e vou”. Tinha a praça dessa Igreja de São Francisco e: _ “Vou ficar lendo esse livro até dar o horário, o tempo de entrar no colégio”; que eu estudava `a noite. Aí, fui lendo esse livro e foi me chamando muita atenção, porque eu via as imagens de São Francisco, ele velho de barba. Assim, quando eu comecei a ler o livro, já começou falando da vida dele quando ele tinha dezessete a dezoito anos, também e o desejo que ele tinha de Deus, que ele descobriu o Deus que eu estava descobrindo, o Deus. Também, então, o livro caiu num tempo bom, porque era um jovem descobrindo Deus, com o coração muito sedento, e eu estava também nisso, um jovem descobrindo Deus, nessa juventude e sedento de Deus. E a gente foi, é interessante que *esse livro foi que me arrumou meu jeito espiritual* (grifo nosso), oferecia uma vida como eu estava lendo ali, e eu queria, eu estava sendo puxado para aquele estilo de vida, para uma vida de pobreza, de usar hábito essas coisas assim. [...] Eu me identificava muito com estilo de vida de São Francisco e eu ficava me perguntando: _ “Gente, da onde que vem tanta sede?, tanto desejo de Deus?” E isso começou a gerar essa pergunta em mim. (Ir. João, 27 anos)

A figura de São Francisco, por sua universalidade, parece criar uma relação de identificação dos diferentes grupos da sociedade, “das diferentes tribos”. Um sentimento de solidariedade que une grupos, que parecem ser díspares. Podemos verificar esse postulado nas falas dos entrevistados como, por exemplo, na de Ir. Bartolomeu (30 anos) que ressalta que as características de vida de São Francisco, em sua opinião, a radicalidade no estilo de vida, expressa na vivência da pobreza e no amor aos pobres, são reconhecidas pelos diversos grupos. Ou seja, essas características da vida de S. Francisco transcendem à própria Igreja Católica e os ‘franciscanos’ de todas as ordens, criando uma identidade baseada no sentimento comum da solidariedade por aqueles que são excluídos, pelos ‘desfavorecidos da sociedade’, como indica sua fala:

Um sinal de radicalidade principalmente para aqueles que são convertidos, e até aqueles que não são, se acabam se encantando como os *hippies*, toda vez que encontra a gente no Centro do Rio de Janeiro, eles cumprimentam, ficam felizes: “Isso aí irmãozinho, cuida do irmão pra nós aí”. Eles, na realidade, olham em nós e vê a figura de São Francisco e a capacidade que Francisco teve de ir até os pobres, de cuidar dos pobres, eles conseguem lê um pouco da vida de São Francisco com a nossa realidade hoje, de estar na rua, de estar com os pobres, de estar com os menos favorecidos, aqueles que são marginalizados, que são excluídos da sociedade. Então, eles olham essa realidade, porque eles também experimentam dessa realidade querendo ou não por ser andarilhos, por estar fazendo seu trabalho artesanal e sobrevivendo sobre aquele trabalho ali, então há uma certa exclusão. Então, quando você se inclina pra ir até aos pobres, se encontra na mesma realidade deles. Então, para alguns mexe, é algo bom, pra outros também é uma repulsa, pra uns atrai e outros já ficam um pouco acuados. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

É interessante observar que ainda que não se faça uma crítica clara às estruturas sociais que promovem a exclusão social e um contingente de pobres, a fala do Ir. Bartolomeu (30 anos) aponta para uma visão dos pobres como aqueles que são ‘excluídos da sociedade’, que são marginalizados.

Outro exemplo é dado na fala do Ir. Tiago (27 anos) que menciona a identificação amorosa da avó com São Francisco, como uma herança familiar, além da simpatia dos *punks* de sua cidade, que reconhecem, nos franciscanos, uma atuação sócio política:

Ah, desde novo, minha ‘vó’, gostava demais, minha tia falava de São Francisco. Na vida religiosa antes de até conhecer a Toca, até fora da Igreja, até sem compromisso com a Igreja, eu via a vida de São Francisco, uma vida mais próxima dos pobres, sempre foi muito mais forte, ele pobre no meio dos pobres, essa forma de viver. Eu lembro quando estava no Fé e Política, tinha o movimento dos *punks* que na minha cidade, era muito atuante na questão social e eu estava na Igreja, eu cheguei a ter um contato com eles, eles freqüentavam também a Câmara, a gente dialogava umas questões, sobre o papel da Igreja, o movimento da Igreja, até os *punks*: _ “Ah, você é franciscano! Os franciscanos tem uma atuação muito boa”. (Ir. Tiago, 27 anos).

Como figura emblemática, S. Francisco modela a vida da Toca, dando-lhe os contornos da identidade, missão e carisma. A ousadia, a coragem e a profecia de Francisco são elementos sublinhados e que atraíram os jovens a tê-lo como modelo de vida cristã, ainda mais, de vê-lo como um modelo de vivência “autêntica do Evangelho” (Ir. Bartolomeu, 30 anos). Nesse sentido, S. Francisco fornece aos membros da Toca a legitimidade de sua ação – carisma e missão – e de profetismo na Igreja e na sociedade através de suas atitudes de simplicidade e de despojamento (com atitudes contrárias ao *status quo*).

4.3. Mudanças no caminho da Toca: resignificação dos sentidos e das práticas

“Um Deus no acuda”.

Desde 2009, pelos corredores da Igreja Católica, uma nebulosa era identificada como pairando sobre a Fraternidade Toca de Assis. Poucos sabiam o que estava acontecendo. As notícias que chegavam, para além dos muros da Igreja, eram do afastamento do Pe. Roberto Letierri; afastamento que não se sabia provisório ou definitivo. Muitas versões circulavam. A primeira notícia era de que Pe. Roberto estava na Terra Santa, para descansar de um esgotamento físico e psicológico, outras notícias diziam que ele estava vivenciando o seu ‘ano

sabático⁸⁴. Em julho de 2010, D. Bruno Gamberini⁸⁵, escreveu um comunicado no qual afirmava que Pe. Roberto se afastara da direção da Toca de Assis desde o início de 2009 e foi, a pedido, para o ‘eremitério franciscano Getsêmani’ onde permaneceu até maio de 2010 e, naquele momento, se encontrava acompanhado pessoalmente pelo bispo⁸⁶.

Quando iniciamos nossa pesquisa de campo, logo se evidenciou o impacto do distanciamento do Pe. Roberto da Toca: fomos informados da saída de muitos membros e do fechamento de várias casas: “um Deus nos acuda”, nas palavras do guardião⁸⁷, que acrescentou que muita gente “entrou e saiu por causa do Padre”.

Ainda, de acordo com as informações do guardião, muitos aproveitaram a ‘saída’ do Pe. Roberto e saíram também. Em sua visão, alguns possuíam motivos justos e ele entendeu, outros “se aproveitaram da saída do Padre para sair e outros, vendo a saída de tantos, resolveram sair porque achavam que a Toca ia afundar”. Além desses, acrescenta que saíram também muitos leigos colaboradores. Observou que “alguns (toqueiros) se utilizaram do Padre para sair, pois nem concordavam com ele”. Pela primeira vez, explicitou-se que não havia um consenso em relação ao Pe. Roberto, ainda que ele fosse o fundador e o líder carismático. Informou-nos que, com essa saída de membros, calcula-se que haja atualmente em torno de uns 230 irmãos e, “juntando com as irmãs”, quase uns 500 membros da Toca, ao total⁸⁸. Acrescentou que muitas casas foram fechadas porque não havia pessoal suficiente para cuidar dos assistidos, com isso, eles foram transferidos para outras casas. Ao final, eles, os toqueiros que permaneceram, ficaram sem ajuda e “com contas a pagar”.

Em reunião com amigos e colaboradores da Toca⁸⁹, o responsável do regional, comunicou-nos, aos presentes, a situação da Toca e sua perspectiva futura na cidade do Rio de Janeiro. Fez menção ao início da Toca (18 anos atrás), como um “momento de novidade”, por isso, comentou que no “início da fundação é uma explosão”. Disse-nos que o Pe. Roberto teve “um chamado de atrair os jovens, acolher os pobres”. Afirmou que “muitos estavam na

⁸⁴ Geralmente, nas Ordens Religiosas, a cada sete anos, o Padre pode tirar um ano para descansar, viajar, estudar, ou seja, usufruir como queira, tempo denominado de ‘ano sabático’.

⁸⁵ D. Bruno era o bispo de Campinas, berço da Toca de Assis, falecido em setembro/2011.

⁸⁶ A carta escrita pelo, então, bispo de Campinas, comunicando a saída do Pe. Roberto da direção da Fraternidade Toca de Assis para a comunidade católica, encontra-se em anexo.

⁸⁷ Conversa informal com o guardião e a pesquisadora, que iremos apresentar para fins elucidativos alguns diálogos e afirmações. Diário de campo, 06/01/2011.

⁸⁸ Em 2007, segundo a FOLHAONLINE, havia 2.000 membros da Toca de Assis, dados também indicados por Portella (2007, 2009). A Toca é formada pelas casas femininas e masculinas, cada qual com suas próprias dinâmicas e com um único coordenador geral, atualmente, Ir. Gabriel que substituiu Padre Roberto Lettieri.

⁸⁹ Participamos como convidada, de uma reunião entre os religiosos e os amigos e colaboradores da Toca da Cidade do Rio de Janeiro. Estaremos neste capítulo utilizando muitas informações dessa reunião que, como pudemos extrair, tinha como objetivos esclarecer a comunidade ampliada sobre a situação atual da Toca, sensibilizá-la para uma maior participação e colaboração, justificar a necessidade de se fazer uma reforma na casa pesquisada e envolver esta comunidade neste intento. Diário de Campo, 15/01/2011.

empolgação e, no discernimento, houve muita desistência com a ausência do fundador _ o pai da casa, o porto seguro”. Segundo Weber (2010), o líder carismático “é o líder natural da rotina cotidiana” e das “estruturas carismáticas” e tem como uma das características a permanência, ou seja, são “estruturas de rotina diária”. Neste caso, com a saída do líder fundador, nas palavras do irmão responsável foi: “um drama, muita desistência e excesso de acolhimento”⁹⁰. Afirmou que a “estrutura dos toqueiros ficou abalada”. No final da frase, o Ir. João (27 anos) que estava sentado próximo à última fileira de cadeiras gritou: “_Abalou geral!”.

4.3.1. Crise, imperativo de mudanças: sentidos atribuídos à experiência de saída do líder

“Deus falou: ‘Acorda, Toca de Assis!’”

O afastamento seguido de uma saída do Pe. Roberto da Toca, líder carismático e fundador, que congregou, em pouco tempo, muitos jovens em sua proposta de reavivamento do franciscanismo primitivo, provocou, como mencionamos, uma crise interna de significativas proporções: a saída de, em torno de 50%, dos membros, a necessidade de fechamento das casas e reestruturação do trabalho missionário, assim como mudanças nas dinâmicas internas. Ou seja, a crise produzida pela saída do Pe. Roberto provocou a perda da estabilidade da comunidade de vida, dada pela comunhão de interpretação oferecida pelo seu líder carismático. No entanto, as estratégias de lidar com a crise produziram novas interpretações: a própria comunidade frente à crise produziu novos sentidos para manter sua coesão. Além de uma interpretação comum da crise entre os membros, a vivência da crise para cada um da comunidade teve um significado muito particular, que se articula com sua visão de igreja, mundo e vocação.

Para alguns, a crise evidenciou que a prática da Toca de Assis era simples sem grandes exigências internas e externas (hierarquia católica e legislação brasileira, respectivamente), numa compreensão atual da complexidade da ação que exige uma adaptação às normas legais. De acordo com a fala do Ir. Paulo (26 anos), a crise é positivada no sentido de ordenamento, de estruturação, de organização do trabalho, uma necessidade de especialização da ação,

⁹⁰ Entre os comentários feitos pelo Ir. Responsável pelo Regional estava o número de assistidos da casa pesquisada, que chegou a ter 100 irmãos acolhidos e, há dois anos, contava com 89; ainda citou a casa da Toca em Cotia/SP que abrigava 120 irmãos.

numa “burocratização do carisma” que de acordo com Weber (2010) a ação carismática nas instituições permanentes cede à disciplina e à burocratização, em suas palavras:

[...] É destino do carisma, sempre que chega às instituições permanentes de uma comunidade, dar lugar aos poderes da tradição ou da secularização racional. (WEBER, 2010, p. 177)

A especialização da ação faz parte da organização burocrática, na qual “tarefas individuais são atribuídas a funcionários que tem treinamento especializado e que pela prática constante, aprendem cada vez mais” (WEBER, 2010, p. 51). É interessante observar a necessidade de ordenamento da vida (Toca, Igreja e Sociedade) explicitada na fala do Ir. Paulo (26 anos), necessidade de uma estrutura definida e com critérios claros:

A nossa vida era cuidar dos pobres e orar a Deus, era isso, entendeu, isso nos bastava. Era mais simples, só que eu não reconheço, não vejo isso como algo, sabe aquela choradeira por aquele que não tem mais, entendeu? Mas, realmente é assim, existem leis a serem cumpridas, existe o Estatuto do Idoso que eu tenho que cumprir, porque existe gente idosa na minha casa. Eu para trabalhar com irmãos acolhidos que tem problemas psiquiátricos é diferente de trabalhar com irmãos acolhidos bons, que são somente deficientes físicos, entendeu, então? *São realidades que isso nos ensina a termos um trabalho, digamos, ordenado* (grifo nosso). (Ir. Paulo, 26 anos)

Nessa mesma direção encontramos a fala do guardião, que afirmou que os toqueiros faziam “tudo”: eram médicos, enfermeiros, psicólogos, “mas que agora estão vendo a necessidade da profissionalização, porque eles não estudaram para ser, por exemplo, assistente social”. Segundo sua informação, esta dinâmica de assumir todos os trabalhos (da limpeza das casas aos cuidados com os pobres acolhidos e das ruas) provocou muitos “desgastes físicos e emocionais” nos “irmãos” (toqueiros), que hoje eles veem a necessidade de uma “reestruturação” e uma “nova mentalidade”. Afirmou enfaticamente a necessidade de “uma nova estrutura”: “cada coisa no seu lugar, pelo amor e pela graça”. Contou-nos que percebeu através da “crise” que “houve erros”, que os irmãos não tinham consciência da necessidade de estrutura, o que ocasionou em alguns, “problemas psicológicos”⁹¹.

Nesse sentido, a experiência da crise para a maioria dos entrevistados é positivada como uma ação de Deus, como Providência Divina. O Ir. Responsável do Regional utilizou a metáfora da árvore que precisa de poda quando “cresce muito e fica feia”. Esta visão é compartilhada com a maioria dos toqueiros, que percebem na crise e as consequentes mudanças, a atuação de Deus, que se explica por si mesma, já que é um mistério, ou seja, uma ação não planejada racionalmente, como explicita o Ir. Paulo (26 anos):

E tudo isso assim, a gente crê assim, como Providência, entendeu?, como Providência. A própria Providência, ela diz isso: a vidência em prol, é olhar de

⁹¹ Diário de Campo, 15/01/2011.

providencia de Deus, é o olhar de Deus em nosso favor. Então, quando eu reconheço como Providencia, o olhar de Deus ao nosso favor, que os caminhos de Deus a gente não tem como entender, não tem como entender. (Ir. Paulo, 26 anos)

Interessante observar a visão da crise para o Ir. Bartolomeu (30 anos), para ele, esse momento desconstruiu a imagem que fora erguida dos jovens da Toca _ de “fortaleza” e de “entrega da vida a Jesus”. No entanto, na sua avaliação havia uma “imaturidade” juvenil, avaliada como um despreparo dos jovens para lidar com as dificuldades e a vivência do sofrimento, de acordo com sua fala:

Mas, na realidade, a Igreja assim, eu vejo o que aconteceu, a gente era tido como religiosos que eram fortes, que queriam dar a vida por Jesus, que queria entregar a vida por Jesus. Mas a Igreja reconheceu e eu vejo claramente assim, que nós somos fracos, na primeira fragilidade, no primeiro sofrimento, muita gente pulou fora do barco, entendeu? Mesmo, eu acredito que mostrou muito nossa fragilidade diante do sofrimento e, por sermos jovens, pior ainda, por não termos maturidade em relação ao sofrimento. E isso não é algo que foi falado em relação a isso, porque aconteceu essa situação, o Padre mesmo já nos dizia em muitas pregações de 2006, de 2007, falando sobre a questão do sofrimento, que a Toca era muito imatura em relação ao sofrimento. Então, Deus dá o sofrimento ‘pra’ nós, mas não sabemos manipular essa situação, então ele (o Padre) já tinha nos orientado em relação a isso, já tinha até profetizado que diante de sofrimento muitos iriam embora. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

O discurso de Ir. Bartolomeu (30 anos) revela uma das características atribuídas ao líder carismático – a profecia. A leitura do presente esta referida ao passado, “ao reconhecimento” da autoridade do líder carismático (WEBER, 2010), cujos discípulos mantém uma fidelidade embora não esteja no “governo” institucional.

De acordo com a fala do Ir. Pedro (32 anos), que buscou a Toca com um desejo anterior de ser Padre e com um projeto de um compromisso vocacional (além de possuir uma experiência/vivência de participação paroquial) ainda que sinta a saída dos amigos e do Pe. Roberto, a autoridade da Igreja, a tradição lhe dão segurança e estrutura. A relação com o sagrado dá significância à vida e às vivências, como vemos em seu relato:

Olha, a gente sentiu, sentiu dor porque irmãos meus saindo, fico triste, fiquei triste, não tem como, mas não a ponto de me abalar, porque eu sei quem que me chamou, quem eu depusitei a minha fé, sei quem eu estou buscando, sei quem é o meu alicerce. Então, por isso não me senti abalado, mas claro fiquei triste por saber que irmãos meus, que eram muito meus amigos saíram, não estão mais, não sei como ficaram a vida deles, por não ter contato. (...) Abalou por ser o fundador, não mexeu na minha estrutura de vocação. E também assim, não me abalou tanto porque assim, foi tudo feito através da Igreja, não estávamos sozinhos, não estávamos sozinhos, sempre acompanhados pela Igreja. Então assim, eu sei onde depusitei a minha confiança, se aconteceu é vontade de Deus, Deus sabe para que, para o bem maior que estamos passando por esse processo. (Ir. Pedro, 32 anos)

Em agosto de 2010, reunidos em Capítulo, foram definidas as novas estruturas organizativas da Toca. As novas exigências da Igreja e das leis brasileiras de assistência social, levaram a Toca a assumir alguns compromisso e reorientar suas ações. As palavras de

ordem a partir desse evento foram: “nova mentalidade” e “nova estrutura”, ou seja, propostas de mudanças que incidem em três dimensões que se interpenetram: vivência pessoal do compromisso, vivência comunitária e, por fim, a própria institucionalidade da Toca.

4.3.2. “Uma” visão sobre a saída do líder carismático

Além de fundador da Fraternidade Toca de Assis, Pe. Roberto Lettieri esteve à frente da Instituição por quase 16 anos. A narrativa de sua história religiosa, desde o Seminário em Campinas, é permeada por momentos de dificuldade e transgressão à ordem estabelecida⁹². Ainda que o Pe. Roberto tenha meia idade⁹³, suas fotos remetem a uma imagem de uma pessoa idosa. Suas fotos, principalmente em momentos litúrgicos (missa e adoração ao Santíssimo) estavam presentes pelas casas da Toca, assim como no *site*. Fotos que apresentavam a imagem do Pe. Roberto geralmente com o ostensório nas mãos ou inclinado sobre ele, numa atitude de oração e reverência, que podem nos remeter a ideia de um místico contemporâneo. Hoje não se vê mais essas fotos, assim como foram retiradas do *site* oficial.

De acordo com os relatos dos membros, ainda que Pe. Roberto seja visto como uma pessoa de muita espiritualidade e fidelidade ao Evangelho, com uma possível superioridade espiritual por sua vivência e compreensão religiosa, havia uma relação de proximidade com os membros marcada pela alegria, afeição e demonstração de admiração. A relação carismática estabelecida pela comunidade e o Pe. Roberto produziu uma fisionomia da Toca baseada nas práticas e ensinamentos por ele transmitidos. Suas críticas institucionais (maior cuidado nas celebrações e paramentos litúrgicos, a negação da racionalidade técnica, a opção pelos pobres desvalidos), e todos os relatos de dificuldades enfrentados pelo Pe. Roberto, no passado e as recentes, constroem uma narrativa que o identifica como um líder religioso carismático que busca com sua ação restabelecer uma fidelidade religiosa primitiva.

Ainda que tenham sido orientados pelo guardião para que não falassem sobre a saída do Pe. Roberto, “pelo momento atual da Toca”, falar desse “mesmo momento atual” não é possível sem relatar a saída do fundador e a crise vivida pela comunidade.

A narrativa dos toqueiros para a saída do Pe. Roberto é permeada por uma “constatação” de sua “humanidade”, da força de um profeta carismático que dedicou sua vida ao trabalho missionário e não reconhecia os seus limites sejam físicos e/o psicológicos. Como

⁹² Além da informação de que o Pe. Roberto levou mais tempo do que o comum para ser ordenado (13 anos, seriam 7 anos), os relatos sobre sua vida como seminarista descrevem, por exemplo, que ele saía do seminário, sem autorização, para fazer o trabalho pastoral de rua. Dados recolhidos no *site* entre 2005/2006.

⁹³ Pe. Roberto Lettieri nasceu em 1964, na Mooca, SP. Dados sobre a história de Padre Roberto Lettieri encontra-se também em Carranza (2000).

afirma Weber (2010, p.172) “o carisma só conhece a determinação interna e a contenção interna. O seu portador toma a tarefa que lhe é adequada e exige obediência e um séquito em virtude de sua missão”. Podemos observar nas entrevistas com o Ir. Tiago (27 anos) e o Ir. Bartolomeu (30 anos), o reconhecimento no Padre Roberto da força do carisma, ao mesmo tempo, sua humanidade e os frutos de sua ação missionária:

Eu acho que foi a forma, o tamanho que tomou o problema, uma situação muito constrangedora diante das pessoas que o amavam ao extremo, de repente você aparece como a bruxa da história, o fausto da questão, o traidor... O problema com o Pe. Roberto, a pessoa dele, a situação que surgiu, que deu toda a confusão, as desorientações que ele estava tendo, os comportamentos né? Isso, isso que era passado para nós (desorientação psicológica). Eu nunca fui próximo do Padre, sempre morei longe. Foi passado para nós, um conjunto de situações que desembocou nesse pânico todo, que de uma certa forma, para muitos, foi uma decepção, muitos saíram pela decepção do homem, tornaram o homem a referência, o homem decepciona, né? Não imaginavam que um dia poderia falhar, que poderia um dia, não ser o mesmo. Então, muitos vieram pelo Padre Roberto, destes chegaram ao Santíssimo Sacramento, chegaram aos pobres, chegaram. Mas que muitos vieram pelo Padre, a presença dele era muito forte. Era uma pessoa de muita presença, uma pessoa, como dizer, desses populistas (ri), desses que arrastam multidões. Então, se assemelhava a isso, uma pessoa carismática, que sabia falar, se expressar, cativar, muito carismático. (Ir. Tiago, 27 anos)

O que levou ele a sair acredito, que foi essa questão de esgotamento físico, psicológico e emocional, porque o Padre tinha uma vida muito ativa, muito intensa, ele vive em retiros e retiros. Eu lembro que a agenda dele era cheia de janeiro até dezembro. Ele tinha a agenda “estourada” fora os compromissos que ele tinha com a Fraternidade, de visitar as casas, de conduzir retiro e, ainda, tinha os compromissos fora: a pregação com a Canção Nova, pregação em Cuiabá, em várias regiões, fora do Brasil, entendeu? Então era muito compromisso, sobrecarregou tudo isso nas costas dele. Então, eu acredito que aí veio toda essa realidade: de estafa, de esgotamento físico, psicológico que acarretou nessa situação, tudo isso. Porque era surreal, você olha para ele assim, falava: “_ Nossa, está sobre a graça de Deus”. Mas ele tem a sua humanidade também, tem a graça de Deus, mas tem sua humanidade, como homem tem o seu cansaço, precisa descansar, precisa estar a sós, estar com ele, também acredito que essa uma das grandes realidades. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

A análise das falas acima explicita a fidelidade ao líder carismático, o reconhecimento do seu poder e de seu carisma: “era uma pessoa muito forte”, “uma pessoa de muita presença”, cujo seguimento é permeado “por uma dedicação nascida da dificuldade e do entusiasmo” (WEBER, 2010, p. 174) respectivamente: “muitos ficaram esgotados” e “arrastava multidões”. Falas que expressam admiração e reconhecimento do seu valor e poder.

Uma questão que se colocou logo na pesquisa, frente às consequências da crise, a como, por exemplo, a evasão significativamente numérica de toqueiros, foi a compreensão dos motivos que levam alguns jovens a permanecer na comunidade mesmo diante da saída dos “irmãos fraternos” e do líder fundador. Sobre esta questão nos deteremos em seguida.

4.3.3. Motivos de permanência dos jovens na Toca de Assis

Em uma de nossas primeiras visitas à casa pesquisada, o Ir. João (27 anos) mostrou-me uma fotografia do tempo do noviciado (formação e recolhimento por um ano para o primeiro compromisso, dos sete que se seguirão), com grupo daquela época. Perguntei pelos demais toqueiros, dos mais de 20 jovens que estavam na foto que havia conhecido (nos anos de 2005/2006), apenas três haviam permanecido; até mesmo o guardião da casa também saíra. Este fato nos colocou de imediato à questão: quais as razões da permanência daqueles jovens, se tantos outros saíram? Eles formavam uma minoria que resolveu permanecer. Saber os motivos pelos quais, apesar da saída do fundador, da saída de tantos amigos e irmãos, alguns jovens permaneceram foi uma questão que se colocou de imediato para a pesquisadora.

Um dos motivos de permanência bastante sublinhado nas entrevistas diz respeito à relação com o sagrado, com o transcendente através do Santíssimo Sacramento (também um dos motivos de adesão e que se confirma na permanência). A experiência de adoração, de reconhecer no próprio Deus torna-se o motivo central de atração para os entrevistados. Essa experiência configura a vocação dos membros, o carisma que foi abraçado e produz uma emoção de estar com o próprio Jesus, motivo que mantém os jovens na Toca de Assis, como podemos observar no depoimento do Ir. Paulo (26 anos):

Passou (pela cabeça em sair da Toca) passou, só que como eu falei ... (pausa) A certeza da minha vocação, a certeza da minha vocação como eu ‘tava’ te falando, da identidade do carisma do Filho da Pobreza do Santíssimo Sacramento vivo e real na minha vida, sinais desse carisma na minha vida, entendeu? Falar assim, estar com Jesus, adorar, eu acho assim, algo que passa do nosso entendimento porque é um ato de fé, é um ato de amor, é olhar dentro do Santíssimo Sacramento e *crer que é Jesus, ele não está no Santíssimo Sacramento, ele é o Santíssimo Sacramento* (grifo nosso). O Padre Roberto ensinava muito isso: ele é o Santíssimo Sacramento, ele não está no Santíssimo Sacramento, Jesus é o Santíssimo Sacramento, Ele é, Ele é. Então, é Jesus, é meu corpo, é minha carne, é meu sangue, não aparece, não significa é, é a palavra bem firme de Jesus que é mistério muito profundo, muito grande. É tanto, que a Igreja, é muito sábia quando diz o Santíssimo Sacramento diante dos outros sacramentos, aquele é o Santíssimo, é o augusto Sacramento, é a vida da Igreja. Diz o Concílio Vaticano II, é a vida da Igreja. (Ir. Paulo, 26 anos)

Vale observar com a fala acima que a saída de tantos membros também provocou uma reflexão quanto à possibilidade de saída e, por consequência, a afirmação das bases para a permanência.

A mesma dimensão do sagrado que seduz, encontramos na fala do Ir. Tiago (27 anos) que possui uma visão social diferenciada do grupo quanto ao trabalho com os pobres, para ele essa dimensão tornar-se “fundamental”, segue sua fala:

Isso, que me faz permanecer muito. E o trabalho com o pobre, é lindo, mas o Santíssimo Sacramento é mais forte. É por causa Dele que vamos ao pobre. Mas o

Santíssimo Sacramento é mais forte, para permanecer é mais forte. Porque o trabalho social, o trabalho com os pobres tem muitos trabalhos bons, porque eu conheço. Mas a questão na Toca é forte o modo de vida também, a simplicidade, o desapego, o tornar pobre com o pobre, isso também, é lindo, é forte. Mas o Santíssimo Sacramento é fundamental. (Ir. Tiago, 27 anos)

Em uma perspectiva da “inutilidade” do divino, Bingemer (1998) afirma que a força do ‘eros divino’ tem sobre a totalidade do ser humano, o mesmo apontado por Baitalle (1975), que produz:

[...] Um poder de ação e sedução que desperta o desejo até o paroxismo, podendo levar os despojamentos mais radicais e às renúncias mais heróicas, em nome da possibilidade entrevista e pressentida de participar de sua vida divina e experimentar a união proposta por Ele, mesmo que apenas durante um minuto. (BINGEMER, 1998, p. 82)

Observamos na fala do Ir. Tiago (27 anos) relatada acima, que o estilo de vida, caracterizado pelo desapego, pela simplicidade, de ser pobre entre os pobres, é um dos motivos que mantém os jovens fiéis à proposta da Toca, confrontando esses valores aos da sociedade de consumo. Nesse sentido, para Portella (2007, 2009), esse confronto é um dos principais motivos de adesão de jovens à Fraternidade, que a caracteriza como um grupo contra-cultural, possibilitando uma experiência de desvio e ruptura pela via da renúncia e contestação. Segundo Portella (2007, p. 183) “o fato da renúncia, então, pode também ser descrito como uma forma de abandonar tudo para se dedicar ao que “realmente interessa”, a Cristo (e Ele, fisicamente, no pobre) e à Igreja (à adoração de Cristo que a purifica)”. Mariz (2005) esclarece que experiências de desvio e ruptura podem gerar um sentimento forte de pertencimento, características de minorias, ou seja, “uma minoria que rompe com a sociedade mais ampla procurando distinguir-se, criando certo sentimento de superioridade, pois possui laços de solidariedade interno extremamente sólidos” (MARIZ, 2005, p. 267).

4.3.4. O futuro da Toca: o desafio da continuidade

A crise muitas vezes impõe uma necessidade de mudança e/ou adaptação e/ou reestruturação. A situação gerada pela saída do fundador que levou um grande grupo a sair da Toca de Assis, impôs a comunidade a necessidade de se reorganizar. Junto com aos temas da vivência comunitária propriamente dita (a reorganização das casas e distribuição dos toqueiros) e outras exigências legais (organização do atendimento pela perspectiva da saúde e

exigências sanitárias) foram apontando à Fraternidade, a necessidade de reformulação de suas práticas.

Na reunião dos líderes (regional e da comunidade/guardião) com a comunidade ampliada (amigos e voluntários) na qual participamos, o guardião explicitou que a “consciência” de que era necessária uma nova estrutura, surgiu a partir da vivência do “sofrimento”; no entanto, afirmou que muitos ainda estão resistindo às mudanças. Nesse sentido, indicava à necessidade de uma abertura de todos para as mudanças – “uma nova mentalidade”. Por diversas vezes foram repetidas as expressões “reestruturação” e “nova mentalidade”, que indicavam que era preciso um esforço para “convencer a todos” dessa necessidade e conclamava os participantes:

Vai exigir de nós e de vocês a conversão, uma nova mentalidade. [...] Esse tempo exige ‘nova mentalidade’. Exige o ‘novo’, não condenando. Lutar para melhorar, corrigir para trazer o novo para a Toca. Só Jesus muda a mentalidade. (guardião da casa, 29 anos)⁹⁴

Diante do grupo, o guardião reconheceu que havia uma “visão egoísta” do carisma, uma espécie de possessão em relação ao trabalho pastoral, isto é, como explicitou: “_ o pobre era meu, nós nos apegamos aos pobres.” Com essa atitude, evidenciou a necessidade de trabalhar com o laicato, a partir de uma compreensão explicitada na expressão: “carisma partilhado como os leigos”. É interessante observar que todo o discurso sobre a importância da participação do laicato foi fundamentado nas afirmações proferidas pelo Vaticano II e pela leitura de um trecho do livro sobre “Vida Consagrada”. Este último afirmava que os toqueiros e os leigos devem unir os dons, fazer a permuta dos dons, de forma articulada para a missão da Igreja, numa relação de colaboração pastoral.

Os relatos sobre as percepções dessas mudanças, de uma maneira geral, refletem um otimismo e uma consciência de sua necessidade, mesmo havendo resistências, como fora dito (pelo guardião). Alguns membros, como os Ir. Paulo (26 anos) e o Ir. Tiago (27 anos) indicam que se faz necessário um tempo para a efetivação e a avaliação das mudanças que estão sendo implementadas:

É tudo como um progresso, é como nós estamos caminhando, nós estamos caminhando para realmente fazermos aquilo que eu falei: unindo aquilo que a Igreja nos pede a sermos submisso, é um progresso. A Toca hoje tem dezessete anos, então assim, uma pessoa de dezessete anos não faz mais aquilo que ela fazia quando tinha sete, é tudo um progresso, é um caminhar, é um aprender, aprender com os erros e manter aquilo que foi acerto. Eu acertei, então, eu posso manter isso, só que muitas vezes até aquilo que eu acertei, muitas vezes, na frente, eu não posso mais manter, porque eu acertei naquela situação. Já se for numa situação deferente mais na frente, aquele acerto não vai ser tão útil, aí eu tenho que tentar acertar de outra forma, então é você olhar com esse olhar, com essa ótica, ótica de Deus. (Ir. Paulo, 26 anos)

⁹⁴ Diário de Campo, 15/01/2011

Eu tenho esperanças. Ainda não aconteceu nada. Esperança, ainda também, é muito cedo. Nem uns seis meses que aconteceu todo o Capítulo, são coisas boas, é uma forma maior de se ver o problema. Uma forma de se ter mais opções de soluções, acho que vai ser bom, que não (?) que não intimide. Ela tinha que acontecer, precisava, os pobres precisavam, eles precisam pro bem deles. (Ir. Tiago, 27 anos)

O depoimento do Ir. Pedro (32 anos) revela a crença de que as mudanças também são de ordem da intervenção divina:

Ah, para melhor, mudanças pra melhor, é Deus construindo. A vida está nas mãos de Deus então, é difícil ter um parâmetro formal, porque, como eu falei assim, a minha vida, a minha vontade é escolha de Deus. Então, é Ele transforma tudo, a todo momento. Viver o momento na esperança da fé, ter uma visão escatológica. (falta de algo do momento anterior) Olha, não teve assim de nenhuma forma, porque não foi tirado nada, só foi aperfeiçoado, a mesma coisa, mas aperfeiçoado. Está sendo vivido a mesma coisa, mas aperfeiçoada de uma maneira melhor hoje em dia. Então assim, não mudou nada. [...] eu estou vendo como vontade de Deus, se Deus permitiu então, não é pra dizer aí, tinha que acontecer. (Ir Pedro, 32 anos)

De acordo com a fala do Ir. Bartolomeu (30 anos) as mudanças que estão sendo propostas ainda não estão claras, expressando uma dificuldade de fazer uma síntese entre o passado vivido e o presente necessário. Em sua fala, encontramos a narrativa da crise proferida pelos líderes, numa clara coesão de sentido que estão sendo produzidos, comunicados e apropriados:

Eu olho com olhar de esperança, na certeza que nesse quebra-cabeça cada pecinha vai ser encaixada no seu devido lugar. Tem (muitas peças fora do lugar), talvez eu não veja esse quebra-cabeça montado, mas eu estou fazendo parte dessa realidade, de montar esse quebra cabeça. *O desafio é esse equilíbrio* (grifo nosso), de tudo aquilo que a gente viveu que foi bom, que foi o tempo necessário, que Deus nos permitiu e deu graça pra tal momento, e saber viver esse novo, sem excluir e sem condenar o passado, manter esse equilíbrio, assim como o Evangelho fala né: “_O escriba que sabe tirar do seu baú, coisas antigas e coisas novas”. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

Numa seqüência de diálogo com a pesquisadora, Ir. Bartolomeu (30 anos) indica esse tempo como de “purificação”, o qual apresenta a necessidade de mudanças como uma possibilidade de se ter critérios claros de entrada e uma melhor formação, numa visão menos encantada da realidade, ou seja, mais realista.

(número reduzido de Irmãos, preocupação) Não, eu vejo que não, porque com esse tempo de purificação, acredito profundamente que Jesus há de suscitar vocações com uma maturidade, com essa nova realidade, entendeu? Com o pé mais no chão, sem essa empolgação de que ... “Ah eu quero entrar!” _ “Ah, vem aí, entra aí, fica jantando aí com ‘nós’, aí a gente vai ver no que dá.” Eu acredito que vai vindo as vocações, mas numa realidade totalmente diferente, que era antes que da mesma maneira que entrava muito, saia muita gente, tinha essa realidade entrava muita gente, mas saia muita gente. Sempre isso aconteceu, entrava em excesso, mas saía em excesso, entendeu? Então, eu acredito que nesse novo tempo, pra esse acompanhamento vocacional. Então, vai ‘dá’ uma bagagem maior para aqueles que são vocacionados. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

O projeto de futuro imediato da presença da Toca na cidade do Rio de Janeiro, ou seja, fazer a reforma na casa pesquisada e assumir uma nova casa em um bairro da zona sul oferecida por um dos bispos da Arquidiocese do Rio de Janeiro, tem sido motivo de esperança para alguns toqueiros que demonstram empolgação com as novidades que estão surgindo. A nova casa foi oferecida, segundo o responsável pelo regional, depois que uma congregação religiosa feminina que fazia atendimento de saúde, devolveu a casa para a Arquidiocese. A proposta é que, futuramente, possa ter uma divisão de assistidos de acordo com critérios da Lei de Assistência Social, tais como idade e tipo de assistência médica.

Estou muito feliz, muito feliz, com muita esperança, com muito ânimo pra entregar a esse projeto. Era preciso, era a vontade de Deus para o Rio, para a cidade do Rio de Janeiro, para nós que estamos aqui, para todos. Nosso Senhor me anima muito. (Ir. Pedro, 32 anos)

Ainda que tenha ocorrido uma significativa saída de toqueiros em termos numéricos, segundo os relatos, mais da metade, há uma concordância da importância da formação religiosa realizada na Toca, na vida dos jovens que passaram por ela. Indicam dessa forma que não há perdas, que há mudanças de lugares. Acredita-se que a Toca contribuiu na formação de valores aos que passaram por ela, ou seja, que a Toca contribuiu na formação de sujeitos mais responsáveis, com uma visão social adquirida na vivência com os pobres, com valores cristãos adquiridos na adoração e na formação, como podemos verificar na fala do Ir. Paulo (26 anos):

Eu falo assim, como experiência pessoal que eu tive com meu amigo que saiu, hoje ele fala o quanto é mais fácil pra ele resistir a tudo isso que o mundo oferece por ter uma vida, por ele ter tido uma vida desordenada, desregrada no mundo. Hoje é muito mais fácil dele resistir a isso tudo, por ter tido uma vida na Toca, por ele ter tido uma experiência com Jesus, por ele ter tido uma vida de oração intensa, por ele ter tido sensibilidade para com os pobres, ele ter sido tratado com os pobres. Hoje, ele reverte até para a própria família dele, daqueles que são mais próximos dele, a sensibilidade para os próprios amigos que você faz, aqueles que você convive, que hoje em dia não existe mais isso, a solidariedade, o amor fraterno, a caridade é mais intenso, é mais fácil exercer. Então, a gente não tem como antecipar o caminho que Deus vai traçar, não tem. Então, muitos Deus enviou pra cá realmente para serem formados, para serem bons cristãos, sinais de Deus lá fora, nesse mundo desligado, desordenado, tão conturbado de pessoas que não sabem mais o que é uma vida em Deus, o que é uma moral cristã e eu venho pra cá e aprendo e Deus permite que eu volte lá, para ser um bom pai de família, ter filhos, educar meus filhos na moral cristã, educar meus filhos numa vida sacramental. Porque muitos pais hoje, entendeu, batizam os filhos porque tem que batizar. “Ah, porque você está batizando seu filho?” “Ah, porque eu tenho que batizar, crismar”. É uma cultura batizar, crismar. Eu crismo porque se não, eu não caso, se não, ele não vai casar, se eu não crisma, então assim... tem todas essas coisas. Muitas vezes, os que tiveram hoje na Toca e que saíram, vão ser na graça de Deus, vão ser bons pais de família, que vão educar seus filhos na vida sacramental, porque sabem a importância da adoração ao Santíssimo Sacramento, sabe a importância da caridade, a importância da santa missa. Então, eles vão viver isso, e vão educar seus filhos, a viver isso porque se eu falo para os meus filhos e eu não vivo, não adianta de nada. (Ir. Paulo, 26 anos)

4.3.5. Mudanças no processo de entrada na Toca de Assis

Quando a Toca foi fundada, há 18 anos, não havia um processo formalizado de incorporação de um novo membro, de acordo com os relatos dos entrevistados. Bastava expressar o desejo de entrada, fazer uma experiência e, se fosse possível, uma conversa com o fundador, na maioria das vezes, dentro dos retiros oferecidos pela Toca. Essa fluidez era altamente positivada pela juventude que percebia uma liberdade e uma emoção, uma realização do desejo de forma imediata, bem característica da religiosidade moderna segundo Hervieu-Léger (2009).

A Toca estava naquele tempo assim, você batia na porta, a pessoa queria morar e chegava com mochila, entrava. Não tinha esse negócio não, você entrava. [...] A Toca estava no início tem essa santa empolgação, essa emoção. Então, eu saí desse jeito, saí pobre e decidido viver o hoje, quero viver o hoje e não me preocupar com o amanhã e pronto. (Ir. João, 27 anos)

Nessa dinâmica “muitos entravam, mas também muitos saíam” (Ir. João, 27 anos). Para Portella (2009) esta rotatividade na Toca sinalizava que o grupo não se configurava por uma acolhida irrestrita, além dessa interpretação podemos inferir que a flexibilidade no ingresso podia favorecer uma condição de experimentação. Porém, como resultado dessa dinâmica, em 10 anos, a Toca possuía mais de 2.000 membros e, em torno de, 100 casas em várias cidades brasileiras e no exterior (MEDEIROS, 2006; PORTELLA, 2009).

Depois dos anos iniciais, a configuração da Toca foi tendendo a uma organização religiosa que indicava para uma estrutura com referenciais do modelo de uma congregação religiosa, do tipo ascética, que segundo Portella (2009, 2010) apresentando “resgates devocionais, estilístico e doutrinários pré-concílio Vaticano II”. Ainda de acordo com as informações colhidas por Portella (2009) e, em nossos primeiros contatos com a Toca (2004 a 2006), verificamos, em 2006, sinais de um processo de entrada próximo ao das congregações religiosas, no entanto, nas casas havia membros nas distintas etapas de compromisso, ‘todos juntos’ nas palavras do guardião⁹⁵. Apenas na etapa que precedia ao primeiro compromisso de consagração, denominada de noviciado⁹⁶, os jovens ficavam em casas destinadas para a ‘formação’ e preparação para consagração que tem duração de um ano⁹⁷. Nesse tempo, além

⁹⁵ Conversa informal com o guardião da casa. Diário de campo, 06/01/2010.

⁹⁶ Depois do noviciado, ou seja, na primeira consagração os jovens fazem os votos de pobreza, castidade e obediência e consagra o novo nome que será então sua identidade religiosa, ou seja, um novo nome, ‘um novo nascimento’.

⁹⁷ Nestas casas há também moradores de rua, no entanto, são pessoas com quadros clínicos de saúde estável, ou seja, que não requerem muitos cuidados a fim de que os jovens possam ter tempo para oração e estudo (informação recolhida em 2005).

dos afazeres habituais das casas (cuidado com os assistidos e prescrições de adoração individual e comunitária), incluía-se um estudo do Catecismo da Igreja e de alguns documentos do Magistério (autoridades eclesiais), de forma mais ou menos sistemática (MEDEIROS, 2006).

Portella (2009) afirma que desde 2006, a Toca passou a burocratizar as condições de acesso como forma de adaptação às formalidades da Igreja Católica no que se refere à vida religiosa. O autor informa que os primeiros passos de entrada são: escrever uma carta de solicitação de ingresso, preenchimento de uma ficha de cadastro (cujo um dos itens é o testemunho de conversão), e a realização de um ano de experiência, nomeado de aspirantado para depois, então, seguir as outras etapas subsequentes.

4.3.6. Propostas para a formação de toqueiros

A formação acadêmica e/ou sistemática foi bastante rejeitada e até mesmo criticada na fundação da Toca, sendo interpretada por alguns autores como um anti-intelectualismo (CARRANZA, 2000, PORTELLA, 2007, 2009) e para a própria Toca, como uma crítica ao “academicismo” eclesial, como uma atitude de fidelidade ao Evangelho e ao franciscanismo. Até então, aprender na Adoração ao Santíssimo e na convivência com os pobres eram os espaços formativos por excelência.

Em 2010, entre os meses de agosto e setembro, os membros (lideranças) reunidos realizaram um processo de revisão e tomada de decisão, reunião denominada de Capítulo, na qual institucionalizaram o processo de entrada, cuja nomenclatura é equivalente às das ordens religiosas, ou seja, as etapas para a entrada são: aspirantado, postulante, noviciado, consagração. Uma das decisões tomadas no Capítulo é que as casas seriam organizadas segundo a etapa de compromisso, o que fariam a partir de então⁹⁸.

Até há pouco tempo, para os cuidados paliativos (curativos) com a população de rua não havia nenhuma orientação específica, como por exemplo, conhecimentos em primeiros socorros, assim como também como não havia profissionais da saúde e da assistência social. Em 2004, numa casa de formação⁹⁹ da Toca (noviciado) tivemos uma conversa informal com um jovem nordestino de família, que supomos pela ocupação de seu pai, ser de camada média¹⁰⁰. A sua tarefa na casa era o trabalho de enfermagem (nesse momento não havia

⁹⁸ Diário de campo, 06/01/2011.

⁹⁹ Esta casa de formação se localizava na Costa Verde do estado do Rio de Janeiro, há 50 km da cidade do RJ.

¹⁰⁰ De acordo com o informante, seu pai era dono de uma empresa e queria que ele seguisse a carreira de engenheiro para dar continuidade ao negócio familiar. No entanto, ele saiu de casa ‘fugido’, ou seja, sem o

profissionais da área da saúde na Toca), cuja responsabilidade era de administrar os medicamentos e realizar os curativos. Esse jovem contou-nos que antes de estar no Rio de Janeiro, passou por uma casa em Campinas e que fazia curativos sem luvas, orgulhosamente mostrava sua mão sem qualquer problema/doença, o que compreendia como ‘resultado’ da ação de Deus, numa perspectiva mágica do sagrado. Vendo-o fazer curativos, perguntei-lhe como havia aprendido então, contou-me que na casa onde estava, em Campinas, havia um voluntário médico que ia toda semana para ajudar, o que ele observava seus procedimentos. Como não havia autorização para a realização de um curso de primeiros socorros ou algo equivalente¹⁰¹, é interessante observar as estratégias utilizadas pelos membros para dar conta do seu desconhecimento. Fato semelhante foi relatado por Portella (2009), em seu trabalho de campo quando observou uma noviça (membro da Toca) na ação missionária de rua, fazendo um curativo em uma pessoa em situação de rua: a toqueira foi abordada por um guarda que lhe perguntou se sabia o que estava fazendo, ao que ela logo respondeu, não. Nesse momento, o guarda pediu para que ela parasse o seu procedimento, pois iria piorar a doença do seu portador. Possivelmente, por reconhecer esses limites de competências, além do menor número de membros e de uma maior fiscalização dos órgãos de assistência social, a Toca tem feito a opção por contratar profissionais na área da saúde (enfermeira), ainda que destine membros para a tarefa da ‘enfermaria’.

Em uma de nossas conversas informais com o guardião¹⁰² da casa pesquisada, tivemos a informação que uma das decisões do Capítulo foi conceder uma autorização para quatro irmãos estudarem Filosofia e Teologia no curso do *Matter Ecclesiae*, em São Paulo, que, em sua opinião, é muito conceituado. Também como outra decisão do Capítulo, a aprovação de um plano de formação para os que estão ingressando e para os membros consagrados. O plano de formação foi elaborado em 2010, como nos informou o guardião, por quatro membros. O guardião fez questão de frisar que o Plano foi elaborado na adoração, que “o maior aprendizado vem da Adoração ao Santíssimo”, “que tudo é aprendido na adoração”. Advertiu-nos que eles poderiam chamar pessoas de fora para ajudar, mas, que essas pessoas, ainda que pudessem vir com boa intenção, poderiam mudar o carisma, inserir coisas que não é da missão da Toca, que não é do Carisma. Uma atitude de desconfiança com os que vem de fora

conhecimento do pai, mas com o apoio da mãe e da irmã. Ficou durante 5 anos em Campinas/SP e depois veio para o RJ para o noviciado. Logo, tivemos notícia de sua saída, quando perguntamos por ele em nossa visita seguinte (contatos realizados em 2005 e 2006, pela pesquisadora).

¹⁰¹ No primeiro semestre de 2006, fomos informados que o Pe. Roberto tinha autorizado duas pessoas a fazer um curso de primeiros socorros.

¹⁰² Tivemos várias conversas informais com o guardião da casa que é natural do estado de São Paulo, entrou na Toca aos 21 anos e é membro há oito anos.

parece um traço da hierarquia da Toca. Enquanto pesquisadora essa atitude nos foi explicitada, mais visivelmente quanto à concessão de entrevistas e o seu uso (como explicitado no capítulo metodológico), a mesma atitude foi relatada por Portella (2009, p. 271s) que avalia que há “um controle e tutelamento com os que vem de fora”.

Perguntado sobre o Plano de Formação, o guardião informou-nos que inclui documentos da Igreja, “parte humana” com autores “que são recomendados pela Igreja”¹⁰³, como o Amadeo Cencini (área da Psicologia). O responsável pela formação na casa é o guardião, que também tem a função de orientador espiritual da comunidade.

Um dos entrevistados informou que, desde o início da Toca, havia uma proposta de formação, de conhecimento do Catecismo da Igreja (questões doutrinárias fundamentais), mas que não era vivenciada no coletivo, em comunidade, que se restringia às iniciativas individuais, “aos que gostavam de ler”. De acordo com um artigo publicado na Folha *Online*¹⁰⁴, o fundador da Toca, Pe. Roberto Lettieri afirmava que toda a formação era feita através do trabalho social e das orações e que a vocação dos toqueiros era aprender “na vivência com os sofredores e não com os livros”, fala assimilada pelo Ir. João (27 anos):

[...] Na Toca, a nossa primeira regra de vida falava de formação de Catecismo, de Bíblia, de tudo relacionado à formação, na verdade tinha, estava no papel, mas nunca ‘teve’ na verdade, então, também é uma coisa necessária à formação humana nossa. Então, é algo que é preciso, que lá dentro nós aprendemos, mas a questão do Catecismo e tudo uma coisa é um que lê, um tem afinidade para lê, outro não, outra coisa é todo mundo sentar e vamos ver a formação humana, a afetividade, a sexualidade, o que é isso, o que é aquilo, a história da igreja, por que a igreja é assim, é tudo louco, a gente não está aprendendo lidar com o que é ruim, mas carisma é carisma, o carisma vai nos formar de tal forma. (Ir. João, 27 anos)

Todos os nossos entrevistados demonstraram uma reação positiva quanto à formação que está sendo oferecida e o seu valor. No entanto, explicitaram que consideram a adoração ao Santíssimo Sacramento e a convivência com os irmãos assistidos e entre os toqueiros como caminhos formativos por excelência, como podemos conferir nas falas dos membros, indicando que a forma de compreensão do carisma segundo o seu fundador ainda é a que prevalece, como podemos atestar na fala de Ir. Paulo (26 anos):

Depois da adoração, é eu estar com os irmãos né, é eu estar com eles, é eu estar próximo deles. A gente aprende muito, é uma formação humana extraordinária, é uma formação humana que eu creio que, não desmerecendo nenhum tipo de, não sei, diante da Antropologia, da Sociologia, da Filosofia, não desmerecendo nenhum disso, mais a formação humana que nenhuma ciência humana do mundo vai dar para você, porque é o Evangelho, eles são o Evangelho, já não existe nenhuma ciência humana que seja baseada naquelas Escrituras, se baseia nas Sagradas Escrituras.

¹⁰³ Diário de Campo, 06/01/2011.

¹⁰⁴ Folha *Online*, 30/05/2007. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u300667.shtml>, acesso em 01 abril 2011.

(pausa) Então, os irmãos assim, são a nossa maior formação humana, que eu creio são eles. Nós temos sim, toda a formação humana que a Igreja nos passa: o autoconhecimento, o próprio conhecimento da moral cristã, daquilo que a Igreja ensina da doutrina, do magistério, é uma formação humana, a própria moral cristã baseada no Evangelho, na Sagrada Escritura. (Ir. Paulo, 26 anos)

4.3.7. Mudanças na dinâmica interna da Toca de Assis

Em relação à vivência pessoal do carisma, constatamos pelos relatos que há uma avaliação que o antigo modelo de ação, no qual “todos faziam tudo”, sem a presença de profissionais que pudessem dar suporte às tarefas, teve como consequência um esgotamento físico e psicológico de muitos membros, que eram sobrecarregados com todas as tarefas da casa, além das prescrições litúrgicas, num processo marcado por um ativismo, imediatismo e espontaneidade. Nesse modelo não havia espaço para descanso e lazer.

De um ritmo de trabalho e adoração incessantes, uma nova dinâmica que inclui momentos de descanso durante o dia e à noite, findados os afazeres. Há entre os toqueiros um rodízio de atividades práticas da casa. Algumas atividades que requerem um conhecimento e habilidades específicas, os toqueiros são definidos pelo guardião (motorista, contador). Para a função de liderança, algumas competências são consideradas necessárias (PORTELLA, 2009) como o tempo na Toca, algum conhecimento, liderança e capacidade de coordenação como constatamos em nossas observações e conversas informais com os membros.

A relação com a família durante o ano ocorre através de ligações telefônicas e, presencialmente, uma vez ao ano, nas férias. Fomos informados que os contatos por telefone, ocorriam uma vez por mês. Atualmente, pode-se falar por telefone, uma vez por semana. Os períodos de férias também foram gradativamente aumentados: no princípio, uma semana, depois 15 dias e desde o ano passado, 20 dias. No final de nossa pesquisa de campo, um religioso saiu para as férias. Fomos informados que não há um calendário fixo de férias, as saídas dependem da organização da casa. No tempo de quaresma e de páscoa não há saídas de membros da comunidade.

Percebemos que as mudanças seguem a um ritmo de tornar a ação possível para os próprios membros que realizam, numa tomada de consciência das limitações humanas e das competências.

Outras mudanças são no sentido da organização dos assistidos: tanto na destinação das casas de acordo com o perfil dos assistidos (necessidade de assistência, como, por exemplo,

psiquiatria, geriatria etc.), quanto a uma maior privacidade para cada um, segundo as normas legais de assistência social.

Verifica-se uma maior valorização e uma busca de uma maior participação dos leigos para uma colaboração direta e corresponsável, o que pode ser explicado pelo fato da redução do número de toqueiros, como também como uma tomada de consciência de uma ação mais partilhada.

4.3.8. Da vivência religiosa a um olhar institucional: visão sobre a Igreja

A centralidade da fundação da Toca de viver a proposta utópica e originária de São Francisco de Assis no tempo atual, através do estilo de vida renunciante, de se vestir como os franciscanos primitivos, de cuidar dos pobres em situação de rua e ainda, com práticas religiosas tradicionais: missa longa e solene (uso de incensos, músicas em latim e utilização de objetos litúrgicos) e adoração ao Santíssimo Sacramento podem ser interpretadas como uma busca de restauração e uma crítica à sociedade e Igreja instaladas (PORTELLA, 2007, 2009), além de retorno às raízes a uma Igreja autêntica e fiel ao Evangelho, num Catolicismo marcado por um regime forte de intensidade religiosa (TEIXEIRA, 2009).

Em uma das conversas informais, o guardião da casa explicitou-nos uma clara compreensão de que a Toca é parte integrante da Igreja, organicamente situada _ “Obra da Igreja”; ou seja, “que os toqueiros são Igreja, que a Toca é obra da Igreja”. Compreensão explicitada ainda na fala: “quando vai um irmão à rua, não é ele que vai, mas é a presença da Igreja que está na rua”¹⁰⁵, presença visível pelos trajes e pela ação, a fim de tornar a Igreja Católica visível no espaço público, o que Carranza (2000) indicou como uma das “estratégias de autoafirmação da identidade” católica utilizada pela Renovação Carismática Católica e por movimentos e grupos por ela inspirados.

Notamos, desta forma, que há, por parte das lideranças, uma preocupação em legitimar a institucionalidade eclesial da Toca e, por conseguinte, sua missão; legitimação baseada na inspiração divina e presença do próprio Espírito Santo. Este dado é exemplificado na fala do guardião que ressaltou que como obra de Igreja, inspirada por Deus, os toqueiros foram suscitados pelo Espírito para esta missão. Observou que a “Toca lembra a Igreja do amor aos pobres, de que Jesus nasceu pobre, viveu pobre e morreu pobre”. Incluso a adoração ao Santíssimo que, em sua opinião, muitas vezes, é esquecida pela Igreja e a Toca veio lembrá-la de sua própria prática relegada. Afirmou ainda que por acreditar no mistério da Santíssima

¹⁰⁵ Diário de campo, 06/01/2011.

Trindade, no qual Deus é o criador e que Jesus faz parte do Pai, para ele, nada mais importante do que estar com Deus no Santíssimo Sacramento. Acrescentou que, portanto, o carisma da Toca está fundamentado em dois pilares: na adoração ao Santíssimo e no trabalho com os pobres. Sublinhou que em cada momento da história, Deus suscita um carisma de acordo com a necessidade daquele tempo; citou, como exemplo, São Camilo de Lélis que foi, em sua explicação, em um determinado momento histórico de presença de muita doença e peste, enfermeiro _ “os irmãos foram enfermeiros onde as pessoas não conseguiam ir”. Recordou a figura de Madre Teresa de Calcutá na Índia e seu compromisso com os mais pobres quando as outras ordens religiosas trabalhavam no país com a classe média. Nesse sentido, sublinhou que Deus suscitou na Toca o amor aos pobres, de ir para a rua ao encontro deles.

Para os toqueiros entrevistados é clara a proposta da Toca no intuito de contribuir para a maior visibilidade da Igreja, seja através do compromisso com os mais pobres, os que estão em condição de rua, seja na presença visível através da estética religiosa (hábito e tonsura), além da afirmação que no carisma consta a prática da oração pelos sacerdotes, o zelo pela liturgia (celebrações e paramentos), numa perspectiva de “retorno às raízes”, com atitude profética *intra* e *extra* eclesial. A fala do Ir. Tiago (27 anos) abaixo revela esses elementos, no qual sublinha o caráter de diálogo dessa atitude:

Para Igreja é um retorno das raízes, de sua originalidade para com o pobre, para com a doutrina, para com a tradição, como um sinal da presença no mundo, não uma presença tímida, que leve, que transmita Cristo vivo, uma presença profética mesma. Quando as pessoas nos ve em de hábito, já tem uma coisa forte, chamativa, que seja isso, precisa continuar sendo isso, não digo uma presença que se feche, como que se chama, que se torne ortodoxa, uma coisa bem fechada, mas de diálogo, tem que ter diálogo, mas que o diálogo não omita o que deve ser mudado, que está errado. (Ir. Tiago, 27 anos)

Na narrativa apresentada pelo Ir. Bartolomeu (30 anos), podemos perceber o resgate de elementos da tradição litúrgica com uma rigorosidade disfarçada de zelo, visão sustentada por uma auto compreensão dos que “conhecem” a liturgia, por ter recebido as orientações do Pe. Roberto. Explicita uma crítica em relação à postura e à condução de alguns padres nesse campo e na atuação pastoral que, em sua visão, “não cuida dos pobres”, não atua de acordo com a “missão recebida”. Essa crítica aberta feita pelo Ir. Bartolomeu (30 anos) indica momentos de confronto e conflito *intra* eclesial:

Sinal da Toca pra Igreja são eles olharem pra nós e lembrarem do Santíssimo Sacramento. É até engraçado, porque os padres, bispos quando nos encontram entendeu, principalmente diante da Santa Missa, existe um certo temor. Porque querendo ou não, o Padre, ele ensinou muito sobre a liturgia, sobre os erros, principalmente sobre o amor a Santa Missa. Então, pra nós, é um incômodo para os sacerdotes que dão alguns relaxos na celebração litúrgica. Que, às vezes, quando a

gente ia, cobrava e falava: “Ô, padre, não é correto, isso aqui é o senhor, não é o povo”. Falta um pouco de zelo com Jesus, está cuidando muito das coisas e a casa do Senhor, às vezes, fica um pouco largada... Os paramentos litúrgicos, precisa dá uma renovada, os paramentos litúrgicos, os vasos sagrados e a gente têm essa missão (fala com ênfase) também de ir até o sacerdote, de querer ajudar, de querer, de cuidar do que é sagrado, daquilo que é sacro da Igreja. *Porque nós conhecemos um pouco* (grifo nosso), e também pelo próprio carisma, de zelar pelo amor da liturgia, da liturgia da Igreja, não é uma liturgia: _ “Ah, vocês tem uma liturgia própria”. Não, nós amamos a liturgia da Igreja com toda sua beleza que ela é. Então, diante da liturgia da Igreja, diante daquilo que a Igreja pede, e daquilo que alguns padres colocam, pra nós é muito difícil, é um afronta, né, usar o cálice de barro, não!, o cálice de barro foi proibido, assim a Igreja proibiu tem um documento falando em relação a isso. (Proibiu?) Proibiu porque não é digno, aí essa realidade. A gente tem alguns confrontos. Mas não porque a gente quer ser melhor, mas pela realidade, pela questão de amor, a gente zela por aquilo que a gente ama, por aquilo que a gente conhece. Pra nós assim, quando eles olham para nós, eles lembram sobre essa realidade e também sobre a realidade dos pobres que geralmente a gente escuta alguns padres falando: “_ Vocês fazem aquilo que nós gostaríamos e fomos chamados a fazer, mas pela realidade pastoral não tem como, _ cuidar dos pobres”. Que São Paulo recomendava aos apóstolos: “Separai uma parte daquilo para os pobres, daquilo que eles ganharam para os pobres, e ter esse trabalho com os pobres”. E eu vejo pra Igreja hoje, nós somos essa realidade, pequena, mas somos. (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

Para o Ir. João (27 anos) a Igreja percebe a Toca com certa estranheza por sua vivência religiosa tida como “radical”, o que produzia, pelo depoimento abaixo, uma alegria nos jovens (“empolgação”) por se distinguirem das vivências de outros grupos religiosos da Igreja, de se fazer “diferente”, de “chamar a atenção”. Para ele esta dinâmica religiosa queria/quer chamar a atenção da Igreja para uma vivência mais próxima de sua origem, vista como “necessidade”, em suas palavras “um carisma que a Igreja precisa”: que integre adoração – Corpo Eucarístico de Jesus - com o cuidado com os mais pobres entre os pobres – a população de rua. Por outro lado, o Ir. João (26 anos) foi o único que sublinhou que esta vivência religiosa de “doação a Deus e aos pobres” é para produzir “felicidade”. Ir. João (26 anos) afirma que abrir mão de suas necessidades particulares, para viver essa doação, é o que lhe faz feliz: “é para ser feliz” e fazer a felicidade dos que estão no seu entorno:

Agora, porque antes, é interessante, a Igreja, eu via, não tenho muita experiência em vida religiosa, eu tenho oito anos (de Toca), então não é uma grande experiência. Mas antes, aquela coisa de empolgação de que a igreja olhava para nós, e hoje não ... Diferente até hoje, a Igreja, olha para nós com olhar diferente, porque o carisma, pela nossa vivencia, até pela mudança, não deixou de ser radical, não deixou de ser belo, não deixou de ser um carisma que hoje a Igreja precisa que é exaltar o corpo de Cristo e ir em busca dos pobres que são tão desprezados na rua. É um carisma muito (silêncio), juntar um carisma que junte a adoração, o cuidado, o zelo com o Corpo Eucarístico de Jesus e o cuidado com o corpo do pobre na rua em nossas casas é muito forte. Isso até, pelos dois maiores mandamentos: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo com a ti mesmo. Esses dois mandamentos é carisma para nós então, não é só questão de até de que, o povo vive gritando: _ “Nossa, que carisma!” A gente tem que viver, para viver, é engraçado isso, a gente tem que viver isso, para viver, para ser feliz, essa doação a Deus no altar e essa doação aos pobres no altar da rua. E em casa é o que nos faz feliz, não é fazer o que eu quero, o que eu tenho necessidade, a nossa necessidade é de fazer o outro feliz, a nossa necessidade, para a

gente ser feliz é adorar a Deus, é amar a Deus sobre todas as coisas, então essa é a nossa maior necessidade. (Ir. João, 27 anos)

Por fim, o Ir. Pedro (32 anos) afirma com ênfase a institucionalidade da Toca, numa atitude de afirmação identitária católica: “a Toca é Igreja”:

Sinal de Deus, a Toca é a Igreja, nasceu dentro da Igreja, para a Igreja, é um dom de Deus, como eu vejo a Toca de Assis. (Ir. Pedro, 32 anos)

Podemos inferir a partir dos relatos dos entrevistados que a Toca explicita duas dinâmicas, como sugere Steil (2004): a afirmação de sua institucionalidade e a reivindicação de sua importância eclesial.

4.3.9. A visão da Toca sobre a Juventude: desafios do processo de construção de uma identidade

A Toca de Assis se auto compreende como jovem (possui 18 anos de existência) e seus membros também assim se percebem, ainda que todos já ultrapassaram a faixa etária considerada jovem (até os 25 anos).

As entrevistas indicaram que a maioria dos toqueiros da comunidade pesquisada se percebe como fazendo parte da juventude, eles mesmos são jovens, por isso entendem as dinâmicas, vivências e desafios desse segmento. A visão que possuem dos jovens tende a seguir as características, comumente a eles conferidas, de uma suposta “subjetividade juvenil”. Algumas concepções da juventude são recorrentes como, por exemplo, a radicalidade do jovem. Por isso, há uma percepção da juventude como “naturalmente radical” e a Toca, sendo jovem e feita por jovens, possui uma estreita proximidade por viver e propor uma “experiência religiosa” baseada também na “radicalidade”. A Toca então, “encarnaria” esse aspecto dos jovens a partir do compromisso com os pobres, de uma preocupação social.

Desta forma, percebemos na narrativa do Ir. Thiago (27 anos) sobre os jovens, uma visão idealizada da juventude que é capaz de fazer mudanças, provocar “transformação” e, também, uma visão romantizada da geração anterior. Observa que a juventude precisa ser orientada para tal fim (mudanças) por estar fora de rumo (“deslocada”). Portanto, sua fala explicita um grande apelo à juventude para assumir um compromisso, “uma vocação” a partir da fé, da fé em Deus:

A esperança que em Deus vale-se a pena acreditar e assumir um chamado, assumir uma opção, assumir um compromisso de fé. Que é necessário um compromisso de fé, uma vocação. (...) Isso é tocante, isso é importante. Como eu vejo o jovem, vejo a radicalidade, o jovem é radical para muita coisa, *a gente é radical* (grifo nosso) pra muita coisa. Então, eu penso que a radicalidade pode ser canalizada, pode ter um

bom proveito, pode ter uma coisa maior, pode fazer mais, pode fazer mais que uma diversão, pode fazer uma transformação, pode anunciar mais que uma mídia, vender milhões, fazer shows, ela pode fazer mais, como ela já fez e, que hoje, infelizmente, está bem deslocada. Então, eu penso que a Toca, nesse sentido, pode encarnar isso, principalmente aos pobres, mesmo que ainda de uma forma (ri), muitos, estão fazendo de forma nenhuma, nem caridade, mesmo que seja o começo, a inspiração, pode não ser como a Toca, mas inspirar-se na Toca, mas além da Toca, ver que tem direito a vida, que Jesus Ressuscitado vem trazer vida nova, conseguiu abrir cercas, muralhas em torno dele. Precisa acreditar de novo, que pode, *a Toca é jovem* (grifo nosso), se os jovens largarem o que tem, para viver uma vida radical, uma vida dessa forma, dedicada ao pobre, que pode se tomar conhecimento da questão social fora da Toca. (Ir. Tiago, 27 anos)

Encontramos na fala do Ir. Bartolomeu (30 anos) abaixo, uma visão de “contraponto” entre a vivência proposta pela Toca e os valores da sociedade moderna quanto à sexualidade e relação com o corpo, ou seja, ao invés do prazer e da exibição dos corpos, a Toca, ao contrário, “resguarda para Deus”, através do uso da vestimenta (hábito rústico) e do compromisso com a castidade.

A juventude é uma loucura né, uma loucura né, porque no mundo pansexual, onde tudo é a sexualidade, tudo gira em torno da sexualidade, tudo gira em torno do prazer e do fazer, então você encontrar jovens hoje, que vivem totalmente ao contrário, em vez de mostrar o corpo, esconde, não por vergonha, mas por uma realidade, de ser de Deus, de guardar pra Deus, de ter um corte estranho na cabeça, de usar roupas rústicas né? Hoje, num país que é tropical que nem o Brasil, então é uma loucura, é um sinal de radicalidade, principalmente para aqueles que são convertidos e, até aqueles que não são, que acabam se encantando como os *hippies*, que toda vez que encontra a gente no Centro do Rio de Janeiro, eles cumprimentam, ficam felizes: ‘Isso aí irmãozinho, cuida do irmão pra nós aí (...). (Ir. Bartolomeu, 30 anos)

Como mencionamos anteriormente, a visão de ser jovem é recorrente entre alguns entrevistados, e à juventude está associada à alegria e à novidade. Para o Ir. João (26 anos), Deus se apresenta sempre novo; esta novidade, que seria intrínseca do próprio Deus, é um forte elemento de ligação com os jovens.

Os jovens, ele sempre vão me encantar, *eu sou jovem ainda* (grifo nosso), então, quando eu olho um jovem, a alegria de um jovem em um grupo de oração e tudo, em amar a Deus e a servir a Deus, sempre [...] porque Deus me quer dessa forma, como eles tem aquele ardor de descobrir, aquela alegria da juventude, eu sempre falo assim: _ “Eu quero ser um jovem religioso, que ame a Deus dessa forma sempre, com aquele novo, não porque eu quero que seja novo, mas porque Deus é novo, sempre novo”. (Ir. João, 27 anos)

Ainda é interessante observar que para o Ir. João (27 anos) os jovens que possuem fé enfrentam dificuldades na sua vida, pois vivem em meio aos que não possuem e são orientados pelos valores da sociedade, fala que indica uma clássica dualidade entre a comunidade religiosa/mundo, entre virtude/pecado. Para ele, estar na Toca é estar, em certa medida, resguardado das “ameaças do mundo” como apontou Carranza e Mariz (2009). Ainda

que, em sua opinião, grande parte dos jovens, não aceita Deus, há os jovens que, ao contrário, buscam uma fé, uma expressão de Deus nos agentes religiosos.

Eu vejo uma luta muito grande entre jovens que querem ser de Deus e jovens que, ao mesmo tempo, jovens que se pegam em Deus e, jovens que se pegam no mundo. Eu vejo hoje no mundo, quando eu olho para os jovens, é bem definido isso aquele jovem que tem aquele desejo de buscar Deus, buscar aquilo que preenche, que é a razão de vida, e aqueles que ‘foge de Deus’, não querem ouvir a Deus, não aceitam, não desejam, não se dão a experiência de ter a experiência com Deus. Então, se lançam no mundo. Eu vejo muito a juventude, essa luta que hoje, vamos dizer assim, que eu sou guardado pela vida que eu levo, mas os jovens lá fora, eles não tem. Hoje o jovem vai para a faculdade, tem o seu trabalho, tem isso, tem aquilo, convive um jovem que é de Deus, está convivendo com outro jovem que consome drogas, que tem uma vida sexual ativa desregrada. Então, eu vejo os jovens no mundo desse jeito, mas entre um e outro, jovens muito sedentos, jovens que desejam ver nos religiosos, nos sacerdotes, nos bispos, um reflexo de Deus. (Ir. João, 27 anos)

Mesmo com 32 anos, Ir. Pedro se vê como jovem, numa clara apropriação do chamado “alargamento da fase da juventude” em nossa sociedade. Em sua perspectiva, a vivência na Toca aponta ao jovem que é possível ter fé e seguir a Jesus, mesmo sendo jovem, como discordando de uma possível compreensão de que a vivência em uma religião não fosse algo próprio da juventude. Sua visão de juventude é de inconstância, de busca/movimento e, por isso, o perigo, em sua opinião, de procurarem o “caminho das drogas e do sexo”. No entanto, fez questão de frisar sua esperança nos jovens, como fortalecendo uma idéia muito propalada: “a esperança no futuro está nos jovens”:

Um sinal de Deus para a juventude, uma visão visível por sermos jovens. Então, porque há como viver o Evangelho, seguir a Jesus em meio a sociedade. Então, é um sinal de Deus para os jovens. [...] Olha, os jovens são muito sedentos, sedentos por amor, então eles estão sempre em busca. Eu vejo, eles, os jovens com muita sede, muitas vezes nessa sede de buscar, acabam buscando mil e uma situações, no inconsciente o que eles querem é buscar o amor de Deus, mas aí se perdem em situações que o mundo oferece: consumir drogas, sexo (?), tudo. Mas os jovens, assim, tem esperança, tenho esperança nos jovens, fui jovem e sou jovem (ri) e sei muito bem. (Ir. Pedro, 32 anos)

A partir dos relatos coletados nas entrevistas, podemos verificar que a visão dos toqueiros em relação à juventude está associada às visões hegemônicas presentes em nossa sociedade, quais sejam, o jovem em si carrega características próprias, que lhes seriam “naturais”, próprias dessa fase da vida: a radicalidade, que o possibilita ser capaz de fazer as mudanças e as transformações no mundo; o gosto pela novidade e a constante busca, numa dinâmica de inconstância e movimento. Indicam que há diferenças entre os jovens religiosos e os que não possuem fé em Deus, na clássica dualidade entre religião X mundo. Por tudo isso, a Toca então, é vista, sendo formada por jovens e, capaz portanto, de lhes oferecer uma experiência religiosa que, também, por suas características, responderiam aos anseios desse segmento.

4.4. Considerações a respeito do estudo

Nosso estudo explicitou que a religião é um *locus* de significação para os jovens brasileiros. Os dados de declaração nominal de religião do IBGE (2000) indicaram uma confluência entre os dados da população juvenil brasileira com os dados da população em geral. Excetua-se a porcentagem dos sem religião que, entre jovens, é um pouco maior que a média nacional. Encontramos em *surveys* realizados nos níveis municipal (RJ), estadual (MG) e nacional, alguns dados que ilustram algumas das atitudes dos jovens frente à religião: os jovens declaram que suas escolhas religiosas são baseadas em motivos pessoais e na influência familiar; declaram acreditar em Deus, mesmo os que se declaram “sem religião”; combinam suas crenças religiosas a partir de diferentes sistemas doutrinários (expressão do sincretismo presente na sociedade); consideram valores como “temor a Deus” como importantes para uma sociedade; participam de atividades religiosas em seu tempo livre; mudam de religião quando não encontram coerência entre o que a religião prega e o que vivem os membros, além de procurarem uma religião que atenda suas demandas subjetivas, como por exemplo, de fornecer-lhes paz e harmonia.

A relação entre juventude e religião reflete algumas expressões encontradas no cenário religioso contemporâneo que é marcado fundamentalmente por duas dinâmicas que se interpenetram: o individualismo religioso moderno e a pluralidade. Essas duas características acabam por configurar um quadro complexo de relações entre experiência religiosa, religiosidade e religião.

O cenário religioso brasileiro ainda é marcado por uma hegemonia católica histórica, porém a cada década parece enfraquecer, dando lugar a uma pluralidade visível e pungente. Encontra-se nesse cenário o crescimento dos sem religião, consequência do processo de desfiliação religiosa, fruto do individualismo moderno que atinge a religião.

No campo católico, os últimos Censos/IBGE indicam uma contínua queda de declaração nominal de católicos entre a população brasileira. Contudo, verificam-se movimentos de renovação postos em marcha que trazem novas matizes para uma tradição já tão marcada pelo seu pluralismo interno confirmadas nas diferentes formas de expressão e de vivência religiosa, “um Catolicismo plural”. Dentre esses movimentos encontra-se a Renovação Carismática Católica/RCC que tem sido uma porta de entrada e de retorno de católicos. A partir de suas ações, localizamos a gênese das Comunidades de Vida no Espírito Santo, surgidas no final dos anos de 1980 no Brasil. Seus membros, em sua maioria, que

participaram/participam da RCC (grupos de orações, retiros etc.) passam a viver em comunidade a partir de um carisma e missão.

Na dinâmica “renovada” de constituição de Comunidades de Vida surge a Fraternidade Toca de Assis em 1994, fundada pelo Pe. Roberto Lettieri, com forte atração entre os jovens a partir de uma proposta de vivência religiosa baseada no franciscanismo primitivo, sustentada numa experiência tradicional católica de adoração ao Santíssimo Sacramento e com resgate de devoção de santos, a saber, elementos que dão contorno à missão: o cuidado com a população de rua e o acolhimento em casas fraternas e no espaço público através de cuidados diretos (corte de cabelo e de unhas, curativos etc.).

Em, aproximadamente, 10 anos, pela forte atração entre os jovens, a maioria provenientes de grupos de oração da RCC e/ou atraídos pela presença do líder carismático Pe. Roberto, a Toca contabilizava mais de 2.000 membros e, em torno de, 100 casas em vários estados do Brasil e no exterior.

Realizamos um estudo de caso, com base etnográfica, numa casa da Fraternidade, a primeira a ser constituída na cidade do Rio de Janeiro. A casa é composta pela comunidade religiosa formada por oito membros, 36 assistidos que são moradores e quatro profissionais contratados (enfermeira, assistente social, cozinheira e motorista). Entrevistamos formalmente cinco toqueiros e tivemos, em distintos momentos, conversas informais com os toqueiros e profissionais e, ainda, contato com a maioria dos participantes da casa (registro Caderno de Campo), como explicitado no capítulo metodológico.

Nossa entrada na dinâmica da casa foi bem acolhida tanto pelos profissionais que demonstraram que tinham com quem “dividir” as vivências, as angústias e os desafios do seu cotidiano, quanto pelos toqueiros que gostavam de contar as experiências vividas, como em nostalgia. No entanto, a hierarquia (guardião e coordenador regional) expressou uma atitude ambígua que ora parecia de confiança, convidando-nos para trabalhar na casa, ora de desconfiança, mantendo um distanciamento formal e controlador. Percebemos que havia um cuidado com o que seria falado e registrado e uma preocupação quanto ao uso dos resultados da pesquisa. Constatamos a presença na dinâmica da Toca de uma estrutura marcadamente hierárquica definidora de atribuições, tempos e disponibilidades.

Encontramos em nosso trabalho de campo, membros que, no momento da entrevista, não eram tão jovens, com idades entre 26 anos a 32 anos e tinham em torno de oito anos de permanência na Toca.. Eram jovens quando ingressaram na Toca, possuíam idades entre 19 a 20 anos. Nesse sentido, o momento da entrevista possibilitou-lhes fazer a memória de sua

trajetória religiosa, os sentidos que hoje atribuem à sua adesão. Isso porque toda memória é sempre um ato de interpretação e reinterpretação (BERGER, 1985).

Nossos informantes são oriundos de pequenas cidades onde a presença do Catolicismo é mais expressiva (JACOBI, 2002) e um da região metropolitana de seu estado. A maioria teve sua socialização primária na religiosidade católica, seja através de uma participação na paróquia local, seja através da formação religiosa familiar. Nesse sentido, a escolha religiosa teve forte influência familiar, confirmando as pesquisas realizadas por Camurça (2009). Apenas um entrevistado foi socializado “sem religião” (o único de família mono parental) e teve seu ingresso e participação religiosa católica tardia, aos 17/18 anos, fruto de uma escolha pessoal.

Os dados de identificação sócio cultural e familiar dos entrevistados indicam a importância da socialização primária na constituição subjetiva e a família como transmissora de valores, como base de orientação de escolhas e projetos futuros, relativizando, dessa maneira, outros estudos que indicam a “crise de transmissão” contemporânea (HERVIEU-LÉGER, 2008, 2005; ARENDT, 2005; LYOTARD, 2006).

Três foram os meios de conhecimento da Toca para os jovens entrevistados: a estreita ligação da RCC com a Toca (fundamentalmente pela aproximação da RCC com as Novas Comunidades Católicas), com o mesmo *ethos* religioso, ou seja, espiritualidade baseada na emoção, a presença de elementos litúrgicos e a valorização e resgate de práticas devocionais tradicionais.

Outra razão para a aproximação e conhecimento da Toca, localizou-se na presença do Pe. Roberto nos “meios renovados” (retiros, palestras, meios de comunicação), que trouxe à cena católica elementos religiosos da tradição: valorização de testemunho de santos (estigmatizados); do sacrifício como meio de santificação (sacrifício/grça), de elementos litúrgicos tradicionais (ostensório, uso de incenso, sino, músicas em latim etc.). Elementos que trouxeram um apelo ao desencantamento produzido por um Catolicismo que fora altamente marcado pela racionalidade e por elementos da secularização moderna (estudo/reflexão acadêmica, desvalorização do sacrifício etc.), principalmente, com práticas redundantes da promulgação dos documentos do Concílio Vaticano II (missa na língua vernácula, diálogo da igreja com o mundo, maior presença dos leigos etc.).

Por fim, a figura de São Francisco de Assis e sua imagem reproduzida na estética da Toca produziram uma empatia, que tornou-se força de atração, segundo os relatos dos informantes. O encontro da história do santo por meio da devoção familiar, da leitura de um livro sobre sua vida e outros, em um determinado momento da vida dos jovens entrevistados, ,

possibilitou-lhes uma identificação com sua atitude de despojamento e com sua postura de contestação às ordens da família, da sociedade e da Igreja, o que lhes aproximou da oferta religiosa da Toca. Podemos afirmar que o despojamento e a simplicidade como estilo de vida, possibilitado pela visibilidade da figura de Francisco nos membros da Toca (vestimenta, tonsura e pobreza), vão ao encontro de uma ambiência moderna pautada pelos valores ecológicos de cuidado com a Terra: valorização da redução do consumo, da simplicidade da vida, do desapego aos bens materiais entre outros, a partir de uma perspectiva de sustentabilidade.

A ausência, nos primeiros anos da Toca, de um processo burocratizado de ingresso, foi valorizado pelos entrevistados como uma instituição marcada pela espontaneidade, simplicidade e acolhida, como fora relatada por um dos nossos entrevistados (Ir. João, 27 anos) em que o responsável da casa dizia ao nosso entrevistado: “_ Vem com a roupa do corpo, traz a Bíblia e o terço”. Dinâmica que gerava, por um lado, um sentimento de ser atendida de imediato sua demanda de desejo de pertença: ao mesmo tempo, que podia favorecer uma saída sem grandes rupturas. A fala “_ Quero viver o hoje, não me preocupar com o amanhã e pronto” (Ir. João, 27 anos), traduz o desejo pela vivência mediatizada pelo tempo presente e com possibilidade de experimentação, que respondem ao momento de escolhas juvenil, além de serem características presentes em nossa sociedade contemporânea.

Encontramos, nos relatos dos informantes, como visto por Mariz (2005), sentimentos de estranhamento, de “choque” e de dúvida gerados pelos contatos iniciais com a dinâmica da Toca. Ao mesmo tempo, em que a maioria dos entrevistados valorizou a vivência de uma acolhida alegre e espontânea e a simplicidade e o despojamento dos jovens que já participavam da Toca, nossos informantes defrontaram-se com uma casa que consideraram sem “ordenação”, desde sua dinâmica interna (“um entra e sai”) quanto aos procedimentos e pertences (“bagunçada”) e com assistidos com sinais de embriaguez, sujos e doentes. Esse contato inicial provocou conflitos internos e desistência, num primeiro momento. Os conflitos expressavam uma tensão entre os projetos familiar X pessoal, pessoal X divino, que eram atravessados por uma necessidade de responder a um sentido para a vida, reconhecido como um apelo “divino”.

As dúvidas para o ingresso foram dissipadas a partir dos sentidos religiosos que foram atribuídos ao “chamado divino”, são eles: o reconhecimento de uma vocação, aceita a partir da “entrega” da vida para viver o “chamado”; a resposta para uma “busca” considerada própria da condição juvenil; a simplicidade e a vivência da pobreza, vistas como um estilo de vida; o uso do hábito como elemento de identidade – agente do sagrado –, e sinal de eleição

divina, de diferenciação; a experiência mística, mediatizada pela presença do Santíssimo Sacramento e envolvida pela presença de aparatos litúrgicos tradicionais; o estilo de vida renunciante sustentado pela figura mística/emblemática de S. Francisco, como em contraposição ao *status quo*; a “força do coletivo”, o comunitarismo presente na vivência da Toca; a identificação identitária com o grupo (modo de falar, vestir).

A entrada da maioria na Toca, segundo o depoimento dos entrevistados, provocou uma reação de oposição familiar, que considerou a escolha dos filhos como uma escolha que não era “normal” para um jovem (em contraste com uma trajetória acadêmica/profissional e/ou amorosa/familiar). As críticas familiares pesaram: na radicalidade da vida de renúncia; na visão crítica ao Pe. Roberto, considerado “radical”; na insegurança da vida no futuro, sem trabalho e sem estudo. Conflitos que explicitaram projetos antagônicos da família e do jovem que reivindica sua autonomia em relação às próprias escolhas e à oposição quanto aos projetos que se distanciam das dinâmicas hegemônicas da sociedade mais ampla. Assumir um projeto de vida, muitas vezes, significa deixar a condição de ser tutelado pela família para assumir sua própria vida, num momento de transição para a vida adulta. A entrada numa comunidade religiosa, para viver um projeto pessoal, pode ser interpretada como um ritual de passagem para a vida adulta. Apenas uma família não se opôs à escolha do filho, expressando uma assimilação dos valores da sociedade quanto à possibilidade de escolhas individuais pautadas na reflexividade.

Mesmo com a atração exercida pela Toca ao olhar dos jovens, a saída de casa, a ruptura com o projeto familiar, com uma trajetória profissional ainda que inicial, a rejeição e reação negativa da família, o “impacto” causado pela vivência da Toca (realidade de pobreza, doença, alcoolismo, sujeira) foram dificuldades encontradas pelos jovens quando das primeiras vivências. Nesse sentido, as experiências iniciais foram revestidas de desejo de superação dos limites impostos pela saudade da família, pelo despreparo para lidar com a extrema pobreza e com a realização de cuidados paliativos, pela dificuldade de vivência da obediência e castidade, pelo “choque” com a ideologia conservadora quanto ao aspecto político social da Toca. Não encontramos nos relatos, dessa forma, uma “empolgação inicial” como falava um dos entrevistados de forma ufanista, mas, sim, uma necessidade de superação dos limites para viver a experiência e nisso parece consistir a radicalidade da vivência na Toca como aponta Pais (2006), o que se aproxima das vivências dos jovens contemporâneos em outras arenas, superar os desafios, os limites; dessa foram, viver os riscos se traduz para os jovens como meio de atestar sua “capacidade” e lhes conferir “poder”.

Verificamos que os sentidos que a Toca fornece para os jovens são construídos e apropriados por cada um de acordo com suas vivências anteriores e buscas, ou seja, ainda que haja sentidos comuns partilhados, cada um os vivencia de forma singular.

O importante ritual diário fornecedor de sentidos realizado comunitariamente na Toca de Assis é adoração ao SS que mantém a relação mística e produz um sentimento de unidade, constituindo um “corpo místico” que também é fornecedor de identidade e possui a função de reatualização do carisma e da missão (MAFESSOLI, 2005, 2010). Soma-se o papel de fornecer a segurança pessoal e comunitária e a reafirmação do sentimento de comunhão fraterna, como sugere Mafessoli (2005, 2010). Há uma certeza, por parte da comunidade religiosa, que todas as decisões e feitos são frutos da adoração. Sendo o ritual central da Toca, a adoração ao SS é um retorno a uma prática tradicional católica, que confirma a identidade institucional e a certeza da vivência fiel ao primeiro mandamento de Jesus, como mencionou um dos entrevistados: “Amar a Deus sob todas as coisas e ao irmão como a si mesmo”. Nesse sentido, confirmamos em nosso estudo, a afirmação de Maffesoli (2010, p. 48) quando infere que o ritual lembra a comunidade que “ela é um corpo”, além de promover a “perdurância e a anamnese à solidariedade”. Por isso, os jovens da Toca expressam um orgulho e um privilégio de, nas suas casas, contarem com uma capela com o “Santíssimo exposto”.

Nesse sentido, evidencia-se que a experiência mística, a relação com o transcendente, o sentimento de eleição: de “atrair o olhar de Deus”, de ser “tocado por Deus”, é uma relação que produz um sentimento de confiança e segurança _ o que nos indica, pelos relatos, que Deus é a fonte subjetiva de segurança e não a comunidade, ainda que seja a fonte de sustentação da relação mística e da produção de sentidos e práticas comuns. Como observou Portella (2009) a experiência mística na Toca é sensorial, herdada da RCC, que tem na sua veia mística a espiritualidade pentecostal. É interessante observar que a vivência sensorial parece ser uma característica das experiências contemporâneas. O mesmo acontece, por exemplo, com o consumo que segundo Lypovestsky (2007, p. 45) seria atualmente um “consumo emocional”, ou seja, promove “processos que permitem com que os consumidores vivam experiências afetivas, imaginárias e sensoriais”. Seria a relação com Deus hoje, mediada por esses valores, que ao final seria um consumo de Deus para o prazer e satisfação individual, ou o Cristianismo se traduz numa religião de proximidade (Jesus é o próprio Deus, a relação de intimidade com os santos etc.) e por isso, possibilita uma religiosidade íntima, por isso, emocional e sensorial? Neste momento, podemos afirmar que a experiência de transcendência vivida pelos jovens da Toca produz uma força que os fazem superar os próprios limites, transcender o cotidiano, dando-lhe uma significação.

Se a RCC, como foi observada por Machado e Mariz (2007), retoma a concepção tradicional assistencialista do pobre e da pobreza em contraste com a visão da Teologia da Libertação. Nesse momento, verificamos que a relação com os pobres e a pobreza da Toca se coloca no meio das duas concepções: ao mesmo tempo em que não há uma visão romântica do pobre, ou seja, que se reconhece que a população atendida foi para a rua como consequência de efeitos psicossociais de suas trajetórias (centrados na relação do sujeito com sua comunidade familiar e do entorno), e, portanto, é necessário o resgate de sua cidadania e autonomia para uma ressocialização e possível reintegração familiar, não é consenso, entre os membros da Toca, a concepção da pobreza como fruto das estruturas sociais. Ressaltamos que encontramos essa visão na comunidade religiosa, na qual percebe que o “sofredor de rua” vivendo uma situação de exclusão social tem que ter seu próprio protagonismo, que, por conseguinte, “não há uma resposta para o problema da rua, há várias” (Ir. Tiago, 27 anos), além de ser necessária uma articulação das ações entre os diversos grupos que lidam com essa população. Há uma visão avaliação consensual das exigências de lidar com essa população atendida, sejam elas no sentido de uma maior capacitação/ profissionalização, sejam da ordem relacional e/ou da organizacional. Sendo os toqueiros de outros estados e cidades do Brasil, a opinião majoritária é do abandono da população de rua na cidade do Rio de Janeiro em comparação às das demais cidades onde está presente a Toca.

Como figura que dá contorno à identidade, ao carisma e à missão da Toca, a relação dos membros com São Francisco é de admiração e reconhecimento daquele que em sua vida, o Evangelho foi vivido plenamente – “*Persona Christi*”. A figura mística de Francisco possibilita uma identificação da trajetória dos jovens da Toca com a sua trajetória religiosa que percebem no processo de sua busca através do rompimento e da rejeição da riqueza familiar, para uma vida de pobreza junto aos mais pobres com suas buscas pessoais. Nas entrevistas são valorizadas as qualidades da radicalidade, da autenticidade e do amor aos pobres. Pelos relatos dos entrevistados, o reconhecimento de alguns grupos *extra ecclesia* (movimentos políticos, hippies etc.) do religioso franciscano, isto é, ser institucionalmente franciscano é gozar de uma credibilidade que fora construída pelos movimentos e ordens franciscanas pré-Toca.

Além da referência fundamental de S. Francisco de Assis, outras referências foram mencionadas desde a de santos (Santo Agostinho, São Pio etc.) como lideranças e figuras exemplares da Igreja Católica (Madre Teresa de Calcutá, D. Luciano Mendes, D. Pedro Casaldáliga etc.) que ajudam a balizar o comportamento e a ética, indicando a importância de referências para os jovens.

A saída do Pe. Roberto Lettieri, líder e fundador da Fraternidade, e a seguida saída de, em torno de, 50% dos membros e o consequente fechamento de várias casas em todo o Brasil¹⁰⁶, provocou uma crise interna. Nossa proposta foi de evidenciar as razões de permanência dos toqueiros, o que os sustentavam na sua opção. Analisamos os sentidos que foram atribuídos a saída do Pe. Roberto e a crise, as razões para permanência e as representações dos entrevistados sobre a Igreja Católica e sobre a Juventude.

Publicamente, não eram claras as razões que levaram o afastamento e logo a saída do Pe. Roberto. Somente em julho de 2010, o, então, bispo de Campinas escreveu uma carta pública à comunidade católica. A presença da imagem e do testemunho do Pe. Roberto Lettieri sempre foi muito presente tanto nas casas com no *site* da Toca, onde havia suas imagens e informações de sua vida e missão. Sendo fundador e dirigente da Toca definia as ações institucionais. Suas imagens foram retiradas do *site* oficial e das casas (quadros) e há uma preocupação no uso de seu nome e imagem. De uma maneira geral, a saída do Pe. Roberto foi considerada pelos membros entrevistados como consequência de um esgotamento físico e psicológico, gerado pela a intensidade de sua ação missionária e, portanto, não retirou sua força como profeta, sacerdote e líder carismático. No entanto, foi evidenciado que não havia uma consensualidade total quanto aos posicionamentos do Pe. Roberto, o que pode ser dito com sua ausência.

As palavras de ordem muito mencionadas pelas lideranças (guardião da casa e irmão responsável pelo regional) foram: “nova mentalidade” e “nova estrutura”. Essas duas expressões são chaves para compreensão do momento atual da Toca. Em agosto de 2010, reunidos em Capítulo, foram definidas as novas estruturas organizativas da Toca. A presença da Igreja Oficial (hierarquia católica) de acompanhamento e apoio foi vista como positiva, como um amparo no momento considerado difícil e de “muita confusão”. Às novas exigências da Igreja e das leis brasileiras de assistência social, levaram a Toca a assumir alguns compromisso e reorientar suas ações.

As mudanças estão sendo vista como Providência Divina, ou seja, vontade de Deus para a Toca e seus membros, o que as tornam positivadas, ainda que fora observado que “muitos estão resistindo”. As propostas de mudanças não atingem a proposta de missão e carisma, mas sim, a estruturação e ordenamento da ação, numa institucionalização do carisma. As mudanças estão estruturadas nos eixos: da vivência pessoal do carisma, da vivência comunitária, da relação e assistência aos pobres, da relação com a Igreja Oficial. Em relação à

¹⁰⁶ Atualmente a Toca contabiliza 45 casas, femininas e masculinas, em todo o Brasil. Em 2005/2006 eram, por volta, de 100 casas. Cf. site oficial da Toca, [http:// www.tocadeassis.org.br](http://www.tocadeassis.org.br), acesso em 04 abril 2012.

vivência pessoal do carisma, constatamos pelos relatos, que há uma avaliação que o antigo modelo de ação, no qual “todos faziam tudo”, sem a presença de profissionais que pudessem dar suporte às tarefas, teve como consequência um esgotamento físico e psicológico de muitos membros, que eram sobrecarregados com todas as tarefas da casa além das prescrições litúrgicas, num processo marcado por um ativismo, imediatismo e espontaneidade. Nesse modelo não havia espaço para descanso e lazer. As férias eram de uma semana e o contato com a família a cada mês. Percebemos que as mudanças seguem a um ritmo de tornar a ação possível para os próprios membros que realizam, numa tomada de consciência das limitações humanas e das competências.

As mudanças propostas, então, incidem em três dimensões: na dimensão da vivência pessoal do compromisso, na vivência comunitária e na institucionalidade da Toca. Quanto à vivência pessoal as mudanças concretas passam pela inclusão de duas horas de adoração individual que pode ser realizada de joelhos ou sentado, pelo descanso à noite, pelo aumento dos contatos familiares que passaram a ser semanais, pelo aumento de dias de férias, que passaram a ser de 20 dias consecutivos; além da estruturação de um dormitório próprio para os toqueiros, não individual (dormiam no chão entre os assistidos). Em relação à vivência comunitária, há uma proposta de ordenamento das casas segundo o grau de etapas/votos, formação sistemática nas casas como atividade permanente, maior rodízio de funções/responsabilidades, utilização de estratégias de resolução de conflitos (partilha fraterna e do coração), maior presença de profissionais para a retirada dos toqueiros das responsabilidades de competências distintas e especializadas, momentos de adoração comunitária diária e maior autonomia dos membros para resolutividade. Quanto à institucionalidade da Toca, verificamos uma afirmação de sua identidade católica seja através de afirmações: “A Toca é Igreja”, “É Obra da Igreja”, seja através do uso de textos extraídos de documentos oficiais, num processo de legitimação institucional e reconhecimento da importância de sua missão e valor eclesial e pastoral.

Outras mudanças são no sentido da organização dos assistidos (tanto na destinação das casas de acordo com as características de assistência, quanto a uma maior privacidade para cada um, segundo as normas legais) e uma maior aproximação dos leigos para uma colaboração direta e coresponsável.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÃO: OS JOVENS TOQUEIROS E A TOCA – ENTRE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

Este estudo teve como propósito compreender os motivos de adesão de um segmento de jovens em uma comunidade católica, a Fraternidade Toca de Assis, e sua permanência apesar da saída do líder fundador e da crise gerada com esse evento.

Nossa pesquisa se insere no campo de estudos de juventude e religião, juventude tratada teoricamente a partir da perspectiva de “culturas juvenis” (PAIS, 1993, 2006) e a religião como campo culturalmente significativo, por promover práticas e sentidos (GEERTZ, 1989, 1999; BERGER, 1985). Buscaremos sintetizar os principais achados e contribuições que essa tese trouxe para os estudos de religião e juventude.

Ao escolhermos a Toca de Assis como objeto de nossa investigação, buscamos responder, ao longo do estudo, porque alguns jovens, de várias cidades brasileiras, escolhem viver, sob o regime do Catolicismo, uma experiência que engloba toda a sua vida, a partir de um compromisso de vivência comunitária referenciada no franciscanismo primitivo que configura a identidade, a estética e o projeto de vida com contorno renunciante. E porque permanecem na comunidade religiosa tendo em vista um processo de crise gerado pela saída do líder fundador que definiu o carisma e a missão institucional.

A comunidade religiosa Toca de Assis foi fundada em 1994, pelo Padre Roberto Lettieri, em Campinas/SP e tem São Francisco como modelo espiritual e estético: os jovens se vestem com hábito marrom de tecido rústico e cortam o cabelo em tonsura (deixam uma auréola de cabelo em volta da cabeça). Constituída por dois núcleos, masculino e feminino, a Toca possui casas em várias cidades brasileiras e no Equador. Seu carisma fundacional é a adoração perpétua ao Santíssimo Sacramento e sua missão é cuidar dos pobres em situação de rua seja no próprio espaço público, onde fazem a higiene básica e curativos e/ou nas suas casas de acolhimento. Seus membros fazem os votos evangélicos de pobreza, obediência e castidade.

Em 2006, segundo dados de várias fontes, havia 2.000 jovens na Toca e, anualmente, faziam o primeiro compromisso, em média, 100 jovens. Em 2009, Pe. Roberto deixou a liderança da Toca, numa situação pouco clara para a Igreja Católica e sociedade, inclusive para os próprios membros, que provocou uma crise institucional gerando a saída de, pelo

menos, 50% dos toqueiros e também de amigos e colaboradores. Com um contingente menor de membros, várias casas que acolhiam a população de rua, tiveram que ser fechadas.

Nossa pesquisa foi realizada numa casa da Fraternidade, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, constituída por uma comunidade religiosa formada por oito toqueiros, 36 assistidos que são moradores e quatro profissionais contratados (enfermeira, assistente social, cozinheira e motorista). Realizamos observações participantes e entrevistas em profundidade com cinco toqueiros (como explicitado no capítulo metodológico). Nosso estudo teve como foco a experiência religiosa vivida pelos jovens que ingressaram na Toca de Assis, os sentidos que atribuem ao seu ingresso e sua permanência na comunidade religiosa.

Nossos entrevistados são provenientes de famílias católicas, de participação em missas e atividades religiosas, ou seja, são famílias de um catolicismo praticante. Apenas um entrevistado é de família sem religião. Os demais foram socializados na cultura católica, com um dos pais mais ativo, ressalva-se a família de Ir. João (27 anos) em que os ambos os pais são lideranças de um movimento familiar. Um entrevistado, o Ir. Tiago (27 anos) tem como configuração familiar, o ativismo político e a inserção eclesial: participação no Partido dos Trabalhadores, nas CEB's e na RCC, seu pai foi um dos fundadores do PT na sua região de origem, assim como se apresenta como uma liderança comunitária. Sua experiência anterior à entrada na Toca foi marcada pelo Movimento Estudantil (nas suas palavras, radical) e pelo Movimento Fé e Política. No entanto, todos passaram pela experiência da Renovação Carismática, que possui espiritualidade centrada na experiência sensorial com o divino; participação que os levou à Toca de Assis. Todos os entrevistados concluíram o Ensino Médio e dois cursaram os primeiros períodos universitários, um, em uma Faculdade particular e outro, numa federal. Não investigamos a camada social, pelas dificuldades de uma definição mais precisa, mas pelos indicadores de ocupação dos pais, escolarização e residência, inferimos que são de camada popular e camada média.

Quando entraram na Toca possuíam idades entre 18 e 19 anos, no momento da entrevista, entre 26 anos a 32 anos. Encontramos um grupo de média permanência na Toca, em média 7 ½ anos. Nesse sentido, alguns sentidos e práticas foram sendo consolidados durante esse tempo de vivência religiosa, encontramos, dessa forma, portanto, um discurso em que às atribuições de sentidos para a prática religiosa se encontravam. A parte deste aspecto relevante na configuração e consolidação da identidade de toqueiro, cada um, por mais homogêneo na sua expressão (discurso e performance) que se possa parecer, indicaram algumas visões e sentidos muito pessoais, frutos de formação e experiências pregressas, além do que, não podemos desconsiderar a singularidade da vivência subjetiva da experiência dos

sujeitos envolvidos na comunidade, os sentidos que são atribuídos, em cada história de vida, em particular.

Tivemos notícia da saída de membros, principalmente no momento definido como crise (saída do Pe. Roberto), mas não nos foi possível encontrá-los, tentamos com um, por meio de uma das profissionais da casa que mantinha contato com um ex-toqueiro, mas ele se recusou a dar qualquer informação e/ou entrevista. Como mencionado pelos próprios entrevistados, em todos os momentos da Toca, “muitos entravam, mas também muitos saíam”. Podemos inferir que muitos jovens saíram pelas dificuldades encontradas na vivência e/ou não encontravam sentidos suficientemente fortes para manter sua permanência e, outros, viram como uma experimentação, nesse sentido, as relações estabelecidas se tornaram mais fáceis de serem rompidas.

No entanto, não é possível, desconsiderar o impacto da saída do Pe. Roberto na vida dos membros que fez que grande parte saísse também com ele. As palavras do guardião (29 anos) são emblemáticas: “muitos aproveitaram da saída do Padre para sair, e outros, vendo a saída de tantos, resolveram sair porque achavam que a Toca ia afundar”. Palavras que indicam que muitos permaneciam pela presença carismática do Pe. Roberto. Ao Pe. Roberto foram atribuídos qualidades como dedicação, homem de oração, intensidade nas ações e palavras, seu zelo com a Toca, zelo com a liturgia, proximidade com os membros, além de ser reconhecido como profeta que previu o sofrimento pelo qual a Toca passaria e seu respectivo despreparo para lidar com ele, como indicou o Ir. Bartolomeu (30 anos). Sua saída desestabilizou a Fraternidade, que se viu com o desafio de se “reinventar”. Até a sua saída, todas as expressões da Toca (*site*, quadros, pronunciamentos) remetiam a sua figura, que emblematicamente era sustentada por uma imagem de um místico (imagens segurando o ostensório, de cabeça baixa, em momentos de adoração e nas missas) que exercia fascínio e admiração nos toqueiros. Todas as imagens do Pe. Roberto foram retiradas do *site* e das casas, como numa tentativa de invisibilização. No entanto, ainda que as lideranças evitem mencionar sua saída e as circunstâncias, ele se faz presente nas memórias narradas pelos entrevistados. Podemos, nesse sentido inferir, que o líder saiu da casa, mas não saiu de dentro deles, ou seja, não está materializado, mas está internalizado através de seus ensinamentos e práticas, servindo ainda como orientação e como comunhão de sentidos.

Encontramos vários sentidos atribuídos pelos entrevistados que sustentam sua escolha e permanência na Toca, alguns desses sentidos são compartilhados pela comunidade religiosa, indicando a identificação com os valores do grupo, outros traduzem elementos presentes na sociedade que foram incorporados e ressemantizados, outros ainda, respondem a demandas

subjetivas pessoais. Para entender os sentidos e significados para a adesão religiosa de jovens devemos ter em vista, ainda, um cenário cultural mais amplo onde se cruzam sentidos e práticas de distintas matizes, mas que se encontram banhadas por um panorama marcado pelos valores do secularismo, da pluralidade e do individualismo. Elementos que podem ser assimilados ou confrontados nas práticas dos sujeitos modernos.

A partir das análises das entrevistas e do material empírico podemos afirmar que um dos elementos fundamentais para adesão de jovens a determinadas experiências, como vimos no caso do ingresso à Toca de Assis, são sustentadas por uma forte transmissão geracional, ou seja, verificamos a importância da formação de valores e práticas na socialização primária que incide sobremaneira nas escolhas futuras. Nossos dados portanto, confirmam as pesquisas realizadas por Camurça e Tavares (2006) e relativizam as afirmações que incidem no enfraquecimento da transmissão geracional e/ou apontam para uma “crise de transmissão” (HERVIEU-LÈGER, 2008).

Outro aspecto encontrado é a atitude de acolhida no momento de entrada na comunidade religiosa, sem um processo burocratizado que demandaria tempo e espera. A entrada imediata, sem exigências, corresponde a uma dinâmica moderna marcada pela aceleração, pelo imediatismo, pela impulsividade – “para agora, o agora, viver o hoje” e pela rapidez, como fora expresso na fala de Ir. João (27 anos) ao guardião da casa que ingressou no Ceará: “Você lembra de mim? Eu passei uns dias aí, eu queria saber se eu posso ir para morar”, ao que lhe foi respondido: “Você pode vir”. Na mesma narrativa nosso entrevistado acrescenta: “saí pobre decidido a viver o hoje, quero viver hoje, não quero me preocupar com o amanhã e pronto”. Na condição de jovens, um ingresso com contorno de imediatismo pode representar uma possibilidade de experimentação e aprendizado.

A entrada na comunidade com a ruptura de um projeto familiar (estudo, carreira profissional e vida familiar), representa, por um lado, a confirmação dos valores modernos onde as escolhas individuais são baseadas na autonomia do sujeito em assumir e construir seus próprios projetos de vida, em nome da almejada “felicidade”. Por outro lado, na mesma moeda, um processo de emancipação familiar, marcado pela transição, que pode ser identificado como um ritual de entrada numa instituição, seja, por exemplo, no casamento ou em uma instituição religiosa, resultando num processo de tornar-se adulto. O relato do Ir. Pedro (32 anos) de confronto com o pai na comunicação de entrada na Toca ilustra esse processo de emancipação, o pai disse-lhe: “Não, eu não aceito, eu não concordo.”, e em seguida, mostrou-se preocupado com o futuro do filho, o que ele respondeu: “Não vou parar minha vocação, deixar de ser feliz por meu pai”.

Marcada por uma perspectiva do “sagrado” que fornece sentidos, assumir uma vocação representa para os sujeitos entrevistados responder a um “chamado divino” para entregar a vida (“desgastar a vida”). Numa direção oposta a uma interpretação de vocação religiosa clássica, de que se trata de abdicar um projeto pessoal para viver a vocação religiosa, o viver o chamado divino para os entrevistados significou a realização de um projeto pessoal, numa certeza de ter sido “escolhido por Deus”. O sentimento de eleição vivido pelos toqueiros soma-se ao de ser consagrado a Deus, o que confere uma importância à vida.

Unido ao sentimento de eleição, um aspecto que motiva a adesão dos toqueiros é a diferenciação dada pelo investimento na estética franciscana, que fornece uma identidade clara para si e para o coletivo. Tornar-se um religioso visível, diferenciado da multidão de anônimos da realidade urbana, _ como explicitado na fala do Ir. Pedro (32 anos): “Quero um lugar que realmente use (o hábito), sou diferente, fui retirado do meio, do mundo para ser diferente.” O uso das vestes e aparência de São Francisco responde a uma demanda por diferenciação presente na subjetividade juvenil (uso de *piercings*, tatuagem, moda etc.), de ser reconhecido, identificado por uma escolha que legitima seu lugar no mundo. A identidade fornecida pela identificação com São Francisco legitima sua opção de ruptura com um mundo marcado pelo consumo e prazer, a uma vida de renúncia e pobreza. Produz-se uma dialética: tornar-se igual para se diferenciar.

A vivência de uma vida renunciante é experimentada como uma coerência da vivência religiosa a partir de compreensão “correta” do Evangelho, da pessoa da mensagem de Cristo. Para os toqueiros, São Francisco foi um dos que soube viver essa autenticidade, como nas palavras de Ir. Bartolomeu (30 anos): “um *persona Christi* autêntico”, por isso, também ele fornece a identidade segura para a vivência religiosa. A vivência da pobreza e da renúncia é percebida como uma vivência intensa, radical, além de ser uma crítica institucional aos setores da Igreja que não vivem essa dimensão.

As primeiras experiências na Toca foram custosas para todos os entrevistados, de ter que assumir responsabilidades sem o preparo emocional e técnico, além da superação de uma repulsa inicial com um quadro de atendimento à população de rua, constituída por sujeira, doenças, alcoolismo, enfim, miséria humana. No entanto, a essas experiências são atribuídos sentidos de empatia com o próprio sofrimento de Cristo, de reconhecimento da “dignidade humana escondida por trás da sujeira” (Ir. João, 27 anos), uma aprendizagem e superação dos próprios limites para a ação social. Os limites são considerados um desafio pessoal com fins a santificação, uma ascese. Por outro lado, o confronto com o sofrimento alheio faz relativizar o próprio sofrimento, produzindo um sentimento de ter uma vida útil e socialmente necessária.

O guardião (29 anos) reconheceu que o ativismo da Toca, produziu entre os jovens muito esgotamento físico e emocional, o que podemos supor ser um dos motivos da saída de membros.

A relação com o sagrado, mediado pelo simbólico (elementos litúrgicos e Santíssimo Sacramento) é fornecedor de uma identidade forte e simbolicamente marcada _ “Ser Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento”. Esta unidade entre identidade e prática religiosa, produz uma relação mística sustentada por um sentimento de intimidade com o transcendente, que é experimentado sensorialmente pela proximidade quase que visceral – como expressou nosso entrevistado: “Deus chegou aonde ninguém jamais chegou” (Ir. João, 27 anos) e pela sensação de completude: “Deus me completa” (Ir. Paulo, 26 anos). Para que esse sentimento não se enfraqueça, a prática constante da adoração mantém a unidade entre sujeito e o sagrado, entre o sagrado e a comunidade religiosa, fortalecendo a coesão.

O conceito e a vivência significada pela Providência Divina é um dos importantes aspectos e sentidos da vivência religiosa dos toqueiros. Todas as dificuldades, limites, qualquer evento enfim, qualquer vivência é perspectivada sob o olhar da “Providência Divina”. Ou seja, acreditar na ação de Deus em todas as situações produz um sentimento de amparo e se constitui como estratégia para lidar com as incertezas; como, por exemplo, a vivência das crises são positivadas. A própria crise em que a Toca vivencia é percebida como “vontade divina”, o que produz uma segurança nos sujeitos, pois dessa forma todos estão resguardados, como na fala do Ir. Paulo (26 anos) através do “olhar de Deus ao nosso favor”, o que é uma estratégia para lidar com crises de ordem pessoal e coletiva.

Um dos sentidos importantes quanto à vivência religiosa é o “sentido da vida ordenada”, com valores claros e explicitados, como por exemplos, a importância da autoridade e sua submissão, da fidelidade, da obediência, através de um reconhecimento da importância da tradição. A Igreja católica é percebida como uma religião forte, com autoridade representada pelo Papa, na qual não se deve duvidar.

Um outro elemento que fornece sentido é a vivência em comunidade. Vale ressaltar que a comunidade referenciada é a religiosa. A vivência comunitária religiosa é considerada como vocação, como uma segunda família e gera atração, através da vivência da multiculturalidade, do assumir tarefas em prol de todos, ainda que se perceba as dificuldades nessa vivência e o uso de estratégias para se manter a coesão grupal.

Não temos notícias de estudos com egressos no Catolicismo. Também não realizamos uma comparação com a adesão de jovens a grupos, movimentos e tradições religiosas a fim de comparar os motivos de adesão e verificar a permanência. Nossos entrevistados podem ser

considerados como aqueles que vivenciam o momento da crise, participam do momento de reconfiguração institucional onde são atribuídos novos sentidos e outros são ressignificados. Se permanecerem, farão a transição institucional, na consolidação do carisma.

Nosso estudo também buscou compreender as dinâmicas e vivências na Toca de Assis e sua relação com a Igreja Católica e sociedade, sua visão de pobreza e relação com os pobres. Apontamos como tendências da Toca, uma maior institucionalização, num processo de burocratização do carisma segundo Weber (2010), articulação com a Igreja local e uma maior participação dos leigos, dessa forma se aproximando do formato das Novas Comunidades Católicas que são majoritariamente formadas e lideradas por leigos¹⁰⁷. Para os membros, um processo de afirmação identitária católica de religiosos franciscanos numa estrutura de pertencimento que conjuga elementos organizativos tradicionais e uma intensa atuação social junto aos pobres. Outra tendência seria a ênfase nas expressões de arte e cultura, que sempre estiveram presentes nos eventos da Toca, como aspecto missionário de evangelização. Quando estávamos finalizando este trabalho, verificamos uma reestruturação total no *site* da Toca. A ênfase se apoia em três eixos: na atuação junto aos leigos (com espaço próprio interativo no *site*), na utilização da cultura e das artes (Tocart¹⁰⁸) como meio de evangelização e atração (projeto de peças teatrais sobre S. Francisco e Clara de Assis) e numa clara identidade católica através da visibilidade dos padres (com uma pequena biografia e fotos no *site*) que acompanham a Toca e textos de documentos oficiais católicos. Com essas tendências serão capazes de suscitar adesões e pertencimentos de jovens e de leigos para o seu carisma e missão?

Inferimos que a experiência da Toca e podemos incluir, pelos estudos, as das Novas Comunidades Católicas, como as que configuram um Catolicismo de Recomposição no qual os membros, em sua maioria, passaram pela experiência da RCC e agora promovem um resgate de elementos e práticas tradicionais (adoração ao SS, uso de incenso, sino, músicas em latim, zelo com os objetos litúrgicos, resgate de santos e suas relíquias) vividas comunitariamente, agregado a uma nostalgia e desejo de uma moral católica que normatize as práticas dos indivíduos, que indique referências seguras, profira verdades e confirme valores

107 Na reformulação do site da Toca, outras informações foram incorporadas na apresentação do Instituto masculino – sendo nomeado por “Instituto de Vida Consagrada Filhos da Pobreza do Santíssimo Sacramento”, afirma-se a natureza laical da Fraternidade, segundo o texto no site oficial: “Este Instituto de natureza laical é composto por membros que, pela profissão dos conselhos evangélicos alcancem, na liberdade e alegria, na vivência de sua espiritualidade, no apostolado ativo e contemplativo, a perfeição da caridade no serviço do Reino de Deus, conforme dita o carisma dado a nós por Deus sumamente amado”. Cf. www.tocadeassis.org.br, acesso em 05/03/2012.

108 Encontramos no site o sentido e o propósito do Tocart: “O Tocart longe de ser um grupo seletivo de artistas, é mais uma realidade missionária. Através do Tocart, os irmãos e irmãs e leigos da Toca de Assis evangelizam utilizando-se dos diversos campos da arte”. Cf. site oficial www.tocadeassis.org.br, acesso em 04/03/2012.

tais como a fidelidade, obediência e humildade, baseada na autoridade legitimada pelo Catolicismo Oficial (TEIXEIRA, 2010) e conjuga com esses elementos, o uso de meios de linguagem moderna, ou seja, utiliza as redes sociais (*e-mail, youtube, orkut, twitter, página web*) para divulgar sua proposta de vida, eventos, mensagem, venda de produtos, multimídia e chamada às vocações, além de uma prática missionária performática.

De acordo com Berger e Luckmann (2005) há duas maneiras de lidar com o pluralismo da sociedade moderna, pela via da positividade, os “virtuosos do pluralismo” ou pela via da ameaça, os que se sentem inseguros frente à multiplicidade. Os jovens da Toca, nos parecem que não são tão modernos, como infere Portella (2009) e nem tão tradicionais como poderiam supor: utilizam-se da tradição como elementos de ordenação e afirmação de identidade, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto sócio cultural que o expressam em sua prática religiosa.

Esperamos com esse estudo ter evidenciado elementos que possam contribuir para a compreensão dos motivos de adesão subjetiva religiosa entre um segmento de jovens católicos a partir de uma vivência comunitária de contorno renunciante. Esperamos que esse trabalho possa ter suscitado questões sobre o pertencimento dos jovens às instituições sociais, em especial às religiosas. Os contextos e as trajetórias biográficas que produzem determinados pertencimentos e adesões são elementos essenciais que criam canais de compartilhamento de sentidos, buscas e compromissos. Desejamos enfim, dar essa modesta contribuição para o entendimento da vivência da experiência religiosa assim como para a compreensão de algumas expressões presentes nas culturas juvenis.

Referências

ABAD, Miguel. Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil. *Ultima Decada*, Viña del Mar, CIDPA, n. 16, marc. 2002. p. 115-119.

ABRAMO Helena W. Considerações sobre a tematização social de juventude no Brasil, *Revista Brasileira de Educação*, 25-36, mai/jun/jul/ago n° 5, set/out/nov/dez n° 6, 1997.

_____; BRANCO, Pedro Paulo (org.). *Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania e Fund. Perseu Abramo, 2005.

ABROMOVAY, Mirian. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para políticas pública*. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

AGUILAR, Luciana Fonseca. *Rejeição e adaptação ao mundo: o caso da comunidade católica Shalom*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Nacional de Brasília, Brasília, 2006.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALENCAR, Chico. *Cântico das Criaturas – ecologia e juventude do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ALMEIDA, Ronaldo; MONTERO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. In: *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo: Fundação SEADE, v. 15, n.03, p. 92-101, jul/set. 2001.

ALMEIDA, R.R.M.; CHAVES, M.F.G. Juventude e filiação religiosa no Brasil. In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Vol. 2, Brasília: CNDP – Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, 1998.

ÁLVARO, José Luis; GARRIDO, Alicia. *Psicologia Social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. São Paulo: McGrawHill, 2006.

ÁVILA, Antonio. *Para conhecer a Psicologia da Religião*. São Paulo: Loyola, 2007.

ANDRADE, Carla Coelho de. Juventude e trabalho: alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. IPEA, *Mercado de Trabalho*, 37, nov. 2008.

ANJOS, Márcio Fabri dos (org.). *Experiência religiosa: risco ou aventura*. São Paulo: Paulinas, 1998.

ANTONIAZZI, Alberto. As religiões no Brasil segundo o Censo de 2000. *Revista de Estudos da Religião/Rever*, n.2, p. 75-80, USP, 2003.

_____. Perspectivas pastorais a partir da pesquisa. In: FERNANDES, Sílvia A.; SOUZA, Luiz Alberto Gomes. *Desafios do Catolicismo na Cidade: pesquisa em regiões metropolitanas*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 252-267.

_____. A Igreja Católica face à expansão do Pentecostalismo. In: _____ et al. *Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: VOZES, 1994. p. 17-23.

_____ et al. *Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: VOZES, 1994.

_____; CALIMAN, Cleto (org.). *A presença da Igreja na cidade*. Petrópolis, RJ: VOZES, 1994.

ARIÈS, Philippe. *A História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AUGRAS, Monique. *Todos os santos são bem-vindos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

_____. *A dimensão simbólica*. Rio de Janeiro: Fund. Getúlio Vargas, 1967.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, s/d.

BATAILLE, Georges. *A Parte Maldita (precedida de "A noção de despesa")*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BAUMAN, Zygmunt. Religião Pós-moderna? In: *O Mal-estar da Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Novos rumos do Catolicismo. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (org.). *Novas Comunidades católicas: em busca do espaço moderno*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009. p. 17-32.

_____. O novo clero: arcaico ou moderno. In: *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, Fasc. 233, p. 88-126. Petrópolis, RJ: VOZES, 1999.

_____. Experiência no lugar da crença. In: ANJOS, Márcio Fabri dos (org.). *Experiência religiosa: risco ou aventura?* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 13-31.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. In: *Religião e Sociedade*; 21 (1), p. 09-23, abr., Rio de Janeiro: ISER, 2001.

_____. *O Dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

_____. Excurso: Alteração e biografia (ou: como adquirir um passado pré-fabricado). In: _____. *Perspectivas Sociológicas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976. p. 63-74.

_____; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: a orientação do homem moderno*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 2005.

_____. *A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento*. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BINGEMER, Maria Clara L. A sedução do sagrado. In: CALIMAN, Cleto (org.). *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*. Petrópolis, RJ: VOZES, 1998. p. 79-115.

BIRMAN, Patrícia. Religiosidade, pluralismo e nação: as seitas na França hoje (Tese apresentada para o Concurso Público de Professor Titular em Antropologia), UERJ, texto mimeo, 2000.

BOBIN, Christian. *Menor de todos – Francisco de Assis*. São Paulo: Paulinas, 1999.

BOFF, Clodovis. Carismáticos e libertadores na Igreja. *Revista Eclesiástica Brasileira/REB* 60 (237), 36-53. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992.

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

_____. A “juventude” é apenas uma palavra. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121

BRANDÃO, Carlos R. Fronteiras da Fé – alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. Dossiê Religiões no Brasil. *Estudos Avançados*, volume 18, n. 52, p. 261-288, setembro/dezembro 2004, USP.

CAILLÉ, Alain. *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CALAZANS, Gabriela. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M. (org.). *Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania e Fund. Perseu Abramo, 2005. p. 215-241

CALLOIS, Roger. *El hombre y lo sagrado*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

CALIMAN, Cleto (org.). *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CAMPBELL, Colin. A orientalização do ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*, 18/1, p. 5-22, 1997.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Introdução. In: *Teatro, Templo e Mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre sincretismos “guerras e santas”: dinâmicas e linhas de força do campo religioso brasileiro. *Revista USO*, São Paulo, n 81, p. 173-185, março/maio 2009.

_____. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 35-48.

_____. Religião, família e imaginário entre a juventude de Minas Gerais. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 8 n. 8, p. 99-119, out. 2006.

_____. Uma palavra inicial. In: CAMURÇA, Marcelo Ayres (org.). *Revista Magis Cadernos de Fé e Cultura. Carismas: Experiências e Reflexões*. n. 37, 2000.

_____ et al. Como é ser jovem em Minas Gerais: religião, moral, costumes e políticas. *Principia. Caminhos da Iniciação Científica*, vol 1/09, UFJF, 2009.

_____; CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília (org.). *Novas Comunidades católicas: em busca do espaço moderno*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009. p. 171-194.

_____ ; TAVARES, Fátima R. Religião, família e imaginário entre a juventude de Minas Gerais. *Revista de Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 8, n.8, p. 99-119, out. 2006.

_____. Juventude e Religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Numen*. v. 7 n. 1, p. 11-46, 2004.

CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

CASAL, Joaquim. Modos emergentes de transición a la vida adulta em el umbral des siglo XXI: aproximación sucesiva, precarizad y desestructuración. In: PAIS, José Machado e CHISHOLM, Lynne (coord.). *Actas do Congresso Internacional Growing up between centre and periphery*. Lisboa 2-4 maio1996. Lisboa, Portugal: Instituto Sociais da Universidade de Lisboa, 1997. p. 121-141.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Volume 2. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2006.

CASTRO, Lúcia Rabello de (org.). *Infância e adolescência na cultura de consumo*. Rio de Janeiro: NAU, 1998.

CARRANZA, Brenda. *Catolicismo Midiático*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011.

_____. Catolicismo em movimento. *Religião e Sociedade*. Vol 24, n. 1, p. 124-146, out. 2004.

_____. Renovação Carismática Católica: origens, mudanças, tendências. CAMURÇA, Marcelo A. (org.), In: *Revista Magis Cadernos de Fé e Cultura. Carismas: Experiências e Reflexões*. n. 37, 2000. mimeo

_____. *Renovação Carismática: origens, mudanças, tendências*. Aparecida: Editora Santuário, 2000b.

_____. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CAMURÇA, Marcelo; CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília (org.). *Novas Comunidades católicas: em busca do espaço moderno*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009. p. 33-58.

_____; MARIZ, Cecília. Novas comunidades católicas: porque crescem? In: CAMURÇA, Marcelo; CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília (org.). *Novas Comunidades católicas: em busca do espaço moderno*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009. p. 139-170

CAVALLI, A.; GALLAND, O. (Dir.) *L'allongement de la jeunesse*. Paris: ACTES SUD, 1993.

CERIS. Pentecostalismo, Renovação Carismática e Comunidades Eclesiais de Base: uma análise comparada. *Caderno CERIS*, n. 2. São Paulo: Loyola, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CLEARY, Edward. *The rise of Charismatic Catholic in Latin América*. Gainesville: Universit Press of Florida, 2001.

CNBB. Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica. Documentos da CNBB n. 53. São Paulo: Paulinas, 1994.

COELHO, Maria Cláudia. Juventude e sentimentos de vazio: idolatria e relações amorosas. In: ALMEIDA, Maria Isabel M. De; EUGENIO, Fernanda (org.). *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 177-191.

_____. Jovens atores e jovens católicos: um estudo sobre metrópole e diversidade. In: VELHO, G. (Org.). *Comunicações do PPGAS*. Individualismo e juventude, p. 26-46, Rio de Janeiro: MN-UFRJ, 1990.

CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo. O Pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

COSTA, Evandro Ruiz. Dinâmica populacional e Igreja Católica no Brasil (1960-2000). *Caderno do CERIS*, ano 2, n. 3. Rio de Janeiro: CERIS, 2002.

COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da Juventude na sociedade de mercado. In NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org). *Juventude e Sociedade – Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 75-88.

COSTA, S. *Psicologia e Cristianismo*. Rio de Janeiro: Silva Costa, 2006.

CSORDAS, Thomas . Global religion and the re-enchantment of the world: The case of the Catholic Carismatic Renewal. *Antropological Theory* 2007; vol (3); 295-314.

_____. Introduction: Modalities of translational transcendence. *Antropological Theory* 2007; vol (3); 259-272.

DAMACENA, Andréa Martins. Catolicismo contemporâneo: tratando da diversidade a partir da experiência religiosa dos fiéis. In: GOMES, Edlaine de Campos (org.). *Dinâmicas contemporâneas do fenômeno religioso na sociedade brasileira*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009. p. 125-146.

DAMASCENO, M.N et al (org.). *Trajetórias da juventude*. Fortaleza: LCR, 2001.

DA MATTA, Roberto. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *Mana*. Rio de Janeiro, v. 6, n.1, abril 2000.

DAVID, S. *Freud e a religião*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Dossiê Religiões no Brasil. *Estudos Avançados*, volume 18, n. 52, USP, set./dez. 2004.

Dicionário Prático Bíblia Sagrada Edição Barsa – 1971. Disponível em: www.pastoralis.com.br. Acesso em: 18 out. 2009.

Dilemas e Desafios da Pastoral Urbana, *Cadernos Magis* n. 1, Centro Loyola de Fé e Cultura, PUC Rio, agosto 2002.

DOUGLAS, Mary. *Natural symbols. Exploration in Cosmology*. London and New York: Routredge, 1982.

_____. *Pureza e Perigo* [1966]. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUARTE, L. F. D.; GIUMBELLI, E. As concepções cristã e moderna da pessoa: paradoxos de uma continuidade. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 93, p. 77-111, 1995

DUFOUR, Robert-Dany. *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

DURKHEIM, Emile. *Formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989.

ESCOREL, Sarah. *Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

FATH, Sébastien. Regard sur Jean Séguy. Un sociologue du non-conformisme religieux chrétien. *Cours sur la sociologie de Jean Séguy*. EHESS, 19 dec. 2008.

FERNANDES, R. et al. *Novo nascimento: os evangélicos em casa na política e na igreja*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

_____. *Censo Evangélico Institucional – CIN*, Núcleo de Pesquisa ISER. Rio de Janeiro: ISER, 1992.

FERNANDES, Sílvia R. A. Entre tensões e escolhas, um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa. *Revista Sociedade e Estado*. Vol. 26 n. 3, p. 663-683, set/dez 2011. Disponível em: www.sielo.br. Acesso em: 01 jun 2012.

_____. *Jovens religiosos e o catolicismo: escolhas, desafios e subjetividades*. Rio de Janeiro: Quartet, 2010.

_____ ; SOUZA, Luís Alberto (org.). *Desafios do Catolicismo nas cidades. Pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Paulus, CERIS, 2002.

FERREIRA, Pedro Moura. Situações juvenis de transições para a vida adulta. In: PAIS, J. M.; CABRAL, M. et al. (coord.). *Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo*. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 2003. p. 1-40.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/FGV. *Novo Mapa das Religiões*. Centro de Políticas Sociais. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

FIGUEIRA, Sérvulo. O moderno e o arcaico na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: FIGUEIRA, Sérvulo (org.). *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986. P. 11-31

FREUD, S. (1912-3). *Totem e Tabu*. ESB, volume XIII, Rio de Janeiro, Imago, 1976.

FRIGOTTO, Guadêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 180-216

GALLAND, O. *Adolescence, pos-adolescence, jeunesse: retour sur quelques interprétations mimeo*.

_____. *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Collin, 1997.

GAUCHET, M. Essai de psychologie contemporaine I. Un nouvel age de la personnalite. *Le Debat*, Paris: Gallimard, n. 99, p. 164-206, mars-avril 1998

GEERTZ, Clifford. O Beliscão do destino: a religião como experiência de sentido, identidade e poder. In. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001. p. 149- 165.

_____. *A interpretação da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3ª ed. – São Paulo: Atlas, 1996.

GODINHO, D.M. *Paradigmas do religioso entre jovens contemporâneos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro/PUC Rio, 2007.

GROPPO, Luís Antonio. A juventude como categoria social. In.: _____. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 7-22.

HERCULANO, Selene. Max Weber e o desencantamento do mundo. In: _____. *Em busca da boa sociedade*. RJ: Niterói: Eduff, 2006. Disponível em: http://www.professores.uff.br/seleneherculano/images/stories/WEBER_E_O_DESENCANTAMENTO_DO_MUNDO.pdf

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Max Weber (1864-1920). In: _____; WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia e Religião*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009. p. 71-124.

_____. *O Peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. Catolicismo: a configuração da memória. *Revista de Estudos da Religião/REVER*. PUC- São Paulo, n. 2, 2005. p. 87-107

_____. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? *Religião e Sociedade*, vol. 18, n.1, 31-47, 1997. Rio de Janeiro: CER/ISER.

HYMES, Dell. *Foundations in sociolinguistics. An Ethnographic Approach*. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press, 1974.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA/IBGE. *Sinopse do Censo Demográfico 2010*. IBGE: Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: www.ibge.org.br. Acesso em: 21 agosto 2011.

_____. *Estudos e Pesquisa, Informação Demográfica e Socioeconômica 23*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: www.ibge.org.br. Acesso em: 21 agosto 2011.

_____. Síntese dos Indicadores Sociais – uma análise das condições de vida da população brasileira. *Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Sócio Econômica. PNAD 2007*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: www.ibge.org.br. Acesso em: 21 agosto 2011

_____. *Censo Demográfico Brasileiro de 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

_____. *População Jovem no Brasil: a dimensão demográfica*. Departamento de Pop. E Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 1999. Disponível em: www.ibge.org.br. Acesso em: 06 agosto 2011.

JACOB, César Romero et al. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

_____. et al. A diversificação religiosa. In: *Estudos Avançados*. Volume 18, n. 52, set/dez 2004 – Dossiê Religiões no Brasil. Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Avançados. São Paulo: IEA, 2004. p. 9-11.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma de cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.). *Juventude e Sociedade – Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 167-182.

LIMA, Caio Márcio Viana. Uma leitura de “carisma”: êxtase e perda de identidade na veneração ao líder de Charles Lindholm. CAMURÇA, Marcelo Ayres (org.). *Revista Magis Cadernos de Fé e Cultura* Carismas: experiências e reflexões. n. 37, ano 2000.

LINDHOLM, Charles. *Carisma. Êxtase e perda de identidade na veneração ao líder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIRA, Gerson et al. A narrativa na Pesquisa Social em saúde: perspectiva e método. *Revista Brasil em Promoção da Saúde*, ano/vol.16, n 1-2, 59-66. Universidade de Fortaleza, 2003.

LÖWY, Michel. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MACHADO, Maria das Dores C. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas e São Paulo: Autores Associados e ANPOCS, 1996.

_____; MARIZ, Cecília L. *Religião, trabalho voluntário e gênero*. Texto mimeo, 2007.

_____. Encontros e desencontros entre católicos e evangélicos no Brasil. In: SANCHIS, Pierre (org.). *Fiéis e Cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 87-102.

_____. Progressistas e católicas carismáticas: uma análise do discurso de mulheres de Comunidades de Base na atualidade brasileira. *Praia Vermelha – Estudos de Política e Teoria Social*, Rio de Janeiro, v. 3 n. 2, 8-29, 2000.

_____. Mudanças recentes no campo religioso brasileiro. *Revista Antropológica*. n. 5, 1998. p. 21-43.

_____. Sincretismo e trânsito religioso: um estudo comparativo entre carismáticos e pentecostais. *Comunicações do ISER*, 45, Rio de Janeiro, p. 24-34, 1994.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

_____. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. 2ª ed. São Paulo: Zouk, 2005.

MANNHEIM, K. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITTO, S. (Org.). *Sociologia da Juventude I*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 69-94.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIN, Jessé Roberto. História e historiografia da romanização: reflexões provisórias. *Rev. de Ciências Humanas*, Florianópolis: UFSC, n. 30, p. 321-341, out. 2001.

MARIZ, Cecília Loreto. Missão religiosa e migração: “novas comunidades” e igrejas brasileiras no exterior. *Análise Social*, vol XLIV (1º), 2009. p. 161-187.

_____. Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 53-68.

_____. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. In: *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 17, n. 2, nov. 2005. Revista eletrônica. p. 253-274.

_____. Comunidades de Vida no Espírito Santo: um novo modelo de família? In: DUARTE, Luiz Fernando et al (org). *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

_____. *Mundo moderno, ciência e secularização*. Texto mimeo, 2004.

_____. A renovação carismática católica: uma igreja dentro da igreja? *Civitas*, Porto Alegre, v.3, n. 1, jun.2003.

_____. Católicos da Libertação, Católicos Renovados e Neopentecostais. In: CERIS. *Pentecostalismo, Renovação Carismática e Comunidades Eclesiais de Base. Uma análise comparada*. Caderno CERIS, ano I, n. 2, out. 2001. p. 17-42.

_____. Secularização e Dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: abr. 2001 [b]. vol 21, n. 01, p. 25-39.

_____. Uma análise sociológica das religiões no Brasil: tradições e mudanças. *Cadernos ADENAUER 9: Fé, vida e participação*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, nov. 2000. p. 33-52

_____; LOPES, Paulo V. O reavivamento católico no Brasil e o caso da Toca de Assis. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 75-108.

_____; AGUIAR, L. Shalom: a construção social da experiência vocacional. In: CAMURÇA, Marcelo; CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília (orgs.). *Novas Comunidades católicas: em busca do espaço moderno*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009. p. 241-266.

_____; MELLO. Insatisfações com a família contemporâneas: uma comparação entre comunidades católicas e new age. *Estudos de Sociologia*. Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia UFPE, 13 (1), p. 49-75, 2007.

MARSHALL, Berman. *Tudo que é sólido se desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MARTINS, Heloisa H. T.. Metodologia de Pesquisa Qualitativa. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, maio-ago. 2004. p. 289-300.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. UERJ, 2001. Disponível em: www.admead.ufla.br

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício* [1899]. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MEDEIROS, Katia Maria Cabral. Religião e Cura: um encontro possível. *Magis – Cadernos e Fé e Cultura*. nº 49, março 2006, Centro Loyola de Fé e Cultura/PUC Rio. p. 73-85.

_____. *A vivência de um mito na religiosidade contemporânea: a Toca de Assis*. Monografia (Especialização em Psicoterapia Junguiana e Imaginário), Programa de Pós-graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, PUC Rio, 2006.

_____. Orientações ético-religiosas. Cap. 5. In: FERNANDES, Sílvia A.; SOUZA, Luiz Alberto G (org.). *Desafios do Catolicismo na Cidade: pesquisa em regiões metropolitanas*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 199-251.

_____. 'O prazer de Jesus é curar'. O sentido da cura no discurso pentecostal da Assembléia de Deus. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia), EICOS/Instituto de Psicologia/UFRJ, 2000.

_____. Novas expressões religiosas na cidade - Pentecostalismo, Renovação Carismática Católica e Comunidades Eclesiais de Base: uma análise comparativa. In: *Tempo e Presença*, nº 293, maio/junho de 1997.

_____. Solidariedad humana y caridad cristiana. 30 años desde Populorum Progressio y la Acción Social de La Iglesia Católica em Rio de Janeiro – Brasil. In: *Spiritus*. Edición hispanoamericana. Año 38/3, nº 148, setiembre de 1997. Quito, Equador, 1997.

_____; FERNANDES, Sílvia Regina (org.). *O padre no Brasil – interpelações, dilemas e esperanças*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____ ; FERNANDES, Sílvia Regina (org.). *Catolicismo e Experiência Religiosa no Piauí*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____ et al. Desafios do Catolicismo na Cidade – pesquisa em regiões metropolitanas. In: *Magis – Cadernos de Fé e Cultura Especial*. Número 1, agosto de 2002. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2002.

_____ ; DAMACENA, Andréa. Fronteiras e intercâmbios: práticas e valores no Pentecostalismo, na Renovação Carismática Católica e nas Comunidades Eclesiais de Base. In: CERIS. *Pentecostalismo, Renovação Carismática e Comunidades Eclesiais de Base. Uma análise comparada*. Caderno CERIS, Ano 1, n. 2, outubro, 2001.

_____, PITTA, Marcelo; FERNANDES, Sílvia. Levantamento nacional de atividades sociais das paróquias e instituições sócio-educativas católicas do Brasil. Pesquisa CERIS/ANAMEC. In: *Revista Eclesiástica Brasileira/REB*. Fasc. 240, dezembro, 2000. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. p. 936-947.

MENDONÇA, A. G. A experiência religiosa e a instituição da religião. *Estudos Avançados* 52, São Paulo, v. 18, n. 52, set-dez, 2004. p. 29-46.

MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). 6ª edição. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: VOZES, 1996.

MIRANDA, Júlia. Convivendo com o diferente: juventude carismática e tolerância religiosa. In: MACHADO, Carly. *Novos movimentos religiosos e comunidade: sobre família, mídia e outras mediações. Religião e Sociedade*, jul 2010, vol. 30, n.2, p. 117-142.

MONTERO, Paula. Religião, Pluralismo e Esfera Pública no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*. N.74, março 2006. p. 47-65.

NARITA, Stella. Notas de pesquisa de campo em Psicologia Social. *Psicologia e Sociedade*; 18 (2): 25-31, maio/ago, 2006.

NERIS, W. *Bourdieu e a religião: aportes para (re) discussão do conceito de campo religioso*. s/d Mimeo.

NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Cecília (org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 1994. p. 51-66.

NOVAES, Regina R. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *As religiões no Brasil. Continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 135-160.

_____. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (org.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 105-120.

_____. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: ABRAMO, Helena W; BRANCO, Pedro Paulo M. (org). *Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania e Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 263-290.

_____. Os jovens sem religião: ventos secularizantes, espírito da época e novos sincretismos. *Estudos Avançados* 52, São Paulo, v. 18, n. 52, set-dez, 2004. p. 321-330.

_____. Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. In: SANCHIS, Pierre (org.). *Fiéis e Cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p.181-207.

_____. Uma segunda leitura de “Carisma: êxtase e perda de identidade na veneração do líder” de Charles Lindholm. CAMURÇA, Marcelo Ayres (org.). *Revista Magis Cadernos de Fé e Cultura. Carismas: Experiências e Reflexões*. n. 37, 2000.

_____. Religião e Política: sincretismo entre alunos de ciências sociais. *Comunicações do ISER*. n. 45 ano 13, 1994.

_____. *Os escolhidos de Deus*. Rio de Janeiro: *Cadernos do ISER*, 19, 1985.

_____; MELLO, Cecília C. Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos. *Comunicações do ISER*, n. 57, 2002.

NUNES, Brasilmar Ferreira. Consumo e identidade no meio juvenil: considerações a partir de uma área popular do Distrito Federal. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 3, 647-678 set/dez 2007.

OLIVEIRA, Eliane. A ‘vida no espírito’ e o dom de ser Canção Nova. In: CAMURÇA, Marcelo; CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília (org.). *Novas Comunidades católicas: em busca do espaço moderno*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009.

ONOCKO CAMPOS, Rosana Teresa; FURTADO, Juarez Pereira. Narrativas: utilização na pesquisa qualitativa em saúde. *Rev. Saúde Pública* 2008; 42(6):1090-6.

ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGA NETO (org.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 325-341.

ORO, Ari Pedro. Modernas formas de crer. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, vol. LVII, Fasc. 225, 39-56, 1997.

_____. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____; STEIL, Carlos Alberto. O comércio e o consumo de artigos religiosos no espaço público de Porto Alegre/RS. In: Birman, Patrícia. *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar, 2003. p. 309-332.

_____(org.). *Globalização e Religião*. Petrópolis, RJ: VOZES, 1997.

OZELLA, Sérgio. Adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais – concepções sobre adolescência. In: OZELLA, SÉRGIO (org.) *Adolescências construídas: a visão da Psicologia Sócio Histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIS, José Machado. Prefácio. Buscas de si: expressividade e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel M.; EUGENIO, Fernanda (org.). *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 7-21.

_____. *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*. Lisboa: Âmbar, 2001.

_____. A transição dos jovens para a vida adulta. In: PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993. p. 21-36.

_____. Correntes teóricas da sociologia da juventude. In: PAIS, _____. 1993. p. 37- 63.

_____. Namoro, casamento e estratégias conjugais. In: _____, 1993. p. 279-317.

PAIVA, Marcelo Whately (org.). *O Pensamento Vivo de São Francisco de Assis*. n. 33. São Paulo: Martin Claret Ed, 1990.

PAULA, Elaine Baptista de Matos (org.). *Manual para elaboração e normalização de dissertações e teses*. 3ª ed. rev. atual e ampliada. Rio de Janeiro: SIBI, 2004. Série Manual de Procedimentos, n.05.

PAULILO, Maria Angela Silveira. Pesquisa qualitativa e história oral. *Serviço Social em Revista*, vol. 2, n. 1, julho-dez 1999. Disponível em: www.ssrevista.uel.br/c-v2n1.htm. Acesso: 05 agosto 2010.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia; MELLO, Zeca de (org.). *Juventude, religião e ética: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa 'Perfil da Juventude na PUC Rio*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2010.

PIERUCCI, Antônio Flávio. É fácil ser católico. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.15s.

_____. Cadê nossa diversidade religiosa? _Comentários ao texto de Marcelo Camurça. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 49-51.

_____. Ciências sociais e religião: A religião como ruptura. In: TEIXEIRA e MENEZES (org.), 2006. p. 17-34.

_____. A religião como solvente – uma aula. *Novos Estudos CEBRAP* n. 75, São Paulo jul. 2006.

_____. “Bye, bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. In: *Estudos Avançados* Volume 18, n. 52, setembro/dezembro 2004 – Dossiê Religiões no Brasil. Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Avançados. São Paulo: IEA, 2004. p. 17-28.

PINTO, Flávia Slompo. O altar dos pobres. Juventude e pobreza na experiência religiosa da Fraternidade Toca de Assis. Monografia, Ciências Sociais, IFCH/UNICAMP, Campinas, 2008.

POCHMANN, Márcio. A juventude em busca de novos caminhos no Brasil In. NOVAES, R.; VANNUCHI, Paulo (org.). *Juventude e Sociedade: Educação, Trabalho, Cultura e Participação*. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2004. p. 217-241.

PORTELLA, Rodrigo. Tramas da identidade: vocação e (re) conversão na Toca de Assis. *Estudos de Religião*, v. 25, n. 41, jul-dez 2011. p. 97-112

_____. Medievais e Pós-modernos: a Toca de Assis e as novas sensibilidades católicas juvenis. In: CAMURÇA, Marcelo; CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília (org.). *Novas Comunidades católicas: em busca do espaço moderno*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009. p. 171-194.

_____. Em busca do Dossel Sagrado. *A Toca de Assis e as novas sensibilidades religiosas*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF, Minas Gerais, 2009.

_____. Toca de Assis e juventude: uma surpreendente identidade católica contemporânea. *Caminhos*, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 179- 199, jan-jun., 2007.

PRANDI, Reginaldo. Religião, biografia e conversão: escolhas religiosas e mudanças da religião. *IX Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina*. Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, 21 a 24 de setembro de 1999. Mimeo.

PREUSS, M. R. G. A abordagem biográfica - história de vida - na pesquisa psicossociológica. *Série Documenta*, Rio de Janeiro: EICOS-UFRJ, n. 8, 105-125, 1999.

_____. Violência simbólica: dimensões psicossociológicas. *Série Documenta*, Rio de Janeiro: EICOS-UFRJ, n.6, 17-25, 1998.

QUEIROZ, Danielle Teixeira et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área de saúde. *Rev. Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15 (2): p. 276-83.

REGUILLO, Rossana. Entrevista Las Culturas Juveniles. *Nuevameria. La Revista de La Pátria Grande*. n. 102, março 2004, 4-17.

RODRIGUES, S. dos S. R. Nova Trindade: Busca, Fé e Questionamento. *Ciências da Vida. Sociologia Especial. O desenvolvimento social e as questões que preocupam e influenciam a juventude brasileira*. Ano 1, n. 2. p. 64-73.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *A religião numa sociedade em transformação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *Dicotomias Religiosas. Ensaio de sociologia da religião.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina.* Petrópolis, RJ: VOZES, 1985.

_____. *Pentecostalismo no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa.* Petrópolis, RJ: VOZES, 1985.

SAHLINS, Marshall. Introdução. In: _____. *Ilhas de História.* Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1990. p. 7-21.

SANCHIS, Pierre. Religião, religiões ... alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: SANCHIS, Pierre (org.). *Fiéis e Cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil.* Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 9-57.

_____. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (org.). *Globalização e Religião.* Petrópolis, RJ: VOZES, 1997.

SANTOS, E.S dos. Juventude e Religião: cenários no âmbito do lazer. *Revista de estudos da Religião* no. 3, 2005. p. 61-177.

SARTI, Cynthia A. Jovem na família: o outro necessário. In: In NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.). *Juventude e Sociedade – Trabalho, Educação, Cultura e Participação.* São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2004. p. 115-129.

SILVA, Edna Lúcia da; Menezes, Estera Muszkat. *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação.* 3ª ed. ver. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

SILVA, L. da S. Jovens sem-religião: rompimento com as religiões e novas formas individuais de espiritualidades juvenis. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 28-31 julho 2009. GT: Religião e Sociedade.

SOFIATI, Flávio Munhoz. Religião e Juventude: os jovens carismáticos. Tese. (Doutorado em Sociologia) Programa de Pós-Graduação, Departamento Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2009.

SOUZA, C.M.S. O conceito de cultura e a metodologia etnográfica: fundamentos para uma psicologia cultural. In: D'ÁVILA, M. I.; PEDRO, R. M. L.(org.). *Tecendo o desenvolvimento: saberes, gênero, ecologia social.* Rio de Janeiro: MAUAD, Bapera, 2003.

SOUZA, Ronaldo José. Comunidade e Sociedade Informacional. O fenômeno comunitário contemporâneo a partir da Comunidade Midiática Canção Nova. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/PPGCS, Universidade Federal de Campina Grande/PB, Campina Grande, 2010.

SPINK, Peter. Pesquisa de campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia e Sociedade*, 15 (2). Porto Alegre, 2003.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, set/out/nov/dez/n.24, 2003 p. 16-39.

STEIL, Carlos Alberto. A cultura já não é mais a mesma. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 151-157.

_____. Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou de saída do Catolicismo? Uma etnografia do grupo São José, em Porto Alegre (RS). *Religião e Sociedade*, vol 24, n. 2, ano 2004. Rio de Janeiro: ISER, 2004. p. 11-35.

_____ et al. Religião e Política entre os alunos de ciências sociais: um perfil. *Debates do NER*, 2 (2), UFRGS, 2001.

SZAPIRO, Ana M. ; Resende, C. M. A. Juventude: etapa da vida ou estilo de vida? *Psicologia & Sociedade*, 22 (1), 2010, p. 43-49.

THEIJE, Marjo. A caminhada de louvor; ou como os carismáticos e grupos católicos de base vem se relacionando na prática. *Religião e Sociedade*, vol 24, n. 2, ano 2004. Rio de Janeiro: ISER, 2004. p. 37-45.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do Catolicismo contemporâneo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 17-30.

_____. O sagrado em novos itinerários. *Vida Pastoral*, São Paulo, maio-junho 2000.

_____. *A gênese das CEB's no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1988.

TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (org). *As religiões no Brasil, continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TERRIN, Aldo Natale. *O sagrado off limits. A experiência religiosa e suas expressões*. São Paulo: Loyola, 1998.

VALENTINI, Demétrio. *Revisitar o Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2011.

VALLADARES, Lícia. Os dez mandamentos da observação participante. *Rev. Bras. Ci. Soc.* vol.22, n. 63, São Paulo, fev. 2007.

VALLE, Edênio. Experiência religiosa: um enfoque psicossocial. In: ANJOS, Márcio Fabris dos (org.). *Experiência religiosa: risco ou aventura?* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 33-57.

_____. *Psicologia e experiência religiosa. Estudos introdutórios*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias (org). *Gerações, família e sexualidade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel M.; EUGÊNIO, Fernanda (org.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2006. p. 192-200.

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003.

_____. Projeto, Emoção e orientação em sociedades modernas. In: _____. *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001. p. 15-37.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Rev. SOCERJ*. 2007, 20 (5): 383-386.

VENTURINI, Gustavo. Introdução metodológica. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo (org.). *Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania e Fund. Perseu Abramo, 2005. p. 23-26.

VERAZZE, Jacopo. *A Legenda Áurea – vidas de santo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILLENEUVE-GOKALP, C. Le depart de chez les parents: definitions d'un processus - complexe. *Economie et Statistique*, Paris, n. 304-305, 1997. p. 149-162.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

_____. (1864-1920). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 5ª edição. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.

Sites acessados

1. <http://www.admead.ufla.br>
2. <http://www.comunidadejesusteam.org.br>. Acesso em: 19 maio 2012.
3. <http://www.comunidademanuel.org.br>. Acesso em: 19 maio 2012.
4. <http://www.ecc.conselhonacional.com.br/rj>. Acesso em: 11 junho 2011.
5. http://www.fgv.br/eaesp/curriculo/dol_mini_curriculum.asp?num_func=2&cd_idioma.A Acesso em: 16 out 2011.
6. http://www.fgv.br/eaesp/curriculo/dol_mini_curriculum.asp?num_func=2&cd_idioma. Acesso em: 16 out. 2011.
7. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u300667.shtml>
8. http://www.finep.gov.br/o_que_e_a_finep/a_empresa.asp. Acesso em: 12 set. 2011.
9. <http://www.mattereclesiae.com.br>
10. <http://www.obralume.org.br> Acesso em: 14 junho 2011
11. <http://www.ordemfranciscanasecularcabofrio.blogspot.com/2010/09/sao-pio-de-pietrelcina-presbitero-da.html>. Acesso em: 17 jan. 2011.
12. <http://ordemfranciscanasecularcabofrio.blogspot.com/2010/09/sao-pio-de-pietrelcina-presbitero-da.html>. Acesso em: 17 jan. 2011.
13. <http://www.padreharoldo.org.br>
14. <http://www.padrejulio.com.br/caminhada.aspvc>
15. http://www.paideamor.com.br/santos/santa_cat_sena.htm. Acesso em: 20 abril 2011.
16. <http://www.paulinas.org.br>. Acesso em 10 jan. 2011.
17. http://www.portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index_bairro.htm. Acesso em: 10 junho 2011.
18. <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/contra-reforma/concilio-de-trento.php>
19. http://www.professores.uff.br/seleneherculano/images/stories/WEBER_E_O_DESENCANTAMENTO_DO_MUNDO.pdf
20. <http://www.scielo.org>
21. <http://www.ssrevista.uel.br/c-v2n1.htm>. Acesso: 05 agosto 2010.
22. <http://www.ssvpbrasil.org.br>
23. <http://www.tocadeassis.org.br>
24. <http://www.TLC.tripod.com>. Acesso em: 23 fevereiro 2011

Glossário

Para os não familiarizados com a cultura católica, apresentamos alguns dos termos do Catolicismo utilizados no trabalho (expressões, documentos, comunidades, sacerdotes, santos, eventos e organizações). Seguem a ordem alfabética.

Ano sabático - geralmente, nas Ordens Religiosas, a cada sete anos, o Padre pode tirar um ano para descansar, viajar, estudar, ou seja, usufruir como queira, tempo denominado de ‘ano sabático’.

Canção Nova – Comunidade de Vida e Aliança, fundada em 1978, pelo Pe. Jonas Abib, padre salesiano. A sede está localizada em Cachoeira Paulista, São Paulo. Segundo Oliveira (2009) a Canção Nova foi inaugurada com 12 pessoas e atualmente possui cerca de 300 membros em sua sede e mais de 600 membros em todo o Brasil.

Comunidades Eclesiais de Base/CEB's - as Comunidades Eclesiais de Base surgiram nas décadas de 60 e 70, mas tiveram seu auge nos anos 80. Tinham como auto-compreensão ‘Um novo modo de ser Igreja’; conjugava ação pastoral e participação política, pois tinha como conceito a necessidade de articulação entre fé e vida. Sua base teológica foi a Teologia da Libertação, que utilizava em sua base analítica além da teologia, as ciências sociais, um dos principais motivos de ser muito criticada por alguns segmentos da Igreja Católica.

Comunidade Shalom - Comunidade de Vida e Aliança, fundada em 1982, em Fortaleza por um leigo católico, Moysés. Possui 45 casas de missão em todas as regiões do Brasil e mais 12 casas no exterior: Canadá, França, Israel, Suíça e Uruguai.

Concílio de Trento - foi convocado pelo Papa Paulo III em 1546, definido como movimento de Contra Reforma. Alguns dos resultados do Concílio foram: a condenação da doutrina protestante da justificação pela fé, a proibição da intervenção dos príncipes nos negócios eclesiásticos e a acumulação de benefícios. Definiu o pecado original e declarou, como texto bíblico autêntico, a tradução de São Jerônimo, denominada "Vulgata". Manteve os sete sacramentos, o celibato clerical e a indissolubilidade do matrimônio, o culto dos santos e das relíquias, a doutrina do purgatório e as indulgências e recomendou a criação de escolas para a preparação dos que quisessem ingressar no clero, denominadas seminários. No Concílio de Trento, ao contrário dos anteriores, ficou estabelecida a supremacia dos Papas. Cf. <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/contra-reforma/concilio-de-trento.php>

Concílio Vaticano II - foi aberto pelo papa João XXIII, que propôs um “*aggiornamento*”; transcorreu nos anos de 1962 a 1965, quando os principais tratados teológicos foram revisados. Para muitos analistas o Concílio Vaticano II foi o momento de “abertura” de diálogo da Igreja ao/com mundo (a Modernidade), um ‘abrir as janelas’. (VALENTINI, 2011).

Conferência São Vicente de Paula – a Sociedade de São Vicente de Paulo/SSVP foi criada por Frederico Ozanam na França no século XIX. De acordo com sua própria descrição: “A missão da Sociedade de São Vicente de Paulo é aliviar a miséria espiritual e material dos que vivem em situação de risco social, colocando em prática os ensinamentos de Cristo e da Igreja Católica. (...) Atualmente a Sociedade de São Vicente de Paulo está presente em 143 países e

tem mais de 700 mil membros espalhados pelo mundo. (...) As Conferências Vicentinas são grupos formados por homens e mulheres - e também por Crianças e Adolescentes. Quem faz adesão a SSVP é chamado de Vicentino. (...) Atualmente, meio milhão de brasileiros recebe o apoio da SSVP. Semanalmente a instituição distribui mais de 800 mil quilos de alimentos, arrecadados por meio de campanhas junto aos Colaboradores, além de remédios, roupas, materiais escolares e utensílios diversos. A SSVP conquistou Parceiros como a Nestlé. (...) Em 2004, a instituição recebeu o Prêmio Direitos Humanos, na Categoria Idosos, oferecido pelo Governo Federal. Em 2005, a SSVP assinou um termo de cooperação com o Ministério do Desenvolvimento Social no sentido de beneficiar famílias carentes ainda não atendidas pelos programas sociais do Governo Federal”. Cf.: www.ssvpbrasil.org.br, acesso em 20 fev. 2012.

Crisma - a Crisma faz parte dos sete sacramentos da Igreja Católica, realizada após os 15 anos, como confirmação do batismo.

Diocese - nome grego tomado da divisão civil do Império Romano (dividido por Diocleciano em 12 dioceses) para designar o território, com sua população, sob a jurisdição de um bispo. Referência: *Dicionário Prático Bíblia Sagrada Edição Barsa* – 1971. Fonte: www.pastoralis.com.br, acesso em 18 out. 2009.

Leigo - refere-se, de forma distinta ao usado corrente, todo àquele que é batizado, mas não ordenados, ou seja, não são padres e não fazem parte da hierarquia (bispos/arcebispos/papa).

Obra Lumem de Evangelização - nasceu em 13 de junho de 1989, atualmente com 22 anos de fundação, se identifica como uma comunidade de leigos inserida na Igreja, e está ligada à Arquidiocese de Fortaleza. Segundo seu site oficial: “temos três raízes: Renovação Carismática Católica, Teologia da Libertação / Franciscanismo e Movimento Folcolares. Não somos nenhum desses pois reconhecemos um jeito de ser novo, uma espiritualidade nova, que Deus nos chama, a Espiritualidade da Luz.” Cf. www.obralume.org.br, acesso em 14 junho 2011.

Madre Teresa de Calcutá – Agnes Gonxha Bojaxhiu, nasceu em 26 de agosto de 1910 e faleceu em 5 de setembro de 1997. Nasceu na República da Macedônia, naturalizou-se indiana, fez parte das Missionárias de Caridade. Atuou intensamente na Índia, junto aos pobres de Calcutá, sendo considerada a “santa das sarjetas”. Por sua atuação humanitária recebeu o Premio Nobel para a Paz em 1979 e, em 19 de outubro de 2003, foi beatificada pelo Papa João Paulo II.

Matter Ecclesiae – Escola de Fé e Catequese, criada na Arquidiocese do Rio de Janeiro, na década de 60. Tem curso presencial e à distância; possui núcleos nas paróquias em vários bairros da cidade do Rio de Janeiro. Até sua morte, em 2008, D. Estevão Bittencourt foi o diretor emérito das Escolas de Fé e Cultura *Matter Ecclesiae*. Informações obtidas através do site www.mattereclesiae.com.br, acesso em 27 julho 2011.

Ostensório - é um objeto litúrgico, no qual é colocada a hóstia consagrada, utilizado em adoração ao Santíssimo Sacramento e presente nas casas da Toca.

Padres Diocesanos - são provenientes, geralmente, da formação de sua Diocese, nesse sentido sua ação pastoral fica localizada à mesma; isso não impede que eles solicitem mudança para outra circunscrição diocesana.

Pe. Haroldo Rahm - é sacerdote jesuíta, nascido no Texas (EUA) em 1919. Chegou ao Brasil em 1964, sua atuação no Brasil tem sido marcada por intensa atividade e fundações: é o fundador do TLC (1965), da RCC (1972), das casas de recuperação de pessoas com dependência química e de álcool (primeira casa em 1978); implantou no Brasil o “Amor Exigente”, prevenção e apoio às famílias (1984), além de outras ações recentes em parceria com prefeitura e governo (Programa Além da Rua, em 2010, parceria prefeitura de Campinas). Em seu currículo consta além da formação acadêmica, publicação de livros e várias honrarias e títulos recebidos. Possui um *blog* e uma instituição com o seu nome. Se autodefine como um “jesuíta terrível”. Cf. www.padreharoldo.org.br, acesso em 21 dez. 2011.

Pe. Júlio Lancelloti - nasceu em 1948, é sacerdote católico, formado em Pedagogia e Teologia, foi professor da Educação Básica e Universitária. É membro da Pastoral do Menor da Arquidiocese de São Paulo. Dentre seus vários títulos, recebeu o de Doutor *Honoris Causa* pela PUC/SP. É muito conhecido pela sua atuação com a população de rua. Cf. www.padrejulio.com.br/caminhada.aspvc. Acesso em: 15 out. 2010

Padre Pio - considerado um dos patronos da Toca, em sua história, é marcado pelas chagas de Cristo, as chamadas stigmatas. Segundo informações “O Padre Pio de Pietrelcina que se chamava Francesco Forgione, nasceu em Pietrelcina, um pequeno povoado da Província de Benevento, em 25 de maio de 1887. De família humilde, era o quarto dos sete filhos de Grazio Forgione e Maria Giuseppa Di Nunzio. Em 6 de janeiro de 1903, Francesco conseguiu realizar o que mais desejava, consagrar totalmente a sua vida a Deus. Com quinze anos, entrou para o noviciado na ordem dos Franciscanos Capuchinhos adotando o nome de "Frei Pio"; formulou os votos simples em 1904 e a profissão dos votos solenes em 1907. Frequentou estudos clássicos e de filosofia. Foi ordenado sacerdote na Catedral de Benevento, em 10 de agosto de 1910. No início de sua vida sacerdotal, por causa de suas condições precárias de saúde, passou primeiro em vários conventos da província de Benevento, até chegar ao convento de San Giovanni Rotondo, sobre o Gargano, em 4 de setembro de 1916, onde ficou até a sua morte em 23 de setembro de 1968”. Dados recolhidos do site <http://ordemfranciscanasecularcabofrio.blogspot.com/2010/09/sao-pio-de-pietrelcina-presbitero-da.html>. Acesso em: 17 janeiro 2011.

São Francisco de Assis - nasceu na Itália, no século XVII, numa família de bens. Ao converter-se ao Cristianismo abandona a fortuna do pai e dedica-se inteiramente a uma vida simples, baseada na pobreza e aos cuidados com os pobres. Fundador da Ordem dos Franciscanos, morre em 3 de outubro de 1226 e é enterrado em 4 de outubro. É considerado pelo movimento ecológico, o patrono da Ecologia por sua atitude de harmonia e respeito a todas as criaturas viventes, proclamada no seu conhecido Cântico do Irmão Sol ou Louvor das Criaturas. (LE GOFF, 2001)

Santa Catarina de Sena - nasceu em Sena, Itália, em 25 de março de 1347. Catarina desde pequena tinha visões e fazia penitências e austeridades, contra uma severa oposição familiar. Aos sete anos consagrou sua virgindade a Cristo e com apenas 16 anos tomou o hábito da Terceira Ordem Dominicana. Sempre sofria de doenças e praticamente não se alimentava, à exceção do Santíssimo Sacramento. Ela não sabia escrever, mas ditou mais de 350 cartas e o livro Diálogos, que trata da vida espiritual do homem em forma de uma série de colóquios entre o Pai Eterno e a alma humana (representada pela própria Santa Catarina). Os últimos anos de sua vida foram dedicados a questões políticas da Igreja. Nesta época, o Papado estava em Avignon e não em Roma, e a Cúria sofria influências francesas. Santa Catarina juntou-se às pessoas que clamavam pela volta do Papa Gregório XI a Roma. Em 17 de janeiro de 1377, o dia em que o Papa partiu de volta para Roma por mar, Santa Catarina e seus seguidores

iniciaram o mesmo trajeto por terra. Em 1378, após a morte de Gregório XI, Urbano VI é eleito Papa em Roma, e um rival é posto em Avignon. Santa Catarina tenta, com suas cartas, o reconhecimento da legitimidade do Papa Urbano VI por parte de governantes e cardeais europeus. O Papa convida-a a Roma para ajudá-lo nesta causa, e ela vai. Em 1380, sofre um derrame e morre dias depois, em 29 de abril. Foi declarada Doutora de Igreja em 1970. Cf.: http://www.paideamor.com.br/santos/santa_cat_sena.htm. Acesso em: 20 abril 2011.

São Camilo de Lélis – nasceu em 1550 na Itália e morreu em 14 de julho de 1614. Fundador da Ordem dos Ministros do Enfermos (Camilianos) é considerado modelo de caridade e cuidado para os médicos e enfermeiro e patrono dos doentes.

Sofredores de rua – a população de rua é nomeada como “sofredores de rua”, designação muito usada pela Pastoral de Rua (ação social católica de âmbito nacional que atua junto à população de rua).

Treinamento de Liderança Cristã/T.L.C. - é um movimento da igreja católica fundado pelo Padre Harold Rahm, s.j., na década de 60 e tem como principal carisma ser a "*porta*" de entrada para o jovem na igreja. Desde que foi fundado até hoje, o T.L.C. se desenvolveu muito e tem trazido muita gente para vida religiosa e, inclusive, despertado muitas vocações; mostrando que é um obra do Espírito Santo, uma benção para a igreja. Existem duas frases que dão rumo ao T.L.C. : Deus é alegria e Por melhor e mais eficiente que eu seja jamais serei tão eficiente quanto todos nós juntos. Ambas as frases são do Pe. Harold e dão a medida exata do que é o T.L.C.". Definição do próprio movimento, encontrada no site: www.TLC.tripod.com. Acesso em 23 fev. 2011.

Anexos

Anexo 1 - Trajetórias sócio-religiosa dos jovens toqueiros entrevistados

1. **Ir. João**¹⁰⁹ – nasceu em 1984, possui 27 anos, natural de uma cidade no interior do Ceará, a duas horas da capital, de cor branca. Possui Ensino Médio completo. Pertence a uma família católica de pais praticantes, lideranças do Encontro de Casais com Cristo/ECC¹¹⁰. Trabalhou como costureiro numa fábrica de confecção de roupas. Teve experiência de namoro longo (1 ano ½) aos 17 anos. Participava apenas das missas aos domingos até entrar para o grupo de oração da RCC, no qual participou por um ano. Conheceu a Toca de Assis pela TV Canção Nova, através das homilias do Pe. Roberto Lettieri. Participou do encontro/retiro vocacional da Comunidade Shalom (novembro de 2001), e fez um período de acompanhamento vocacional na comunidade. Em outubro de 2002, com os jovens da Shalom, foi conhecer uma casa da Toca em Fortaleza. Em janeiro de 2003 entrou para a Toca com 19 anos, com apenas três meses de conhecimento. Participa há oito anos. Antes de chegar ao Rio de Janeiro/RJ, passou pelas cidades e estados Fortaleza/CE (dois meses), Belo Horizonte/MG (1 ano e 9 meses), Bahia, Cotia/SP, Mauá/SP, São Paulo/SP, Itaipuaçu/RJ, uma ano de missão itinerante fora do país, São Paulo/SP e Rio de Janeiro (outubro 2011).

2. **Ir. Thiago** – nasceu em 1983, 27 anos, natural de Minas Gerais, cor parda. É de família católica, na qual seu pai é atuante, sua mãe de origem indígena, participa das missas, mas, não tem engajamento. Seu pai é mestre de obras, foi sindicalista, fundador do Partido dos Trabalhadores/PT, participou da Comunidade Eclesial de Base/CEB e da RCC. Sua família (tios) é de CEB's e militantes do PT. Tem 11 irmãos. Possui o Ensino Médio completo. Participou do movimento estudantil, de um grupo de 'esquerda radical', e de movimentos sociais. Na Igreja, participou de pastorais, da Conferência dos Vicentinos, do Movimento Fé e Política e de grupo de oração da RCC. Trabalhou com o pai fazendo biscate, na economia informal. Entrou na Toca em 2002, aos 19 anos e participa há oito anos. Antes de vir para o Rio, esteve na cidade de São Paulo, onde atuou junto a Pastoral da População de Rua, com o Pe. Julio Lancelotti por quem possui grande admiração.

3. **Ir. Bartolomeu** – nasceu em 1980, 30 anos, natural interior do estado de São Paulo, cor negra. Possui o Ensino Médio. Foi batizado aos 19 anos, quando fez o Catecumenato de Adultos. Família sem religião, mono parental, chefiada pela mãe. Possui dois irmãos. A mãe é profissional da área da saúde, trabalha num hospital. Não

¹⁰⁹ Foram usados nomes bíblicos, fictícios na identificação dos entrevistados, a fim de preservar o sigilo.

¹¹⁰ Segundo os dados do próprio ECC - O Encontro de Casais com Cristo é um movimento que surgiu em 1970, criado pelo Pe. Alfonso Pastore em uma paróquia de São Paulo. Hoje possui um Conselho Nacional e está presente em quase todas as paróquias do Brasil, articulado à Pastoral Familiar. Segundo a própria definição encontrada no site oficial do movimento o ECC – *é um serviço da Igreja, em favor da evangelização das famílias. Procura construir o Reino de Deus, aqui e agora, a partir da família, da comunidade paroquial, mostrando pistas para que os casais se reencontrem com eles mesmos, com os filhos, com a comunidade e, principalmente, com Cristo. Para isto, busca compreender o que é "ser Igreja hoje" e de seu compromisso com a dignidade da pessoa humana e com a Justiça Social.* Ver: http://www.ecc.conselhonacional.com.br/j/index.php?option=com_content&view=article&id=134:o-ecc- hoje&catid=40:ecc&Itemid=65, acesso em 11 de junho de 2011.

teve experiência de namoro. Fez o primeiro semestre do Curso de Direito numa faculdade particular, na cidade de São Paulo. Trabalhou em empresa, num escritório de advocacia, com carteira assinada, seu chefe financiou a Faculdade. Participou na Igreja do grupo de jovens, do Treinamento de Liderança Cristã e da RCC. Conheceu a Toca num retiro promovido pela Canção Nova no início de 2001, quando conheceu o Pe. Roberto, em abril desse mesmo ano fez o retiro promovido pela própria Toca. Entrou na Toca em maio de 2001, há 7 anos e ½ com 20 anos. Esteve nas cidades de Cruzeiro/SP, Cachoeira Paulista/SP, Rio de Janeiro, São Paulo capital, Rio de Janeiro.

4. **Ir. Paulo** – nasceu em 1994, 26 anos, natural do Ceará, de cor branca. É de família católica, onde a mãe tem uma maior atuação. Tem apenas uma irmã que hoje participa como leiga consagrada de uma Comunidade de Vida que cuida de crianças, no nordeste. Seu pai trabalha numa multinacional. Família classe média. Nunca trabalhou. Foi para capital, Fortaleza, no final da infância (10/11 anos), onde estudou em um Colégio Católico até EM. No Colégio conheceu uma Comunidade de Vida e Aliança que era responsável pela Pastoral. Fez a Crisma aos 16 anos e através da Comunidade de Vida conheceu a Toca de Assis. A Comunidade tinha como ação apoiar e colaborar com a casa da Toca. Antes de conhecer a Toca teve o desejo de ser um leigo consagrado à Comunidade de Vida, na qual participou entre os anos 2000 e 2005. Na Comunidade participava do grupo de oração, da ação pastoral e social (catequese numa comunidade popular, visita a asilo e creches, visita e doações a Toca) e tinha como hábito a leitura de livros de histórias de santos (São Francisco, Santa Teresinha, Santa Faustina). Fez o primeiro semestre de ciências biológicas na Universidade Federal do Ceará/UFCE, depois saiu para fazer curso pré-vestibular para tentar filosofia. Entrou para a Toca em abril de 2005, aos 21 anos. Antes de chegar ao Rio, dentro da Toca passou pelas cidades de Fortaleza/CE (comunidade inicial, por 4 meses), Teresina/PI (6 meses), Juazeiro do Norte/CE (1 ano), Teresina/PI (1 ano e 2 meses), Crato/CE (10 meses), Pirassununga/SP (2 anos), Rio de Janeiro/RJ (chegada em outubro/2010).
5. **Ir. Pedro** – 32 anos, natural do interior de São Paulo, cor parda. É de família católica, sua mãe é atuante e seu pai participa das missas. Tem duas irmãs mais velhas em idade. Desde criança participou das atividades pastorais da sua Igreja. Aos 12 anos despertou o desejo de ser padre. Entre os 12 e 15 anos fez o acompanhamento vocacional em sua paróquia. Dos 14 aos 18 anos participou de grupos de escoteiros, da Pastoral de Juventude. Quando completou 18 anos mudou-se de cidade a fim de buscar uma ocupação profissional. Trabalhou por cinco anos (1999 a 2003) em uma fábrica de confecção de roupas, com carteira assinada, onde teve ascensão profissional (foi operador de máquina/serigrafia, coordenador da área de serigrafia, área de transporte, chefe da sessão da central de meias). Por convite da irmã começou a participar da RCC e atuava na paróquia na pastoral do dízimo e em outras atividades pastorais (por ex. na liturgia). Buscou uma congregação religiosa que tivesse como carisma a adoração ao Santíssimo e o uso do hábito. Teve experiência de namoro. Entrou em contato com a Toca por iniciativa própria em fevereiro de 2002. Nesse mesmo período, participou do retiro promovido pela Toca. Entrou na Toca em julho de 2003, numa cidade próxima a de sua moradia, participa há 7 anos e ½. Esteve nas cidades de Americana/SP, Sorocaba/SP, Dourados/MTS, Londrina/PR, Ipatininga/MG e Rio de Janeiro/RJ (outubro de 2010).

Anexo 2 – Roteiro de entrevistas

Dados de identificação

- Nome
- Idade
- Escolaridade
- Naturalidade
- Religião da família

1. Trajetória Religiosa

- vida religiosa, social, familiar e profissional antes de conhecer a Toca

2. Adesão a Toca

- Quando conheceu a Toca de Assis
- Como foi que conheceu (circunstâncias)
- O que mais atraiu (motivos de adesão)
- Como vê a figura de São Francisco

3. Vivência religiosa na Toca

- Como vive essa experiência
- Responsabilidades na Toca
- Relação com o pe. Roberto/fundador
- Relação como outros toqueiros
- O que sente como mais difícil e o mais fácil nessa vivência
- Como percebe a atitude da família diante de seu compromisso
- Como percebe sua atitude/seu compromisso de vida diante do mundo
- Como percebe sua vocação diante da Igreja
- Como vê a juventude/os jovens?

Anexo 3 – Pesquisa da Fipe

Número de moradores de rua em São Paulo cresce 57%, diz Fipe

Os moradores de rua recolhidos aos abrigos municipais aumentaram de 3.693 (45,7%), em 2000, para 7.079 (51,8%) em 2009; maior concentração foi detectada na Praça da República e Sé

O total de pessoas vivendo em situação de rua na cidade de São Paulo supera o número de habitantes de mais da metade dos 645 municípios paulistas. Segundo dados do censo da população de rua de São Paulo, divulgado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) na segunda-feira (31), moram nas ruas da cidade ou dormem em albergues municipais 13.666 pessoas, população maior do que a de 328 municípios. Nos últimos 10 anos, o total de pessoas que vivem em situação de rua em São Paulo cresceu 57%.

Os moradores de rua recolhidos aos abrigos municipais aumentaram de 3.693 (45,7%), em 2000, para 7.079 (51,8%) em 2009. A maior concentração foi detectada na região da Praça da República (23,8%) e na área da Praça da Sé (18,1%), ambas no centro da cidade. O levantamento mostra ainda que os homens são maioria entre a população de rua (86%). De um total de 526 entrevistados, 9,5% informaram que não sabem ler ou escrever. A maioria (62,8%) declarou não ter completado o ensino fundamental.

"Não faltam vagas em albergues. O que precisamos é conseguir levar essas pessoas para os albergues, o que fazemos por meio das tendas, equipamentos diurnos que aumentam o contato de educadores com moradores de rua. Depois de albergados, vamos incentivar repúblicas de moradores de rua, casas alugadas que estimulam a autonomia dessas pessoas", disse a secretária de Assistência Social, Alda Marco Antônio, nesta terça (1º). Existem atualmente duas tendas e a Prefeitura promete mais cinco até o fim do ano. Vivem em sete repúblicas 140 pessoas.

A grande maioria dos moradores de rua declarou consumir álcool e drogas: 74,4%. E a perda do emprego foi o principal motivo apontado para justificar a permanência nas ruas. A pesquisa foi feita pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) e pelo Centro de Estudos Rurais Urbanos (Ceru).

Abril.com – 01/06/2010. Acesso em 05 de janeiro de 2011.
<http://www.abril.com.br/noticias/brasil/numero-moradores-rua-sao-paulo-sobe-mais-13-mil-565657.shtml>

Anexo 4 – Comunicado do Arcebispo de Campinas sobre a Fraternidade Toca de Assis e seu Fundador



Dom Bruno Gamberini
Arcebispo Metropolitano de Campinas - SP

Comunicado de Dom Bruno Gamberini, Arcebispo da Diocese de Campinas,

À Família Toca de Assis, aos Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, Leigos, acolhidos, benfeitores, sacerdotes, amigos e outros interessados:

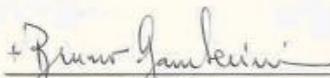
Caríssimos filhos e filhas da Igreja, venho apresentar-lhes um posicionamento sobre a situação da Fraternidade Toca de Assis e seu Fundador:

1. Os Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, Institutos religiosos também conhecidos como Toca de Assis, é um obra meritória, nascida do coração de Jesus e que goza de pública estima e grande apoio dos Bispos do Brasil. Dão testemunho fiel da Igreja adoradora do Santíssimo Sacramento e amorosa servidora dos pobres sofredores.
2. Pe. Roberto Lettieri possui diante de Deus e dos homens, méritos inegáveis das Obras de Misericórdia, voltadas para os pobres e da difusão da adoração ao Santíssimo Sacramento, que são as colunas dessa Família Religiosa fundada por ele.
3. No início de 2009, Pe. Roberto foi afastado do cargo de Ministro Geral dos Filhos da Pobreza. Desde então, não atua no Governo do Instituto, seja em Conselho Geral, em Capítulo ou quaisquer outras formas de participação. Assumiu como novo Ministro Geral, juntamente com seu conselho, Ir. Gabriel do Verbo de Deus, missão que desempenham até os dias de hoje, no Instituto masculino. No Instituto feminino continua como Ministra Geral a Irmã Maria dos Anjos do Mistério da Cruz.
4. Pe. Roberto solicitou-me a permissão para recolhimento no eremitério franciscano do Getsêmani, em Jerusalém, local que permaneceu, por livre vontade, até final de maio de 2010, quando retornou ao Brasil. Desde então, por motivos pessoais, encontra-se em residência particular na Arquidiocese de Campinas, sendo pessoalmente por mim acompanhado.

Sendo assim, toda a Toca de Assis vem passando por um importante processo de reestruturação, onde pela graça de Deus, tem se tornado mais madura, sólida e estável. A Igreja, por meio de seus Bispos, tem dado todo o apoio necessário e tem acompanhado de perto cada passo dado. A Igreja tem reconhecido a autenticidade deste carisma e a beleza do florescer do Amor de Deus nesta Família religiosa, tão especial a seus olhos e aos de Jesus.

Apóiem a Fraternidade Toca de Assis, rezem por esta Família e auxiliem em suas necessidades!!!

Campinas-SP, 30 de julho de 2010

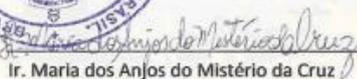


Dom Bruno Gamberini
Arcebispo Metropolitano de Campinas-SP





Ir. Gabriel do Verbo de Deus
Ministro Geral



Ir. Maria dos Anjos do Mistério da Cruz
Ministra Geral

CÚRIA METROPOLITANA DE CAMPINAS

Rua Irmã Serafina, 88 CEP 13026 - 066 Campinas / SP - Fones: (19) 3231 7122 / 3231 7374 / 3233 2985 Fax: (19) 3232 3285
www.arquidiocesecampinas.org.br / e-mail: dombruno@arquidiocesecampinas.org.br